

RICHARD HOGGART
**AS UTILIZAÇÕES
DA CULTURA 1**

ASPECTOS DA VIDA CULTURAL DA CLASSE TRABALHADORA

RICHARD HOGGART
**AS UTILIZAÇÕES
DA CULTURA 2**

ASPECTOS DA VIDA CULTURAL DA CLASSE TRABALHADORA



RICHARD HOGGART

AS UTILIZAÇÕES DA CULTURA

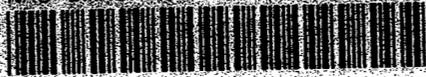
2.º VOLUME

COLECÇÃO QUESTÕES

1. CARTA A UMA PROFESSORA, pelos rapazes da Escola de Barbiana
2. O BUDISMO ZEN, por Alan W. Watts
3. A EXPERIÊNCIA CHILENA, por Salvador Allende
4. A PSIQUIATRIA EM QUESTÃO, por R. D. Laing
5. AS UTILIZAÇÕES DA CULTURA I, por Richard Hoggart
6. PARA UMA ESCOLA DO POVO, por Célestin Freinet
7. A EDUCAÇÃO PELO TRABALHO I, por Célestin Freinet
8. A EDUCAÇÃO PELO TRABALHO II, por Célestin Freinet
9. HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO CULTURAL CHINESA I, por Jean Daubier
10. HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO CULTURAL CHINESA II, por Jean Daubier
11. A HISTÓRIA ME ABSOLVERÁ, por Fidel Castro
12. AS UTILIZAÇÕES DA CULTURA II, por Richard Hoggart

Colecção QUESTÕES • EDITORIAL PRESENÇA

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA



30 095 954



BIBLIOTECA PÚBLICA
DO PARANÁ
Nº 156038

Título original
THE USES OF LITERACY
© Copyright by Richard Hoggart 1957
Tradução de MARIA DO CARMO CARY
Capa de F. C.

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa à
EDITORIAL PRESENÇA, LDA — Av. João XXI, 56-1.º
LISBOA

SEGUNDA PARTE

O ANTIGO CEDE O LUGAR AO NOVO

CAPITULO VI

O DESLASSAR DAS MOLAS DA ACÇÃO

«E deste modo há-de acabar por imperar no mundo uma espécie de materialismo virtuoso, que não corromperá a alma, mas lhe tirará a energia, deslassando imperceptivelmente as molas da acção.»

(DE TOCQUEVILLE)

A. INTRODUÇÃO

Até à data tenho vindo a reflectir até que ponto subsistem na vida das classes trabalhadoras alguns elementos antigos. Parece-me digno de nota o facto de essas atitudes antigas persistirem efectivamente e em grau bastante acentuado sobretudo atendendo a que influências exteriores tendem a combatê-las; e isto independentemente de toda e qualquer valorização das ditas atitudes antigas. Para voltarmos à grande popularidade de que goza o Sr. Wilfred Pickles: a meu ver, exagera os modos «companheirões», no estilo «rude mas com um coração de oiro», e por isso o não aprecio muito. Tenta lisonjear o proletariado do norte do país, confirmando essa classe na opinião que faz de si mesma, como superior às outras na resposta pronta e no bom-

-senso sólido. A popularidade do seu programa de rádio, «Have a Go», pode porém ser principalmente atribuída ao facto de esse programa constituir como que um «forum» no qual as classes proletárias a que o programa se dirige podem exprimir e aplaudir os valores que continuam a admirar. São valores simples e limitados, que se exprimem por vezes de uma forma pretensiosa, mas que mantêm para esse público todo o seu significado. Valores como «jogo franco», «entre-ajuda», «olhar as coisas pelo lado bom», «franqueza», «não ter peneiras nem ser ambicioso», «lealdade»: valores que são muito mais saudáveis do que os valores comerciais — orgulho, ambição, ser mais do que os vizinhos, exibicionismo e consumo desenfreado — actualmente impingidos às pessoas das classes proletárias. Valores antigos, que persistem na prática, e não apenas formalmente ou na recordação das pessoas.

Na segunda parte desta obra passo a examinar certos aspectos da vida contemporânea que parecem exercer influência sobre os membros das classes trabalhadoras, levando-os a adoptar atitudes diferentes ou a modificar as atitudes antigas. Quando me refiro de modo particular aos prováveis efeitos de determinadas publicações e diversões novas, estou evidentemente a isolar um dos segmentos de uma interacção complexa de alterações sociais, políticas e económicas. Porém, todos os aspectos agem em conjunto no sentido de contribuir para uma alteração dos comportamentos, que é, em certos casos, vantajosa. Referir-me-ei de modo muito especial a alterações que considero desfavoráveis, uma vez que são essas as mais importantes e evidentes no âmbito do meu estudo. No entanto, continuarei a referir e a lembrar, sempre que me pareçam vir a lume, as afirmações que fiz na primeira parte deste trabalho. Pois aquilo a que dei o nome de atitudes «antigas» e aquelas que passo a apresentar coexistem nas mesmas pessoas. As alterações dos comportamentos processam-se, na maioria dos aspectos da vida social, com grande lentidão. As atitudes novas são incorporadas noutras já

existentes, parecendo por vezes, à primeira vista, formas das atitudes «antigas» que receberam uma nova aparência. Os indivíduos vivem assim simultaneamente e sem dificuldade aparente em «climas mentais» diferentes. Se bem que as atitudes «antigas» se mantêm mais evidentes nas pessoas de meia idade, as novas influências também nelas se fazem sentir. Por outro lado, um rapaz novo que, à primeira vista, parece ser um produto típico da segunda metade do nosso século, conserva atitudes que lembram as do seu avô. O que tem como resultado que as perspectivas contemporâneas sejam aceites apenas na medida em que é possível identificá-las parcialmente com atitudes «antigas».

Antes de procedermos a um exame detalhado de alguns dos aspectos mais significativos da vida moderna, será talvez útil começarmos por seleccionar alguns dos elementos mais típicos do novo «clima mental», verificando até que ponto podem ser relacionados ou parecem relacionar-se com outras concepções mais antigas e merecedoras de respeito. Qual a relação que existe entre a antiga «tolerância» e as formas contemporâneas da ideia de «liberdade», entre o antigo sentido de grupo e o igualitarismo democrático moderno, entre (por muito paradoxal que tal nos pareça) o antigo sentido da necessidade de viver no presente e o «progressivismo» moderno? Até que ponto é que a tolerância favorece as actividades dos promotores de novas diversões? Como é que o cepticismo e o inconformismo podem tornar-se numa caricatura de si próprios? A ideia de que «o que é preciso é gozar o dia de hoje» porque a vida é dura, poderá ter aberto caminho para um novo e debilitante hedonismo de massas? Poderá o sentido de grupo transformar-se num conformismo arrogante e deliberado? Poderá uma maior consciencialização dessas virtudes tradicionais contribuir para que surja uma auto-adulação destrutiva? Examinarei de modo muito particular a tendência para a auto-complacência não esquecendo também a que conduz a uma espécie de cinismo, cinismo que se faz acom-

panhar por vezes, embora numa minoria de casos, por um sentido de perda. Como essa minoria é no entanto considerável, referir-me-ei em capítulo separado a esse sentido de perda, de modo particular tal como ele se manifesta nos «desenraizados».

Três ideias que se relacionam intimamente entre si, a saber, as de liberdade, igualdade e progresso, continuam a ser geralmente aceites pela maioria das pessoas, tanto das classes proletárias como das outras, de um modo que se nos afigura mais compatível com as concepções intelectuais dos meados do século passado do que com as dos nossos dias. Qual é a aceitação que a ideia, digamos de progresso tem por parte dos indivíduos das classes proletárias dos nossos dias? Independentemente daquilo que os indivíduos de outras classes possam pensar, a experiência das classes proletárias, durante estes últimos cinquenta anos, é conducente a uma aceitação da ideia de progresso como algo de inegavelmente válido. A noção de progresso em si mesma vem ligar-se facilmente aos tradicionais optimismo e pragmatismo das classes trabalhadoras. Por outro lado, os efeitos do progresso social, político e material só se tornaram evidentes na vida das classes trabalhadoras muito mais tarde do que na das classes médias. Só nos fins da segunda metade do século passado e nos primeiros anos deste século é que esses efeitos se fizeram realmente sentir na vida do proletariado, sob a forma de isenções fiscais, maiores facilidades materiais, leis relativas à Educação, etc. Nas décadas subsequentes o nível de vida das classes trabalhadoras sofreu um importante melhoramento. A minha avó e a minha mãe teriam passado por muito menos dificuldades se tivessem vivido e criado os filhos nos meados do nosso século. Na época em que viveram, viram-se sempre privadas de grande número de bens e serviços essenciais. A meu ver, afigura-se-me injusto considerar, como o fazem alguns autores, que a atitude das classes trabalhadoras em relação ao progresso não passa de uma

forma de materialismo. Se essas classes desejam tais bens e serviços, fazem-no não por excessiva ambição, desejo de posse ou cobiça dos produtos aparatosos de uma sociedade de consumo, mas antes porque a vida sem tais bens e serviços se torna muito difícil e dura, numa luta constante e árdua para «manter a cabeça à tona de água», do ponto de vista tanto económico como moral, e só com grande esforço se conseguia viver «decentemente». Caso essas famílias dispusessem de uma casa de banho devidamente apetrechada, teriam podido lavar-se convenientemente, «decentemente». Hoje em dia as multidões proletárias deixaram de cheirar mal, como era o caso antigamente. Houve um progresso muito real e muito apreciável.

A ideia de progresso é pois aceite pelas classes trabalhadoras, manifestando-se em grande medida na sua linguagem habitual. Mas a publicidade dirigida a essas classes usa e abusa de tal ideia. Por várias razões muito óbvias, os publicistas simpatizam com a noção de progresso, que lhes é e continuará provavelmente a ser no futuro de grande utilidade. As pressões de uma vida comercial complexa e competitiva nos nossos dias, levam a que essa ideia chegue ao ponto de se tornar num ilimitado «progressivismo» das coisas.

«O tempo não pára...» clama a voz exultante do comentador de determinado filme, e o rufar dos tambores e das trombetas sublinha a vantagem do facto em si. «Que o grande mundo não deixe nunca de trilhar os caminhos triunfantes do progresso», diz-nos a voz inspirada do autor de certas linhas publicitárias, invocando, na metáfora de Tennyson, um estado de coisas que lhe é muito propício. Os colaboradores da imprensa de massas usam e abusam dos horizontes, auroras, estradas largas, movimentos irresistíveis (marchas e inundações) e homens que olham em frente.

Houve já quem dissesse que o que mais influencia uma época não são as ideias originais deste ou daquele

pensador, mas sim uma versão simplificada e distorcida dessas ideias, coadas pela compreensão geral. Deparei pela primeira vez com a observação que acabo de referir num ensaio acerca da influência das ideias de Maquiavel na Inglaterra isabelina. A afirmação é para os nossos dias muito mais verdadeira, uma vez que actualmente o público dos nossos tempos abrange uma percentagem de não intelectuais muito superior à de intelectuais, sendo constantemente fornecido a esse público determinado tipo de informação. Temos no entanto de ter em mente que, sempre que o público das classes trabalhadoras é influenciado por uma ideia, essa influência não é exercida pela ideia na sua qualidade de ideia, ou seja, esta não é intelectualmente recebida e examinada. A afirmação é verdadeira até mesmo para uma época como a nossa, na qual todas as pessoas se sentem obrigadas a ter «opiniões». As ideias são adoptadas sob a forma de lugares-comuns («dizem que, hoje em dia, tudo é relativo»; «dizem que é tudo um problema de glândulas») e, quando se afiguram reconfortantes, são-no ao modo dos antigos dizeres («É tudo uma questão de sorte», «o que tem de ser, será»).

As ideias de que o publicista se serve com mais frequência são aquelas que possam contribuir para que esse público se torne mais receptivo à sua influência. As três ideias que são abordadas neste capítulo contribuíram, nos seus aspectos legítimos, para o melhoramento das condições de vida da classe trabalhadora, que tão necessário era. Esse melhoramento era desejado por razões não meramente materialistas, como, de resto, o disse já. A situação presente é pois irónica, na medida em que essas ideias, hoje em dia abusivamente exploradas, estão a conduzir uma classe física e materialmente emancipada a uma concepção de vida predominantemente materialista.

A tentação, tal como é apresentada pelas publicações de massas, exerce-se no sentido da satisfação dos

desejos egoístas e daquilo a que poderíamos dar o nome de um «individualismo de grupo hedonístico». Não estou a afirmar que tais tendências sejam inteiramente novas. Estas forças não se fariam sentir, caso não existisse em todos nós uma tendência para preferir o caminho fácil ao difícil, e a meia-razão que justifica a fraqueza para com o facto duro de engolir que choca e ofende, para depois temperar o carácter.

Acontece porém que a nossa sociedade contemporânea teve artes de desenvolver ao máximo as técnicas de condescendência mútua e de «mediocridade» satisfeita. A medida em que as sanções tradicionais desapareciam ou perdiam o peso no consenso geral, os vulgarizadores, com o seu arsenal de técnicas de persuasão, ficaram com o campo completamente livre. Encontraram clientes em todas as classes. Porém, não poderemos atribuir a este ponto especial relevo, e pela sugestão de prudência que contém citamos a seguinte passagem de Julien Benda:

«Falamos do mau gosto da nossa sociedade «democrática». Entendemos por sociedade democrática uma sociedade cujos gostos são os do novo ou, pelo menos, os que ao povo é costume atribuir (ou seja, indiferença pelos valores intelectuais, religião das emoções). Não temos a intenção de ofender ou lisonjear este ou aquele regime político. Diríamos, como o fez certa mulher no século XVIII: «Chamo "povo" a todos aqueles que pensam com baixeza e sem distinção: a corte está cheia de gente assim.»

É porém possível que as classes trabalhadoras sejam mais vulneráveis do que outros grupos à influência dos vulgarizadores. Aqueles que, após a criação produzida pelo sistema de ensino, são empurrados para a execução de trabalhos desinteressantes, implicando um mínimo de empenho crítico e inte-

lectual, gozam actualmente de uma muito maior liberdade política e económica. Dispõem também de muito mais dinheiro para gastar; e há muito mais quem esteja pronto a satisfazê-los ao nível do mais baixo denominador comum de exigências. A produção em massa teve, em muitos aspectos da vida, consequências favoráveis; considerando-a do ponto de vista cultural, os malefícios da produção em massa tendem a obscurecer aquilo que nela houve de bom. «As necessidades brutas», as dificuldades mais prementes da vida do proletariado, foram grandemente atenuadas. Os indivíduos das classes trabalhadoras gozam de uma maior liberdade, que é porém simultaneamente uma liberdade de Feira das Vaidades, de prazeres gritantes. É difícil orientarmo-nos no meio de uma tal confusão, tanto mais que os promotores de prazeres são peritos em abafar a ideia subversiva de que existem lá fora regiões mais calmas.

No entanto, essas novas tendências encontram resistências. Na sua vida privada, as pessoas continuam a obedecer a instigações antigas, e essa capacidade tem influência sobre as suas reacções face a todas as solicitações vindas do exterior. Nos capítulos que se seguem cito vários gritos de alarme semelhantes ao meu, alguns deles lançados há mais de cem anos. O facto de as coisas não terem atingido um ponto tão grave quanto esses autores julgavam, não pode ser considerado como prova de que todas essas forças externas não exercerão qualquer efeito interno, negando assim aquilo que venho dizendo. No entanto, essas advertências antigas levam-nos a pensar que o desastre total não é para já; e encorajam-nos também, na medida em que nos lembram que o processo de dissolução é muito mais lento do que poderia ser, pois as pessoas de todas as classes continuam a viver grande parte da sua vida à margem dessas forças debilitantes.

B. TOLERANCIA E LIBERDADE

«Uma vez que é inevitável que a maioria dos homens, quando não todos, tenham *opiniões* diferentes, sem que possuam a prova certa e indubitável da verdade das mesmas; ... parece-me que seria de desejar que todos os homens mantivessem entre si relações de paz, entre-ajuda e amizade, não obstante a diversidade das opiniões... Deveríamos lamentar a nossa ignorância mútua, tentando combatê-la por recurso a todos os meios de informação pacíficos e justos; não tratando logo mal as outras pessoas, considerando-as teimosas e perversas, só porque não renunciavam imediatamente às suas opiniões para aceitar as nossas.»

(John Locke)

«A tolerância não é o *contrário* da intolerância, mas antes uma *contrapartida* dela; ambas são despotismos. A primeira arroga-se o direito de suprimir a liberdade de consciência, e a segunda o de a conferir.»

(Tom Paine)

Começemos por relembrar uma série de atitudes que referimos já, a saber, a tolerância desprovida de idealismo, o pragmatismo, o aceitar a vida tal como ela é, o humanismo benevolente, a aversão por desconfiar dos princípios (mais por razões «humanas» claras e bem definidas). Há coisas que, no consenso geral, se não fazem, e é fácil saber quais são. Quando alguém começa a emitir juízos mais gerais, é acusado de pretender «moralizar» (se bem que a «moralização» tenha o seu lado bom) e a conversa é desviada com aforismos do género «temos de viver e deixar viver», «cada qual sabe de si», «não interessa o que

as pessoas pensam, mas sim o que fazem» e «nem todos podemos pensar da mesma maneira».

O que me proponho demonstrar é que o conceito de uma liberdade interior praticamente ilimitada, tal como tem vindo a ser difundido junto das classes trabalhadoras por intermédio de meios de divulgação cada vez mais superficiais, se identificou com o antigo conceito de tolerância, que absorveu completamente, tornando-o muito mais lato do que primitivamente fora. Não me refiro ao sentido de liberdade social que os indivíduos das classes trabalhadoras hoje em dia têm, e que se manifesta, por exemplo, na convicção recente de que a aristocracia perdeu a antiga importância, ou do facto de as raparigas do proletariado se recusarem a entrar para o serviço doméstico, se bem que as condições oferecidas sejam muitas vezes melhores que as do trabalho nas fábricas. Não me refiro tão pouco a uma sensação de maior liberdade política e económica, se bem que todas essas coisas se relacionem com aquilo em que estou a pensar. Refiro-me, sim, à maneira como esse conceito de liberdade foi transmitido, à convicção confusa mas muito forte de que as velhas sanções foram abolidas, de que a «ciência» se sobrepôs à religião e de que a psicologia justifica todos os comportamentos.

Os vulgarizadores reforçam com pieguice lisonjeira a convicção expressa na velha frase «afinal somos todos humanos», sugerindo concomitantemente que «os cientistas dizem» que «não devemos ser inibidos». Sempre foi agradável pensar que o homem é naturalmente bom; e agora sabemos que assim é. A ideia de liberdade torna-se justificativa em si. É sempre liberdade de, e não liberdade para; a liberdade como um bem em si, e não como condição indispensável do esforço para viver de acordo com outros padrões. A ideia divulgou-se com a maior facilidade numa classe que nunca se sentira tão livre; e é compreensível a recusa em aceitar que essa liberdade recém-adquirida não é absoluta,

não passa de uma «condição do ser», não se identifica com «ser». Ora é do interesse dos órgãos de comunicação de massas que essa atitude se mantenha.

É assim que o conceito de liberdade se torna tão lato que a liberdade passa a ser a liberdade de não «ser» nada, e a impossibilidade de criticar o que quer que seja. O indivíduo é livre de não escolher, mas se usa essa liberdade para escolher uma coisa diferente das outras pessoas é acusado de «intolerância», «fanatismo», «dogmatismo», «presunção» e atentado à democracia». Quem insiste em fazer comparações é detestado mais do que ninguém; é um desmancha-prazeres. A imprensa de massas — especializada na pseudo-controvérsia sem consequências — detesta a verdadeira controvérsia, que aliena, divide e separa o grande público dos compradores.

Tudo isto pode dar origem não a uma afirmação da liberdade de não fazer política, ou à simples recusa de participar no coro de generalidades que hoje em dia nos assalta de todos os lados, recusa que é fruto do desapontamento e da incompreensão; mas antes a uma atitude diferente, que consiste em ignorar tudo aquilo que se passa para além de uma área limitada e familiar da vida. O «tudo está certo» aparenta-se com o antigo «viver e deixar viver», mas vai muito mais longe; a abertura de espírito metamorfoseou-se num abismo hiante. A tolerância não é já benevolência para com a fraqueza humana e as dificuldades da vida de todos os dias, mas antes uma fraqueza, um amolecimento da vontade, incapaz de tomar decisões relativas a assuntos que estejam para lá da órbita do imediato.

Hoje em dia os antigos apotegmas relativos à tolerância acompanham-se de outros novos, que exprimem não já uma atitude caridosa, mas antes de recusa de todo e qualquer juízo aplicado quer aos outros, quer a nós mesmos. «Todos têm direito à sua opinião» tanto pode ser indício de força, como de fraqueza; mas quando a frase se acompanha, como é hoje em dia

o caso, de toda a espécie de incitações à «abertura» e à «largueza» de espírito — abertura no seu próprio interesse e largueza: que tudo admita, não infligindo a ninguém contradições desagradáveis — a interpretação é fácil. A tolerância dos homens fortes e dispostos, caso tal prove ser necessário, a usar essa força, é uma tolerância significativa; a tolerância dos homens fracos não passa de uma defesa, que se faz passar por concordância madura. A verdadeira tolerância é uma consequência da força, da convicção, do reconhecimento de que a verdade é difícil, do respeito pelos outros; a nova tolerância é fraca e incerta, fruto do medo e da fuga ao desafio.

Uma vez chegadas a esse estado, as pessoas aceitam quase tudo sem dificuldades. Basta recordar, por exemplo, o sensacionalismo de algumas publicações mais recentes. Por vezes as pessoas escandalizam-se brandamente: «Credo, o ponto a que se chegou», dizem com um sorriso de embaraço. A frase não é uma condenação mas antes uma desculpa e uma aceitação; é uma frase muito sintomática da paralisia moral que atinge hoje em dia muitas pessoas, e que é consequência da convicção de que a liberdade deve ser ilimitada. Significa realmente: «No fim de contas não faz mal a ninguém», «no lugar deles fazia o mesmo», «é preciso ganhar a vida», «assim é que se ganha dinheiro», «sempre a gente se diverte com isso». «Tudo está certo desde que se não exagere» passou a ser «está certo quando se tem tempo e vontade de o fazer»; «o que as pessoas pensam não interessa, o que interessa é o que fazem» passou a ser «não interessa o que as pessoas fazem, mas sim a maneira como o fazem». Às antigas frases de tolerância acrescentaram-se outras novas, aparentemente semelhantes; mas as novas vão mais longe, desnaturando o significado das antigas, o qual evoluiu no sentido de se tornar numa relutância geral em aceitar a ideia de que a liberdade está sujeita a sanções. Tudo está certo, a escala foi abolida.

C. «E O QUE TODA A GENTE FAZ» OU «TODO O GRUPO FAZ ISSO»: O SENTIDO DE GRUPO E O IGUALITARISMO DEMOCRÁTICO

Vimos já como o forte sentido de grupo que se manifesta nas classes proletárias pode dar origem a uma exigência de conformidade. O grupo banha numa atmosfera de amizade e calor humano; ajuda a tornar a vida mais fácil e mais agradável. Mas, por outro lado, usa métodos severos para com aqueles que, integrando-se nele, pretendam criticar os seus valores.

Defendo a opinião de que esse sentido da importância e predominância do grupo está em vias de ser associado e reduzido a um grosseiro igualitarismo democrático, condição indispensável da acção dos publicistas que se dirigem ao público proletário. É certo que a publicidade em geral tenta vender a todas as classes as várias ramificações do individualismo que constituem o seu negócio, apelando para motivações do estilo de «passar à frente do vizinho», «ser moderno», «ser atirado para a frente», superar os outros. Considero porém que não há provas de que esse tipo de publicidade consiga grandes resultados junto do público das classes trabalhadoras. De vez em quando um desses autores de prosa publicitária comete um erro, escrevendo para um público proletário prosa na qual apela para motivações mais características de outras classes (se bem que haja no público proletário uma minoria que a elas é também sensível). Mas, de uma maneira geral, o tiro dos publicitários é muito certo. Têm já muita prática, e vão sempre aperfeiçoando-se.

É claro que não é nova na natureza humana esta aspiração que todos nós sentimos de vez em quando, e muitos de nós quase sempre, de vibrar em uníssono com o resto do mundo, de ver as nossas acções aprovadas pelo consenso geral. É também inegável que a ideia e igualdade tem na Europa Ocidental antepassados muito respeitáveis. Mas essa aspiração, confirmada por um igualitarismo galopante, é explorada de há ses-

setenta ou setenta e seis anos a esta parte, e com uma intensidade cada vez maior, por jornais e revistas concebidos para atrair as classes trabalhadoras alfabetizadas.

A partir daí surge todo o fraseado que explora o conceito de «o homem vulgar»; lisonja grotesca e perigosa, uma vez que esse homem vulgar é o mais vulgar e medíocre possível. «Confiemos no povo; todos somos iguais, todos podemos votar»; «ninguém é superior ao vizinho», «voz do povo, voz de Deus» (frase que é de resto muito antiga); por todas essas razões, diz-nos o publicista, as suas opiniões são tão válidas como as de qualquer pessoa; e uma vez que partilha das opiniões do maior número, tem mais razão que o excêntrico que se permite discordar delas. Os jornais de massas que procuram sempre identificar-se com o «povo», fazem inquéritos e questionários aos leitores acerca deste ou daquele assunto, erigindo a opinião do maior número em juízo de valor.

Estes processos apoiam-se num princípio que é fundamental para as classes trabalhadoras. A afirmação «sou tão bom como tu» é fruto de uma independência de espírito que insiste nessa igualdade fundamental, que não tolera falsas profissões de superioridade, e que é hoje em dia reforçada por uma vaga suspeita de que lá bem no fundo e apesar de «toda essa conversa da democracia», «as pessoas vulgares» não têm peso, «não contam». Mas o «sou tão bom como tu», a expressão do sentimento da própria dignidade, muito facilmente degenera no «não és melhor do que eu», grito rouco do filistino no seu canto, não tolerando sequer a sugestão de um desafio ou de um exemplo. Atitude que pode ir ao ponto de recusar o reconhecimento de toda e qualquer superioridade de inteligência ou carácter. Constituem exemplo desse tipo de atitude as competições organizadas por determinadas publicações de massas, nas quais encontrar a resposta certa é uma questão de puro acaso. É impossível levar vantagem pela inteligência ou esforço; e todos os concorrentes que conseguem

chegar às etapas finais da competição ganham um prémio. Todos ganham; os «concorrentes» pagam um preço de inscrição que cobre a despesa dos prémios, e ninguém se sente superado pelos outros.

Tudo está certo, desde que as pessoas acreditem. O «homem insignificante tem a sensação de que é um grande homem, porque tudo é reduzido à sua escala; os seus limites e as suas reacções são os limites estabelecidos. Quando um autor desagrada a uma primeira leitura feita à pressa, é porque esse autor não presta; o leitor tem sempre razão. A concepção de literatura como comunicação directa é a única aceite; não são reconhecidos elos intermédios. O escritor não pode meditar a sua experiência, recriando-a pela palavra — palavra que o leitor tem de procurar compreender, por muito complexa que seja, pois não é o escritor que interessa. É por isso que a literatura complexa — ou seja, a literatura experimental, que exija um esforço de compreensão, não pode ser apreciada; a boa literatura não pode hoje em dia tornar-se popular, e a literatura popular não tem possibilidades de explorar a experiência.

«São vocês, as pessoas vulgares, e não os membros do governo, que decidem do destino deste país»; a afirmação contém muito de verdade, mas acaba por se tornar numa mentira, à custa de ser levada ao exagero. Nas bandas desenhadas, nos contos publicados nas revistas, nas rubricas de bisbilhotices dos jornais, o herói é sempre o homem insignificante; o Zé ninguém. É um homem insignificante, que se não distingue pela coragem, beleza ou talento, mas que é amado, não apesar dessa insignificância, mas por isso mesmo. «Amo-te...» diz a rapariga no último parágrafo da história, revelando ao rapaz as suas qualidades, que ele desconhecia, «...porque és uma pessoa vulgar». Lendo sucessivamente duas revistas femininas escolhidas ao acaso, encontrei nelas três desses contos de final ines-

perado, no estilo dos de O. Henry, em que o parágrafo final revelava ao leitor, como surpresa agradável, que ele ou ela, longe de serem «inteligentes» ou «intelectuais», eram afinal pessoas como as outras. Nos jornais do domingo, jornalistas com nomes bem democráticos afirmam orgulhosamente nas suas colunas que falam pela boca do homem vulgar e do seu bom senso, muito superiores às subtilezas dos intelectuais «com peneiras». Chegámos a um ponto em que encorajamos, não o sentido da dignidade humana, mas antes o de uma nova aristocracia, a do monstruoso regimento dos mediocres.

Uma das razões por que os folhetins radiofónicos de cordel têm tanto sucesso junto das mulheres não só das classes trabalhadoras, como também de outras classes, é porque exageram ao máximo esse tipo de atitude, apresentando consistentemente personagens e acontecimentos totalmente vulgares e desinteressantes. Nas bandas desenhadas vemos o «homem insignificante» preocupar-se durante dias e dias com o concurso de cozinha que vai haver na escola da filha, e com as possibilidades que esta tem ou não tem de o ganhar. O critério adoptado é exactamente o contrário daquele que Keats exprimia na frase «cumular todas as fendas com ouro»; caso pretenda que a sua obra não desagrade, surpreenda ou choque, e seja evidentemente apreciada, o autor de bandas desenhadas tem de se empenhar em atribuir o máximo relevo a pormenores desprovidos de significado e importância.

Nas bandas desenhadas o homem insignificante não nega já a importância ao patrão ridicularizando os seus aspectos mais imbecis ou coçando a orelha e resolvendo com a maior das facilidades um problema que estava a causar aos chefes grandes dores de cabeça; pois um episódio desse tipo constitui arte cômica, e portanto potencialmente séria. Na nova literatura o homem insignificante leva a melhor ao

patrão de maneiras estúpidas, ou apenas porque é insignificante. As suas vitórias são incrivelmente mesquinhas; mas acaba sempre por triunfar, pois hoje em dia são os valores mesquinhos que triunfam. O igualitarismo democrático implica paradoxalmente a manutenção da distinção entre o «Eles» e o «Nós», nos aspectos mais limitados dessa ideia.

As revistas semanais incluem cada vez mais rubricas de contribuição dos leitores. Sai mais barato, e os clientes gostam. As anedotas têm de ser engraçadas ou fora do vulgar — «fez-lhe a corte e conquistou-o com pudim de Yorkshire» — mas relatando sempre «coisas que podiam ter acontecido a todos nós». Reforçam simultaneamente o sentido mesquinho da insignificância geral e a convicção de que, apesar de tudo, estamos a «viver a vida».

Como se disse já muitas vezes, quando os jornalistas da imprensa de grande difusão descrevem uma figura importante, evitam acentuar as diferenças que existem entre essa figura e as «pessoas vulgares». As razões que os levam a fazê-lo são válidas. As pessoas gostam geralmente de pensar que aqueles que os governam se preocupam com os problemas do dia a dia. Esse ponto de vista é provavelmente mais saudável que a atitude oposta, ou seja, a de apresentar as figuras públicas como personagens remotos e endeusados. A crítica que se lhe pode fazer é a de que é por vezes levado ao exagero; desse modo, uma atitude que é válida quando apresentada em relação com outras que a qualificam, torna-se débil quando apresentada isoladamente. Na América, disse-o um antigo reitor da Universidade de Harvard, só no campo do desporto são reconhecidas as diferenças de capacidade inata. Na Inglaterra não fomos ainda tão longe, se bem que se manifeste já uma tendência para menosprezar as capacidades intelectuais. As raparigas ricas são sempre apresentadas como pobres raparigas ricas que, no fundo, só ambicionam fundar um lar, como todos nós. Todos os magnates da indústria, todos os generais e todos os

chefes de partidos políticos são no fundo pessoas como as outras, apreciando o cachimbo, a cadeira de braços ao canto da lareira e os desafios de futebol, onde têm a oportunidade de se misturar, incógnitos, com os outros. Como o disse já Dewey:

«Louvamos nos nossos homens ilustres não a energia feroz e implacável que os conduz aos lugares de chefia, mas sim o facto de amarem as flores, as crianças ou os cães, e a bondade que manifestam para com os seus parentes idosos.»

Quando se trata de personagens que ocupam um lugar elevado na hierarquia oficial mas que são simultaneamente figuras anónimas ou pouco marcantes, nem sequer se procuram esses motivos insignificantes de elogio. Todos os funcionários superiores da administração são inúteis e preguiçosos, e levam o dia a tomar chá em vez de trabalharem. Citemos em seu abono as linhas de Auden acerca de todos aqueles que têm de resolver

«...problemas que o sorriso/Não pode fazer esquecer; .../[fora da vista] dos fracos,/Dos distraídos, que procuram/Alguém sobre quem deitar as culpas;...»

O ódio aos intelectuais, que é consequência do temor de uma crítica implícita que o comportamento destes constitui, não se manifesta com grande força nas classes trabalhadoras. Mas o elogio do «homem vulgar» pode ser facilmente desviado no sentido da caça ao intelectual, e muitos dos jornalistas da imprensa de massas tentam criar no público proletário o gosto por tal desporto. Quando estava a escrever estas páginas peguei num jornal do dia dos de maior difusão e encontrei num artigo a descrição de um encontro casual entre o jornalista e alguns «barbaças com a mania que são artistas». Creio porém que ataques desse tipo não têm

muita ressonância. Os indivíduos das classes trabalhadoras não se interessam nem pelos artistas, nem pelos intelectuais; sabem da sua existência, mas consideram-nos como uma espécie de aves raras, de indivíduos que estão fora da órbita da vida da gente vulgar, uma espécie de franceses comedores de caracóis. No entanto há jornalistas que detestam tudo aquilo que possa ser considerado como intelectual ou sério, e que se servem das suas rubricas no jornal para dar largas a esse temor e ódio. A publicação anual do relatório do British Council dá sempre origem a tiradas em que se critica esse desperdício do dinheiro atribuído a jovens doentes que se dedicam a fantasias intelectuais. Os casos de homossexualidade são utilizados como pretexto para ataques dirigidos contra o mundo decadente da boémia. Só se fala na arte moderna para fazer troça. O Arts Council é uma «intrujice» inventada por uma série de «maricas» que desprezam os divertimentos apreciados por todo o bom inglês; e a B. B. C. não é melhor. Todos os professores universitários são preguiçosos e indigestos, e os seus alunos rapazes borbulhosos e macilentos. Todo aquele que se atreva a sugerir que possa haver críticas a fazer às diversões ou maneiras de pensar das massas é um desmancha-prazeres e um excêntrico.

Tudo isto que acabo de expor explica a atitude assumida por muitos jornalistas, a forma agressiva como falam em nome do «homem da rua», recusando e combatendo todo o intelectualismo; o snobismo invertido dos críticos de cinema que afirmam com insistência não passarem de homens como os outros, exigindo aos filmes que sejam divertidos e deixando para os outros todas as pretensões intelectuais; ou o snobismo anti-intelectual dos candidatos que se tornam mais populares nos numerosos concursos radiofónicos de perguntas e respostas. Manifestam-se em tais programas um apetite democrático por conhecimentos fragmentários e um resíduo de admiração pelas pessoas cultas, à mistura com uma certa animosidade em relação a elas. Essa

animosidade faz com que o público fique satisfeito quando os eruditos dão uma resposta errada; nessas alturas evolva-se do programa, segundo palavras de Gilbert Harding, «os odores primitivas da praça de touros e da fossa dos ursos».

Sou de opinião que esse processo de rebaixamento progressivo e generalizado atinge os próprios jornalistas. Até há poucos anos os jornalistas, mesmo aqueles que adoptavam o estilo coloquial e a linguagem do homem vulgar, eram geralmente homens mais cultos do que a maioria dos seus leitores. Mas ultimamente têm surgido alguns que só revelam mesquinhez, tanto no estilo, como nos assuntos que focam. Em comparação com eles até a Cassandra do *Daily Mirror* tem vida, inteligência e cultura; pois encontramos nos seus artigos a ideia de que, se bem que nem todas as pessoas possam ser inteligentes e manifestar interesse por muitos assuntos (com o que, como é óbvio, não perdem nada), essas qualidades têm o seu valor e produzem artigos interessantes. Alguns dos novos jornalistas, porém, parecem considerar *de rigueur* escolher para os seus artigos temas cujo interesse é nulo. São os homens que falam de «as opiniões dos autores célebres» e de «os clássicos» como se fossem coisas do outro mundo, os homens que fornecem ao grande público a mediocridade sindicalizada. Lisonjeiam o homem vulgar, são os líderes da «maioria massificada», que enganam com argumentos falaciosos, respondendo à reflexão com evasivas e tentativas de ridicularização. Têm de diminuir qualquer espécie de autoridade, para acalmar um sentimento de inferioridade ou uma inquietação latentes. Quando não arranjam outro tema, há sempre um director ou uma directora de uma escola de Warrington, Derby ou Yeovil que errou na decisão que tomou sobre o uniforme da escola ou nas afirmações que fez no discurso inaugural em que falou da «nova geração», merecendo portanto uma repreensão pública, no interesse dos pais livres e bem-pensantes.

«Vamos — como pessoas médias que somos — falar de coisas que nos interessam. Pois o nosso Programa do Lar é feito para isso mesmo, para falarmos das coisas simples que interessam as pessoas simples como nós. Recusamos o espalhafato e a alegria deliberada do programa de variedades; não nos interessam os valores estéticos, os temas fastidiosos do Terceiro Programa. Mas entre os não-intelectuais barulhentos e os intelectuais requintados há um lugar vazio talhado à nossa medida, à medida das pessoas médias como você ou eu; e vamos instalar-nos bem comodamente e com toda a simplicidade nesse lugar. É um lugar no qual podemos sentir-nos muito bem. Podemos falar de pudim de frutas. E seja qual for a fruta que se ponha no pudim lá do seu sítio, sei de certeza que é o melhor pudim do mundo».

O texto que acabo de citar constitui exemplo muito significativo do estilo da prosa dirigida às classes médias ou pessoas médias. O estilo dos autores que se dirigem às classes trabalhadoras é um pouco diferente. Nesta passagem, tal como noutras semelhantes dirigidas ao público proletário, apela-se — falando ao homem equilibrado e bem-pensante — para um ideal válido e poderoso ainda, o ideal do homem completo, que sabe ser sério sem solenidade e alegre sem baixeza, que venera os deuses do lar e da pátria, e que se caracteriza pela integridade e pelo bom-senso. Esse apelo desnaturou-se porém em muitos casos, assumindo em relação ao leitor uma atitude protectora e de mal disfarçado desprezo; passou a ter o significado de um *ducadame* — um apelo para que «todos os tolos entrem na roda».

Os autores da prosa dirigida às classes proletárias falam constantemente da sua «absoluta sinceridade», da qual pretendem convencer o leitor e talvez também a si próprios. Repetem que «é impossível enganar as pessoas comuns», e que é necessário «ter fé nas próprias capacidades de escritor». Mas os mesmos autores

queixam-se noutros lados da «infidelidade do público», afirmando que «a multidão segue quem a saiba levar».

Todas as qualidades, boas ou más (e Dewey na passagem citada fala-nos só das más) que fazem com que o homem extraordinário seja efectivamente extraordinário, têm de ser escamoteadas ou reduzidas a uma excentricidade sem consequências. Todos os professores são distraídos e ineficientes; todos os cientistas são esquisitos e usam óculos: têm de ser transformados em figuras míticas, para que possam ser integrados no mundo do dia a dia. A excentricidade e a idiossincrasia são das poucas formas admissíveis de individualismo ou excepcionalidade. O homem que de uma maneira geral partilha das opiniões de toda a gente, distinguindo-se porém por algumas características muito individualizadas, ocupa o lugar que deveria competir ao homem de carácter verdadeiramente excepcional. É por isso que o jornalista da imprensa de grande difusão, falando embora em nome de todos nós, tem de se apresentar ao público nas suas características individuais; para o que alguns recorrem a métodos que quase podem ser considerados como uma desnudação indevida da personalidade. Para os membros das classes trabalhadoras como para muitos outros, o membro do júri do concurso radiofónico que fala de modo mais desinibido encarna simultaneamente o tipo do «excêntrico» à moda antiga e a figura alegórica moderna do «herói idiossincrásico». Esta atitude é reforçada pela excessiva admiração pela «liberdade» numa sociedade que cada vez se nos afigura menos livre. Estamos prontos a pagar bem ao homem que nos permite dar largas ao nosso sentido de inferioridade e frustração, criticando violentamente em caracteres impressos coisas que todos nós detestamos. Quanto mais idiossincrásica é a maneira como esse homem exprime as suas opiniões (e independentemente do valor dessas opiniões) mais certos ficamos de que ele — e nós também, por pessoa interposta — temos

30095954

liberdade para «dar a nossa opinião». É mais um caso de «não interessa as coisas que se fazem, ou antes, não interessa as coisas que se dizem, mas sim a maneira como se dizem».

Esta maneira de esconder a cabeça como o avestruz é perfeitamente absurda numa democracia política. Contribui para que as forças do inimigo sejam mal avaliadas, cegando o povo para as realidades perigosas na luta pelo poder. Em alguns países onde se verificam outras condições para o desenvolvimento de um culto do chefe, esta redução da grandeza actua como factor favorável à criação desse culto. O grande homem faz o que quer em domínios que estão absolutamente para além do entendimento do homem vulgar; este, entretanto, olha embevecido para o retrato do grande homem sorrindo amistosamente para uma camponesa velha, afagando o lindo bebé do operário metalúrgico ou rindo de um número de variedades do agrado do público.

Por outro lado, essa atitude implica ainda a depreciação de todas as qualidades válidas que tenham contribuído para o acesso a uma posição eminente. Recusa-se o devido valor a qualidades como a utilização criteriosa da inteligência, a coragem para tomar decisões que vão desagradar ao grande público, a auto-disciplina. A palavra «disciplina», por exemplo, tem quase sempre na prosa popular um sentido depreciativo; significa «dar ordens às outras pessoas», relaciona-se com a tropa e com castigos, sendo *a priori* rejeitada. As pessoas que conseguiram adquirir tais qualidades não precisam certamente de admiração do público, e não é o facto de não serem admiradas que lamentamos aqui. Consideramos, sim, lamentável, que aqueles que menosprezam tais qualidades se estejam assim a diminuir a si mesmos.

Trata-se de compensações particularmente perigosas para o sentimento da própria inferioridade, que são características das democracias. Tal como acon-

tece em relação a muitos outros aspectos da sua vida, verifica-se aqui uma contradição, entre a experiência particular e a experiência pública do homem do proletariado. No trabalho e no mundo que verdadeiramente conhece, esse homem sabe ainda reconhecer o valor e as qualidades dignas de admiração de um «bom patrão», adjectivo que não é geralmente aplicado a um patrão indulgente, mas sim ao que «tem a cabeça no seu lugar», que quando diz sim é sim, e quando diz não é não. Na localidade em que habita, distingue e admira também os homens válidos, os caracteres independentes, os homens dedicados e seguros. Mas para além disso estende-se o grande mar da confusão, no qual todas as características essenciais, todos os caminhos perigosos e todas as feições distintivas foram obliterados. Para o atravessar basta-lhe, segundo lhe dizem, «ser boa pessoa», ter um sentido de humor que lhe não permita transformar-se num desmancha-prazeres e o leve a rir de tudo o que se lhe afigure fora do vulgar, e a noção de «até onde se pode ir», considerada indispensável em todo o homem razoável e decente. A seguinte canção de escuteiros, relacionando-se embora com um ideal específico, assemelha-se no estilo à prosa dos jornalistas da imprensa popular:

Encara sem medo todos os perigos
Vinho, Mulheres e Intelectuais
Não se deixa abater, persistindo nos seus propósitos
Com um sorriso...

A segunda linha é admirável! ó homem corajoso, que enfrenta de ânimo alegre a Górgona estética!

O facto de a pessoa ser capaz de se encontrar em concordância com a opinião geral, de fazer parte do rebanho, é pois explorado de todas estas maneiras e transformado numa desculpa para uma ausência total de sensibilidade; insensibilidade essa que se alimenta do orgulho que ela própria gera, do orgulho insolente do homem vulgar. E as pessoas das classes

trabalhadoras são tanto mais receptivas a esse tipo de apelo porque, embora reconhecendo-se tradicionalmente essa integração no grupo, no mundo exterior há muitas coisas que não compreendem. Sempre que alguém participa numa actividade de grupo, e por muito mecânica que essa actividade seja, o facto de se sentir em acordo com os seus companheiros proporciona-lhe uma agradável sensação de calor humano. Ouvi já dizer a algumas pessoas que escutam com regularidade determinado programa radiofónico popular não porque o considerem muito divertido, mas sim para terem assunto de conversa no emprego. Os publicitários sabem-no, utilizando o argumento: «Quando toda a gente está a falar do desafio transmitido pela televisão, o senhor vai ter de ficar calado?» Não é já um problema de competir com os vizinhos; trata-se da integração no grupo. Quando ouvem na telefonia as vozes de milhares de trabalhadores em férias que cantam «Se tu fosses a única rapariga do mundo», as pessoas solitárias consolam-se pensando que todas as telefonias da vizinhança estão a tocar a mesma coisa, o que estabelece uma espécie de comunhão entre os ouvintes. Os frequentadores dos grandes cinemas sentem-se felizes porque a pessoa que é alvo dos convites ao riso e das lisonjas prodigalizadas na confortável escuridão desses locais não é a sua pessoa individual, mas antes a grande pessoa colectiva constituída por todos os homens vulgares e insignificantes; girinos num charco aquecido. O facto de se assistir todas as noites indiscriminadamente ao programa completo de televisão pode ser interpretado da mesma maneira. Tudo é aceitável, independentemente do interesse intrínseco de cada programa, pois o que interessa é a pessoa sentir-se membro do grande grupo que se instala numa cadeira a ver o mundo (o mundo das personagens e dos acontecimentos) desfilar à sua frente. Estas tendências estão a contribuir para a criação de um grupo cultural quase tão numeroso como a soma de todos os outros grupos.

Mas será um grupo apenas na medida em que todos os seus membros partilham da mesma atitude passiva. Para a maior parte deles, o trabalho será desinteressante e a ambição deslocada. Mas à noite todos esses indivíduos, mortos dos olhos para baixo, comunicam com a Grande Mãe. De dia passam talvez o tempo a atarrachar meia dúzia de parafusos em centenas de aparelhos de televisão, mas são capazes de ficar toda a noite sentados diante de outro igual. Os olhos registam o que vêem, mas não o interpretam em função da sensibilidade e da inteligência; limitam-se a comungar num sentido de prazer colectivo, prazer que se sente não em determinado objecto, mas sim no facto de se partilhar com outros esse objecto unificador.

D. VIVER NO PRESENTE E «PROGRESSIVISMO»

«Quando num povo o gosto pelo prazer físico se desenvolve com maior rapidez do que a educação ou a experiência que tem das instituições livres, um dia virá em que os homens se sentirão arrebatados, perdendo todo o controlo, à vista da abundância de coisas novas que estão prestes a possuir».

(De Tocqueville)

«As nações aristocráticas têm uma tendência natural para considerar ínfima a capacidade de perfectibilidade humana; as nações democráticas julgam-na porém ilimitada».

(De Tocqueville)

É óbvio que o sentido da necessidade de viver no presente e para o presente, a valorização da necessidade de «a gente se divertir um bocado», podem ser exploradas no sentido da auto-gratificação para que

30095954

hoje se apela em tão elevado grau. Defendo a tese de que hoje em dia a maioria das pessoas são assediadas por convites intensivos e repetidos à aceitação de tudo o que é feito e aceite por toda a gente e pode ser considerado como divertido, e que por essas razões passa a ser um bem em si. Esta nova atitude vem ligar-se à antiga convicção de que é importante «a gente divertir-se enquanto pode». Temos ainda um terceiro elemento que se liga com os dois que acabámos de citar, e que é o «progressivismo». O «progressivismo» ajuda a viver para o presente, negando o passado; mas o presente só é apreciado porque, e enquanto, é o presente ou o passado mais recente, não ultrapassado; à medida que os novos «presentes» vão surgindo, os anteriores são postos de lado. O «progressivismo» acena às pessoas com uma perspectiva infindável de novos prazeres — a televisão a cores, a televisão que transmite cheiros, sensações e gostos. O «progressivismo» começa sempre por ser um «progressivismo» das coisas, mas não se fica nunca por aí; alastra inelutavelmente e por analogias dúbias para além das coisas.

156038

Disse já que o publicista dos nossos dias explora o conceito de progresso ilimitado, tal como o de liberdade sem limites aparentemente pouco afectado pelos acontecimentos da primeira metade do nosso século; nesse aspecto a sua mentalidade não é moderna, apresentando-se muito com o espírito da Exposição de 1851. Ser progressivo, «olhar para a frente», «ser moderno como o dia de amanhã», é apresentado como objectivo desejável em si. A última frase citada foi extraída da publicidade americana, recordando-nos que a promoção do «progressivismo», tal como a de muitos outros aspectos a que aqui me refiro, é feita não só pelos nossos publicistas mas igualmente pelos filmes americanos. A meu ver, a atitude das classes trabalhadoras em relação a tudo o que vem da América caracteriza-se não tanto por uma desconfiança, uma suspeita de que «estão

a querer mandar em nós» (embora esta faceta se manifeste também), mas sobretudo pela pronta aceitação. Essa aceitação é fruto da convicção de que, no que se refere à modernidade, os americanos «têm muito que nos ensinar». Na medida em que se considera importante o ser moderno, a América é olhada como um líder; ora faz-se tudo para convencer as pessoas de que é importante ser moderno.

Os indivíduos das classes trabalhadoras são tanto mais sensíveis a essas influências, quanto não possuem geralmente o sentido do passado. A educação que receberam não lhes facultou a compreensão do panorama histórico ou da ideia de que existe uma tradição ininterrupta. Esta afirmação é sobretudo verdadeira para as pessoas mais velhas, pois tem-se feito ultimamente no ensino um esforço nesse sentido. Não estou a depreciar esse esforço dos professores, mas a verdade é que estes dispõem de um tempo limitado, as classes são constituídas por um grande número de crianças (originárias do meio que atrás descrevi, e de capacidades intelectuais limitadas) e aquilo que o professor diz muitas vezes «entra por um ouvido e sai pelo outro». Por conseguinte, muitos indivíduos ficam com o conhecimento de factos históricos dispersos, mas não concebem que haja um processo histórico ou ideológico padrão. Raramente sabem do que se passou em tempos mais recuados do que os dos seus avós; para aquém disso reina a ignorância de tudo o que não seja um ou outro acontecimento isolado do seu contexto ou cronologia — Guy Fawkes e a conspiração contra o Parlamento, a revolução francesa, Wolfe em Quebec, o rei Alfredo e os bolos. Uma vez que esses indivíduos não possuem geralmente uma bagagem intelectual e cultural adequada, que não foram treinados para examinar e contestar as opiniões e juízos correntes, formulam os seus juízos com base no primeiro apotegma de grupo que lhes vem à ideia. A mentalidade do grupo condiciona pois as atitudes assumidas

pelos indivíduos, e a qualidade dessas apotegmas determina a qualidade dos comportamentos.

Por outro lado, o desconhecimento do passado faz com que também se não possa compreender o futuro. O futuro concebido em termos de famílias que se perpetuam através das gerações é um futuro que não vai além dos netos ou, quando muito, dos bisnetos; depois disso surge novamente a escuridão, se bem que se imaginem vagamente arranha-céus, iluminação a néon e naves espaciais. Uma mentalidade deste tipo é, a meu ver, particularmente sensível à tentação de viver num presente constante. Quando se sucumbe inteiramente a essa tentação, surge uma situação na qual o tempo foi abolido: contudo continua a dominar, pois o presente muda incessantemente, se bem que essa mudança tenha perdido o seu significado, sendo como que uma passagem de «slides» feita ao acaso. Tudo o que vem de novo é melhor do que aquilo que existia, só porque vem depois: toda a mudança é para melhor, desde que se dê em sucessão cronológica. O seguinte parágrafo de Newman prevê de uma forma notável a condição para que tendem aqueles que assistem todas as noites ao grande, ao último, ao mais moderno espectáculo cinematográfico da actualidade:

«Vêm grandes cidades e regiões selvagens; ora são transportados para os grandes centros do comércio, ora para as ilhas do Mar do Sul; olham para o pilar de Pompeia e para os Andes; e nada do que vêm lhes recorda o passado ou os leva a pensar no futuro, nada os consegue transportar para além do imediato. Não estabelecem relações, não sabem discernir tendências; nada tem história ou encerra promessas. Todas essas coisas são independentes, aparecem e desaparecem como as cenas sucessivas de um espectáculo que não conduzisse o espectador a parte nenhuma.»

Uma vez que o mundo é concebido como mudança constante, e que o futuro é automaticamente conside-

rado melhor do que o passado, este torna-se risível e incompreensível. Ser antiquado é defeito. Neste ponto verificam-se no entanto algumas excepções: certas coisas antiquadas são fora do vulgar mas simpáticas, pois simbolizam valores antigos. As «mães à moda antiga» compreendiam as coisas importantes da vida, e são elogiadas em muitas canções. Associam-se-lhes certos objectos antiquados mas aceites, tais como a faiança azul e branca com desenhos chineses. Certas aldrabices devem a sua popularidade ao facto de serem consideradas coisas muito antigas, por exemplo, os chás de ervas dos ervanários, os antigos remédios que se usavam no campo. «O meu pai era severo — não tolerava mentiras», dizem ainda hoje as pessoas das classes trabalhadoras; ou «A minha mãe dizia sempre — o bem é o bem e o mal é o mal, e daí não podemos sair». O emprego de frases desse tipo pode, a meu ver, ser considerado como sintoma de que ainda subsistem barreiras de resistência aos aspectos mais frívolos do modernismo.

Mas muita outra gente, sobretudo os mais novos, considera hoje em dia que as coisas antiquadas são dignas de riso e de rejeição. Esta convicção não é já um fruto da esperança no futuro, da impaciência que as pessoas novas e enérgicas experimentam muitas vezes face à lentidão e imobilismo das pessoas mais velhas, fenómeno característico de todos os tempos. Hoje em dia vai-se mais longe: todas as épocas anteriores à nossa foram ignorantes, antiquadas; estão fora de moda. «Está fora de moda» é juízo condenatório que se aplica indiferentemente ao facto, ao comportamento, às maneiras de dançar e às atitudes morais (as crenças e as religiões também «passam de moda»). Estar «à moda», «à última moda», é portanto atingir a perfeição. «É novo — é diferente»: portanto, tem de ser melhor; e o futuro será melhor ainda.

A glorificação da juventude que é hoje em dia praticada relaciona-se com o que acabo de expor. Se o

mais novo é o melhor, os novos têm mais sorte do que os velhos; a juventude é moderna, está na moda, espera-a um futuro ainda mais moderno. Os jornalistas falam sobretudo para a «nova geração... que anda para a frente a toda a velocidade... que está cheia de vitalidade... que é virada para a frente... vigorosa... independente...» — e que constitui valioso mercado potencial para os anos futuros.

A publicidade dos bens que estão ao alcance do poder de compra dos adolescentes toca essa mesma tecla, a de uma mitologia menor, inventada na América, e adaptada aos gostos do público inglês. É a mitologia do grupo de adolescentes, que gostam de dançar rock e pop, mas que são francos e saudáveis, vestem «jeans» e camisolas de gola alta, são despretenciosos, enérgicos e alegres, o contrário de tudo o que é poeirento e monótono.

Esta espécie de barbarismo cintilante está a ter grande aceitação no nosso país, aceitação que se refere às classes trabalhadoras é provavelmente tanto maior, quanto esta atitude é susceptível de ser identificada com outra sólida, expressa na frase «só se é novo uma vez. Divirtam-se enquanto podem». Esta insensibilidade nova sobrepõe-se ao antigo pragmatismo mais sóbrio, desnaturando-o. As pessoas vivem hoje em dia rodeadas por grande quantidade de bens materiais inventados para as divertir e servir, que são cada mais abundantes e aperfeiçoados; não compreendem porém, que todos esses produtos são o fruto, e muitas vezes o fruto mais trivial, de uma acumulação de conhecimentos e de técnicas que se fez ao longo de muitos séculos; dispondo de muito mais *objectos* do que as gerações precedentes, as pessoas têm inevitavelmente tendência para os aceitar tal como lhes são apresentados, utilizando-os à maneira da criança do conto de fadas, que encontrava brinquedos nas árvores e chupas à beira do caminho. O peso da persuasão que sobre elas se exerce favorece

o cultivo de tais hábitos que, ao fim e ao cabo, «não têm mal nenhum».

E assim se vai criando uma mentalidade de rebanho. Todo aquele que fica fora do rebanho é ridicularizado, mas os carneiros não têm escolha. O bando de bárbaros anda sempre em frente nesse mundo de conto de fadas; não avança em nenhuma direcção, anda em frente porque isso já basta por si. Lá muito à frente vão os cientistas («é novo — é científico»), os guias do rebanho. «As nações democráticas não querem saber do que foi, vivem obcecadas pelo que há-de ser», disse-o Tocqueville; «Os autores de prosa publicitária deveriam atribuir especial relevo ao lado agradável daquilo que propõem; deveriam tentar agradar sempre aos leitores», diz-nos o especialista de publicidade; «Vem aí um tempo melhor», canta o rebanho, andando em frente.

O êxito do «progressivismo» depara felizmente com alguns obstáculos. A antiga desconfiança latente que existia em relação à ciência mantém-se, tendo mesmo sido reforçada pelas revelações recentes dos perigos que o seu progresso pode trazer à humanidade. Outras vezes a ciência é acusada de má orientação deste ou daquele aspecto do progresso, ou de andar depressa de mais. Neste último caso, a aceitação subjacente do «progressivismo» pode não ser afectada. A ideia é antes que andar para a frente é uma boa coisa, mas que «Eles» têm de ter cuidado e não nos fazer andar depressa demais, porque podemos cair.

Muito recentemente, porém, ouvem-se já frases que denotam uma desconfiança profunda do «progressivismo», dos valores do «progressivismo»; «as coisas são mais vistosas, mas não são tão boas como eram antigamente», dizem as pessoas; ou então, o que é ainda mais significativo: «Que é que a gente ganha afinal com todas essas invenções?»

E. INDIFERENTISMO: «PERSONALIZAÇÃO» E «FRAGMENTAÇÃO»

Se a tolerância é uma coisa boa, se partilhar da opinião do grupo é bom, se «gozar a vida enquanto se pode» é bom; e se além disso os homens são livres e iguais, e a vida está sempre a mudar e a progredir, em consequência de tudo isso há-de forçosamente perder-se o sentido da ordem, dos valores e dos limites. Se é bom tudo o que vem em último lugar numa sucessão ininterrupta e tudo o que gratifica os desejos do maior número, então à qualidade substitui-se a quantidade e o mundo torna-se numa monstruosa indiferenciação. Uma tal indiferenciação pode conduzir, como disse já há mais de cem anos Matthew Arnold, ao «indiferentismo», ao domínio da mediocridade e da insignificância, a um mundo no qual todas as actividades perdem o significado, reduzindo-se a uma contagem de cabeças.

O facto de hoje em dia se considerar muitas vezes a «sinceridade» como um fim em si é talvez uma reacção a isso mesmo, uma tentativa para preencher esse vazio que nos ameaça. A apreciação da sinceridade relaciona-se com a antiga caridade generosa das classes trabalhadoras e com a desconfiança que sentem em relação às abstracções («Não interessa o que se faz, desde que seja feito com boa intenção»). Esta atitude manifesta-se hoje de uma forma cada vez mais acentuada, precisamente porque constitui um padrão, num mundo em que se torna difícil encontrar outros padrões. «A intenção era boa, e isso é o que interessa» — pode tornar-se num disfarce para a falta de confiança na capacidade de tomar uma decisão moral. A sinceridade, como é óbvio, não chega: mas quando se não encontra nada de melhor, tem a sua razão de ser.

Essa incapacidade de formular juízos morais manifesta-se ainda noutras frases evasivas: «É natural», «Não faz mal a ninguém», «Parece que faz bem, se-

gundo dizem». Ou ainda certas subtilezas de linguagem, associando à ideia de «autoridade» ou «ortodoxia» um sentido pejorativo; ou chamando «investimento» ao jogo — poderia escrever-se uma história da importância social das ideias a partir de um estudo das alterações do sentido das palavras. Tudo é «uma questão de gosto» e «o que é bom para uns é mau para outros». Em geral acrescenta-se a essas frases uma prevenção que indica a existência de um limite mal definido, mas geralmente aceite: «Não estou muito de acordo com essas coisas...»; o que dá a entender que persiste uma ordem, se bem que se não saiba bem qual. Caso as pessoas se vissem obrigadas a resolver de acordo com directivas tão vagas os problemas da vida quotidiana, surgiriam grandes dificuldades; mas na vida pessoal do dia-a-dia, as sanções antigas prevalecem ainda em grande medida. Uma situação tão ambígua não é porém saudável e só temporariamente se pode manter.

Essa situação complica-se pelo facto de as pessoas manifestarem uma tendência cada vez mais acentuada para entregar as decisões à autoridade, se bem que a autoridade teoricamente se não justifique já. No mundo que vimos a descrever neste capítulo ouvem-se com frequência cada vez maior frases do tipo «Eles têm obrigação de fazer alguma coisa», «Têm de nos resolver o problema», «Têm de fazer isto ou aquilo na Saúde Pública ou nas escolas». Daqui a pouco as pessoas deitam-se de costas com a boca aberta e são alimentadas por «pipe-line», recebendo directamente na boca a comida que sai de uma grande cornucópia manipulada pelos «Eles» anónimos. Seria preferível que a aversão à autoridade se tornasse activa, e que as pessoas manifestassem o desejo de se desembaraçarem por si. Mas essa aversão assume na maioria dos casos a forma de uma negação passiva da ideia de autoridade, que coexiste com a convicção de que não obstante, alguma coisa ou alguém que não o próprio terá de resolver os problemas. O re-

sultado de uma atitude dupla como esta é que as pessoas se tornam cada vez menos receptivas e mais inertes em relação a todas as solicitações exteriores à sua vida pessoal e doméstica. Encaminhamo-nos para um mundo de «obedientes irresponsáveis», segundo a frase de Alex Comfort; seria preferível que crescesse o número dos «desobedientes responsáveis».

A exigência de conformismo é cada vez mais forte. «O que é preciso é fazer a ligação», disse E. M. Forster, referindo-se ao conflito entre a vida interior e a vida exterior. «O que é preciso é ser conformista», diz hoje a voz geral. Não se leva muito a sério, mas a maioria deve ter razão, por isso é preferível concordar com ela. O que é preciso é acreditar no que os outros acreditam; o contrário seria pecar contra as leis da vida. Visto que se não conhecem valores, não havendo portanto razões para desvios, o dever consiste em avançar pelo caminho mais frequentado. «Dez milhões de pessoas — ou treze milhões de leitores ou de ouvintes — não podem estar enganados.»

É assim que o silencioso «deslassar das molas da acção» continua e progride. Assim todas as tensões da vida serão eventualmente eliminadas, e com elas o prazer do desafio. O verdadeiro prazer, e até mesmo os prazeres que são proporcionados pelas novas diversões, hão-de tornar-se forçosamente cada vez menos intensos. «Gozar» pode ser apresentado como o objectivo mais importante da vida; mas quando todos o aceitem como tal, o prazer tornar-se-á numa nova rotina. O principal argumento contra as diversões de massas modernas não é que degradam o gosto — pois a degradação pode ser viva e activa — mas antes que começam por excitá-lo para depois o embotar e finalmente o extinguir completamente; não «corrompem», mas «debilitam», como tão bem o disse Tocqueville. Matam-lhe o nervo, e de tal maneira conseguem hipnotizar e embrutecer o público, que este se torna quase incapaz de reagir e dizer: «Afinal este bolo é feito

de serradura». Ainda não atingimos tal ponto, mas é nesse sentido que nos encaminhamos.

Esse processo que começa pela excitação do desejo, para depois o embotar, manifesta-se com grande clareza em duas das principais características da literatura popular, a saber, a «personalização» e a «fragmentação». Ambas nos surgem tanto nas publicações antigas, como nas novas; mas as diferenças que podemos observar entre umas e outras são muito significativas, denotando um aperfeiçoamento considerável dos métodos de apresentação e manipulação.

Quando acuso a imprensa de massas dos nossos dias de granjear o interesse pelo pessoal, não é porque tenha descoberto subitamente que as pessoas sempre gostaram e continuam a gostar de «histórias humanas». A própria frase «Adoro um bom crimezinho» tem mais de cem anos: e as descrições de crimes, execuções e derradeiras confissões dos assassinos abundam na literatura de cordel destes últimos cem anos. «Não há nada melhor do que um bom crime», apregoava um vendedor ambulante de textos de baladas e canções inspiradas por acontecimentos sensacionais. Mas o abuso que hoje em dia se faz do elemento pessoal é tão excessivo, que se torna necessário cunhar, para o descrever, uma frase nova, desprovida das ressonâncias favoráveis que estão ligadas a frases do tipo «interesse pelo pessoal e íntimo», ou «prazer que se tira de uma boa história». Recorramos pois a um dos mais feios verbos nominais da actualidade, «personalizar».

O exagerado grau de «personalização» dos jornais que se dirigem de modo particular às classes trabalhadoras radica, como facilmente se pode ver, não só no interesse que toda a gente sente pela vida das outras pessoas, mas também na predilecção que os membros das classes trabalhadoras manifestam pelo elemento concreto, pelo que é emocionante e facilmente compreensível, pelo elemento local e pessoal. Os primei-

ros jornais de massas souberam compreender essa predilecção, dando início ao processo, que hoje vai já tão adiantado, de acentuação exagerada do elemento pessoal. Esse exagero crescente deve-se em parte ao facto de os jornais de massas, por uma questão de dinâmica interna, se verem obrigados a tentar sempre superar os seus rivais, mas também ao facto de os leitores manifestarem uma avidez cada vez maior pelo que é pessoal, talvez em consequência das modernas condições de vida. Disse já que os indivíduos do proletariado não podem hoje em dia ignorar os aspectos mais vastos e públicos da vida social. Entraram em contacto com um mundo em que indubitavelmente se integram, mas que muito dificilmente podem apreender. Tentam pois compreender melhor esse mundo exterior relacionando o que nele se passa com a vida pessoal e local que conhecem, na qual habitam, agem, admiram e sofrem. Nessas circunstâncias, pretendem afirmar os valores do mundo pessoal e local, têm necessidade de pensar que os sentimentos que eles próprios compreendem e consideram «decentes» são compreendidos e comuns a todos. Alegram-se sempre que uma voz vinda desse grande mundo exterior lhes fala de modo reconhecível. Os políticos compreendem-no, e também o sabem os jornalistas que escrevem artigos sobre a vida da família real. Sabem-no os proprietários de alguns campos de férias: esses campos são vastos e decorados de forma espalhafatosa, mas os animadores tentam organizar as pessoas em pequenos grupos no interior dos quais reina a boa camaradagem, e as retretes têm letreiros que dizem «rapazes» e «raparigas». Sabem-no os promotores de apostas mútuas de futebol: convidam os clientes a juntarem-se ao «grupo», à «malta». Sabem-no os actores de variedades radiofónicas e televisivas que fazem programas populares do estilo «tu-cá-tu-lá» com o público. Os locutores que passam os discos na telefonia e os produtores de programas radiofónicos apresentados por uma equipa de locutores já conhecidos dos ouvintes ex-

ploram esse sentimento, tal como os locutores de publicidade, que começam por anunciar que estão a falar da «sua estação, Rádio...», dando aos seus programas títulos como «A escolha do bairro» ou «Vamos divertir-nos, antigos». Sei de uma rapariga tísica, antiga operária da indústria textil de Yorkshire, que, do sanatório onde estava internada, pediu um disco a um programa radiofónico, e ficou tão emocionada quando o disco foi tocado que pôs na mesa de cabeceira o retrato autografado do locutor do programa. Esses «amigos» do público oferecem-lhe, na nossa época gregária, uma sensação de integração no grupo que é inteiramente falsa; seria preferível que as pessoas continuassem a sentir-se anónimas: pelo menos talvez tomassem a iniciativa de tentar remediar efectivamente tal estado de coisas.

Não podemos no entanto menosprezar esse desejo e a força com que se manifesta. As perguntas que as pessoas fazem são válidas: «Como é que tudo isto se relaciona com a vida humana e os seus problemas, tal como nós os vivemos?» As pressões das publicações comerciais e a abolição de quase todas as sanções em nome da liberdade («dar ao público aquilo que o público deseja») tiveram como resultado que a prontidão em dar ao público o tipo de respostas que o público deseja é levada até ao ponto em que se dão essas respostas mesmo para casos em que tal tipo de resposta não é relevante, e até mesmo quando se torna perigoso julgá-las significativas. O facto de o Sr. Shepilov desenhar esboços de cavalos enquanto toma parte em conferências internacionais em nada adianta o nosso conhecimento das motivações do dito senhor; tal informação constitui uma evasão e não uma resposta aos verdadeiros problemas. Essa técnica de personalização aperfeiçoa-se cada vez mais, tendo-se tornado quase mecânica; assistimos à desnaturação de um instinto que em si é bom, mas que está a ser deturpado através de simplificações excessivas, doces enganos e falsificações perigosas. Cada vez nos atolamos mais num mundo de sonhos no

qual não só um gato pode parecer um rei, mas em que o rei é na realidade um gato, e em que todas as grandes figuras, lá bem no fundo, não passam de homens simples como os outros. Este nosso mundo tão complexo, que os próprios homens que o dirigem só chegam a compreender parcialmente, reduz-se no jornal diário que nos chega a casa todas as manhãs a meia-dúzia de casos pessoais e locais, do tipo «oh! ah!».

Os países na orla da cortina de ferro conhecem um período de inexplicável agitação; surgem problemas numa colónia; a América fez uma nova declaração sobre a utilização da bomba de hidrogénio. Todos esses acontecimentos só terão direito a um lugar de relevo caso possam ser «personalizados», num tratamento semelhante ao que é dado à história do pároco excêntrico de Halifax. Quando tal não é o caso, têm de passar para as páginas interiores, deixando a primeira página para títulos em letras gordas do seguinte teor:

Fizeram-me perder a cabeça, diz o viuvo
Fazia alpinismo de fato de baile
Mary não pôde comparecer no GRANDE DIA
O pároco maluco disse-lhes
O gato assistiu à conferência
Três padres de guarda à caixa das esmolas
Vai para o trabalho de patins
Passei tormentos

Como se este tipo de apresentação personalizada não bastasse, os jornais populares utilizam ainda um outro tipo de tratamento a que quereríamos dar o nome de tratamento «duro», do género «deixem-se de asneiras», «não tentem enganar-nos»:

Esses tipos deviam arrumar as botas
Deixem-se disso, rapazes
Acabem com esses regulamentos estúpidos
Demita-se, Sr. Thompson
Maridos, não sejam parvos
Estão prontos, rapazes.

Os apologistas deste tipo de jornalismo chamam-lhe jornalismo «humorístico» e «atrevido». Mas é o humor e o atrevimento do garoto que diverte os seus camaradas fazendo caretas ao polícia, de longe e quando ele está de costas.

O corolário da «personalização» bem sucedida é uma simplificação constante e considerável. O leitor tem de se identificar com o sonho que lhe é apresentado, e essa identificação só é possível se não tiver de fazer esforços para meditar no peso de uma palavra, compreender uma frase ou seguir uma estrutura sintáctica um pouco mais complicada. Uma vez que uma estrutura sintáctica complicada é indispensável para a tentativa de expressão de assuntos complexos, os dramas pessoais expostos na linguagem simples do dia a dia são emocional e intelectualmente rudimentares. Dessa maneira o «leitor médio» (que é para o jornalista que ambiciona grandes tiragens uma figura hipotética, unicamente capaz de três ou quatro reacções básicas muito primárias) nunca se sente descoroçoado.

As revistas inventaram uma nova variante dos antigos contos, os «contos muito curtos» ou «contos num minuto», que se caracterizam não só por essa brevidade, mas sobretudo pela simplicidade extrema e muito hábil do estilo. Uma vez que a leitura tem de fluir, não há nada a que o leitor possa agarrar-se e o mundo que os contos se propõem criar é completamente irreal. Se lermos sucessivamente vinte ou trinta contos desses, ficamos com a nítida sensação de que se passam num mundo oco de personagens fantoches, acabando todos da mesma maneira por um fim inesperado e fraudulento.

A imprensa de massas tende assim para a simplificação e abreviação máximas das linhas de escrita, reinando nas suas páginas a imagem como senhora cada vez mais absoluta. As bandas desenhadas alastram como uma doença de pele; deixaram de estar confina-

das ao fim da última página, invadiram todas as outras, preenchendo em certos casos uma página completa. Nessas bandas desenhadas a acção acompanha-se de uma explicação verbal; mas os comentários descritivos são reduzidos ao mínimo indispensável, e as necessárias informações são tanto quanto possível comunicadas através do diálogo que sai da boca dos personagens. As razões para tal são provavelmente as mesmas que levam o autor dos romances de cordel a evitar as descrições e generalizações introdutórias entrando logo no diálogo. No diálogo são as pessoas que nos falam; nas descrições temos de nos confrontar directamente com as palavras.

Os livros de bandas desenhadas americanas ou de tipo americano que tão grande venda têm agora no nosso país constituem exemplo muito flagrante deste fenómeno ao seu mais baixo nível; as suas páginas estão repletas de raparigas vampirescas, de grandes seios e coxas largas, que descem da nave espacial que as trouxe de Marte até à Terra, e de namoradas de gangsters lançadas a toda a velocidade em grandes carros americanos. Todos aqueles de entre os meus leitores que estejam familiarizados com a leitura preferida dos soldados e que tenham constatado já a popularidade que as bandas desenhadas americanas e inglesas alcançaram no nosso país (à falta de melhor as bandas desenhadas para rapazes, menos picantes, vão também servindo de distração) compreender-me-ão bem neste ponto. O processo continua, atingindo sobretudo um número substancial de adolescentes; é sintomático da aceitação passiva e meramente visual de uma péssima arte de massas, adaptada a uma idade mental muito baixa.

Podemos afirmar, sem perigo de cometermos uma injustiça, que estamos numa época de «opinionismo»; poucas pessoas se dão ao trabalho de tentar compreender os problemas a fundo, mas quase todas estão convencidas de que as opiniões que professam relativamente a todos os assuntos de carácter geral devem ser

ouvidas, e que todos os problemas são ou devem ser susceptíveis de uma explicação simples até para inteligências preguiçosas e incultas. O principal é estar em dia com o que se passa; saber o que disse o Sr. Krutchev, ou o que Tito fez hoje. É um tipo de pessoas que cada vez abunda mais, esse a que o Levin de Tolstoi se referia já, caracterizando-o na seguinte frase: «Porque é que a partilha da Polónia o interessa tanto?... não o sabe. Interessa-lhe só porque é o acontecimento do dia». O «opiniosismo» é um mal que não atinge porém com muita força as classes proletárias, talvez porque estas se desinteressam geralmente dos problemas de carácter geral. Os interesses que os caracterizam e a influência das forças que os pressionam levam-nos porém a sucumbir aos encantos da «fragmentação», que se manifesta sob a forma de uma dieta constante de factos isolados e insignificantes, apresentados como interessantes por serem «factos humanos». Caracterizam-se também pela fragmentação de certos programas de rádio (que proliferaram depois da guerra); distribuem ao público fragmentos isolados de informação, mas o seu principal interesse reside na apresentação desconexa e aparentemente feita ao acaso de personagens célebres, que se exibem numa sucessão espasmódica. A maioria desses programas constituem variantes dos jogos em que são exibidas personagens célebres, que discutem entre si sem qualquer objectivo que não o da própria discussão («pelo menos foi interessante»).

Como se depreende do que acabo de expor, o público está a perder gradualmente o fôlego para a leitura, e a que lhe é hoje em dia proposta não utiliza palavras de mais de duas ou três sílabas, nem frases de mais de sete palavras. O processo não é novo; a maior parte das revistas fragmentárias começaram a ser publicadas há mais de quarenta ou menos de sessenta anos atrás. Cada uma dessas revistas e jornais cultivava determinado estilo: um é o jornal da família, outro o das competições, outros ainda são especializados nos acontecimen-

tos invulgares de ordem histórica, geográfica ou antropológica; outro é constituído quase unicamente por imagens. Caracterizam-se todos pelo mau conceito em que parecem ter as capacidades intelectuais dos seus leitores. Todos procedem a uma mastigação prévia dos assuntos que versam, para depois os apresentarem de uma forma que não possa maçar ou cansar ninguém, que não suscite qualquer esforço de correlação ou comparação. Têm de poder ser lidos com a maior das facilidades, como que em roda livre. Não podem incluir longas sequências correlacionadas; tudo é interessante, tão interessante como o que se lhe segue, desde que seja curto, desconexo e excitante. Chovem as anedotas indiferenciadas: em Bolton (Lancashire) nasceu uma galinha com duas cabeças, suicidou-se um político, uma mãe de Edmonton (Alberta, Canadá) teve pela terceira vez três gémeos, os estranhos hábitos dos lémures, em Sunderland um ciclista levantou vôo na estrada com a força do vento. Ninguém lê esses jornais; «dá-se uma vista de olhos» ao jornal.

Os publicitários copiam e intensificam tais processos:

«Não é possível reter a atenção do leitor por mais de um minuto de cada vez. É preciso que, nesse minuto, o leitor apanhe tudo aquilo que você lhe quer dizer. Programe o seu anúncio de tal modo que os olhos do leitor o percorram na direcção desejada, sem esbarrar em nada pelo caminho. Utilize apenas pequenos grupos de letras e de palavras. O leitor não pode abranger mais do que cinco ou seis numa olhadela rápida. Textos mais longos desagradar-lhe-ão, e o seu anúncio não será lido».

Sempre que se torna indispensável empregar uma palavra de mais de três sílabas os jornalistas põem um asterisco, seguido de uma explicação «companheirona», do estilo «o que quer dizer na nossa linguagem, amigos».

«Curto, desconexo e excitante»; a terceira qualidade deriva das outras duas. Numa dieta que consiste uni-

camente em aperitivos, cada um dos elementos constituintes tem de ser pelo menos tão gostoso e apimentado como o que o precedeu. Essa procura da sensação forte é hoje em dia levada a um exagero até agora nunca visto. *Sweeney Todd* e *Maria Marten* eram obras literárias de sensação, que comentavam assuntos realmente sensacionais, conseguindo portanto manter a sua popularidade durante longos anos. Hoje em dia torna-se necessário inventar todos os dias assuntos sensacionais. É por isso que é preciso exagerar, para fazer passar por sensacionais coisas que não têm na realidade interesse nenhum; para que o ínfimo pareça imenso, tem de ser considerado de um ângulo exagerado e distorcido. Fotografam-se os ratos de baixo, afirmando-se depois que a sombra que projectam é um horror genuíno. Esse tipo de horror está mais longe do de *Maria Marten* do que este melodrama o está de *Macbeth*.

Quando os indivíduos que ganham a sua vida pelos processos descritos neste capítulo são atacados, a sua defesa constitui confirmação muito significativa da análise que atrás efectuámos das concepções que informam os seus esforços. Erguem-se contra o seu oponente num acesso de fúria auto-justificativa, utilizando o tipo de argumento ao qual sabem ser o seu público sensível (pouco lhes interessando o facto de esses argumentos constituírem ou não resposta adequada às críticas que lhes são dirigidas). Acusam os seus acusadores de serem «reaccionários» e «repressivos»; ousaram afirmar que a liberdade só por si não chega. Acusam-nos ainda de «snobismo»; disseram talvez que os homens não são todos naturalmente bons. Sempre que tal lhes possa ser útil, citam a idade do oponente, «o Sr. B., de setenta e dois anos de idade», ou «o Sr. C., de sessenta e cinco anos de idade»; a democracia é jovem e atirada para a frente; é evidente que esses atacantes são velhos e obscurantistas. Censuram ainda os seus acusadores por serem peneirentos, por «terem a mania

que são mais espertos do que os outros», por «hipocrisia». O raciocínio parece ser o seguinte: (1) A liberdade é o único valor; (2) Ter um espírito aberto é pois a única qualidade indispensável; mas (3) Essas pessoas sugeriram que a liberdade pode ser mal utilizada; assumiram uma posição moral; portanto (4) Devem ser hipócritas; estão a esconder alguma coisa; querem a liberdade para si próprios, mas não para as outras pessoas. É este o reverso da medalha em cuja face se inscreve a palavra «sinceridade». Todo aquele que é a favor da liberdade total, não advogando porém qualquer finalidade para a utilização dessa liberdade, é digno de elogio, pois a sua ignorância é «pelo menos sincera». Mas aquele que se atreva a sugerir uma regra atrairá sobre a própria cabeça os maiores opróbrios, pois cometeu o pior pecado da lista, o de «hipocrisia». Os acusados fazem a sua defesa no costumado estilo familiar, num tom de franqueza, «falando de homem para homem» (ao fim e ao cabo, a nossa melhor defesa é o facto de vocês nos lerem, pois o grande público inglês recusar-se-ia certamente a ler coisas viciosas e corruptas). O triunfo final consiste numa variante do «não interessa o que se faz, mas sim a maneira como é feito». Num mundo de liberdade ilimitada, não interessa o que se faz, mas sim que isso seja feito com estilo. O que é essencial é não maçar ninguém. «Fazemos tudo para não maçar»; evitamos o estilo «pomposo», tentamos sempre «divertir». Princípios muito louváveis, caso se não exercessem sobre as publicações de massas as pressões que atrás mencionámos, e caso outros princípios mais importantes não fossem relegados. O que na realidade se verifica nessas publicações é que todos os processos de divertir o público são considerados válidos. «Vale tudo para fazer rir»; não interessa que tenhamos de distorcer a história, que brinquemos com as palavras e as emoções: pelo menos não fomos maçadores; não nos podem acusar desse pecado.

Elaborei, com base na frequência com que são empregados nos artigos de fundo dos jornais populares, uma lista de epítetos que nos elucidam quanto às principais virtudes e vícios do novo cânone. No que se refere aos vícios, temos:

«farisaico; tímido; tedioso, equívoco; snob; fingido; palavrinhas doces; convencional; hipócrita; pesado; pomposo; impostor; solene; e, como é óbvio, maçador».

São pois estes os catorze Pecados Mortais — todos eles muito semelhantes — do velho «grupo». Vejamos agora as virtudes:

«novo; diferente; não ortodoxo; franco; atrevido; de falas francas; atirado para a frente; vivo; vigoroso; picante; animado; alegre; saudável; empreendedor; irrequieto; impetuoso; «riso de garoto»; cândido; audacioso; fresco; sincero».

São as virtudes recomendadas pelo código do adolescente-em-oposição-aos-professores, os modos rudes e directos do rapaz de escola.

CAPITULO VII

CONVITE PARA O PAÍS DA FANTASIA: A NOVA ARTE DE MASSAS

Pois uma multidão de causas que não existiam em tempos mais antigos agem agora com força combinada no sentido de embotar os poderes de discriminação da inteligência, incapacitando-a para todo o esforço voluntário e reduzindo-a a um estado de torpor quase selvagem.

(Wordsworth)

Muitas pessoas tentarão dar às massas, como lhes chamam, um alimento intelectual preparado e adaptado da forma que se lhes afigura mais conveniente.

(Arnold)

A1 — o dia em que li um livro!

Qualquer dia — hei-de ler outro.

(Uma canção
do Sr. «Schnozzle» Durante).

Sim, havemos de os pôr a trabalhar, mas nas horas de lazer havemos de lhes facultar uma vida semelhante

a um jogo de crianças... Havemos mesmo de os deixar pecar, porque são fracos e incapazes, e não-de nos amar como crianças porque os deixamos pecar. Dir-lhes-emos que todos os pecados serão perdoados desde que sejam cometidos com a nossa autorização, e deixá-los-emos pecar porque os amamos... e não terão segredos para nós... Não-de nos contar os segredos mais íntimos das suas consciências, e teremos resposta para tudo. E não-de acreditar com satisfação na nossa resposta, que lhes poupa a grande ansiedade e a terrível agonia que experimentam agora cada vez que têm de tomar sôzinhos uma decisão livre.

(*Dostoievsky*)

A. OS PRODUTORES

«Atribuo o meu êxito ao facto de dar às pessoas aquilo que as pessoas querem. Não sou snob».

(*Um compositor em voga*)

Quando nos propomos analisar a extraordinária eficiência da literatura ligeira moderna, temos tendência para incorrer em dois erros de ênfase. O primeiro consiste em circunscrever a nossa análise a umas escassas dúzias de autores, aqueles cujos nomes são geralmente contrapostos aos dos poucos autores contemporâneos sérios (contentar-nos-emos com este qualificativo à falta de outro melhor) mencionado com maior frequência nas revistas literárias. O segundo erro consiste em partir do princípio de que a atitude desses autores para com a sua obra é integralmente comercial e cínica.

Os autores de literatura ligeira de massas, essas máquinas de produção literária, são figuras fascinantes e impressionantes. Estamos a ver as secretárias e as estenógrafas, os gravadores, os «escrevinhadores» desconhecidos que contratam para lhes escreverem os li-

vros, o aparelho comercial de difusão dessas obras, o «proibida a reprodução parcial ou total», toda essa fábrica de sonhos complexa e eficiente que montaram algures numa grande casa antiga situada nas províncias quentes do Sul dos Estados Unidos, e donde enviam para os semanários, o mercado americano e todas as províncias de língua inglesa a última fantasia ou crítica lisonjeira do Mestre.

Por muito bem montadas que estejam essas e outras organizações semelhantes, não lhes pode porém ser atribuída *toda* a literatura ligeira, cujo volume é vastíssimo. Em Inglaterra são publicados cerca de dezoito mil livros por ano, e grande parte deles são romances de literatura ligeira, para não falarmos já das brochuras publicadas incessantemente por casas editoras desconhecidas, com as quais deparamos a cada passo nas portas das tabacarias, nos quiosques e nos «stands» de revistas das estações de caminho de ferro. Estas são obra de autores que talvez, sob vários pseudónimos, escrevem entre quatro e doze livros por ano, sendo geralmente pagos à tarefa, tanto por cada mil palavras. O mercado parece ser muito competitivo, e para serem bem sucedidos — isto é, para ganharem bem a vida, sem se tornarem necessariamente figuras célebres — esses autores têm de ter uma noção muito exacta daquilo que o público quer. Por exemplo, um deles diz-nos que respeita sempre duas regras nas suas obras: a primeira consiste em evitar as «descrições aborrecidas» (suponho que toda a descrição de mais de duas linhas será aborrecida) e a segunda em pôr sempre diálogo logo na primeira página. Aqueles que sabem dar ao público aquilo que ele quer têm a vida assegurada; e essa forma de ganhar a vida pode processar-se num anonimato quase total:

«Nas nações democráticas o escritor pode ganhar com facilidade uma grande fortuna e uma reputação duvidosa. Para tal não é necessário que o admirem: basta que gostem das suas obras. A multidão crescente dos leitores e a constante ânsia de novidade que esses

leitores patenteiam, assegura a venda de livros que ninguém admira».

Ninguém os admira, mas «admirar» é um verbo que se refere a valores; o que torna esses livros vendáveis é o facto de os leitores gostarem deles, como muito bem o diz Tocqueville.

Esses autores são competentes, e sem dúvida que se propõem nas suas obras o objectivo consciente de dar ao público aquilo que o público quer. Não podemos considerar porém que medem conscientemente os ingredientes de que se servem, misturando-os em determinadas proporções, pois tal equivaleria a atribuir-lhes um quociente de capacidade intelectual muito superior ao que na realidade caracteriza a maioria. Depois de lermos um certo número de romances de cordel temos de nos render à evidência de que o mundo que descrevem não foi deliberadamente concebido a partir do exterior. Obras como essas, de estilo tão consistente e caracterizadas por um tal conhecimento daquilo que o leitor quer, não são construções intelectuais, como no-lo prova a craveira intelectual dos seus autores, tal qual eles no-la revelam nos seus livros. Essas obras são produzidas por pessoas dotadas de determinadas qualidades em grau superior àquele que caracteriza os seus leitores, mas que partilham da mesma ética. «Toda a cultura vive no interior do seu próprio sonho»; e esses autores vivem o sonho da sua cultura. Publicam grande número de livros todos os anos, porque não passam pelas fases evolutivas que os escritores sérios atravessam, as quais se traduzem em mudanças de estilo; os autores em questão escrevem porém de maneira semi-automática. Esta afirmação aplica-se igualmente a muitos jornalistas da imprensa de massas. As biografias desse tipo de jornalista insistem sempre na importância do «conhecimento instintivo dos gostos do público», da «fé em si mesmo» e de «uma total sinceridade». Falar de «sinceridade» não tem porém mais significado do que falar de «cinismo». O indivíduo em questão pode não ser um manipulador

consciente da opinião pública, sem que por isso deixe de olhar às suas conveniências. Quando lemos uma obra de literatura ligeira, detectamos a nível consciente por vezes um cinismo descarado, por vezes uma fé ardente na missão de servir «o povo», de ser a voz do povo. Mas na generalidade dos casos, essas obras caracterizam-se por uma mistura ilógica mas provavelmente muito apreciada de ambas as referidas atitudes. A publicidade da capa do *Lord Northcliffe* de A. P. Ryan diz-nos de Northcliffe que este era «uma estranha mistura de zelo e astúcia, de sinceridade e de cinismo».

Tão pouco podemos afirmar que a maneira de cantar dos cantores mais populares não é sincera. A divisa de Betty Driver é: «Temos todos uma canção no coração». Vera Lynn sabe muito bem quais os elementos a que tem de recorrer para obter os efeitos que pretende — emoções simples mas poderosas, complicadas alternâncias de ênfase, o extraordinário controlo dos sons das vogais — transmitindo assim a emoção.

É o que agrada ao público, pois essas canções evocam um mundo imaginário bem conhecido. É também esse o mundo imaginário em que a Miss Lynn habita quando canta. Os autores da publicidade que consta das capas dos seus discos não estarão muito longe do tom exacto quando nos falam da «sinceridade gritante da sua voz famosa»: como o disse já alguém, canta como toda a rapariga operária gostaria de cantar.

Por detrás do exagero fácil da seguinte passagem oculta-se uma verdade semelhante:

«Assisti uma vez à elaboração do cenário de um filme da série *Old Mother Riley*: e posso garantir a todos aqueles que acusam de comercialismo cínico essa série de grande êxito que o ambiente da sala era de euforia criadora. Os homens de negócios ali reunidos choravam a rir quando tentavam decidir quantas vezes *Old Mother Riley* havia de cair pela escada ou na água.»

É provável que a maior parte dos autores desta literatura de ficção, escrevam eles para que público escrevam, vivam nos mesmos mundos fictícios dos seus leitores. Se são autores e não apenas leitores, é porque conseguem dar corpo a essas ficções, concretizando-as em histórias e personagens, e porque dominam fluentemente a linguagem. Não têm para com ela a atitude do escritor original, que tenta moldar as palavras em formas a que imprime o selo da sua experiência; é uma fluência que se aproxima muito do estilo do «aldrabão de feira», o domínio de alguns milhares de frases convencionais que lhes servem para pôr em cena as suas figuras no palco convencional da imaginação dos seus leitores. Transpõem em palavras e intensificam os devaneios dos seus leitores, muitas vezes com uma perícia técnica notável. A sua relação com os leitores é, como vimos já, mais directa do que a do autor original. Não criam um objecto-em-si; pintam o que se esconde por detrás dos devaneios dos seus leitores, mas não conseguem torná-lo real, por falta de talento criador. Sei de uma rapariga da província que aos vinte e um anos tinha já escrito quase uma dúzia de livros. Escrevera o primeiro aos quinze anos, os outros «escreviam-se por si», como ela dizia. Uma outra autora tinha escrito centenas de romances policiais. Vivia com o marido uma vida muito pacata, num subúrbio de Londres. Quando lhe perguntavam como é que fazia para escrever os seus livros, respondia: «Sentto-me em frente da máquina e invento». Dizia também que a sua maior ambição era escrever «uma obra séria, espiritual, que permaneça — uma obra com espinha dorsal».

Certos críticos sociais são tentados a ver nessas obras de literatura ligeira, de modo particular nas suas formas contemporâneas mais evoluídas, uma espécie de «complot» das «autoridades», uma maneira inteligente de drogar as classes proletárias. Muitos daqueles que trabalham neste campo — com «sinceridade», etc. etc. — são originários das classes trabalhadoras, produtos

do sistema das bolsas de estudo, rapazes espertos e desembaraçados que «subiram na vida» porque tinham esse dom da palavra fácil, e que conhecem o seu público como só se podem conhecer as pessoas com quem vivemos na nossa infância. Se há «complot», é sem dúvida uma manobra extremamente hábil: «Eles» conseguiram convencer facilmente alguns dos homens mais inteligentes das classes trabalhadoras a assumir a chefia de um movimento de debilitação da sua classe de origem — em parte por dinheiro, em parte por razões mais louváveis, mas mal conhecidas. Quando escrevem as suas memórias esses rapazes dizem sempre que «são do povo — choram e riem com ele — são pessoas vulgares como as outras — têm a impressão de que estão a escrever uma carta à família».

A ironia inconsciente contida nestas palavras é insuportável, sobretudo quando nos lembramos das grandes organizações comerciais para quem esses homens trabalham e cuja existência procuram assim justificar. Esse estilo parece-nos por vezes sincero e entusiasta, quase nos fazendo esquecer os lugares-comuns que o constelam — desde que o não comparemos com o estilo prosaico e realista dos membros das classes trabalhadoras que aqui há cinquenta anos atrás falavam ao povo das aspirações desse mesmo povo.

B. EXEMPLOS DESTES PROCESSOS: (i) OS SEMANARIOS DIRIGIDOS AS FAMILIAS

Desmentiram os educadores e os cidadãos sérios, que estavam convencidos de que uma democracia alfabetizada teria gostos sóbrios.

(A. P. Ryan)

Disse já que o processo pelo qual os jornais de grande tiragem vão cada vez mais longe nos seus esforços para aliciar e conservar o seu público, recorrendo

a todos os meios para alcançarem os seus fins, é uma consequência por um lado de pressões comerciais, e por outro do facto de leitores e autores aceitarem os mesmos valores. A concorrência é suficientemente feroz para que os jornais e revistas dirigidas ao povo, tal como os romances de cordel, não possam adoptar um estilo uniforme. Algumas dessas publicações subsistem sem alterações de maior, mas a maioria dos editores têm de manter uma luta sem tréguas para não ficarem muito atrás da meia-dúzia de casas principais do género. Esta ou aquela revista passa à frente das outras por um mês, porque houve um espertalhão que descobriu uma nova forma de dirigir ao público os mesmos apelos antigos; mas os editores nunca podem descansar, pois se não descobrirem outra coisa nova, os seus rivais copiar-lhes-ão a inovação, acrescentando-lhe ainda algo de novo. A dança continua, sendo oferecidas ao público subtilidades sempre novas e cada vez mais estranhas: hoje em dia temos muito mais do que «a imprensa que merecemos». Pois o processo alimenta-se de si mesmo. Parece-me inegável o facto de os nossos jornais de grande tiragem terem piorado mais nos últimos quinze ou vinte anos do que nos cinquenta anos anteriores; pois nestes últimos vinte anos têm desprezado ou minado com mais eficiência do que nos cinquenta anos anteriores da sua existência, que vai geralmente em cerca de setenta anos, atitudes que eram muito valiosas. Seis anos de guerra contribuíram indubitavelmente para acelerar o processo. Quando a guerra acabou, todos os jornais de grande tiragem compreenderam que as tréguas artificiais tinham acabado também. Os mais ambiciosos tinham entretanto delineado a sua estratégia e tomado disposições para uma luta intensa — que resultaria na distribuição de quase todo o público leitor de Inglaterra por alguns grandes potentados. O período do serviço militar continua a ser favorável à intensificação desse processo generalizado: os soldados, que se aborrecem, mas que são incapazes, salvo raras excepções,

de se dedicarem por si a actividades criadoras, são um terreno ideal para as vendas e para a criação de hábitos que condicionarão as suas leituras futuras.

Poderíamos estudar essas mudanças de muitas maneiras diferentes. Por exemplo, procedendo a uma análise comparativa do estilo e do espírito dos números do *News of the World* de há cem anos atrás e dos de qualquer dos jornais de domingo dos nossos dias. O *News of the World* é de resto, que eu saiba, o único jornal que conseguiu continuar a ser lido por todas as classes (um em cada dois adultos deste país lê este jornal), mantendo-se igual a si mesmo. Há algumas mudanças, de modo particular no estilo dos desenhos e das fotografias, mas de uma maneira geral a receita é a mesma, e hoje em dia muitas pessoas sentem-se atraídas pelo facto de o jornal ser uma espécie de monumento de uma época. Podíamos ainda comparar os dois estilos de jornais que exploram o sexo: os que o fazem directamente, e os que assumem uma atitude pseudo-moralista. Estes últimos, que são hoje em dia os mais correntes, apresentam os estímulos sexuais, mas sempre com o acompanhamento de um comentário «moral» — «Não deviam ter publicado esta história (que é depois apresentada na íntegra, com fotografias). Sabemos que todos os cidadãos honestos reprovam, tal como nós, os hábitos de certos jornais: o do Domingo resolveu dar a conhecer este mal aos seus leitores, para elucidação de todos os cidadãos respeitáveis. O primeiro dos relatos ilustrados e completos desta abominável exploração do vício será publicado na próxima semana. Encomende hoje o seu exemplar.» Esta atitude pseudo-moralista costuma ser adoptada por jornais que se não dirigem directamente às classes trabalhadoras. O hábito tem porém tendência a divulgar-se, e tem sido adoptado por alguns dos jornais de domingo mais modernos, de modo particular por aqueles que parecem pouco definidos, e que têm portanto mais tendência para adoptar novos estilos e maneiras.

Poderíamos ainda analisar as diferentes orientações que têm sido imprimidas ao longo destes últimos anos a alguns semanários ilustrados, se bem que essas revistas não sejam muito do agrado dos membros das classes trabalhadoras, pelo que nos não merecerão uma atenção especial. A orientação imprimida a essas revistas tem sofrido alterações frequentes, verificando-se ora um decréscimo de interesse pelos temas sociais, a menos que se depare a ocasião de escrever um artigo de sensação sobre um «mal social», ora uma tentativa de aproximação da orientação inicial da revista.

Poderíamos ainda analisar a evolução de alguns jornais diários, de modo particular a que se tem verificado nestes últimos dez anos. O processo no decurso do qual as novas revistas femininas de apresentação mais cuidada têm vindo a captar às revistas antigas mais modestas atrás mencionadas o seu público proletário, constitui um outro exemplo da mesma tendência geral. As novas revistas têm mais êxito junto das mulheres mais novas das classes trabalhadoras, que se julgam mais «modernas» do que as mães, e pretendem continuar a sê-lo. O processo de captação adoptado consiste geralmente em sugerir às classes trabalhadoras que a sua vida pode ser tão «aconchegada» como a vida das classes médias: «Podem fazer-se maravilhas com um bocado de cretonne»; «Como eu arranjei o meu quarto, pela Sra.....»; «Uma nova maneira de escrever cartões de Boas-Festas»; «Quando não está a filmar ela vive num apartamento espaçoso, mas modesto, em Kensington. Anda com uma toalha atada à cintura para fazer os trabalhos de casa — não tem avental.» As revistas mais antigas tentam fazer concorrência às novas, publicando biografias ilustradas das estrelas de cinema mais conhecidas.

A natureza destas mudanças manifesta-se de forma mais evidente ainda na evolução das fotografias de *pin-ups* em Inglaterra nestes últimos quinze anos. As *pin-ups* decoravam outrora obrigatoriamente as casernas e as cabines dos camiões; hoje em dia porém inva-

dem-nos de todos os lados. Esse tipo de fotografia é a característica visual mais marcante da arte de massas dos meados do século XX; somos uma democracia onde as massas trabalhadoras trocavam o direito à vida por uma pratada de *pin-ups*. As *pin-ups* antigas eram bastante simples, consistindo numa fotografia vulgar das pernas de uma rapariga ou de uma rapariga em fato de banho; encontramos ainda fotografias desse tipo nos jornais e revistas mais antiquados. Hoje em dia a maior parte das revistas consideram porém fotografias como essas demasiado ingénuas para serem publicadas; chegámos já à fase das *pin-ups* em tecnicolor e a três dimensões. Todos os fotógrafos que trabalham na produção de fotografias de *pin-ups* sabem que têm de se aproximar o mais possível do limite extremo do que é permitido pelas leis da decência, produzindo fotografias dotadas daquele tipo de sugestão que fica fora do âmbito dessas leis, pois não depende da superfície de corpo exposta, mas sim de sugestões, tais como a posição de uma perna ou a inclinação de um ombro, ou ainda a justaposição do modelo a qualquer objecto que seria só por si inócuo. O fotógrafo deita-se de costas no chão e tira uma fotografia de baixo para cima, ou debruça-se por cima do ombro esquerdo da rapariga; esta sobe uma escada, espreita pela porta de um quarto ou agarra numa vela com um olhar maroto. A pose é interessante porque revela o sulco entre os seios até muito mais abaixo do que é costume; a rapariga veste um fato de banho que deixa transparecer o sulco entre as nádegas, e a fotografia é tirada de modo a acentuar esse pormenor. É preciso dar todas as semanas ao leitor uma coisa «melhor», e «melhor» do que aquilo que as publicações rivais lhe oferecem; a fotografia tirada de lado, que mostra a saliência dos bicos dos seios por debaixo de um tecido opaco, ou o fato de nylon transparente, sob o qual se vê a sombra escura da auréola dos seios (o nylon foi uma grande invenção para

os fotografos de *pin-ups* — «Podem fazer-se maravilhas com um bocado de nylon»).

A profissão destes indivíduos que têm de fornecer aos jornais e revistas «modernos» a série de fotografias de *pin-ups* em tamanho grande de que estes necessitam todas as semanas deve ser extraordinariamente cansativa; cansativa para o fotógrafo, que tem de tirar mais de uma dúzia de fotografias até conseguir que uma delas seja suficientemente boa para uma capa de revista; cansativa para as dezenas de modelos e de coristas curvilíneas que ganham algum dinheiro extra e uma certa publicidade passando frio durante algumas horas todas as semanas, em posições do arca-da-velha. Às vezes aparece também uma ou outra fotografia de um *pin-up* do sexo masculino para as senhoras, mas as revistas com mais êxito não caem geralmente nesse atraso biológico. Além disso é preciso inventar para todas as fotografias uma legenda sugestiva, que consiste geralmente numa aliteração ou num trocadilho banais e supostamente «atrevidos»: «Curvaceous Cutie», «Sauce for the Sailors», «Bikini Bombshell» ou «Atomic Armful».¹ Os autores dessas legendas devem incorrer no perigo de ficar com tiques aliterativos.

Temos ainda as revistas só de *pin-ups*, tais como o novo grupo de pequenas revistas ilustradas mensais que se vendem por alguns escudos o exemplar e que estão recheadas de fotografias de coristas, actrizes de cinema e modelos. As fotografias são acompanhadas de frases «espirituosas» ou de legendas que nos falam do que se passa no mundo do espectáculo. As fotografias são geralmente mais ousadas do que as que a maioria dos jornais publicam por enquanto, e tanto a qualidade da fotografia, como o papel, são muito superiores aos dos jornais. Essas revistas

¹ «Beleza curvilínea», «Molho à marinheira», «Bomba em bikini», «Perigo atómico». N. T.

incluem também pelo meio uma ou duas historietas cómicas para adolescentes e um ou dois contos.

Qualquer das mudanças que acabo de referir merece uma análise mais aprofundada. Afigura-se-me porém mais útil, dados os objectivos que tenho em vista nesta obra, analisar a evolução dos semanários dirigidos às famílias, que me permitirá apresentar exemplos das pressões que as novas revistas têm exercido sobre as antigas, e da maneira como estas têm reagido a essas pressões. Algumas das revistas antigas não foram ainda radicalmente alteradas, mas nenhuma conseguiu evitar algumas mudanças no sentido da conformação às novas tendências, por exemplo, passando a publicar fotografias de *pin-ups* ou bandas desenhadas, ou ainda reduzindo o número das rubricas dedicadas às coisas de casa e introduzindo em vez delas outras de novo tipo, em que nos falam da vida particular de pessoas famosas ou nos descrevem com relevo injustificado pormenores da vida quotidiana de indivíduos comuns. A maioria das revistas sofreram nestes últimos anos uma renovação. Uma delas, por exemplo, continua a apresentar-se como uma revista decente, dirigida às famílias, mas teve de procurar novas formas de colonização, e passou portanto a anunciar-se como a mais «caseira» de todas as revistas baratas. Outra propôs-se talvez atrair as pessoas com alguma curiosidade intelectual, pelo que resolveu passar a dirigir-se de preferência aos membros da baixa classe média ou da classe média, e não das classes trabalhadoras.

A maioria das revistas deste tipo manifestam uma preferência notável pelas informações soltas. Encontramos dispersas por toda a revista pequenas rubricas de curiosidades, encimadas por um título a letra grossa:

Pagou 400 libras por um gelado.

A lagarta que estava no topo saltou.

Pôs-se a olhar para as pequenas — e perdeu o sobretudo.

É o descontrolo total da informação. No entanto, essas informações soltas, de modo particular quando

se referem a curiosidades da história, da geografia ou da literatura, como é o caso de algumas dessas revistas, são um vestígio de algo de valioso. Se bem que as notícias em si não tenham muitas vezes qualquer interesse ou significado, eram inseridas para satisfazer a sede de conhecimento do público. Não podemos fazer troça de algo que pode equivaler a um esboço de curiosidade intelectual genuína, por muito ingenuamente que essa curiosidade se tenha exprimido. Para as classes proletárias dos princípios do século, que começavam a ter acesso à instrução, tais rubricas eram uma porta aberta para um mundo fascinante de informações interessantes. Essa atitude é o esboço de uma outra mais elevada, o amor ao conhecimento puro. Quando se exprime porém exclusivamente no tipo de informação atrás referido, a sede de conhecimentos tende a degenerar numa curiosidade mesquinha que se atravessará no caminho do verdadeiro conhecimento. A. P. Ryan diz algo de semelhante ao que acabo de afirmar na sua análise da evolução das antigas revistas dirigidas às famílias:

«A característica mais marcante da primitiva (revista X) ... é que uma grande parte da publicação trata, ainda que sob a forma de bisbilhotices, de assuntos e de pessoas sérios. A quebra com a antiga cultura foi um processo gradual...»

A maioria das graças que encontramos nessas antigas revistas dirigidas às famílias inspiram-se na tradição dos bilhetes postais ilustrados; as figuras principais são o escocês avarento, a sogra gorda, o bêbado divertido, e os namorados que se demoram até tarde na sala de estar e que são surpreendidos pelo pai, que vem já de pijama e diz uma graça que os deixa enfiados. De uma maneira geral, essas revistas tomam o partido do pai; parecem dirigir-se a um público constituído pelos pais e pelas mães de família das classes trabalhadoras com mais de trinta anos de idade. Organizam geralmente concursos, dedicados aos homens, que participam todas as semanas em numerosos concur-

sos de revistas e jornais. Incluem igualmente rubricas dirigidas aos outros membros da família.

De uma maneira geral, a letra e o formato das revistas em causa quase não mudaram ao longo de várias décadas. Contém geralmente uma página de cartas ao editor; o tema dessas cartas tanto pode ser os animais domésticos nas casas económicas, como saber se as crianças podem fazer permanentes ou o problema dos «rufias» (toda essa história da psicologia é um disparate, deviam era apanhar uma sova). Por vezes incluem uma página de anedotas ilustradas, composta por uma série de quadradinhos com duas ou três linhas de texto em baixo. O estilo das gravuras que ilustram os contos é geralmente simplório e familiar. Os contos são pequenas histórias simples de gente simples, parecidos com os contos das antigas revistas femininas. Encontramos ainda nessas revistas a publicidade do costume e os anúncios ilustrados das encomendas pelo correio — instrumentos musicais, cobertores e binóculos da tropa, e utensílios domésticos. A maioria dos anúncios são feitos de forma tradicional: os joalheiros anunciam «o anel dos seus sonhos»; podem encomendar-se cintas pelo correio ou carpetes de tear que vêm directamente da fábrica; são anunciadas dúzias de remédios de fabrico particular; os livros de casas editoras pouco conhecidas — livros sobre a medicina caseira, o curso da história ou uma enciclopédia infantil — são anunciados como muito baratos e muito completos; as organizações de venda de fatos a prestações pedem pessoas que desejem dedicar-se nos tempos livres a um trabalho rendoso, um trabalho «interessante e rico em contactos humanos». As revistas proporcionam ainda aos seus leitores toda a espécie de conselhos, geralmente muito sensatos, sobre problemas do dia-a-dia.

A maioria destas revistas tem porém consciência de que se não podem tornar excessivamente antiquadas, incorrendo assim no risco de perderem o seu público. Tentam portanto introduzir novidades, que coexistem com as rubricas antigas. Publicam fotografias de *pin-*

-ups, por vezes até na capa. As antigas bandas desenhadas acrescentam-se outras novas, que falam de crimes, de carros rápidos, de aventuras em naves espaciais, e cujos heróis são uma loira fabulosa e um detective duro ou um astronauta; o estilo dos desenhos é também diferente, copiado do das bandas desenhadas americanas, e difere tanto do estilo dos desenhos das velhas bandas inglesas como um *snack* de uma tasca à moda antiga.

As novidades incluem também rubricas de bisbilhotices do cinema e da rádio, e as últimas notícias da T. V. Em geral é também publicada uma série sensacional em episódios, ou uma biografia. Os gostos do público obrigam a que essas séries não possam durar mais do que um mês, por isso de três em três ou de quatro em quatro semanas as próprias revistas e os cartazes dos quiosques anunciam que vai começar brevemente uma nova história emocionante, «apaixonante e dramática». A sofisticação dessas histórias reside porém unicamente na apresentação visual, e por vezes até essa é só parcialmente sofisticada. Anunciam-se como emocionantes, mas são completamente inofensivas em comparação com os romances de cordel de sexo-e-crime. Procuram no entanto apresentar atractivos modernos. Os cartazes e as gravuras que ilustram os episódios são «verdadeiras fotografias, cenas tiradas da vida». Essas revistas permanecem contudo inalteráveis em espírito, e o público a que se dirigem pode sonhar com pecados iluminados a néon, mas continua a ser constituído por gente simples e provinciana. O cartaz anuncia, digamos, uma nova série ousada, que se intitula *A vida com o meu amor no deserto*; e representa uma corista de Scunthorpe, uma rapariga engraçada e com todo o tipo de inglesa, ostentando porém de modo pouco convincente as calças de seda e os colares de contas das árabes. Abstraindo mesmo da cara, a posição do corpo da rapariga seria qualificada de «muito sexy» pelos frequentadores do Palácio de Variedades de Leeds, não evocando porém de modo algum

a sexualidade instintiva e forte de uma prostituta árabe. A próxima série intitular-se-á talvez *A lei do pagão*, e no cartaz figurará uma linda rapariga perseguida por um bando de selvagens. «Atirem-me aos cães... matem-me», diz ela no cartaz, «mas não conseguem nada de mim.» Selvajaria de trazer por casa! A rapariga tem a mesma cara e o mesmo cabelo arruivado e bem penteado daquela outra que sorri nos padrões de tricots a vinte e cinco tostões. Está-se mesmo a ver que quando a libertarem há-de vestir por cima daquele fato de banho pouco decente, a fingir pele de animal selvagem, a camisola feita à mão que lhe ficou por cinquenta escudos e aquela saia tão à moda que comprou nos saldos do C. & A.

Não nos parece provável que as revistas mais antigas consigam manter essa simplicidade na ousadia. Algumas novidades recentes, na apresentação e nos temas, levam-nos a pensar que essa atitude está em vias de ser suplantada pelo novo estilo, que alguns dos antigos semanários adoptaram já integralmente, imitando as publicações novas. Este tipo de revistas proclama constantemente a sua «modernidade» e «actualidade», procurando atrair as pessoas mais novas. Incluem uma proporção maior de anúncios de técnicas para tornar os rapazes mais fortes ou para os fazer crescer; algumas das rubricas que apresentam — sobre as peripécias do namoro ou dos primeiros tempos da vida de casados — dirigem-se obviamente a leitores de menos de trinta anos. Essas revistas procuram porém quase todas agradar a toda a família. A maioria delas incluem rubricas de moda masculina e feminina, as costumadas previsões do totobola, concursos para os vários gostos, anúncios de produtos que interessam a toda a família, e uma rubrica de conselhos, na qual uma enfermeira responde às cartas dos leitores, resolvendo-lhes os problemas com uma sensatez que não fica atrás da das suas colegas das revistas femininas do tipo antigo.

As novas revistas continuam a dirigir-se às famílias, a um público lato e variado portanto. Dife-

rem pois grandemente das revistas semi-pornográficas dirigidas aos homens. Um em cada quatro ou cinco adultos da população total do país lê hoje em dia uma revista deste tipo; as percentagens de distribuição dos leitores pelas várias classes sociais são muito semelhantes às das revistas antigas, mas o número total de leitores é o dobro ou o triplo do número total de leitores de uma revista antiga. A proporção de leitores de cada uma das classes etárias deve ser também muito semelhante à das revistas antigas; e a proporção de leitoras de todas as idades deve ser tão elevada como e das revistas de velho estilo — ou seja, pouco inferior à de homens. Estas novas revistas dirigidas às famílias fazem uma concorrência feroz às antigas, de quem são simultaneamente as rivais e as sucessoras. Se por vezes nos negamos a admiti-lo, é porque nos repugna que a sucessão caiba a essas recém-vindas de mau gosto.

Matthew Arnold disse já que as publicações dirigidas ao povo se caracterizam sempre por uma dose considerável de «bons instintos», reflexo da maneira de ser dos seus leitores. Estas novas revistas dirigidas às classes populares combinam o sensacionalismo com um radicalismo fácil; assumem uma atitude socialmente progressiva (se bem que vaga) e um tom moralista. Incluem por vezes uma pequena secção religiosa ou um pequeno poema ético em prosa, do género daqueles que encontramos também nas revistas antigas. Disfarçam assim outras tendências menos patentes, mas mais importantes. A moral que professam coaduna-se com as atitudes das classes trabalhadoras; mas sempre que lhes convém negar implicitamente essa moral para fazer rir, negam-na sem hesitação. A única qualidade que é respeitada é o quixotismo, a atitude das pessoas que costumavam ser designadas pela frase de «tudo por uma maçã podre». Os publicitários manejam também de forma muito semelhante os elementos morais.

O texto das revistas de estilo novo é aparentemente muito parecido com o das revistas antigas; é constituído por fragmentos de informação, artigos cur-

tos sobre figuras históricas, Teddy-boys ou curiosidades de muitas terras: e os títulos assemelham-se muito ao que sempre foram. Um exame mais aprofundado demonstra-nos porém que essas revistas, ao adoptarem um novo estilo, reduziram simultaneamente o âmbito do seu mundo. As revistas antigas interessavam-se por tudo o que era curioso e surpreendente; as revistas de novo estilo dão muito mais relevo ao que é só espantoso, no crime, em casos sexuais ou no sobrenatural. Esse interesse pelo sobrenatural é de resto muito antigo, se bem que a maneira como o tema é apresentado seja agora muito diferente. As revistas só falam aos seus leitores de casos da vida quotidiana quando estes possam ser focados do ponto de vista da sexualidade ou de um ângulo aparentemente espantoso. Incluem grande número de fotografias, de modo particular de *pin-ups*. Interessa-lhes mais o espantoso do que o curioso, como o dissemos já; ou antes, o mundo destas revistas é tão limitado, que se parte do princípio de que só o que pode causar espanto — de preferência no crime, no sexo ou no sobrenatural — poderá despertar curiosidade. O que dá como resultado que algumas notícias que nada têm de surpreendente, tenham de ser retocadas para parecerem sensacionais, com um descaramento que ultrapassa o dos próprios jornais:

Gosta de cantar — em pelo.

Milhares de homens lutam por uma mulher.

O mordomo que sovou a duquesa.

Ela gosta — se fôr «quente».

Os jornais de grande tiragem tiveram sempre de parecer engraçados e interessantes. Neste último meio-século o mundo da imprensa tornou-se porém cada vez mais competitivo. E nestes últimos trinta anos a rádio arrebatou aos jornais o monopólio das notícias frescas. Os jornais sérios relatam as notícias que sabemos já resumidamente, comentam-nas ou apresentam-nos material que permite compreendê-las melhor; os jornais dirigidos às massas procuram substitutos sensacionais. Se compararmos uma revista do estilo antigo com uma

das novas revistas, salta-nos à vista essa diferença. As revistas novas pretendem ser «modernas» e vistosas. Têm tendência para utilizar uma variedade muito maior de caracteres tipográficos, tal como o fazem também os artistas publicitários; as anedotas ilustradas (que às vezes têm muita graça, sobretudo quando ultrapassam o âmbito limitado das brigas entre marido e mulher) são de um novo estilo, mais sofisticado. Os títulos dos artigos em vez de serem impressos em caracteres normais, podem aparecer em letra desenhada, para saltarem mais à vista. As novas revistas são inegavelmente muito mais vistosas na aparência e sensacionalistas no tratamento dos temas básicos do que as antigas revistas a que se sucederam; são revistas verdadeiramente modernas, revistas de meados do século.

Parece-me no entanto que só do ponto de vista técnico podem ser consideradas superiores às revistas antigas; atingiram uma maior perícia na descoberta de novas maneiras mais ousadas de apresentar prazeres antigos. O papel das revistas novas está para o das antigas como um cocktail sintético para uma caneca de cerveja fraca. Temos de concluir da comparação dos dois géneros de revista que as formas novas são ainda menos saudáveis do que as antigas. As primeiras poderão interessar-nos principalmente não já por tudo o que é curioso, mas antes pelo limitadamente espantoso, de modo particular pelo sensacionalismo sexual. Esse interesse pelo sexo é além disso meramente visual e imaginário, distorcido portanto. Apresenta-se como um interesse moderno e sofisticado, mas é na realidade pouco saudável e circunscrito a um âmbito de emoções muito limitado; pobreza emotiva vestida com roupas vistosas não pode ser considerada como um progresso em relação ao antigo tipo de revista dirigida às famílias. Os apologistas deste novo estilo desdenham geralmente das revistas antiquadas que têm contribuído para eliminar, considerando que fizeram assim um favor à sociedade; essa atitude é no entanto perfeitamente injustificada.

C. EXEMPLOS DESTE PROCESSO: (ii) A
COMERCIALIZAÇÃO DAS CANÇÕES POPULARES

As canções populares não acusam tão directamente como a imprensa de massas os efeitos da comercialização, talvez porque a produção de canções populares não oferece tantas oportunidades para uma actividade comercial em grande escala. Houve uma centralização, como o sabem todos os que ouviram já falar de «Tin Pan Alley», e hoje em dia toda a actividade de produção e distribuição de canções é controlada a partir de Londres. Os membros das classes trabalhadoras deixaram praticamente de escrever canções para os seus grupos locais. Os ingénuos poetas urbanos que vendiam as letras das suas canções nas ruas das grandes cidades desapareceram nos fins do reinado de Eduardo VII, ou pouco depois. A seguinte canção foi escrita por ocasião da morte de Eduardo VII:

Temos de obedecer à vontade de Deus
Horror — morreu o nosso Rei
O maior amigo da nação
Um poderoso monarca e protector

.....
O maior desgosto que a Inglaterra jamais sofreu
Foi quando a morte levou o nosso querido Rei;

.....
O trabalho que fez pela nação,
Assegurando a paz e reforçando a união,
E a que sempre se dedicou desde que subiu ao trono
Poupou ao nosso país mais de um bilião.

Nem todas esas canções tinham o mesmo encanto: Arthur Morrison observa que as «derradeiras palavras» dos assassinos eram sempre iguais:

Que o meu destino vos sirva de advertência,
Não posso negar a verdade
Este crime terrível que cometi
E por isso sou condenado à morte.

As letras destas canções são rudes e banais, mas não mais do que as de outras que constituem talvez um vestígio da mesma tradição. Refiro-me ao costume de inventar para uma música já existente uma letra em que se conta o último crime, costume que subsiste ainda em nossos dias nas crianças das classes populares. Os assassinos do Dr. Buck Buxton inspiraram a seguinte letra:

Manchas vermelhas nas carpetes
Manchas vermelhas na escada...
(Cantada com a música
de «*Velas vermelhas no crepúsculo*»)

e ainda:

Quando estiveres fria e não sangrares
Tenho de te esartejar...
(Cantada com a música
de «*Quando for muito velho para sonhar*»)

Os adultos continuam a inventar de vez em quando graças inspiradas por temas semelhantes: o julgamento de Christie, em 1953, deu origem a uma série de graças em que se falava de «amor no armário»; outra dessas graças era «tinha sete mulheres em casa e nenhuma era capaz de lhe fazer uma chávena de chá», que é um exemplo típico.

Os cantores que escreviam as canções que cantavam ou que tinham o seu próprio compositor desapareceram quase completamente. Os membros das classes trabalhadoras insistem porém em identificar as suas canções preferidas com os seus cantores favoritos, e as casas comerciais fazem-lhes a vontade: esta canção é da Vera Lynn, do Frankie Laine ou da Gracie Fields.

Os autores das canções modernas conhecem bem as formas tradicionais da canção popular e o seu idioma; alguns deles pertencem ainda às classes proletárias, e escrevem as suas canções na província. Se bem que estas canções continuem a reflectir muitos

aspectos da vida das classes trabalhadoras, parecem-me fazê-lo de forma menos directa do que as canções de há cinquenta anos atrás. As canções novas dizem-nos alguma coisa das atitudes das classes proletárias, mas essa descrição é incompleta, porque dela está ausente o sentido das qualidades humanas que só a verdadeira proximidade nos pode transmitir.

Tenho uma certa dificuldade em discutir objectivamente a evolução das canções, porque muitas das canções antigas lembram-me a minha infância e a minha adolescência, e como tal sinto-me tentado a afirmar, antes mesmo de proceder a uma análise mais aprofundada, que são muito superiores à maioria das canções destes últimos vinte anos. É óbvio que as canções antigas veiculavam as minhas próprias emoções desordenadas (o mesmo acontece em relação aos jovens e às canções de hoje em dia). Põe-se-me até certo ponto o mesmo problema na análise das leituras, mas é mais difícil manter a objectividade em relação às canções do que em relação aos livros e às revistas. As canções parecem mais inseparáveis da nossa vida afectiva do que as histórias. A minha falta de objectividade no que se refere às canções pode talvez atribuir-se também ao facto de não dispor em relação a estas do mesmo arsenal crítico que estou habituado a aplicar na análise da palavra impressa.

Este aviso prévio parece-me indispensável, e muito elucidativo no que se refere às dificuldades que se põem à análise das linhas de evolução da canção popular. Limitar-me-ei pois a referir os aspectos nos quais a mudança se torna evidente, e em relação aos quais é mais fácil deduzir os efeitos das reacções subjectivas. Não interessam aos objectivos da minha análise as características formais da canção popular urbana destes últimos cem anos, o seu elevado grau de estilização, os padrões emocionais simples, o facto de utilizar uma linguagem feita de lugares-comuns e uma versificação ingénua. Tão-pouco pretendo provar que

as canções de há quarenta ou cinquenta anos eram mais saudáveis e mais expressivas, no estilo como no idioma, e não esqueço que as canções antigas de que nos lembramos são as melhores de entre um grande número de outras mais fracas.

Disse já num capítulo anterior que canções muito más podem sofrer uma transfiguração, sendo-lhe infundido um conteúdo emocional contagioso, ao serem cantadas quer por um indivíduo que as cante «só para si», quer por um cantor que estabelece um bom contacto com o seu público. O que acabamos de afirmar aplica-se às canções contemporâneas, tal como se aplicava ao «Pássaro em gaiola dourada». Alguns cantores populares dos nossos dias actuam em público de forma tão admirável e tão espectacular como a das estrelas de há cinquenta anos atrás. As maneiras de cantar em público sofreram no entanto certas alterações que se me afiguram sintomáticas das tendências centralizadoras da sociedade moderna.

As canções «optimistas» constituem um dos tipos mais antigos e mais admiráveis da canção popular. Nas canções deste tipo parte-se do princípio de que a vida é dura, mas que temos de fazer o possível por não deixarmos abater («Estamos abatidos? Não!»). Temos de nos aguentar, como o fazem todas as outras pessoas: «Estamos todos no mesmo barco». Continuam a ser compostas actualmente canções deste tipo, e algumas delas são das que melhor entram no ouvido. O tom em que são cantadas sugere porém de vez em quando que o optimismo e o sentido de grupo que com ele se associa estão a degenerar na complacência. Essas canções tendem a evoluir no sentido de «Nada tem importância desde que se ponha o coração ao alto» e «É uma patética, mas é engraçado». Havia uma personagem do «Itma» que se chamava Mona Lott e cujo refrão era «Só a alegria me faz viver», refrão que ela cantava com uma voz funérea. Hoje em dia o refrão deste tipo de cantiga parece ser «Só a mediocridade me faz viver», cantado num tom de alegre auto-satisfa-

ção. A verdadeira insatisfação com nós mesmos ou com as nossas condições de vida tornou-se hoje em dia num sentimento antiquado e, o que é mais, ligeiramente subversivo, tal como se andássemos a passear por um parque de campismo em pleno Verão com um olhar dramático, um livro de Kafka na algibeira, e soltando de vez em quando uma risada fúnebre.

Os exemplos escritos de pouco nos servem na análise da maneira como as canções são cantadas, mas o tipo de alteração a que me refiro torna-se mais patente se compararmos o modo como são cantadas as canções do género da que nos diz:

Se estás cansado e farto
Anda para a frente,

num tom que nos faz lembrar a antiga atitude de aguentar pacientemente as agruras da vida, atitude que não pretendia negar essas agruras afirmando que estamos todos alegres e contentes; se compararmos, digo, essa maneira de cantar com a pobreza da interpretação das canções mais recentes que se limitam a convidar-nos a «sonhar» ou a «formular desejos», quando temos alguma coisa que nos preocupa.

Um exemplo ainda mais deplorável da exploração da relação entre a «boa camaradagem» e a alegria é o tom sensaborão de alguns grupos comerciais que fazem por ser engraçados a cantar canções do tipo «Porque é que todos me chamam toleirão», sublinhando esta última palavra com um acorde estridente. Marie Lloyd e os seus contemporâneos cantavam para indivíduos das classes trabalhadoras dispostos a rirem de si mesmos, das suas peculiaridades e dos males que os atormentavam. As melodias do novo estilo são completamente desprovidas de vigor, recorrendo ao processo de se apoiar no sentido de grupo apenas para suprimir a personalidade e a escolha. O verdadeiro sentido de grupo e o sentido do ridículo estão ausentes dessas canções.

«Para que é que nos havemos de ralar» tanto pode ser uma atitude de alegria quase estoica face a circunstâncias adversas, como a afirmação superficial de que não há problemas suficientemente graves para justificarem preocupações (enquanto nos identificarmos com o grupo), apresentada como uma atitude de alegria (falsa): tudo depende da interpretação. O alegre herói destas canções, tal como o «João Honesto» da imprensa, não passa hoje em dia de um homenzinho sem consistência, escondido por detrás de uma máscara.

Hoje em dia raramente nos é dado ouvir interpretações vigorosas como o eram antigamente as das canções do género de «Qualquer ferro velho» ou «O meu velho disse-me 'Vai com os outros'». Também se vai tornando rara a atitude irónica para com o amor que se manifestava com muita frequência há duas ou três décadas atrás, em canções como «Porque é que ela se apaixonou pelo chefe da banda?», «Não é um amor?» ou «É essa a minha fraqueza», ou ainda em canções como «Só te posso dar amor, querida», em que o elemento de troça se manifestava na letra («O Unipreço não vende pulseiras de diamantes, querida») e no tom exageradamente dramático da interpretação. Este tipo de canção mantém-se e recentemente surgiram alguns exemplos bastante bons do género: por exemplo, a «Canção do boneco de trapos», na qual o rapaz troca a namorada por um boneco de trapos mais obediente, «Tira a perna da mesa», etc. Alguns dos programas de variedades radiofónicas que se dirigem mais directamente às classes trabalhadoras conseguem manter também o vigor da interpretação. Creio porém que os melhores exemplos desse género de canções nos vêm hoje em dia da América. Uma delas é «Chamam-me o rochedo de Gibraltar», habitualmente cantada com grande vigor. Essas canções de troça derivaram o seu vigor do facto de serem, por um lado, o produto genuíno de uma classe, mas troçando simultaneamente e dentro de certos limi-

tes da vida dessa classe. Essa combinação tornou-se quase impossível nas condições actuais de produção e apresentação da canção popular.

Nas maneiras de cantar que acabámos de referir, o sentido de integração no grupo assumia uma importância predominante. Ora o estilo de cantar evoluiu também no sentido da individualização. Temos hoje em dia o estilo «interiorizado» e claustrofobicamente pessoal de alguns cantores românticos, que as cançonetistas que ouvimos na rádio perto da hora do fecho da emissão exageram ainda. Os novos estilos derivam até certo ponto dos antigos estilos românticos, são quase iguais, mas não totalmente: tal como muitas outras diversões contemporâneas, é o mesmo estilo, mas «amolecido». O estilo antigo era simultaneamente pessoal e público ou comunitário. As emoções pessoais eram aceites e reconhecidas como algo de comum ao cantor e ao público. Os estilos novos são de grande efeito, aumentado ainda pelo recurso a câmaras de eco, o que permite obter uma ressonância muito maior do que a que era possível nos antigos teatros de variedades; a intimidade é maior e simultaneamente forçada, como um grande plano num écran imenso. O cantor dirige-se a uma multidão, mas finge que está a cantar só para nós, o que equivale a uma deterioração do estilo do antigo cantor romântico, que veiculava uma emoção pessoal experimentada em comum. Este novo estilo pseudo-pessoal em tamanho mais do que natural perdeu a sanção do grupo. Creio que essa evolução da canção pode ser comparada com a «personalização» crescente dos jornais de grande tiragem.

As atitudes básicas propriamente ditas mantêm-se pois sem grandes alterações. A diferença reside principalmente naquilo a que poderíamos chamar a atitude-para-com-as-attitudes. As antigas solicitações — o homem simples, a amizade, a alegria, o lar, o amor, etc. — permanecem, assumindo porém formas cada vez

mais conscientes de si. Essas atitudes «amoleceram», tal como os estilos de cantar; tornaram-se num sentimentalismo romântico e complacente. É por isso que focarei aqui de preferência não já as atitudes, mas antes como se revelam essas atitudes. Estas revelam-se na interpretação da canção, no tom, na ênfase e nas repetições. No entanto o comentário das letras faculta-nos referências mais precisas do que a mera descrição das interpretações.

As virtudes do homem vulgar, mais «real», mais esperto e mais honesto do que os outros, são-nos apresentadas também aqui com uma ênfase que se aproxima do snobismo. Todos os homens são igualmente bons, mas os homens simples são melhores do que os outros, diríamos, adaptando uma frase de George Orwell. O que é importante é ser bom companheiro, é ser «um de nós», sugerem-nos essas canções. A solidariedade degenera assim num comunismo informe, comunalismo que deriva apenas do consenso geral de que devemos todos orgulhar-nos da nossa insignificância; a solidariedade da ervilha que se orgulha de se parecer tanto com todas as outras ervilhas, ou das galinhas falando do «bom ambiente» que reina no galinheiro. Convidam-nos a cantar «Entre, vizinho!» ou «Não é formidável ter bons vizinhos?» (tem de se empregar a palavra antiga que mantém um certo significado). O lar torna-se mais importante do que nunca, transforma-se num retiro idílico, que tem à porta um capacho desejando as boas-vindas aos homens de bem. Não tardará muito que algum fabricante mais esperto comece a produzir tapetes com uma inscrição dizendo «Só para os compinchas» ou «Entrem, rapazes e raparigas», uma vez que a única condição necessária para entrar nos lares cantados em centenas de canções deste tipo é ser um «compincha».

O próximo passo nessa sequência de atitudes relacionadas — ser um compincha, ser alegre, mas tudo de uma maneira despersonalizada — é a criação de

atitudes de escapismo para os momentos em que a vida nos deita um balde de água fria; os momentos em que a pessoa corre o risco de se aperceber de que, apesar de pertencer ao grupo, não é gente, é menos como pessoa do que talvez devesse ser, é «pequena», mas agora com um sentido perturbador. Todos nós temos de nos sentir assim de quando em quando, e é saudável que tal aconteça. Se escutarmos os cantores esse sentimento será porém de curta duração, e talvez até o consigamos eliminar por completo. O sedativo é administrado de duas maneiras diferentes. Em primeiro lugar, embora nos pareça por vezes que a nossa vida é vã, podemos sempre («somos livres, não somos?») sonhar, fingir e formular desejos. Em segundo lugar, quando experimentamos uma vaga sensação de impotência, podemos sempre abafá-la lembrando-nos de que o amor vence tudo, desculpa tudo e sobrepe-se a tudo.

Podemos duvidar de que haja no mundo qualquer coisa que mereça o nosso interesse; podemos duvidar da verdade de uma religião qualquer; podemos sentir-nos incapazes de lidar com o mundo exterior. Mas resta-nos sempre o amor, um ninho quente, onde não entra a dúvida; o amor cantado numa melodia pegajosa. «Sentir-se como um rato no buraco», dizia-se dantes; as canções de hoje falam-nos de «ninhos», e o tom em que são cantadas sugere uma enorme complacência e pieguice.

Quando as pessoas não reconhecem quaisquer valores além dos actuais e locais, considerando que «a religião está fora de moda», então, para quem a vida tem um sentido meramente pessoal, o amor pode talvez bastar para preencher o vazio; esse amor não estará já associado à religião (como era o caso nas canções antigas), mas antes constituirá um substituto para a religião. O amor é apresentado como a finalidade máxima, e a união dá origem a um vago sentimento de elevação geral, de auroras perpétuas, sugerido por acordes solenes que pretendem traduzir

uma espécie de atitude afirmativa para com o universo — como no fim clássico dos filmes de amor, o grande plano do herói e da heroína ao som do coro que canta «O altitudo», enquanto os amantes declaram que se amarão para sempre. «Para sempre» — vencendo o tempo, os problemas do dia-a-dia e a depressão; o Amor remédio para tudo, o Amor por si mesmo, como o de um casal de periquitos na gaiola. Não é por acaso que uma das metáforas mais usuais nesse tipo de canção designa os apaixonados por «pássaros enamorados». O amor é eterno, e há-de permanecer para além de todos os acidentes da vida, mais, para além das próprias estrelas. E assim se chega ao ponto de adoptar uma linguagem quase-religiosa para entoar os louvores do amor humano.

É certo que essa tradição da poesia de amor é já antiga — os sonetistas isabelinos recorriam a essas e a muitas outras imagens semelhantes. Esse tipo de comparação não nos ajuda porém grandemente nos objectivos que temos em vista; temos de nos referir de preferência a pontos de comparação mais próximos e mais significativos.

Vimos já em capítulo anterior que as canções caracteristicamente proletárias passam com toda a facilidade da amizade e do amor de família ao amor a Deus e ao céu. Havia pois antecedentes para essa sublimação. A transição dos sentimentos de amizade e de amor ao lar e à família para o amor ao Nosso-Pai-que-está-no-céu era porém, antigamente, menos forçada e incongruente, pois os valores associados ao Nosso-Pai-que-está-no-céu eram concebidos à semelhança dos valores relacionados com o lar e o amor de família; o mesmo não podemos já afirmar em relação à hipótese de que o amor seria um substituto para a religião, e de que o conceito de amor traduzido pela frase de «só nós os dois e mais ninguém» possa ser transfigurado num sentimento religioso — em si e por si: fora dele não há mais nada. Ouvem-se então os coros celestiais, ecoando num fundo sonoro que pre-

tende sugerir o espaço infinito; a melodia reveste-se de um carácter vagamente haendeliano, devido ao acompanhamento de instrumentos de corda, aos sinos que tocam em último plano e ao ressoar da voz potente do solista. A canção de amor do género religioso pode ser cantada em dois estilos: quando são cantadas por mulheres, estas adoptam o estilo da «elevação celestial» ou «namorada do Universo», um estilo angélico e simultaneamente muito feminino; quando são cantadas por homens, temos então um estilo a que poderíamos dar o nome de «strangulato», uma maneira de cantar lá muito do fundo da garganta, que sugere o homem forte estrangulado pela paixão, empolgado por uma emoção quase divina.

Depois da última guerra houve uma revivescência de um género de canções que à primeira vista nos poderiam parecer religiosas. Essas canções não equivalem porém a um afastamento da posição extrema referida no parágrafo anterior, a da substituição do amor à religião. Constituem antes uma nova tensão da mesma tendência. A maneira como são cantadas dá-nos a entender claramente que Deus passou agora a ser o parceiro do grande amor. Estas canções afastam-se ainda mais das antigas canções em que os valores da religião surgiam como expressão desses outros que se relacionavam com o lar e a amizade. São canções de amor disfarçadas, de um amor sublimado a partir da relação «só nos os dois» entre o indivíduo e Deus.

Se o que acabamos de dizer em relação às canções se applicasse integralmente à vida e às reacções das classes trabalhadoras e de outras classes dos nossos dias, a panorâmica seria muito deprimente. Estas tendências lamentáveis estão em vias de se acentuar. Mas nem toda a gente escuta ou canta estas canções: e aqueles que o fazem conseguem por vezes transfigurá-las. O que acabamos de afirmar para a canção popular applica-se igualmente às publicações modernas de massas. Temos sempre que ter em mente que as pessoas que lêem essas publicações o fazem

à sua maneira, pelo que, embora as publicações de massas tenham um público muito mais vasto e o atinjam de um modo mais consistente do que as canções, os efeitos que sobre ele exercem nem sempre são proporcionais ao volume das vendas.

D. OS RESULTADOS

Como poderemos resumir os efeitos prováveis das publicações de massas, jornais diários e de domingo e revistas baratas? A dieta constante e exclusiva deste tipo de leitura poderá produzir por saturação determinados resultados?

Em primeiro lugar, a dedicação exclusiva a esse tipo de leitura pode fazer com que os leitores passem a recusar toda a literatura séria e responsável, a favor de uma literatura sensacionalista e fantástica, produtora de sensações triviais. A sensação e a fantasia estão a apoderar-se do público cada vez mais, alimentando-o com formas cada vez mais fracas e mediocres. Comparemos os antigos folhetos descritivos das execuções ou até o *Notícias da Polícia* com as novas publicações sensacionalistas: estas são mais subtis, menos chocantes, mas no fundo as solicitações são as mesmas. O sensacionalismo vestiu-se de novo, aprendeu a disfarçar-se com fato de cerimónia; tornou-se numa sensação meramente intelectual, desprovida de coração e de ventre. Elevam-se muitas vozes contra os nossos jornais «ensopados em sexo»; atribuem-lhes porém mais vitalidade do que aquela que na realidade têm. «Ensopado» sugere um certo peso, um certo corpo; e os nossos jornais não têm corpo para serem ensopados em nada. Tudo está falsificado: trata-se de uma literatura cheia de ar e de vento, sem nada dentro, a exploração descarada de um vazio cintilante. Os jornais já não sabem falar com simplicidade; o próprio boletim meteorológico já não diz «Vai chover», mas sim:

«Hoje vai precisar do impermeável, camarada». Até o sensacionalismo é por vezes só aparente. Um título como o que citámos atrás (e que constitui um exemplo típico), «Milhares de homens lutam por causa de uma mulher», refere-se à enxameação das abelhas. É uma espécie de videoscope do tipo «O que o mordomo viu», mas sem cartões na máquina. A prosa porém é deslumbrante:

«Porque o nosso sentido de maravilhoso não é despertado pelas coisas grandes e sensacionais — se bem que uma sensibilidade embotada tenha necessidade dessas enormidades para experimentar uma espécie de *ersatz* da sensação do maravilhoso.»

Olhemos para um grupo de *pin-ups* modernas: à primeira vista parecem muito sugestivas, e de certo modo são-no efectivamente. No entanto são também, estranhamente, um *ersatz*, o sexo foi delas banido; pelo menos só subsiste uma sexualidade estranha. Habitam regiões tão estilizadas, tão pasteurizadas, que perderam a corporalidade. São dotadas de uma perfeição distante e irreal, de uma sexualidade remota. Foram reduzidas a um feixe limitado de sensações visuais — é impossível associar a essas criaturas tão bem encadernadas um cheiro a corpo, um cabelo despenteado, um defeito na pele, pêlos nos braços ou nas pernas ou gotas de transpiração no lábio superior. Comparemo-las com uma bailarina de Degas, e a sua irrealdade tornar-se-á mais patente ainda. Não creio que esse tipo de imagem possa despertar na gente nova a imoralidade sexual; não consigo imaginar qualquer relação entre essas *pin-ups* de sonho e a actividade heterossexual. Quando muito podem encorajar a masturbação; diríamos mesmo que simbolizam à sua maneira esse tipo de incomunicabilidade sexual.

A pretensa «franqueza» de que a imprensa de grande tiragem tanto se gaba é igualmente uma qualidade de *ersatz*. Grande parte dela reduz-se a ataques fingidos, a boxe de salão, a um flectir de músculos de barraca de feira. De vez em quando um

esses ataques é genuíno, dirigindo-se então geralmente contra um adversário fraco ou insignificante. Na maior parte das vezes o inimigo é um espantalho, um alvo inexistente, tal como «as pessoas convencionais»; quando os ataques se dirigem contra pessoas de carne e osso — por exemplo, quando se critica um arcebispo, para lisonjear as qualidades do «homem da rua» desprovido de hipocrisia — são geralmente, como no-lo revela um exame mais aprofundado, de carácter inofensivo. Há algumas excepções, mas de uma maneira geral esses jornais nem nos «chocam» com as suas relevações «chocantes», nem nos atingem com os seus «ataques directos».

A nossa crítica à simplificação e à «fragmentação» que caracterizam essas publicações assenta em bases semelhantes. Não a fazemos porque deploremos o facto de um povo alfabetizado como é hoje o nosso não ler em massa um autor como, digamos, T. S. Eliot. A nossa crítica é muito mais específica e limitada. Poderia ter havido nestes últimos cinquenta anos um progresso do nível geral e da qualidade da leitura oferecida ao povo; muitos factores contribuíram para tornar possível um tal progresso. E de algum modo parece que esse melhoramento teve lugar. Mas quando pensamos no vasto público a que as publicações simplificadas e fragmentárias se dirigem, e verificamos por outro lado que essas novas publicações não conseguiram ser melhores do que as do mesmo género de há cinquenta anos atrás, temos muitas dúvidas de que se possa afirmar que houve progresso na qualidade da leitura. Parece-nos antes que um número cada vez maior de pessoas lêem livros e publicações de nível cada vez mais baixo. As publicações de massas fornecem hoje ao seu público uma leitura de interesse e qualidade inferiores às exigências deste; o facto deriva da sua própria natureza de publicações de massas. As lojas que visam obter lucros mínimos mas imediatos conseguem atrair uma grande clientela vendendo, por exemplo, camisas mais

baratas do que as que podem ser encontradas em qualquer outra loja; os modelos porém são em número restrito, limitando-se àqueles que mais agradam ao público; se esses modelos nos agradam, podemos comprar nessa loja uma camisa de boa qualidade por pouco dinheiro. O mesmo se pode afirmar em relação à imprensa de massas, que deve restringir-se aos apelos e às atitudes mais usuais; e nesses campos menos tangíveis nem sequer há a compensação de poder comprar uma boa camisa por pouco dinheiro. Unimo-nos todos na complacência; e uma vez que é difícil conhecer as regras e respeitá-las, nem sempre compreendemos que são complacentes.

A maioria das pessoas só sabe ler a dada velocidade. As publicações de massas fornecem-nos grande quantidade de material para ler a grande velocidade, mas essa velocidade não serve para a maioria das leituras sérias. A maneira sucinta como se procede à descrição dos caracteres das personagens na literatura de cordel faz por outro lado com que os leitores dificilmente tolerem a hesitação aparente, os cambiantes, as pinceladas subtis, a ausência de traços simples e directos, que caracterizam a análise de caracteres bem feita. Não estamos a lamentar que nem todos sejam capazes de perceber a posição de Strether em *Os embaixadores* de Henry James: mas o «homem vulgar» é igualmente complexo, pois não há pessoas simples. Frases curtas, donde quase foram banidas as orações subordinadas; adjectivos banais, acoplados cada um ao seu substantivo; ausência de textura, de sentido da profundidade: descrever caracteres no estilo que acabo de evocar é o mesmo que construir uma casa com fósforos queimados.

Infelizmente não nos é possível citar um exemplo tirado de uma publicação moderna de massas, mas não será difícil encontrá-lo. As histórias das revistas modernas são sob alguns pontos de vista melhor escritas do que as das revistas antigas, têm mais vida, se bem que mais superficial. Algumas das críticas que

podemos dirigir às histórias das novas revistas aplicam-se igualmente às das revistas antigas. Este estilo novo caracteriza-se porém por uma insolência e uma fluência barata inconfundíveis, que só encontramos no estilo da literatura de cordel de meados do século XX. A meu ver o traço mais deplorável desse estilo é a ousadia com que apresenta como universalmente válida a concepção do mundo que atrás referi. Eis um exemplo do estilo em questão:

«Éramos só duas de Longton's Mill no campo de férias — não contando com a Mabel Arkwright. Mas com essa não vale a pena contar. Não basta a essa pobre Mabel a cara borbulhosa que tem, mas ainda se tem de armar em rata sábia, sempre com o nariz metido num livro.

Assim que chegámos, a June e eu vimos logo que as férias iam ser formidáveis... três *dancings*, duas piscinas, uma quantidade de *snacks* — um assombro.

E foi então que vimos a maravilha das maravilhas. Um espécime de homem em cheio! Uma mistura de Marlon Brando com Humph. Bogart.

Quando nos preparávamos para entrar em acção, apareceu uma coisa que estragou tudo. Uma Dorothy Temple de cabelo cor-de-cenoura (ela dizia que era loiro) com uma carinha doce e um arzinho sonso, de menina ajuizada.

Percebemos logo que ia haver uma luta de morte...

Ficou vermelha como um tomate?

...Bem feita. A última vez que a vimos ia dar um passeio até bem longe com a Mabel e um livro.

O quê? O que é que aconteceu ao Marlon Brando — Humphrey Bogart? Desculpe, vou ali e já venho...»

A citação extraída de *East Lynne* que seguidamente apresentamos não tem a vivacidade deste estilo moderno; recorre com demasiada facilidade à oratória. Chamo porém a atenção para as diferenças entre um e outro texto, do ponto de vista daquilo a que

chamarei — incorrendo no risco de parecer pretensioso — o tom moral, a concepção de vida e das relações humanas:

«As lágrimas escorriam pela cara da Sr.^a Hare. Depois do nevão pusera-se uma linda manhã, e o sol brilhava sobre a terra coberta de neve. A Sr.^a Hare estava sentada na cadeira, gozando todo aquele esplendor e o Sr. Carlyle estava de pé a seu lado. As lágrimas que chorava eram simultaneamente de alegria e de tristeza: tristeza por saber que ia finalmente separar-se de Bárbara, alegria porque a entregava a alguém que a merecia, como o Sr. Carlyle.

«Archibald, ela aqui foi sempre feliz. Espero que o vosso lar o seja também.» «Farei o possível para que assim seja.» «Vai ser bom para ela, amá-la até ao fim dos seus dias?» «Com todo o meu coração. Querida Sr.^a Hare, julguei que me conhecia o suficiente para não duvidar de mim.»

«Duvidar de si! Não estou a duvidar de si. Pelo contrário, confio plenamente em si, Archibald. Ainda que todos os homens do mundo pretendessem a Bárbara, havia sempre de pedir nas minhas orações que fosse o senhor o eleito.»

Como exemplo da riqueza de textura que um bom escritor pode conferir à descrição aparentemente simples do carácter de um personagem, eis a descrição que George Eliot nos faz de um pároco da aldeia da Igreja Anglicana, um tipo de pessoa com quem a autora não simpatizava geralmente:

«Por outro lado tenho de dizer, dada a veneração afectuosa que a memória do Reitor me merece, que não era vingativo — como o são alguns filantropos; que não era intolerante — e dizem que alguns teólogos zelosos não estão isentos desse defeito; que embora se houvesse provavelmente recusado a sofrer o martírio por uma causa pública, e não tivesse distribuído todos os seus bens pelos pobres, possuía aquela caridade que nem sempre acompanha outras virtudes ilustres — era tolerante para com os pecados dos

homens, e lento na acusação. Era um daqueles homens raros cujas virtudes só se nos dão a conhecer quando os seguimos para longe dos lugares públicos, penetrando com eles em suas casas, ouvindo a voz com que falam às crianças e aos velhos junto da lareira do seu lar, e testemunhando a atenção carinhosa que dedicam às necessidades quotidianas dos seus companheiros do dia-a-dia, que consideram essa bondade como natural, e não esperam panegíricos.»

As publicações novas transportam-nos para uma região onde nunca acontecem coisas reais, para um crepúsculo de reacções fracas e automáticas. Apela com intensidade sempre maior para uma curiosidade «mesquinha e desprovida de significado». A vida está cada vez mais ausente dessas publicações, e é talvez esta a característica que mais prejudica o leitor. Não é possível gostar verdadeiramente de literatura deste tipo, literatura completamente amorfa, à qual se não pode reagir. Uma vez que nada é pedido ao leitor, este também não pode dar nada. É uma literatura que nos mergulha numa meia-luz emocional onde nada nos pode chocar, espantar ou irritar, nada nos estimula, transmite alegria ou evoca a dor; desprovida de esplendor e alheia à miséria: um gota a gota de leite aguado que entretém a fome, mas que nos priva do prazer de uma refeição sólida e completa.

Como o disse já, há muito quem se almente exclusivamente de tal dieta, que não leia praticamente mais nada. As publicações de massas têm de fazer com que os seus clientes percam o desejo de ler outro tipo de publicações, têm de reforçar continuamente a sua influência, a fim de se poderem manter. A leitura de massas está hoje muito centralizada; um pequeno número de publicações partilham entre si um público vasto. O nosso país é pequeno e muito povoado; hoje em dia todos podem ter um acesso quase simultâneo ao mesmo objecto. O preço por que pagamos essa vantagem é a uniformidade que caracteriza o pequeno número de publicações de qualidade infe-

rior e desprovidas de imaginação que se impuseram ao público. Essas publicações têm de manter os seus leitores ao nível de aceitação passiva; o público não faz perguntas, mas limita-se a engolir passivamente o que lhe é proporcionado, contentando-se com isso. As ideias feitas não podem ser postas em dúvida, pelo que essas publicações se limitam a fingir que as atacam. Apesar do «progressivismo» e «independência» de que se gaba, a imprensa de massas é uma das maiores forças conservadoras da vida pública dos nossos dias: é a sua própria natureza que assim o exige, que a leva a promover o conservantismo e a conformidade.

O facto de tudo isto não ter ainda exercido um efeito mais deplorável sobre a vida das pessoas deve-se à capacidade que elas têm de viver em compartimentos estanques — e é este um dos pontos que sublinho no meu ensaio — de manter uma separação entre a vida do lar e a vida exterior, entre a vida «real» e a vida no mundo das diversões. Os membros das classes trabalhadoras consideram tradicionalmente e há várias gerações que a arte é uma forma de escape, algo que dá prazer mas que pouco tem a ver com os assuntos da vida quotidiana. A arte é marginal, é «divertimento»: «Faz-nos pensar noutras coisas»; «Distrai, é uma diversão». Enquanto se distraem com essas coisas, as pessoas podem identificar-se com elas; mas no fundo sabem que não são coisas «reais»; a vida «real» é outra coisa. A arte «transporta-nos para fora de nós mesmos» — a frase dá-nos logo a entender que a arte não tem que falar do verdadeiro «eu», limitando-se a reflectir de forma convencional certas ideias feitas comumente aceites. A arte é para ser *utilizada*. É por isso que as mulheres têm muito o costume de olhar para a primeira página do conto a ver se começa bem, com muito diálogo, e depois para o fim, a ver se acaba bem; não lêem para ficarem aborrecidas ou inquietas.

- Esse fim feliz nem sequer é levado muito a sério. Para os membros das classes trabalhadoras a história acaba bem quando acaba dentro daquilo que conhecem, o lar e a família; um lar e uma família, porém, onde a vida se tivesse tornado fácil, em que as nuvens se tivessem dissipado. Sabem que a vida não é assim; e não esperam que jamais o venha a ser, nem mesmo num futuro longínquo. Mas acham que é «agradável» pensar numa vida assim; e esta atitude é a meu ver visionária, é uma espécie de vislumbre de uma outra ordem.

Parte-se geralmente do princípio de que as classes trabalhadoras são mais influenciadas por aquilo que têm do que é realmente o caso: por exemplo, que dão aos filhos os nomes dos heróis das histórias que têm ou filmes que lhes agradam. Isso acontece por vezes, desde que o nome não seja demasiado estranho. E o nome divulga-se depois mais por conformismo do que por influência da historieta em que figurara. A conservatória de Tottenham deu a conhecer num relatório que em determinada época uma em cada cinco raparigas recebia o nome de «Doreen». As mulheres da classe proletária podem ler muitas histórias nas revistas, mas fazem troça da vizinha amalucada que chama à filha «Dawn» ou «April»¹. Troçam dela porque transportou as histórias para a vida real, uma maneira de agir que não só é cómica, como até denota uma certa simplicidade de espírito.

Esta atitude generalizada, e ainda a atitude tradicional de «tolerância», explicam porque é que os membros das classes trabalhadoras aceitam sem objecções os exageros das publicações. Podemos estranhar quando vemos uma mãe de cabelo grisalho a folhear uma revista ou um jornal que inclui material pornográfico, mas o facto é usual. Essa mulher só olha porém para as coisas que a interessam; tolera as *pin-ups*, porque «são coisas que agradam aos rapazes». E por essa

¹ Aurora, Abril — (N. T.)

mesma razão que os anúncios mais ousados não chegam por vezes a afectar grandemente o público; as pessoas nem sequer olham para tais anúncios.

Todos estes factores podem contribuir para esterilizar a infecção, mas não deixam de ter o seu perigo também, de modo particular nos tempos que correm. Nesta nova atmosfera a arte não é apenas um escape temporário, uma diversão; é também, e as pessoas das classes trabalhadoras sabem-no bem, um empreendimento comercial, uma questão de dinheiro. Hoje em dia torna-se difícil compreender que um escritor escreva não para ganhar dinheiro, mas sim por outras razões menos interesseiras. «Um bom livro é o precioso sangue de um grande espírito», disse Milton. Quando a obra de um bom autor contemporâneo atinge um público mais lato, esse público não só terá dificuldade em apreender a concepção do mundo do autor, mas pensarão igualmente que esse homem, tal como todos os outros, — se bem que de uma forma estranha e pouco divertida, e por vezes incompreensível — anda atrás do dinheiro, escreve para ganhar dinheiro.

A maioria dos autores comerciais dotados de um certo talento proporcionam ao seu público uma literatura primária, imprecisa, muito colorida e feita de lugares comuns; e o público reage a essa literatura, e a toda a forma de arte, com um cinismo bem-disposto. Não lê mais nada além dessa literatura de cordel; e porque é que o há-de fazer, se a literatura é aquilo?

Porque é que se há-de cansar a ler? Toda a família lê um jornal ou revista semanal dos modernos (dizendo que o compra só por causa das anedotas); o pai compra uma das antigas revistas dirigidas às famílias; a mãe compra uma das revistas femininas antigas e uma das vistosas revistas modernas; a filha compra outra revista moderna; os rapazes folheiam todos os dias o jornal, têm uma vez por semana uma revista de bandas desenhadas com histórias de gangsters e olham ainda para os dois ou três jornais de domingo que toda a família lê. A situação afigura-se

terrível: sensacionalismo, fragmentação, simplificação excessiva, irrealidade; «nunca se lê uma coisa boa ou real», como o diz D. H. Lawrence. E o mais espantoso é que a vida de família continua, e que o ritmo e os valores que a caracterizam quase não são afectados pela inundação de literatura de cordel que a submerge.

Essa invasão de literatura barata tem no entanto o efeito de agravar a divisão do mundo que referi já. As pessoas sabem que estão a abusar delas, mas atribuem esses abusos ao mundo «Deles». «Eles agora já não sabem o que hão-de dizer nos jornais», observam, acrescentando talvez «ora, é só papelada». O público compra milhões de jornais; quando se aproximam as eleições, os editores tentam levá-lo a votar da maneira que mais convém a esses jornais. Os leitores votam porém como entendem, pouco ou nada se deixando influenciar pela propaganda dos jornais (a não ser quando lêem um jornal mais partidário), mas nem por isso se abstêm de os comprar. Partem do princípio de que a maior parte das coisas que lêem no jornal são mentira, porque «o que eles querem é o nosso dinheiro — ou o nosso voto». Lêem os jornais porque essa leitura não lhes exige qualquer esforço, e os diverte. Sabem que as grandes empresas que editam os jornais «não o fazem por altruísmo», mas desejam-lhes «boa-sorte»: entretanto os leitores divertem-se como podem.

E, para terminar, resumimos uma vez mais as teses que defendemos neste capítulo e no anterior, as quais de resto se relacionam intimamente entre si. O processo de amolecimento por via do recurso a solicitações de agrado geral continua a ampliar-se: as maneiras novas incluem uma série de apelos «democráticos» e visam à vivacidade e à modernidade a todo o custo; baseiam-se em ideias feitas, tais como o igualitarismo, a liberdade, a tolerância, o progresso, o hedonismo e o culto da juventude. A liberdade equivale à

libertinagem, à liberdade de publicar tudo o que possa fazer aumentar as vendas; a tolerância evoluiu no sentido da recusa de outros padrões morais que não umas vagas normas tão gerais que acabam por ser praticamente inaplicáveis, reduzindo-se a encantações; se alguém se atreve a defender quaisquer valores, é imediatamente acusado de autoritarismo e de hipocrisia.

Podemos encontrar exemplos do que acabo de afirmar em qualquer jornal de massas; apresento seguidamente um artigo inventado por mim, mas que reproduz fielmente o espírito e a letra desse tipo de prosa:

É O CÚMULO

Outra vez, rapazes!

Que temos então desta vez?

Pois trata-se do arcebispo de Pontyholoth (segue-se um retrato do arcebispo de polainas, tirado sem ele dar por isso e no qual se assemelha muito a uma imitação de um bispo importante feita por um artista de variedades).

Falou no outro dia à Liga das Mulheres Cristãs (62 anos de idade em média) *da maneira como gastamos os nossos tempos livres*. E então?

Gosta de olhar um bocado para a T. V. depois de um duro dia de trabalho?

Pois não havia de gostar — diz esse arcebispo solteirão. «Há hoje em dia muita gente que só se sabe divertir de uma forma passiva», diz-nos ele, «o que só pode prejudicar». Gosta de jogar todas as semanas no totobola?

Pois não devia gostar — diz-nos esse arcebispo de sessenta anos de idade.

«Devíamos rever o estatuto dessas organizações, a quem concedemos demasiada liberdade na nossa vida nacional».

O ARCEBISPO EXCEDEU-SE

Quem nos diria que um dirigente cristão de 1956 ignoraria assim os princípios básicos da democracia?

Podemos ser ingênuos, mas sempre pensámos que os dirigentes cristãos deviam praticar a virtude da TOLERÂNCIA.

Talvez nos enganemos, mas sempre pensámos também que os dirigentes cristãos defendiam a IGUALDADE e a LIBERDADE.

Mas talvez que estas ideias só sirvam para o arcebispo e os seus amigos.

Espero que algum dos membros dessa pobre Liga das Mulheres Cristãs, obrigada a ouvir tais coisas, se tenha levantado e lhe tenha lembrado essas ideias.

...e que alguém lhe tenha dito umas palavras sobre os perigos do REACCIONARISMO — da IMPORTÂNCIA — da HIPOCRISIA — e da SUPERIORIDADE, que ameaçam os nossos dirigentes cristãos.

...e ainda que alguém lhe tenha sugerido que lhe faria bem, apesar de ser arcebispo, conhecer *peçoas vulgares* e tentar aprender com elas a ver as coisas com *bom senso*.

E se ninguém o fez!
ENTÃO É O CÚMULO!

Não podemos nunca esquecer que «o homem comum» não existe. Quando não arriscamo-nos a renunciar ao poder de decisão individual, para nos identificarmos democraticamente com uma figura hipotética que serve principalmente os objectivos daqueles que tentam enganar-nos. Não podemos perder de vista as características básicas inerentes à natureza das publicações de massas: são produzidas por organizações comerciais em grande escala, não se integram na história da imprensa propriamente dita, não pertencem à esfera da política ou dos negócios, mas sim ao mundo das diversões; quando manipulam a «opinião pública», fazem-no de forma bastante irracional, para diver-

tir, e quando um desses jornais nos diz «Limitamo-nos a apresentar os factos... espantosos...» essa frase não equivale a uma profissão de fé, é sim conversa de aldrabão de feira, como o ilusionista que diz «Não tenho nada na manga».

William Morris, escrevendo no fim do século passado, lamentava a ausência de uma arte popular, e desejava a sua revivescência:

«A arte popular não tem qualquer hipótese de vida saudável, ou sequer de vida, enquanto não for cumulado o terrível abismo que medeia entre a riqueza e a pobreza».

Quando esse abismo for cumulado, continuava, talvez acabe «essa divisão fatal dos homens em classes cultas e classes degradadas, divisão que o comércio concorrencial criou e alimenta».

O abismo entre ricos e pobres não foi cumulado de maneira ou em grau que Morris pudesse ter considerado satisfatórios. Porém, fez-se muito no sentido de estreitar esse abismo; as actividades do comércio concorrencial já não podem continuar a fazer o que faziam a fim de o manter. Terá diminuído o abismo entre as classes «cultas» e as «degradadas»? Estaremos um pouco mais próximos de uma arte popular no sentido de Morris? Dirigimo-nos para uma arte de massas; milhões de pessoas lêem todos os dias ou todas as semanas o mesmo jornal, e pouco mais. Essa arte de massas só o poderá ser desde que o gosto se mantenha a um nível muito baixo, e tem manobrado com grande eficiência e êxito nesse sentido. O comércio concorrencial adoptou uma orientação diferente, erigindo-se agora em campeão das antigas classes «degradadas», porque essas classes podem dar dinheiro a ganhar, em termos da adição de milhões de moedas de vinte e cinco tostões. E os novos campeões das classes trabalhadoras têm de as manter unidas, numa união que se processa ao nível da satisfação dos seus mais baixos instintos.

Os processos lógicos do comércio competitivo, não podendo mais impor às massas a «degradação» económica, mas ajudados do exterior pelo clima da época, e do interior pela hesitação, pelas dúvidas e pela incerteza que as classes trabalhadoras experimentam face à liberdade que lhes foi concedida (e com a colaboração de autores provenientes das classes trabalhadoras, além da de muitos outros) estão a roubar culturalmente o proletariado. Uma vez que esses processos não podem parar nunca, esse rebaixamento do nível cultural, essa pressão que empurra para baixo em vez de para cima, está em vias de se tornar em algo de tangível, numa nova forma de sujeição mais poderosa ainda do que as antigas; mais poderosa, porque as cadeias da subordinação cultural são por um lado, mais leves, e por outro mais difíceis de quebrar do que as de subordinação económica. «Somos traídos pelo que é falso dentro de nós», pela nossa própria fraqueza geral e pela esperteza desses jornais de massas que conseguem dar uma no cravo e outra na ferradura, exprimindo as nossas ideias morais de maneira debilitante para o código moral em que se integram; dizendo coisas certas por motivos errados.

Referi-me de modo particular à evolução das publicações de massas que se dirigem especialmente aos leitores das classes trabalhadoras. Manifestam-se porém tendências muito semelhantes não só nas publicações modernas mais evoluídas, como ainda nalgumas daquelas que começaram por tentar ser sérias e apelar simultaneamente para o grande público — de modo particular alguns jornais — sem no entanto adoptarem integralmente o novo estilo. Aquilo que nos foi dito por jornalistas que trabalharam nesses jornais queixando-se de pressões sobre eles exercidas no sentido de adoptarem um estilo «leve», renunciando a outras qualidades mais válidas, confirma o que temos vindo a observar ao longo dos anos.

As minhas teses aplicam-se também às publicações que se dirigem a um público de leitores da baixa classe média e da classe média, se bem que essas publicações tenham evoluído de forma um pouco diferente. O público das classes trabalhadoras e o das classes médias lêem frequentemente as mesmas publicações; e à medida que as tiragens aumentam, as divisões de classe tornam-se menos nítidas. Os jornais de massas — que se distinguem dos chamados jornais de «qualidade» — especificamente dirigidos ao público das classes médias são afectados pelas mesmas tendências que se manifestam também nos jornais de massas dirigidos às classes trabalhadoras. Os jornais populares da classe média são tão triviais e trivializantes como os das classes trabalhadoras. Pela parte que me toca, considero que os jornais diários que se dirigem especificamente às classes médias são ainda mais revoltantes do que os que se destinam às classes trabalhadoras. Caracterizam-se por uma estreiteza de vistas, um chauvinismo e um snobismo intelectuais e uma pseudo-elegância pretensiosa que os tornam particularmente asfíxiantes.

CAPITULO VIII

A NOVA ARTE DE MASSAS: O SEXO EM EMBALAGENS VISTOSAS

4. OS RAPAZES DAS MAQUINAS DE DISCOS

Esta dieta regular, constante e quase exclusiva de sensacionalismo incorpóreo contribui para que aqueles que a consomem se tornem incapazes de encarar a vida de frente e de forma responsável, e ainda para despertar nos leitores a sensação de que a vida não tem qualquer objectivo, para além da satisfação de alguns apetites imediatos. Essas almas que não tiveram oportunidade para desabrochar continuarão fechadas, viradas para dentro, olhando «com olhos vazios, semelhantes a janelas escancaradas» para um mundo que é em grande medida uma fantasmagoria de espectáculos transitórios e de estímulos falsificados. O facto de não ser essa hoje em dia a situação de todos os membros das classes trabalhadoras, deve-se à capacidade de resistência que caracteriza o espírito humano; resistência no sentido do reconhecimento de que há outras coisas que são importantes e que contam, se bem que esse sentimento nem sempre seja consciente.

Consideremos agora alguns dos aspectos da vida inglesa que têm sido particularmente influenciados pelo processo cultural atrás referido. Formamos assim uma ideia da condição degradada que seria hoje a dos

membros das classes trabalhadoras, caso essa capacidade de resistência que sublinhei não tivesse entrado em jogo. Um dos exemplos que apresentarei é o do tipo de leitura dos rapazes que estão a fazer o serviço militar. Esses rapazes aborrecem-se durante dois anos; têm a sensação de que estão a perder tempo, porque não podem voltar para o seu trabalho; são adolescentes e têm dinheiro. Estão fora do alcance dos efeitos inconscientemente estabilizadores do lar e das relações familiares, deixaram de se sentir integrados numa organização com tradições de trabalho, como era talvez o caso quando estavam no emprego. São portanto muito mais vulneráveis à influência da leitura fragmentária e sensacionalista que tão abundantemente lhes é fornecida. Diz-me a minha experiência que os únicos livros encadernados que a maior parte desses rapazes lêem são romances policiais. Além disso lêem bandas desenhadas, histórias de gangsters, revistas de crimes, as revistas ou jornais de novo estilo e os diários ilustrados. Felizmente que o serviço militar só dura dois anos; após esses dois anos os rapazes voltam para casa e para o seu trabalho. De início continuam a ler as mesmas publicações, mas em breve se tornam homens, adquirem novas obrigações, passam a dispor de menos tempo e de menos dinheiro, integram-se geralmente nos ritmos tradicionais do seu bairro e têm assim toda a probabilidade de evitar os efeitos mais perniciosos de uma existência hermafrodita («uma vida que é uma masturbação permanente», disse-me certa vez um soldado), desprovida de sentido e de objectivos pessoais. Sei que há excepções, e que se têm feito esforços no sentido de melhorar as coisas; dadas porém as condições descritas nos capítulos precedentes, é essa a atmosfera predominante para muitos dos rapazes que estão a fazer o serviço militar.

As leituras dos «rapazes das máquinas de discos», daqueles que passam os serões a ouvir os discos

tocados pelas máquinas dos *snacks* iluminados a néon, são talvez ainda mais sintomáticas dessas tendências gerais. Há outras pessoas que lêem também as revistas a que me refiro — alguns homens e mulheres casados, sobretudo aqueles que estão desiludidos com o casamento, «velhos porcos» e algumas crianças de escola — mas os frequentadores habituais desses bares são os leitores mais típicos ou característicos desse tipo de revista de novo estilo.

Tal como os cafés que descrevi num capítulo anterior, esses *snacks* caracterizam-se por um modernismo horrendo, um luxo de pacotilha, sintoma de um descalabro estético tão completo, que em comparação com esse estilo, a decoração das salas de estar das casas modestas onde vivem a maioria dos seus frequentadores pode ser considerada como o fruto de uma tradição tão equilibrada e civilizada como a que se traduz numa casa nobre do século XVIII. Não me refiro aos *snacks* onde se vai para comer uma refeição barata e rápida. Refiro-me sim ao tipo de *snack* que se tornou no local de reunião dos adolescentes do sexo masculino — e em todas as cidades do norte com mais de uns quinze mil habitantes existe um *snack* desse tipo. As raparigas frequentam-nos também por vezes, mas a maioria dos clientes habituais são rapazes de entre quinze e vinte anos, de fatinho completo amarrado, gravatas de bonecos e pronúncia americanada. Quase todos têm dinheiro para beber uma série de batidos — nesses locais não são servidas bebidas alcoólicas — ou então pedem uma chávena de chá e levam uma hora a bebê-la, metendo entretanto moedas na máquina de tocar discos — o principal motivo que ali os traz. Cada máquina toca cerca de uma dúzia de discos; carregá-se num botão para seleccionar o disco que se pretende, e que figura numa lista de títulos. As empresas proprietárias das máquinas mudam os discos mais ou menos de quinze em quinze dias; são quase todos discos americanos, cantados por um cantor ou uma cantora, e a maneira de cantar desses artistas é geralmente muito

mais moderna do que a dos cantores cujos discos são tocados no programa de variedades da B. B. C. Algumas das melodias entram bem no ouvido; todas obedecem ao gosto do público, adoptando o ritmo em voga; quase todas utilizam os efeitos sonoros da câmara de eco. São interpretados com precisão e competência, e o som da máquina está sempre no máximo, pelo que o barulho chegaria para encher uma sala de baile, quanto mais uma antiga loja de rua principal. Os rapazes abanam a compasso, ou então olham para o vazio, com um olhar vago semelhante ao de Humphrey Bogart, sentados nas cadeiras de metal.

Comparando-a com o ambiente do «pub» ali ao lado, é uma forma de diversão particularmente passiva e desprovida de interesse, uma espécie de podridão espiritual perfumada a leite. Muitos dos frequentadores — como o indicam os fatos que vestem, os penteados que adoptam e as suas expressões faciais — vivem num mundo mítico, composto por meia-dúzia de elementos simples que consideram como os ingredientes básicos da vida na América.

É uma gente deprimente, e não são esses os elementos típicos do proletariado; a maior parte deles são de inteligência inferior à média, e portanto mais vulneráveis às influências debilitantes que se fazem sentir na nossa época. Vivem sem objectivos, sem ambições, desprotegidos, e não acreditam em nada. São os equivalentes actuais dos rapazes do campo dos meados do século XIX, tais os descrevia Samuel Butler:

«Uma fila de rapazes do campo de ar estúpido e ausente, mal-feitos de corpo e feios de cara, apáticos, sem vida, uma raça semelhante à dos camponeses franceses de antes da Revolução, tal os descrevia Carlyle, por muito que essa ideia nos desagrade — uma raça que foi já suplantada...»

Alguns desses rapazes nem sequer são capazes de levar uma vida sexual rude, como a da maioria dos seus contemporâneos; até isso exige um certo auto-do-

mínio e capacidade de contacto com outrem, que estão para além das suas possibilidades.

A educação que receberam na escola pouco ou nada tem a ver com as realidades da vida tais como as conhecem desde os quinze anos. A maioria deles tem empregos que nada lhes exigem, executam trabalhos desprovidos de interesse intrínseco, que lhes não permitem desenvolver o sentido do seu valor pessoal e uma actividade criadora. O trabalho preenche umas tantas horas, e o resto do tempo é para os divertimentos, para o prazer; têm tempo de sobra e dinheiro para gastar. Estão esmagados entre a democracia e a tecnocracia; a sociedade dá-lhes uma liberdade ilimitada de sensações, pouco ou nada lhes exigindo — quarenta horas semanais de trabalho manual, implicando um mínimo de esforço intelectual. Durante o resto do tempo são presos dos promotores de diversões e do seu eficiente equipamento de massas. Os clubes de jovens, os institutos para jovens, os clubes desportivos não podem ter para eles a atracção que têm para muitos outros da sua geração; e os promotores de divertimentos dispõem de processos evoluídos de tracção de massas que lhes permitem atrair e dominar inteiramente este tipo de pessoas. O casamento e as responsabilidades da vida de casado conseguem por vezes modificá-los gradualmente. Mas até lá não têm quaisquer responsabilidades ou sentido das responsabilidades, para consigo mesmos ou para com os outros. São, num sentido terrível, os novos trabalhadores; se nos propuséssemos, após a simples leitura do novo tipo de literatura dirigida às classes trabalhadoras, delinear o retrato-tipo do leitor ideal dessa literatura, inventariámos pessoas muito semelhantes a estas. É certo que não são típicos, como o disse já. A acção de forças contemporâneas importantes dirige-se no entanto no sentido da criação de figuras desse tipo, que são os ilotas amorfos e domesticados de uma classe de tractores de máquinas. O facto de esses rapazes serem quase todos os menos inteligentes ou originários de famílias particularmente

desfavorecidas indica a ausência de fibra moral que facilita o trabalho dos promotores de diversões de massas, cuja acção contribui por sua vez para o enfraquecimento dessa fibra. O bárbaro passivo e hedonista que se mete por quinze tostões num autocarro de cinquenta cavalos, e vai ver um filme de cinco milhões de dólares pagando dez escudos pelo bilhete, não é apenas uma anomalia social; é um portento.

B. AS REVISTAS «APIMENTADAS»

Que lêem então homens desses, além dos diários ilustrados, dos jornais de domingo, das revistas e dos jornais mais sensacionalistas? A biblioteca pública não tem nada que lhes agrade, como lhes não agradam também os livros vendidos nas tabacarias, obras de ficção — do género «crime», «policia», «mistério», «western», e «amor e romance», segundo consta dos letreiros das prateleiras — que tanta procura têm nas bibliotecas públicas de bairro. Esses rapazes vão buscar de preferência as suas leituras aos quiosques de revistas, que nunca faltam nas zonas comerciais frequentadas por membros do proletariado. As vitrines desses quiosques estão sempre cheias a abarrotar de brochuras em vários estádios de desintegração, pois mantêm geralmente um sistema de trocas — bastante caro, pois brochuras que custam geralmente dez escudos são alugadas a vinte e cinco tostões. As obras dividem-se por três temas — crime, ficção científica e histórias de sexo.

Examinando certa vez a vitrine de um desses quiosques, inventariei as seguintes características para cada um dos três géneros (as revistas não estavam ordenadas por secções, mas todas misturadas, como é hábito):

A. *Crime*. A nota dominante nestas revistas é a de que «o crime não compensa» — o que de resto não é de admirar, dado que a maioria delas são america-

nas e posteriores à vaga de protestos que houve na América contra as revistas que glorificavam o crime. Têm por vezes sub-títulos que dizem: «Publicado em prol da causa da diminuição do crime». As personagens interessantes e excitantes são sempre no entanto quer os gangsters, quer detectives com temperamento de gangsters, que estão por mero acaso do lado da lei. Os títulos são, por exemplo:

Super Detectives

Histórias da polícia

O verdadeiro detective

Crimes e mais crimes

Histórias sensacionais da polícia

Casos de crime do F. B. I.

Casos policiaes emocionantes

Histórias da polícia secreta

As melhores histórias de detectives

Os detectives tal como eles são

Os grandes casos da polícia

O formato é quase sempre o mesmo; papel ordinário, caracteres tipográficos grosseiros e capa berrante; as histórias são muitas vezes plagiadas ou escritas por desconhecidos a soldo de um autor conhecido.

B. *Ficção científica*. Os títulos falam-nos de «ficção científica», ou «ficção espacial», qualificadas com adjectivos como «espantoso», «estranho», «futuro», «fantástico», «super», «emocionante» e «autêntico».

O papel é ordinário e as capas coloridas, como para as histórias de crimes. É o tipo de ficção científica que existia já antes de alguns autores terem es-

crito sobre esses temas obras que levaram o gênero a ser incluído na literatura séria e discutido nos semanários literários, e que continuará provavelmente a existir, tal qual, nada influenciado por estas obras. O estilo e as situações são muito limitados. Na maioria das histórias aparece uma rapariga núbil, entregando o tipo de fato que os criadores do guarda-roupa das revistas de segunda considerariam como um traje «futurista». Esse traje consiste geralmente numa mini-saia branca plissada e num corpete reduzido ao mínimo e enfeitado com qualquer motivo modernista. É o sexo com fecho-éclair, em vez das saias e blusas já fora de moda; é a fornicção por procuração numa nave espacial que circula entre Marte e Vênus.

Falarei depois em pormenor do terceiro gênero, as histórias de sexo. Estes três gêneros abrangem todo o material (refiro-me às publicações não-periódicas) que orna a vitrine do quiosque em questão e dos outros do mesmo estilo. Os livros de «cow-boys» e as histórias de boxe, que aqui há vinte anos atrás figurariam em primeiro plano, constituem hoje em dia uma percentagem ínfima das obras expostas.

Estas publicações parecem exercer uma atracção especial sobre os adolescentes de inteligência inferior à média e sobre todas as pessoas que, por qualquer razão, se não desenvolveram normalmente ou se sentem inadaptadas. Os anúncios são predominantemente compensatórios. Abrimos aqui um parêntesis para falar com brevidade de publicidade compensatória do tipo mais elementar, que nos surge constantemente, tanto no gênero de publicação que acabamos de referir, como num leque muito mais variado de publicações periódicas.

Os anúncios mais simples do tipo a que me refiro dirigem-se a indivíduos com um complexo de inferioridade física, ensinando ao leitor como é que há-de deixar de fumar, a fim de que possa ver e pensar melhor e ter mais força; «Você pode ser alto», dizem, ou

ainda «Melhore a sua forma física», «Porque é que há-de continuar a ser um trinca-espinhas?», «Adquira uma vitalidade irradiante», «Estes rapazes seguiram o meu curso...», diz uma figura muito bem musculada, «e veja a diferença que fazem! Escreva-me, se quer ter um corpo forte».

Temos ainda os anúncios de remédios para os nervos e de maneiras de vencer os complexos de inferioridade:

«Sofre dos nervos, de uma sensação de inferioridade, de falta de confiança em si, é gago, não sabe estar, é hesitante e humilde? Então é porque sofre de uma inadaptação básica, porque NÃO SABE DOMINAR OS NERVOS.

Aprenda a ter impulsos POSITIVOS em vez de NEGATIVOS! Adquira uma personalidade DOMINADORA e FORTE!»

Outros desses anúncios são ainda mais convincentes:

«PARECE INCRÍVEL MAS É ASSIM!

Você tem desenvolvido as suas imensas potencialidades?

QUER COMEÇAR A FAZÊ-LO? (Segue-se um desenho modernista de uma figura do sexo masculino irradiando raios de força vital).

Liberte-se e aprenda a controlar essas potencialidades — recorrendo ao nosso sistema milagroso.

Sirva-se plenamente da sua ESPANTOSA DINÂMICA OCULTA! Este livro pode MUDAR A SUA VIDA».

Por vezes é a mesma organização que insere tanto os anúncios mais simples («sofre dos nervos?») como os mais positivos, aqueles que se dirigem ao inadaptado que quer arranjar amigos ou influenciar as pessoas. Para saber como é que isso é possível basta mandar

duas libras, recebendo em troca um livro intitulado, por exemplo, «O segredo de uma personalidade forte». Estão sempre a ser publicados novos anúncios deste tipo, que fazem promessas cada vez mais inverosímeis, e que recorrem a uma prosa cada vez mais dinâmica para chamar a atenção para os resultados fabulosos que prometem:

«Considera que a vida lhe faculta as recompensas que quer e merece? Ou quer continuar a viver sem objectivos e sem êxitos, atormentado pela timidez e pelo medo?

Temos o remédio para si.

Pode ganhar dinheiro, fama, poder e consideração dos seus conhecidos (um estranho eco do fim da vigésima terceira Conferência Introdutória de Freud, que nos fala do artista como fantasista compensatório — «Ganhou — através desta fantasia — aquilo que até aí só pudera ganhar na sua fantasia: honra, poder e o amor das mulheres». Acorde final que nos lembra de forma egocêntrica e mais estranha ainda a frase de Bacon «atingir o limite extremo do conhecimento, para maior glória do Criador e para melhorar a condição do homem»).

Para voltarmos às revistas propriamente ditas: há um certo número de revistas «apimentadas», de semanários e mensários de sexo, que «ladram mas não mordem», de forma que podemos considerar muito característica desse tipo de publicação. Estão à venda em todas as tabacarias e quiosques, e algumas delas vendem-se muito. Não pude obter números concretos de distribuição por classes, mas sei que o seu público é principalmente constituído por rapazes das classes trabalhadoras e da baixa classe média.

Essas revistas compõem-se principalmente de anedotas, geralmente ilustradas, e à base de implicações sexuais simples, limitadas e inofensivas. Incluem ainda palavras cruzadas, uma página de notícias desportivas, uma secção de astrologia e alguns contos muito curtos. Atendendo às gravuras que as ilustram, as his-

tórias deviam ser de sexo, mas revelam-se na realidade tão inofensivas como as das revistas femininas modernas. O narrador é, ou um rapaz casado há pouco tempo, ou um rapaz que em breve casará com uma rapariga decente, a avaliar pela maneira pouco ousada como assobia às raparigas na rua.

Nas revistas mais recentes encontramos às vezes uma história em episódios tirada de um filme, ilustrada com fotografias de raparigas decotadas. Além disso há inúmeros desenhos de tamanhos vários, com legendas anedóticas. A maioria dessas revistas pretendem ser modernas, mas a qualidade gráfica que as caracteriza assemelha-se muito às das modernas revistas dirigidas às famílias. Tentam ser modernas e sofisticadas inserindo desenhos de estilo «moderno». As suas páginas têm um carácter menos simples e caseiro do que as das revistas antigas, ilustradas pelos artistas de estilo «antigo», pois estes artistas modernos são ingleses que desenharam em estilo copiado dos americanos, de modo particular do de Varga. As revistas incluem ainda fotografias de *pin-ups*, e uma vez que quase não podem recorrer à fotografia colorida e a outros processos caros utilizados pelos seus rivais, tentam apresentar fotografias o mais ousadas possível, de modelos que parecem «sair da página» ao encontro do leitor.

Essas publicações consideram-se a si mesmas «atrevidas», ousadas e modernas, pelo menos nas ilustrações. Mas tal só é possível desde que se aceite a existência desses valores que se estão simultaneamente a desrespeitar. São publicações pacatas, que ao fim e ao cabo se assemelham muito às antigas revistas femininas. Se as criticamos, não é por as considerarmos revistas de sexo, mas sim devido à trivialidade que as caracteriza, tal como de resto à maioria das novas revistas: a sua ousadia é corriqueira e inócua.

Um certo número de publicações periódicas mais directamente dirigidas às classes proletárias diferem

de modo muito acentuado das que acabo de descrever, talvez por serem de carácter mais específico e local. Nenhuma delas tem tido vida longa, mas assim que a polícia intervém para pôr cobro à publicação de uma dessas revistas, logo surgem outras novas do mesmo tipo. Trata-se de publicações geralmente mensais, que custam cerca de vinte e cinco tostões. Farei uma descrição das revistas desse tipo tal como existem no norte, mas sei que são publicadas localmente no sul revistas do mesmo tipo. As mais conhecidas dessas revistas vendem-se em todo o norte, de Manchester a Hull e de Middlesbrough a Nottingham. Uma delas atinge tiragens de mais de cem mil exemplares por número, e deve ter portanto um público de cerca de trezentos mil leitores. A revista em questão tinha um público constituído predominantemente por membros do proletariado urbano no nordeste.

O conteúdo de cada um dos números de uma revista deste tipo é muito simples. Compõe-se de uma pequena rubrica desportiva, de uma rubrica de cinema, de um ou outro conto muito curto (que parece ser uma história de sexo, mas que é realmente inócuo) e de alguns anúncios (de talismãs e outras coisas no género). O resto do espaço é geralmente preenchido por anedotas, impressas em colunas duplas, e por desenhos, ilustrando as anedotas ou reproduzidos sem comentários, simplesmente porque são sugestivos. Esse tipo de revista contém um número reduzido de fotografias de modelos, talvez porque isso sai caro. Em vez das fotografias de *pin-ups* que ornaram as revistas mais caras, essas revistas inserem fotografias de desenhos a lápis, que no efeito geral se assemelham às fotografias de *pin-ups*. Esse método de ilustração por desenhos fotografados tem uma outra vantagem, tanto quanto me parece: o desenhador, que trabalha no estilo de Vargas, pode acentuar certas partes do corpo das raparigas, de maneira a produzir uma imagem ainda mais sugestiva do

que as fotografias de *pin-ups*. Uma dessas revistas recorria ao truque de acentuar os mamilos, transparecendo através do vestido. Outras vezes o desenho sublinha a separação e a forma dos seios.

De maneira geral, estas revistas pertencem ao mundo dos postais pornográficos: são igualmente ordinárias e têm uma concepção igualmente restrita das situações humorísticas — que implicam obrigatoriamente rabos, penicos, cuecas, umbigos, seios (e mais recentemente seios posticos, o traço mais popular das revistas de anedotas sexuais). São talvez ainda mais grosseiras que os postais. Digo-o não por causa dos desenhos de mamilos proeminentes ou de coxas exageradamente protuberantes. O elemento mais grosseiro desses desenhos é, a meu ver, a cara das raparigas, de modo particular nos desenhos maiores; estas são de um género diferente da das raparigas dos postais. Têm uma expressão ordinária e grosseira que não encontramos em mais lado nenhum. Não quero dizer com isto que sejam caras «sensuais e rudes à maneira saudável de um Chaucer»; trata-se antes de uma grosseria urbana e pseudo-sofisticada que considero muito característica. Essas revistas atraem o seu público devido à qualidade sugestiva dos desenhos fotografados que inserem e porque as caras e os acessórios que figuram nesses desenhos são em certa medida familiares. Abrindo ao acaso um exemplar de uma dessas revistas, deparo com um grande desenho de uma rapariga de *shorts*, com uma blusa muito decotada, a andar de bicicleta, como o fazem tantas raparigas do norte ao fim de semana. Tem a cara de um tipo de rapariga que encontramos sempre em qualquer grupo grande de raparigas do proletariado, a rapariga que «a sabe toda». Neste sentido muito restrito, no realismo limitado da expressão, estas revistas dirigem-se às classes trabalhadoras de uma forma muito mais directa do que as revistas «apimentadas» distribuídas por todo o país, ou até do que as revistas e jornais modernos.

C. OS ROMANCES DE SEXO-E-VIOLENCIA

«Sublinharei o facto simbólico de que deixámos de fazer declarações solenes de amor na mesma altura em que deixámos igualmente de fazer declarações de guerra. Estamos a regressar a uma idade de raptos e de estupros, mas sem o ritual que acompanha na Polinésia esse tipo de violência».

(De Rougemont)

Os romances de cordel de «sexo e sangue» estão à venda não só nas lojas de revistas de bairro, como ainda nos quiosques de algumas estações de caminho de ferro. Em geral estão amontoados a um canto, por debaixo das carteiras de aspirina e dos lápis assépticos. As publicações que se vendem nesses quiosques — jornais e semanários, revistas de trabalhos manuais e de tricôt, bordados, etc, livros de algibeira das colecções Penguin e Pelican, e por fim os referidos romances de cordel de «sexo e sangue» — são muito representativas de algumas das principais tendências da nossa cultura. A presença regular de livros de sexo significa, creio eu, que os livros que se lêem no comboio podem ser uma espécie de válvula de escape para muitas pessoas que não ousariam entrar nas «lojas de revistas» e que nunca levariam para casa um livro assim. Mas as fronteiras do permissível alargaram-se tanto nestes últimos cinco ou seis anos que muitas tabacarias começaram a ter à venda esse género de brochura, que está em vias de deixar de ser uma leitura furtiva.

Esses romances de cordel não são os únicos portentos sociais dos nossos tempos. Constituem apenas um elemento, talvez o que mais salta à vista, de uma tendência geral. Outros elementos que com este se relacionam são as séries de sexo-e-violência inseridas nalguns dos jornais mais sofisticados. Esses jornais começaram por publicar versões censuradas dos últimos

romances de sexo-e-história provenientes da América. Os referidos romances não eram talvez em número suficiente, seriam demasiado caros ou difíceis de editar por qualquer razão. Fosse qual fosse a causa, em breve começaram a escrever-se séries originais desse tipo, que obedeciam aos padrões estabelecidos, incluindo uns pós de estimulação sexual e um desenho sugestivo em cada episódio. Quando era difícil arranjar outra ilustração para um desses episódios, mostrava-se a heroína (geralmente uma Moll Flanders do século XX que aprendeu a ética burguesa do preservativo com a heroína de meia-idade de um folhetim radiofónico) a sair da cama de manhã, encarando de frente o futuro. O detective deixa de ser nessas séries um herói das histórias de Edgar Wallace, para se tornar no detective das histórias de gangsters dos nossos dias. Este novo detective é um duro, que só se distingue dos maus porque luta contra eles, e porque manifesta nos momentos próprios o sentimentalismo que convém; de resto as suas maneiras, a sua brutalidade, o seu código sexual e a sua atitude para com a experiência em geral são as de um delinquente exibicionista.

Caso nos interesse identificar com maior precisão as características desses romances recentes de sexo-e-aventura (que se intitulam geralmente «romances policiais») será necessário compará-los com um tipo anterior do mesmo género. Quando era adolescente comprávamos, quando queríamos um livro «apimentado», romances de autores com nomes franceses — tais como Pierre Laforgue, para apresentar um exemplo inventado. A avaliar pelo grande número de livros atribuídos a cada autor e pela semelhança que entre eles existia, é provável que os nomes dos autores fossem fictícios. Os editores deviam ter inventado um certo número de nomes apropriados, que apunham aos manuscritos cujas características se conformavam ao modelo desse tipo de livro. Essas histórias eram impressas — e continuam a sê-lo, pois ainda há pouco comprei várias, datadas de 1947 — em papel ordiná-

rio, em caracteres tipográficos incertos, e ostentavam na capa uma gravura colorida. O ambiente da capa, tal como o de toda a história, era eduardiano e não actual. Os nomes dos autores davam o tom, que era o da ousadia mitigada geralmente associada à ideia de «la Gay Paree»¹. As senhoras da capa envergavam invariavelmente trajes à moda de na trinta ou quarenta anos atrás; os títulos eram do estilo «Prazeres roubados», «Extase perigoso» ou «Noites apaixonadas». Eram as vítimas resignadas e doces de belos homens morenos, que envergavam roupões de veludo e se chamavam Raoul (ou outros nomes no género), e que abusavam delas em otomanas. Era o pecado tal o concebido a criada de quarto, o sexo de «boudoir», manso como um gato bem ensinado, num cenário de rendas e bocas amuadas, e que se dissolvia em reticências perante a indecência.

Dos meados da década de trinta em diante esse género de romance de cordel foi completamente destronado pelos romances de sexo nova vaga importados da América. As novas publicações inspiraram-se em parte em livros como *The Postman Always Rings Twice*², de James M. Cain, ou os de Mickey Spillane, um autor americano mais recente. Radicam porém noutras fontes que não apenas essas.

Estes romances novos assemelham-se aos antigos no papel, nos caracteres tipográficos que utilizam e pelo facto de terem também capas coloridas e brilhantes, custam também o mesmo que as outras custam agora, entre sete e quinhentos e dez escudos. As semelhanças entre um e outro género ficam-se porém por aí. As histórias no novo estilo diferem das antigas logo

¹ «O alegre Paris» — (N. T.)

² O carteiro toca sempre duas vezes (N. T.)

nos títulos, que consistem geralmente numa frase completa, do género dos exemplos inventados que passo a apresentar:

Querida, entra no barulho
A dama meteu-se no barulho
As pequenas não gostam de chumbo
Não me tentes, brasa
Querida, aqui está um cadáver para ti
A pequena entrou no táxi da morte
Pontaria baixa, meu anjo
Miss Fandown entra na dança
Querida, os revólveres não sabem falar
O assassino ia vestido de nylon (tal como os fotógrafos das *pin-ups*, estes autores demonstram grande predilecção pelo nylon)
Querida, as curvas não matam
Os túmulos não podem falar

Os autores são geralmente americanos ou fazem-se passar por americanos, à maneira das lojas de camisas americanas de Charing Cross Road. A maior parte desses autores têm nomes de «duros», nomes próprios como Hank, Al, Babe, Brad e Butch. Dois autores que respondiam no tribunal por terem escrito livros desse género explicaram que os pseudónimos tinham sido escolhidos pelos editores. Os livros são editados por várias firmas, quase todas de Londres; as casas editoras compram por vezes os direitos de obras americanas, outras vezes encomendam livros do género a autores ingleses.

Em comparação com as heroínas destes livros, as de Pierre Laforgue não são nada. As raparigas destes romances novo estilo são as descendentes das raparigas dos desenhos de Varga, que decoravam as casernas de Kirkwall a Kuala Lumpur, que enveredaram agora pelo mau caminho. Têm as blusas sempre abertas até à cintura por causa da última tentativa de violação de que foram alvo; fumam de boquilha; estão sempre contusas da última luta em que participaram;

têm as curvas exigidas pelos cânones de beleza dos heróis, curvas levadas ao exagero, coxas volumosas, mamilos proeminentes e seios que ameaçam rebentar com a blusa. O epíteto descritivo que os seus criadores preferem aplicar-lhes é o de «sexacional»: nem nos atrevemos a pensar qual seria nas mãos delas a sorte de uma heroína de Laforgue.

Esses romances são além disso violentos, pois são histórias de violência sexual, nas quais o sexo se alia ao sadismo para se tornar excitante. A violência é permanente: os homens torturam-se longamente, torcendo os braços da sua vítima, cortando-a com lâminas de barbear ou batendo-lhe com tubos de borracha: «Tinha uma ferida na cara que parecia uma boca aberta a deitar sangue». Os encontros entre homem e mulher são igualmente violentos, metendo gemidos e dentadas que fazem jorrar o sangue (há geralmente dois contactos sexuais violentos em cada romance, e umas poucas de lutas entre homens); as línguas não descansam, e as unhas cravam-se como garras: «as ancas dela mexiam como se fossem movidas a electricidade... afastava-se, e depois gemia como um gatinho quando eu a puxava outra vez para mim».

A literatura de aventura sexual existe há muitos séculos; basta lembrarmo-nos de certos aspectos do *Unfortunate Traveller* de Nashe, ou da *Moll Flanders* de Defoe. Existia já uma literatura de violência, assim como existia também uma literatura de sadismo e masoquismo, em pequena escala embora. Esta nova forma é porém muito diferente. Não se dirige a um pequeno círculo perverso tal como aquele para quem o marquês de Sade escrevia as suas obras. Estes romances de sexo-e-violência dos nossos dias dirigem-se, pelo contrário, a um público muito vasto. Diferem das obras de sexo e violência de Nashe e Defoe devido a uma característica muito peculiar, a de que esse sexo e essa violência são como que claustrofóbicos, encerrados num mundo circunscrito.

O mundo destes romances é além disso um mundo em que os valores morais perderam todo o significado, contrastando nesse ponto de forma muito visível com o mundo de Pierre Laforgue. Os livros de Laforgue têm frequentemente títulos como *Devemos perdoar-lhes?*, *O preço da vergonha*, *Beleza caída*, *Uma Madonna manchada*, *Beijos comprados* ou *Retribuição*. Os romances novos não podiam ter títulos desses, pois o perdão, a vergonha, a retribuição, a mancha ou a queda são conceitos que estão para além da órbita moral destas obras. Numa lista de cinquenta e cinco obras do mesmo autor encontrei apenas um único título de carácter moral. Num dos romances da escola de Laforgue um bonito rapaz que se vê obrigada a passar a noite em casa dele escreve-lhe um poema. Esse poema não passa de uma composição em estilo georgiano, muito pouco inspirada. Mas os homens e as mulheres dos romances novos nunca ouviram sequer falar de poesia, a não ser talvez no tempo que perderam na escola, ralando o juízo ao professor; e os seus criadores mais depressa os punham a tomar conta de escuteiros do que a citar poesia. Quando um homem e uma mulher que experimentavam um pelo outro uma atracção mútuas se encontravam num romance de Laforgue, a descrição desse encontro era mais ou menos neste estilo:

«Quando ele a apertou, senti o peito dela a pulsar de encontro ao dele. Os olhos dela eram um mar de chamuscas. Naquele momento era intensamente feminina.

«És minha, minha querida. Como te amo», murmurou ele.

Ela soltou um gemido de êxtase, suspirou de felicidade e apertou-o fortemente de encontro a si. Os seus braços quentes abraçavam-no de perto. Não senti qualquer hesitação, vergonha ou remorso, quando o conduziu silenciosamente em direcção ao quarto...»

A descrição é de um romantismo piegas, de lugares comuns. Mas vejamos agora como se passa num

dos novos romances o encontro de um casal que experimenta uma atracção mútua:

«Então ela era uma rapariguinha, hein? E eu um grosseirão e um parvo? Pois já íamos ver!

O corpo dela tremia de encontro ao meu, e sentia todas as suas curvas por debaixo do vestido leve. Apertava-se com toda a força de encontro a mim, e as suas lágrimas sabiam-me bem.

Comecei a desapertar-lhe o vestido à bruta, mas a excitação em que me encontrava tornava-me desajeitado. Foi ela que me ajudou, entre gemidos e suspiros ofegantes. E então... juntámo-nos como um par de animais selvagens».

Quando um casal se encontra sem amor num romance de Laforgue (ela tem de o fazer porque precisa de dinheiro ou porque está por qualquer outra razão no poder dele), esse encontro é sempre descrito em termos de uma situação excitante, mas temível:

«Tenho de ir... tenho de ir...», repetia ela incessantemente de si para consigo.

Sentia a cabeça andar-lhe à roda quando essas palavras lhe ecoavam no cérebro. «Hoje à noite... às 10... No Royal (o nome do hotel). *E então...*»

«E então» teve de se submeter aos braços de um empresário teatral pouco escrupuloso. Mas o capítulo acabou ali, e quando a tornamos a encontrar seis meses mais tarde, o marido está quase a regressar a casa para a surpreender em delicto de infidelidade aparente.

Quando um autor do tipo Laforgue resolve ir mais longe, inclui antes das reticências uma cena em que a heroína se despe, e que acaba com as seguintes palavras: «Tirou o último véu da modéstia». Os romances novos não se ficam nunca por aí, mas de toda a maneira teriam sempre de empregar expressões diferentes. A expressão «véu da modéstia» não significa nada para quem não reconheça a existência de valores morais; a modéstia não existe. Quando um homem e uma mulher de um romance novo se encontram sem amor, fazem-no como inimigos físicos:

«Penso que ela percebeu o que me estava a acontecer enquanto continuava ali deitada, a esfregar os joelhos um no outro como um gato se esfrega nas nossas calças.

Vai pedir-me por favor, disse ela, numa voz cariciosa, e pedir-me desculpa da briga?

Realmente, há tipas que não percebem as regras do jogo...

Oiça, disse eu, cá comigo nunca há desculpas ou favores...

Ela riu-se e encostou-se para trás, com os seus ainda a arfar da luta. Comecei a sentir o sangue a escaldar.

Querida, disse eu, estás mesmo a pedi-las. E não é preciso mais conversa para nada.

Ela nem se mexeu quando eu me debrucei por cima dela e lhe rasguei o fato, e depois a combinação, que saíu de uma vez. Acho que deve ter achado que a melhor táctica era a da resistência passiva, por isso ficou hirta.

Mas agora era a minha vez — e os olhos dela brilharam de excitação e de medo. — Continuava porém sem se mexer, o que dificultava as coisas. Por isso tirei o cinto e atei-lhe os braços à cabeceira da cama. Depois beijei-a com força; ela mordeu-me, e o sangue jorrou do meu lábio.

Mas desta vez já ia embalado. Ela começou a gemer, doida de paixão. Solta-me — entra, gemeu ela. E eu entrei — mesmo assim, com ela atada».

O estilo é uma imitação reles do de Hemingway, a linguagem do touro mudo ou do chimpanzé urbano, que se serve de um vocabulário mínimo e elíptico. O autor toma o maior cuidado em pôr na boca do seu herói uma linguagem máscula, evitando as frases literárias ou «piegas». Só assim é possível empregar frases como «ela disse numa voz cariciosa» ou «os olhos dela brilhavam de excitação e de medo». O chimpanzé só pode exprimir o carácter excitante ou horrível das suas experiências recorrendo a uma inversão redutiva: «a tipa

não estava muito vestida» ou «depois de os rapazes terem acabado o trabalhinho, ele não estava nada bonito de se ver».

Esses heróis «duros» dos livros policiais, de gangsters, etc., no fundo são uns sentimentais, e esse traço vem por vezes à tona, ainda que raramente. Nessa altura a frase clássica é «Posso ser mau (um tipo duro — lixado) mas não sou desses». O narrador do sexo masculino fornicava e mata pois ao longo de quinze capítulos. De toda a maneira é muito provável que esteja à procura da sua amada, pois a maioria desses narradores passam o tempo à procura das namoradas, que foram raptadas. Encontra-a, e bate sem dó nem piedade nos raptadores. Mas nessa altura já ela morreu — apanhou uma bala no estômago quando servia de escudo aos seus carcereiros. Ou então não morreu, mas confessa que gosta mas é de um maricas qualquer. O narrador apara o golpe — há coisas que um tipo tem de aguentar. O herói está nas últimas, sem dinheiro e sem qualquer hipótese de arranjar trabalho naquela zona; encontra-se uma vez mais sozinho e sem amarras. Nesta altura aparece muitas vezes o equivalente do cão vadio cuja companhia confortava os viandantes nos melodramas vitorianos, que é nestas histórias uma das raparigas da quadrilha dos gangsters, geralmente meia-atrasada mental, ou uma brasa que se viu obrigada a viver contra sua vontade com a quadrilha e que foi libertada pela grande matança, ficando à deriva. A história acaba então da seguinte maneira:

«Mal me livro de uma meto-me logo noutra. Quis ser duro com ela, mas não fui capaz (o que equivale à lágrima secreta que escorre pela cara do vilão quando ouve a voz da orfãzinha). Dei por mim a fazer uma proposta maluca.

«O. K., O. K.», disse eu. «Há lugar no carro e dois podem comer onde comer um... pelo menos durante alguns dias...»

«O. K., não liguês. Eu sou assim.»

Sobem ambos para o carro, e dirigem-se para o estado vizinho. Em minha opinião, e lamento não poder reproduzir exemplos de textos tirados desses livros (os meus exemplos são todos inventados por mim), o estilo dos autores mais populares de romances do tipo a que me tenho vindo a referir é superior, do ponto de vista literário, ao dos seus predecessores. Esta minha afirmação pode parecer contraditória à primeira vista, mas a explicação do facto reside na ausência de referências morais que aponte já. É certo que os livros respeitam aparentemente um código moral: os «maus» são sempre vencidos no fim, etc. A textura do livro nega porém implicitamente esse mesmo código. Os escritores do estilo Laforgue pertencem ao fim e ao cabo ao mundo das antigas revistas femininas; ou seja, tal como os autores dos semanários «apimentados», estão a desobedecer deliberadamente a regras que aceitam como tais, enquanto que os escritores das revistas femininas obedecem a essas mesmas regras, cantando-lhes louvores. Uns e outros aceitam as regras, e a emoção é criada pela desobediência a regras reconhecidas como tais. Os autores que escrevem nas revistas femininas limitam-se a apontar as situações morais, recorrendo aos lugares-comuns dessa moral; os escritores do estilo Laforgue limitam-se da mesma maneira a apontar as situações imorais, recorrendo aos lugares-comuns da imoralidade. Essas situações são excitantes por referência a um código moral aceite tanto pelo autor, como pelos seus leitores.

O estilo dessas obras pode ser frouxo, pois basta-lhe tocar nas teclas do costume para que se desene essa relação moralidade/imoralidade.

Os autores dos romances do estilo novo têm porém de fazer com que o leitor sinta essa violência, que pretendem descrever. Não podem tornar a sua obra excitante recorrendo aos lugares comuns do comportamento de infracção ao código estabelecido, porque esse código não existe: têm portanto de

atingir directamente os seus leitores. Paradoxalmente e de forma muito limitada, a sua situação perante o material de que dispõem para realizar a sua obra assemelha-se mais à do escritor verdadeiramente original do que a de todos os escritores do tipo Laforgue, a dos autores dos romances de amor das revistas femininas ou ainda a dos autores das histórias ousadas das revistas «apimentadas». Os autores das histórias de gangsters têm de comunicar aos seus leitores uma emoção física:

«O Gordo enfiou de repente o joelho com toda a força na virilha de Herb. Herb dobrou-se com a dor, e o punho do Gordo bateu-lhe na cara com toda a força. Os nós dos dedos do Gordo esmigalharam os ossos da cara de Herb, e o sangue e a carne ficaram amassados como uma romã esmagada. Herb caiu para o chão de ladrilho, rangendo os dentes. Chorava baixinho, deitado no chão, e o Gordo deu-lhe um pontapé na barriga com o sapato ferrado. Por fim — para acabar o trabalhinho — o Gordo esmagou com o pé a papa ensanguentada que fora a cara de Herb».

Em passagens como estas podemos dizer que o estilo tem uma certa força, conseguindo impressionar os leitores. Mas esse poder é limitado: só nas situações excitantes é que esse estilo consegue ultrapassar a banalidade que geralmente o caracteriza. Um desses autores explicou certa vez que sentia prazer em «viver» as lutas e os encontros sexuais que descrevia nos seus livros, dando a entender que esse «prazer» era de carácter muito especial. A afirmação pode esclarecer-nos no que se refere à força de que o estilo desses autores se reveste em tais passagens; cito como exemplos do que acabo de referir uma descrição particularmente ao vivo de uma luta sexual entre o narrador de um desses romances e uma ninfomaníaca gorda, porca e usada.

Passamos a estabelecer uma comparação entre uma dessas histórias de gangsters e o *Santuário* de Wil-

liam Faulkner. *Santuário* foi publicado em 1931, e alguns dos traços característicos do estilo desse livro parecem ter servido de modelo aos primeiros autores dos novos romances policiais. Apresentamos pois primeiramente uma imitação mais longa de uma cena crucial típica dos novos romances de gangsters, e seguidamente um extracto de *Santuário*; a comparação entre uma e outra passagem permitir-nos-á avaliar melhor, por um lado a força de que o novo estilo se pode revestir ocasionalmente e, por outro, as limitações e a banalidade do mesmo:

«Entretanto a velha Liz continuava agachada perto do lume, semelhante a um velho papagaio depenado. Os olhos quase lhe desapareciam debaixo dos círculos de gordura bafienta das olheiras. Tinha a cara sulcada de linhas brancas, nos sítios onde o pó de arroz se tinha infiltrado. Trazia as meias enroladas abaixo dos joelhos, que eram brancos como massa crua. Vestia um velho fato de renda roxa, muito apertado, que acentuava os rolos de gordura de um corpo informe. As mãos pareciam presuntos podres, já azulados.

«São horas de tratar da saúde do Molony», disse Lefty por fim.

Atirou fora a beata e aproximou-se do sítio onde Molony estava atado a um poste. Molony tinha já recuperado da pancada na carótida que o tinha semi-estrangulado e feito perder os sentidos. Agora estava amarelo e cheio de medo, com os olhos saídos como os de um coelho estrangulado.

«Não podes fazer isso, Lefty», disse ele.

Lefty aproximou-se de Molony e mostrou-lhe a faca, encostou-a depois ao estômago do outro. Depois começou a empurrar devagar mas com força, como um carneiro a cortar carne. Continuava a olhar para os olhos de Molony e a sorrir, até que este deu um grito surdo e caiu. Lefty riu, tirou a faca, limpou-a cuidadosamente e disse: «Agora vamos à pequena».

A rapariga começou aos vômitos de terror, percorrida por ondas alternantes de medo e dor. Butch esbofeteava-a entretanto nos olhos com a mão aberta, e de vez em quando fingia que lhe ia dar uma joelhada nas virilhas.

O fato da rapariga estava já aberto até ao estômago, e a combinação aparecia por debaixo, suja e rota também. Os seios quase nus da rapariga arfavam, e Lefty, de lá de ao pé do fogão, olhava-a pelo canto do olho e de vez em quando cuspiam para as cinzas. Passado um bocado as ondas vermelhas da dor começaram a submergi-la, mas antes de desmaiar ainda viu Lefty levantar-se com um olhar novo e terrível... Começou a soltar pequenos gritos de agonia, e as pernas agitavam-se-lhe espasmodicamente.»

Numa outra cena crucial, extraída agora de *Santuário*, Temple é levada por Popeye para o bordel de Miss Reba, onde este a quer esconder: «Bebia cerveja, resfolegando para dentro da caneca, e a outra mão, que ostentava anéis de diamantes do tamanho de pedras, repousava no seio farto ...

Assim que entraram em casa começou a falar a Temple da sua asma, subindo as escadas com custo à frente deles, com os pés enfiados em pantufas e segurando numa mão um rosário, e na outra a caneca. Acabava de voltar da igreja, e envergava portanto um fato preto de seda e um chapéu disparatadamente florido; a metade de baixo da caneca estava gelada e coberta de gotinhas. Andava rolando pesadamente as coxas, com os cães a correrem-lhe por entre as pernas, falando sempre, por de cima do ombro, numa voz áspera, ofegante e maternal.

«O Popeye sabia bem que não tinha sítio melhor para a trazer do que a minha casa. Andava atrás dele há anos, não é verdade, querido? a dizer-lhe que tinha de arranjar uma namorada. É o que eu digo sempre, um rapaz novo tem de ter uma namorada...» Começou a amaldiçoar ofegantemente os cães que lhe entravam o andar, parando para os enxotar. «Vão lá para

baixo», disse, abanando o rosário na direcção dos cães. Estes rosaram num falsete maldoso, mostrando os dentes, e ela encostou-se à parede, numa vaga aura de cheiro a cerveja, com a mão no peito, a boca aberta, e os olhos escancarados num olhar de pavor e tristeza, tentando respirar, e a caneca brilhava no escuro como um raio de prata fosca.

A escada estreita dava umas poucas de voltas. A luz, que entrava pela porta da frente, velada com cortinados espessos, e pelas janelas dos patamares, que tinham as persianas corridas, era fraca, como que cansada; uma luz defunta, exausta — estagnada, como a água podre de um charco, contrastando com a luz do sol e os barulhos da vida lá fora. Havia um cheiro enjoativo a comida duvidosa e a álcool, e Temple, apesar de ignorante, tinha a impressão de sentir por detrás de cada porta por que passavam a promiscuidade das roupas interiores, os sussurros discretos de carne pouco fresca, muitas vezes assaltada mas sempre inconquistada. Atrás dela, e metendo-se pelo meio dos pés dela e dos de Miss Reba, os dois cães avançavam também, e as suas garras emitiam um som tilintante quando batiam nas varetas de metal que prendiam a tapete às escadas.»

O estilo dos romances policiais do tipo a que tenho vindo a referir-me é geralmente um estilo morto, inçado de imitações baratas e banais de calão americano e de descrições fotográficas desprovidas de relevo. As frases são curtas, sem fôlego, digna contrapartida estilística de uma ficção caracterizada pela banalidade e pela falta de imaginação. O estilo anima-se porém em certas passagens, adquirindo vida quando descreve cenas de inflicção de dor. Consegue criar situações sádicas fortes, pois essas descrições utilizam imagens que não são já lugares comuns, despertando a emoção do leitor. Nessas passagens o objecto é olhado de forma directa, e os pormenores da dor descritos com realismo. O estilo adquire então a vida de um desenho

animado cruel, apresentando uma versão da experiência igualmente distorcida e bi-dimensional.

Santuário é indubitavelmente um dos primeiros romances sensacionalistas; apresenta porém a marca de um autor original sério e desinteressado, que se serve de todos os seus dotes perceptivos para apreender tudo o que há para ver, cheirar ou ouvir, combinando essas imagens, cheiros e sons numa cena complexa — uma descrição da atmosfera esqualida, grotesca e simultaneamente patética do local; da figura horrível, espalhafatosa, mas por outro lado quase cómica, de Miss Reba; do terror da rapariga puxada pelo homem escada acima e que se sente alvo da bizarra solicitude maternal da velha proxeneta. Faulkner está a ver, a cheirar, a ouvir e a reagir a essa situação.

Serve-se então de uma linguagem adequada para exprimir a complexidade da situação emocional; recorre às palavras e imagens que melhor lhe permitem descrevê-la. Os ritmos e os períodos tornam-se complexos, como convém à descrição de uma situação complexa. A prosa adquire uma textura mais densa, é mais «encompada» do que a do romance policial. Faulkner teve de criar essa textura para seguir um mundo que ultrapassa o da violência em si. Vai mais longe do que a mera violação: o horror é real, tanto mais real quanto está implícita na passagem citada a sensação de que lá fora há um mundo diferente, um mundo são e iluminado pelo sol. Essa sensação confere a toda a passagem uma dimensão moral. Vemos o horror tal qual ele é, sem qualquer comentário moral de permeio, mas vemos que só o é devido a essa perspectiva mais lata na qual se insere o horror, a de uma ordem exterior.

Nos romances policiais, pelo contrário, não há outro mundo além daquele em que se passa a história. Os leitores são encerrados num mundo de assaltos feroces perpetrados em becos, de camas sujas e desfeitas, de carros de assassinos e lutas à faca nos armazéns à beira dos cais. O leitor reage a esses factos em si; não há nesses livros outra saída, outro horizonte

ou outro céu: há aquilo e nada mais. O mundo, a consciência, os objectivos humanos reduzem-se a isso — a esse horror restrito e escaldante.

Não é fácil obter números fidedignos no que se refere às vendas destas obras, mas dispomos de informação suficiente para fazer um cálculo aproximado. Os editores afirmam que as vendas são fantásticas, tendo atingido para um desses livros mais de meio milhão de exemplares. Uma vez que esses livros passam geralmente por muitas mãos, quer através de empréstimos particulares, quer no sistema de empréstimos das lojas de revistas, o número total de leitores do livro em questão deve ter sido de mais de dois milhões. Uma outra casa editora afirma ter vendido mais de trezentos mil exemplares de um outro livro desses. Um único autor publicou em seis anos mais de cinquenta obras (escritas talvez por várias pessoas e publicadas como sendo da autoria de uma única) e essas obras atingiram no total uma venda de mais de dez milhões de exemplares. Ouvi dizer que um outro autor vendia sempre mais de cem mil exemplares de cada uma das suas obras, que eram publicadas ao ritmo de uma em cada cinco semanas — um total de um milhão de exemplares vendidos num ano por um único autor. E são muitos os autores e editores desse género de obra.

Comecei por considerar que os rapazes das máquinas de discos eram os exemplares mais típicos do adolescente urbano leitor de obras do mais baixo nível literário. Poderemos acrescentar-lhes algumas pessoas casadas e grande número de rapazes que estão a fazer o serviço militar, sendo estes os que mais fazem circular os seus exemplares. Num julgamento de várias casas editoras de livros deste tipo a defesa afirmou que a sua procura por parte das forças armadas era cada vez maior. Não posso confirmar, mas sei por experiência própria que a procura pode não continuar a aumentar, mas que é já muito grande. Essas obras têm, como é óbvio, muitos outros leitores de idades

várias: os três grupos referidos parecem abranger a maioria dos leitores deste tipo de ficção barata.

Poderíamos tentar estabelecer uma relação entre a delinquência e a leitura destes livros mas, que eu saiba, nunca se provou que essa relação exista. A meu ver, o efeito da leitura desses livros faz-se sentir ao nível da fantasia, e não ao da acção. Este tipo de literatura parece-me ser a forma mais avançada até agora inventada de um género mais lato de literatura, a literatura de sensação sem compromisso.

Há no entanto uma grande diferença entre este tipo de publicação e outros que atrás descrevi como «ersatz» relativamente ao seu sensacionalismo. O sensacionalismo destes romances é muito real e cru. De resto é muito possível que a procura deste tipo de leitura semi-clandestina se deva a um desejo inconsciente por parte dos leitores de um sensacionalismo menos artificial do que aquele que encontram noutras publicações mais divulgadas. Sob este ponto de vista podemos estabelecer uma relação entre estes romances e as revistas «porcas» locais, a cujas qualidades de «realismo» me referi já anteriormente. Os dois tipos de publicação constituem talvez respostas a uma reacção inconsciente do público à artificialidade do sensacionalismo de massas — se bem que não seja esse o seu traço mais característico.

Um outro aspecto ainda mais importante deste problema parece-me ser o facto de a proliferação desta ficção sexual barata se poder atribuir parcialmente ao excesso de população das nossas grandes cidades, que contribui para desorientar as pessoas. Podemos talvez estabelecer uma comparação entre este tipo de literatura popular e outros fenómenos sociais que nos preocupam hoje em dia. A cidade é a mesma: o «Spike» destas histórias é o meio-irmão atrasado mental do «K» de Kafka. Os romances policiais do tipo que descrevemos são a literatura popular de um mundo megalopolitano vazio. Relacionam-se em certa medida, no sentido de que nos falam de um vazio que se substitui

a objectivos possíveis, com certos elementos da obra de Hemingway. *O Adeus às armas* acaba com uma cena em que Henry sai do hospital onde Catarina morreu:

«Não pode entrar agora», disse uma das enfermeiras.

«Posso, sim», disse eu.

«Não pode entrar por enquanto».

«Saia», disse eu, «e a outra também».

Mas depois de as ter posto fora, fechado a porta e acendido a luz, vi que não tinha ganho nada com aquilo. Era como dizer adeus a uma estátua. Passado um bocado saí, saí do hospital e voltei a pé para o hotel, à chuva».

Os romances de gangsters típicos acabam também muitas vezes com uma cena em que o narrador se vai embora, deixando para trás o corpo da sua amada:

«Quando vi que Fan estava morta e já fria, fui-me embora, Spikey disse qualquer coisa repetidas vezes, mas eu só sabia que tinha dentro de mim um grande vazio. Saí daquele lugar e comecei a andar. Andei muito na noite fria. Spikey acabou por me apanhar. «Anda, rapaz», disse, «um grupo de malta vai a casa do Mike. As pequenas vão gostar de te ver.» Não respondi. Talvez que nem tenha ouvido bem. Só sabia que queria continuar a andar, a andar sozinho na noite».

Em ambos os livros esse vazio final, que em ambos os casos se relaciona especificamente com a morte, simboliza um outro vazio muito maior e total. As raparigas só podem assumir um tão grande significado porque pareciam ser as únicas coisas com valor num mundo desilusivo. As semelhanças de tom entre uma e outra passagem saltam à vista. Cumpre-me talvez acrescentar que os efeitos de uma e outra passagem são uma consequência dos acontecimentos anteriores do romance. E o mundo de Hemingway, será escusado dizê-lo, é muito mais maduro do que o dos autores das histórias de gangsters.

No mundo da ficção policial não pode haver fins felizes, nem fins que equivalham a princípios, tentativas de recomeço de vida, nas quais o herói fica no mesmo sítio e faz o que pode para reconstruir a cidade. Esses livros acabam quer no vazio do exemplo atrás transcrito, quer com uma falsa impressão de princípio em que o herói se mete num carro potente e se afasta a toda a velocidade por uma estrada alcatroada (os heróis são geralmente criaturas desenraizadas, sem lar ou trabalho permanente). Os pneus chiam na estrada, os problemas da cidade ficam para trás; os problemas do indivíduo ficam também para trás — pelo menos assim o espera o herói; vamos para o Oeste, para um mundo onde as fantasias da criança se podem talvez realizar ainda. O herói não está convencido de que assim seja, mas vai da mesma maneira — símbolo do progressivismo, que aqui se traduz numa eterna e infrutífera evasão à personalidade. Passo a transcrever uma dessas passagens típicas:

«Foi assim que deixámos essa cidade, tomando a auto-estrada em direcção à cidade mais próxima. Estava farto daquele lugar, e o campo iluminado pelo sol pareceu-me bonito. Acelerei a fundo o velho Chevrolet, que avançava pelo alcatrão a cento e vinte. Continuei a andar assim durante uma quantidade de horas — devorando os quilómetros — em direcção a um lugar desconhecido...»

Fugindo à megalópolis; mas no produto da megalópolis, na máquina devoradora de vidas. E o herói voltará inevitavelmente à cidade; senão àquela, a outra situada para além, mas igual à primeira. Tornará depois a fugir dessa segunda cidade, e assim por diante, até que a morte o faça parar. Lembro-me do fim de um outro romance escrito há século e meio, *Sense and Sensibility*¹:

¹ *Bom-senso e sensibilidade* (Jane Austen). (N. T.)

«Mantinha-se entre Barton e Delaford essa comunicação constante que uma forte afeição familiar naturalmente exige; e podemos considerar como um dos maiores de todos os méritos e contentamentos de Elinor e Marianne o de, apesar de irmãs e de viverem quase à vista uma da outra, conseguirem viver sem desaguisados ou sem que surgisse frieza entre os maridos».

CAPITULO IX

MOLAS DESLASSADAS: UMA NOTA SOBRE O CEPTICISMO APÁTICO

Vejo que destruímos aqueles seres independentes que eram capazes de se opor sozinhos à tirania... o homem pobre mantém os preconceitos dos seus antepassados mas não a sua fé, a sua ignorância, mas não as suas virtudes; adoptou como doutrina orientadora das suas acções a da promoção dos seus próprios interesses...

(De Tocqueville)

A. DO CEPTICISMO AO CINISMO

Utilizo a palavra «cinismo» para designar uma série de atitudes mais positivas do que as que descrevi nos dois capítulos precedentes. Essas atitudes «cínicas» não equivalem apenas a uma aceitação; implicam um elemento de auto-protecção. Referi-me já mais do que uma vez a essas atitudes, que me parecem merecer porém uma atenção mais pormenorizada, tanto mais que são frequentemente criticadas por certos oradores — presidentes de sociedades religiosas, directores de escola no discurso do dia do encerramento das aulas — em termos que me levam a pensar que tais pessoas não com-

preendem a verdadeira natureza das atitudes em causa. Todos ouvimos já deplorar em cerimónias públicas a atitude de indiferentismo da nova geração. Será essa atitude típica dos membros do proletariado dos nossos dias? E se assim é, sob que formas e em que medida?

Creio que em certo sentido podemos afirmar que muitos dos membros das classes trabalhadoras partilham desse estado de espírito, se bem que o fenómeno se não confine a essas classes. O indiferentismo é provavelmente o fruto do clima generalizado que gera também a tolerância. Para recapitularmos os principais pontos que sublinhámos em capítulo anterior: o igualitarismo democrático pode dar origem à recusa de toda a autoridade e responsabilidade; o conceito de progresso ilimitado pode fomentar uma mentalidade «Maria-vai-com-as-outras». Mas esse tipo de mentalidade pode por sua vez conduzir a outros perigos mais complexos. O indivíduo vai com os outros, mas não inteiramente convencido. O progresso continua, mas acreditamos e não acreditamos simultaneamente nesse valor. É certo que há liberdade, mas uma sensação de liberdade ilimitada pode ser prejudicial quando essa liberdade seja desprovida de objectivos. «Tudo está certo», é a expressão de uma atitude de despreocupação, mas pode ser também uma posição verbal inspirada pelo medo. Vem depois o indiferentismo, e a tirania que ele implica. Se todos valemos o mesmo, nada vale nada. Sobrevem então uma sensação de vazio e de ausência de objectivos que se manifesta em frases como «para quê?», «quem é que se rala?»; nada parece «fazer sentido».

Por detrás das formas modernas deste cinismo aparente podemos porém discernir vestígios de um inconformismo mais antigo, do cepticismo para com todas as afirmações públicas de boas-intenções feitas pelos membros das classes dominantes. A frase corrente «Essa é que eu não engulo» equivale assim à afirmação de um inconformismo sadio. O cinismo trocista da actualidade é uma continuação da antiga arte cómica

irreverente. A recusa em aceitar valores publicamente defendidos relaciona-se com o antigo traço de pragmatismo realista. A recusa em admitir tudo o que difere do normal é uma distorção da antiga recusa de toda a pomposidade, da oposição a tudo o que se relaciona com a função pública. É por isso que Pip e Joe, no início de *Grandes Esperanças*, se põem automaticamente a favor do fugitivo das galés esperando que os soldados do rei Jorge o não consigam apanhar — isto para citarmos apenas um exemplo entre tantos outros.

Hoje em dia a frase «Isso é que eu não engulo» pode equivaler a uma recusa formal de alguma vez «engolir» o que quer que seja. O antigo inconformismo era uma atitude positiva, pois se se recusava a aceitar valores oficiais, era porque considerava que estes contrariavam outros valores individuais mais importantes. A nova atitude equivale frequentemente a uma recusa de todos os valores, porque todos os valores são suspeitos. O «Não estou de acordo» transforma-se no «é tudo uma treta», na negação trocista de todos os princípios e no desejo de os destruir. A troça bem-disposta torna-se na recusa azeda de acreditar no que quer que seja. O anti-autoritarismo deixa de ser um inconformismo alimentado pela convicção do valor da vida individual e pessoal, para se tornar numa recusa de toda a autoridade: «Não estou disposto a que me tratem como um cão» passa a ser «Em mim ninguém manda»; mais uma vez o tom em que a frase é pronunciada se reveste aqui de importância primordial.

Não estou a sugerir que estas atitudes sejam novas. Muitas das frases em questão são muito antigas. «Já cá estou dentro, Jack; recolhe a escada», é uma frase que tem pelo menos meio século; e a expressão «largueza de vistas» data de 1887.

Sou porém de opinião que essas atitudes se generalizaram, como uma protecção contra um mundo considerado suspeito, apesar de nele se terem verificado inegáveis melhoramentos; tornaram-se numa protecção para pessoas que não percebem o mundo em que vivem,

e que só mais tarde cairão na auto-complacência. Nos casos em que as raízes pessoais são fracas ou foram arrancadas à força, essas atitudes degeneram com facilidade numa complacência moral total.

A meu ver estas atitudes são por enquanto utilizadas quase exclusivamente para facilitar o contacto com o mundo exterior, o mundo «Deles». Regressamos assim à divisão do mundo em duas partes distintas. A dificuldade de contacto entre uma e outra é cada vez maior; numa época em que se exige tanto do homem como cidadão, as fontes a que esses homens poderiam ir beber as directivas para desempenharem adequadamente os seus deveres de cidadãos estão já envenenadas. «O homem das massas», diz Ortega y Gasset, «não tem moral». Essa afirmação só se aplica porém ao homem das massas como componente dessas massas, «o homem da rua»; não sendo verdadeira para o homem individual, que vive uma vida que tem para ele um sentido. Esse homem continua a desejar que se estabeleça uma comunicação entre os dois aspectos da sua vida. É por isso que o membro da equipa da B. B. C. que dá a sua contribuição para uma discussão das nossas «dificuldades actuais» (após terem falado políticos e economistas), afirmando que o que é preciso é «alterarmos a nossa conduta», é espontânea e calorosamente aplaudido. Apelou para o desejo inconsciente de que sejam adoptadas regras de conduta «honesta», derivadas da religião, que deverão reger tanto a vida pública, como a particular.

Deparamos porém muito frequentemente com a ideia de que na vida pública «tudo é permitido» (ideia que se relaciona por sua vez com o desejo de «pagá-las a quem mas faz»); uma ideia que leva pessoas que são honestas em assuntos locais a praticarem desonestidades em questões públicas; é a tradição de «ajudar sempre os da nossa laia», que equivale geralmente a roubar os de fora, os patrões, para demonstrar lealdade

para com o grupo a que se pertence. É por isso que se não pode tirar nada ao camarada do lado, mas pode-se roubar tudo o que for possível à «firma» ou à tropa. Não se deve enganar o vizinho, mas é lícito enganar o cliente da classe média. Assisti certa vez ao seguinte caso que passo a relatar: a Legião Britânica oferecera-se para pagar as despesas da mudança a uma jovem dona de casa pertencente à classe proletária; o homem que lhe estava a fazer a mudança com uma carroça propôs-lhe apresentar à Legião uma conta a dobrar, e dividirem a diferença pelos dois. A dona de casa aceitou, e é muito provável que o homem recorresse com regularidade a esse truque. Os seus outros clientes teriam aceite a proposta com a mesma facilidade, ainda que fossem pessoas honestas, como o era a dona de casa da minha história. Esta estava a aplicar naquele caso a perspectiva reservada para o mundo «Deles»; a «Legião» era uma entidade tão anónima como o antigo Conselho de Tutela, e não constituía infracção às regras apanhar-lhe tudo o que fosse possível. Seria «parvoíce» não o fazer, e ainda por cima essa recusa poderia ofender o homem de carne-e-osso que lhe estava a fazer uma proposta bem-intencionada. Seria pretensioso armar em santinho num caso assim; toda a gente faz a mesma coisa; e a voz da consciência seria abafada com o emprego de uma frase do estilo «afinal é uma coisa sem importância».

Este tipo de atitude sempre tem sido muito típica dos membros do proletariado. Acham que ao fim e ao cabo eles próprios são constantemente vítimas de desonestidades semelhantes, quando afinal tão poucas coisas têm para trocar ou vender. Essa atitude é hoje em dia reforçada por uma suspeita de que o mundo exterior não respeita quaisquer princípios, e de que só os parvos podem pensar o contrário.

Esse cinismo aparente é ainda uma reacção de defesa contra ataques constantes. Numa época como a

nossa, em que se multiplicam os sistemas de comunicação com o público, o «homem vulgar» ouve constantemente (sobretudo em tempo de guerra, mas agora, e com frequência crescente, também em tempo de paz) apelos que lhe são dirigidos em tom de exortação ou de invocação: desde o «não lhe pode fazer mal» encorajante ao tom doutamente explanatório do homem público; vozes que constantemente o assaltam de todos os lados, tentando convencê-lo, vender-lhe coisas, enganá-lo: «Você sofre de...?», «Porque é que você há-de comer...?», «Conquistador ou conquistado... o que é você?», «Você tem...?» «Você vai ficar espantado...», «Também você pode ter...», «Há uma... só para si», «Você sabia que...?», «O que é que você fazia?» Se o «homem da rua» se não soubesse defender dessas vozes, seria tão importunado como um *groom* num hotel de luxo. Mas sabe defender-se; sabe que nem sempre está apto a julgar e a resolver por si; e sabe ainda melhor que «estão a querer enganá-lo», que estão a «matraqueá-lo». Há muitas gerações que têm o costume de desconfiar de falas bonitas. Sabe portanto desmascarar a maior parte desses apelos e está sempre em guarda para «se não deixar enganar».

Hoje em dia é tão incessantemente assaltado por vozes esotéricas, é tão frequentemente convidado a sentir isto, aquilo e aqueloutro, a reagir a isto e a aquilo e acreditar nisto e naquilo, que resolve muitas vezes, numa reacção de defesa, não acreditar em nada, nem nas glórias, nem nos horrores. Torna-se insensível a tudo. Constrói o seu próprio muro de resistência, uma protecção que lhe permite deixar de dar atenção ao que ouve. Quando as vozes, e de modo particular as da imprensa, têm qualquer notícia importante para lhe dar, o «homem da rua» sorri uma vez mais com descrença e passa às bandas desenhadas. A imprensa enganou-o já muitas vezes. O noticiário da B.B.C. merece-lhe crédito, se bem que o considere um pouco suspeito por ser sempre em última análise a voz do mundo oficial,

e bastante aborrecido, aliás. A reacção ao que lê nos jornais tingem-se sempre de um certo cinismo mitigado:

- «Ora, nos jornais dizem o que querem.»
- «Os jornais só dizem mentiras.»
- «Os jornais estão cheios de mentiras.»
- «Tudo o que vem nos jornais é propaganda.»

Quando eu era rapaz a geração mais velha das classes trabalhadoras diziam muitas vezes, quando pretendiam provar a verdade de um facto: «Vinha no jornal». Julgo que essa frase, empregada neste sentido, caiu completamente em desuso. Hoje em dia só se lê o jornal, incluindo as notícias políticas, desde que as coisas sejam apresentadas de um ponto de vista humano e pessoal. O leitor mantém sempre uma atitude de descrença em relação a tudo o que lê, mesmo quando se trata de assuntos que requerem qualquer forma de fé genuína. É interessante ler os pormenores da vida particular das estrelas de cinema, mas ninguém tem de acreditar que este ou aquele é feliz no casamento — o leitor sorri, e continua a ler. Ouvi em tempos os comentários de um grupo de indivíduos do proletariado ao feito do Capitão Carlsen no *Flying Enterprise*, conversa que teve lugar numa altura em que todos os órgãos da imprensa davam um máximo de publicidade a esse feito. Ora os indivíduos em questão não tinham sido absolutamente nada afectados pelo aplauso generalizado a uma proeza considerada heróica. Não criticavam a natureza do acto em si; limitavam-se a partir automaticamente do princípio de que se tratava de uma aldrabice, se bem que não soubessem bem como, de uma montagem comercial feita pelos jornais. Não se mostravam entusiasmados, nem a favor, nem contra; assumiam apenas uma atitude muito usual. Os membros do proletariado estão sempre prontos a aproveitar os divertimentos que o mundo exterior lhes oferece, se bem que não respeitem o mundo que oferece esses divertimentos; aceitam-nos, mas «não são tão parvos»

que acreditem no que lhes dizem. Dada a situação descrita nos dois capítulos anteriores, esta reacção é não só compreensível, como ainda, em princípio, saudável.

No mundo do trabalho, no mundo dos patrões, é o dinheiro que manda, o principal móbil da acção é o dinheiro — de acordo com a concepção das classes trabalhadoras. Estas vivem ao nível do solo na selva económica; podem não ver as ilusões ou os sacrifícios mais elevados, mas vêem bem o individualismo que impera na democracia do dinheiro, e que se manifesta de mil formas diferentes. Se são os intermediários entre o patrão e os clientes, têm muitas vezes de aprender as aldrabices mais correntes no seu ramo de trabalho. A aldrabice surge-lhes como a característica normal do processo económico tal como se desenrola na prática. Se há espectáculo que me deprima, é ouvir certas maneiras de falar do artesão que trabalha para um patrão que se limita a desempenhar funções administrativas, e que recorre portanto às aldrabices usuais no seu negócio. O artesão pode desempenhar as suas funções com honestidade, mas em conversa — para mostrar que conhece o mundo — apresenta-se como um cínico e um aldrabão em pequena escala. Apercebe-se de que medeia um abismo entre a moral abstracta e a realidade. Se é já de meia-idade, lembra-se ainda da década de trinta e da maneira como os trabalhadores eram então despedidos sem cerimónia, desde que isso pudesse salvar os patrões. Tem a certeza de que no fim quem ganha é sempre o dinheiro — «o dinheiro é que manda». As frases que exprimem essa concepção são muito numerosas:

- «É tudo uma questão de dinheiro.»
- «Anda tudo ao dinheiro.»
- «Andam todos ao mesmo.»
- «O que todos querem é fazer pela vida.»
- «É tudo uma aldrabice pegada.»
- «Não se pode conseguir alguma coisa sem dar nada em troca.»

«Há qualquer coisa que não bate certo.»

A antiga frase «A honestidade é a melhor política» está tão fora de moda como os quadrinhos com essa frase gravada que antigamente se punham por cima da cabeceira da cama de latão. Só os parvos se não aproveitam das ocasiões:

- «É preciso ganhar a vida, não é verdade?»
- «Assim como assim, se toda a gente dá um jeito, eu também posso fazer o mesmo.»
- «Porque é que hei-de ter remorsos?»
- «Se houver azar não tem importância. Não me pagam para pensar.»
- «Hão-de ver que não sou parvo nenhum.»

Quando nos damos conta da frequência com que estas frases e outras semelhantes são proferidas por trabalhadores, podemos ser levados a concluir que esses homens são completamente cínicos. Essas maneiras de falar são porém, em grande medida, formais ou simbólicas; significam apenas que esses homens nos querem demonstrar que não têm ilusões acerca da verdadeira natureza da indústria, que sabem o que é o mundo.

O mesmo podemos afirmar em relação às atitudes que os membros das classes trabalhadoras assumem face a determinadas áreas da vida pública ou oficial. Falei já em capítulo anterior da atitude de cinismo bem-humorado que assumem em relação ao clero — «uma bela profissão para os que a podem ter»; «ainda há maneiras agradáveis de ganhar a vida nos tempos que correm.» A atitude para com os políticos e a política é muito semelhante, se bem que de um cinismo mais acerbo. Parte-se geralmente do princípio de que os políticos são:

- «Todos uns aldrabões.»
- «Procuram sempre o bem deles.»
- «Estão a olhar pelos seus próprios interesses.»
- «Andam atrás do dinheiro.»
- «É tudo conversa.»

«É um verdadeiro político», dizem de alguém quando querem dar a entender que essa pessoa só sabe falar e não agir, e que «os da laia dele nunca fizeram nada pelos da nossa laia». Muitas destas expressões são já antigas, e muito típicas das classes trabalhadoras; hoje em dia são porém utilizadas com maior frequência, considerando-se que se podem aplicar a toda a gente e a todos os aspectos da vida.

Nunca foi fácil em tempo de guerra induzir as massas trabalhadoras a considerarem o adversário como seu inimigo; são manobras «Deles», e o «homem comum» quando é mobilizado não sente nunca o entusiasmo patriótico de um Rupert Brooke. Vai porque não tem outro remédio, porque «Eles é que nos ganham sempre»; «Eles têm todos os trunfos na mão». O serviço militar é considerado suspeito, tanto em tempo de guerra, como em tempo de paz, e «Se fui mobilizado é porque não fui capaz de arranjar uma aldrabice tão depressa como os outros». Na atitude perante o serviço militar, tal como em muitos outros casos, podemos discernir uma combinação complexa de atitudes antigas, razoáveis e dignas, com formas novas. Tudo aquilo é tão anónimo, tão complicado, que as pessoas dizem «Estou a aguentar até me deixarem ir para casa — e depois disso adeus meu amigo, fecho a porta e fico com a mulher e os filhos»; ou então, «Não estou a lutar pelo meu país, mas sim pela minha família»; ou ainda, «Como é que me meti nisto? Fui muito parvo em me deixar apanhar»; «Não posso fazer nada; só se fosse parvo — só arranjava sarilhos». «Estamos todos metidos no mesmo barco», o que quer dizer «fomos todos apanhados». A tropa é unida não devido à disciplina, a um *esprit de corps*, ou aos discursos dos ministros, mas sim porque se tece uma rede intrincada de laços pessoais entre as pequenas células que constituem essa grande estrutura. São as relações pessoais que os homens estabelecem entre si que tornam suportável o tédio a que me referi no capítulo precedente.

O «homem da rua» é de resto particularmente receptivo ao que lhe diz outro «homem da rua», e descrente em relação a tudo o resto. É muito desconfiado; é capaz de oferecer uma resistência passiva tão forte que quase equivale à morte espiritual, a uma paralisia da vontade moral. Fala-se muito da ingenuidade das classes trabalhadoras, e há muitas provas dessa ingenuidade. O sentimento de descrença que hoje em dia se manifesta com tanta força nas classes trabalhadoras representa porém um perigo muito maior, perigo esse que de resto ameaça também muitas outras classes (não o podemos esquecer). Os membros das classes trabalhadoras não acreditam hoje conscientemente em nada para além das suas vidas pessoais; as fontes da adesão secaram quase completamente. Estão sempre prontos a menosprezar e a destruir, mas não a aceitar afirmações de valor positivo: quando se parte do princípio que tudo é aldrabice, torna-se muito fácil acreditar em todas as acusações e muito difícil reagir positivamente a qualquer apelo à admiração ou ao louvor. Algumas das influências mais poderosas que actualmente se fazem sentir na sociedade moderna estão a contribuir para produzir uma geração capaz de tudo destruir com explicações, incapaz de encontrar uma causa digna de lhe inspirar um entusiasmo genuíno ou uma boa acção desinteressada, suspeitando automaticamente de tudo o que não seja abertamente movido pelo interesse ou digno de descrença imediata; o refrão desta geração é a pergunta negativista e desconfiada «E depois?»

A situação é tanto pior, quanto as leituras da maior parte das pessoas que ultrapassaram já a idade escolar lhes descrevem um mundo no qual as regras morais se aplicam apenas aos assuntos locais ou paroquiais, e do qual estão ausentes todas as acções ou princípios morais mais gerais. Os jornais de massas fazem com efeito uma descrição extremamente limitada e selectiva da vida moderna e dos ideais que orientam os homens. A divisão do mundo que apresentam aos seus

leitores ignora completamente o mundo do pensamento, da expressão artística, do sacrifício individual, da submissão disciplinada a um objectivo. Quantos desses leitores ouviram já falar de Albert Schweitzer, a não ser nas raras ocasiões em que qualquer coisa que com ele ou a sua obra se relacione «é notícia»? É fácil ignorar uma vasta área da experiência humana quando se lê exclusivamente uma literatura tão limitada.

Certas atitudes contribuem para reforçar ainda mais essa atitude de desconfiança e de descrença generalizadas. Refiro-me, por exemplo, à atitude de recusa das atitudes «heróicas», que faz com que os membros das classes trabalhadoras se não levem a si mesmos muito a sério, à lentidão da indignação moral, e à re- criminação do homem honesto e desiludido, «Deixem-me. Sou tão bom como qualquer outro». A situação é pior nas grandes cidades do que nas comunidades locais, mas mesmo nas cidades as pessoas têm tendência para agir de acordo com os antigos provérbios ou aforismos em todos os casos em que estes se possam aplicar, pelo que escapam assim em parte a certas influências deletérias. Há coisas que não se fazem, apesar de se não saber explicar conscientemente porquê. Essa sensação é um substituto muito inadequado para o conhecimento positivo daquilo que se deve ou não fazer. Como o disse há três ou quatro anos no tribunal um homem que era acusado de assassinio: «Não sou uma pessoa muito moral — mas também não sou um assassino.» Há coisas que não se fazem, tal como cometer assassinios. E a primeira parte da frase não é tanto uma proclamação de imoralidade, mas antes a afirmação de uma integração na maioria descrente; ninguém quer passar por parvo. Esta rede intrincada de atitudes que se manifesta em grande número de pessoas faz com que essas pessoas continuem a viver com uma certa dificuldade, mas mantendo a noção de que sabem distinguir entre o bem e o mal sempre que estão em causa coisas importantes.

Todas estas atitudes têm tendência a expandir-se e a invadir outras áreas. Podem tornar-se numa auto-complacência de uma nova espécie, numa recusa de toda a exigência moral. Verifica-se então um decréscimo da tensão moral, uma espécie de libertação, consequência da aceitação de um mundo desprovido de significado e de ideais, o que permite viver de acordo com essa ausência de exigências interiores. «Muito bem», diz um dos maridos de Thurber, manifestando uma certa satisfação por compreender finalmente a sua posição «eu estou farto — tu estás farta — estamos todos fartos». Tudo é impuro, e eu também; todos procuram o seu próprio bem; podemos portanto pôr de parte todos os pensamentos elevados. Só os parvos tentam viver de acordo com os «princípios»; «hoje em dia não se pode ser cristão, a não ser que se queira ser esmagado»; a frase «ideais elevados» é frequentemente utilizada por troça. Os ideais podem ser um sintoma de altruísmo, mas não são viáveis; não se coadunam com a realidade. As pessoas que tentam «viver de acordo com os seus princípios» são ou parvas, ou puritanas; é preciso ver se não têm pés de barro. E se essa pessoa não é parva nem puritana, continuando porém a afirmar que há coisas que têm um valor superior a tudo o resto, então é porque é hipócrita — pois não pode haver outra justificação para uma tal atitude. Deve ter as suas razões, que ainda não conseguimos desvendar. Esta atitude faz com que cada vez se torne mais difícil deixar viver em paz a pessoa que é diferente das outras — ou porque adopta regras de conduta diferentes, ou porque lê outras coisas ou porque gosta de outra música — ainda que considerando-a «estranha, mas inofensiva». O conformismo e o realismo tradicionais podem combinar-se com a descrença e a dúvida modernas para dar origem a um grande vazio, que é no entanto tão zelosamente defendido como se de um grande ideal se tratasse. Essa situação pode generalizar-se caso a evolução prossiga no sentido que vimos a referir. De momento a atitude

mais usual não é ainda muito desagradável, pois reduz-se a uma «descrença» limitada e até certo ponto bem-humorada.

B. ALGUMAS FIGURAS ALEGÓRICAS

Como poderei retratar com maior nitidez esses homens vulgares e honestos, assaltados por todos os lados pelas vozes da mediocridade, mas equipados com uma cobertura desconcertante de ideias feitas e atitudes prosaicas? Talvez evocando a figura de um desses homens típicos, iguais a tantos outros. O soldado não serve para o objectivo que agora me proponho, uma vez que a sua situação é temporária; tão pouco nos interessa aqui o técnico médio, treinado por um instituto para servir uma época tecnocrática; algumas das suas atitudes são o produto de uma forma especial de não-integração em qualquer ordem social tradicional. Escolherei pois um pequeno artesão ou um trabalhador especializado, um canalizador ou um pintor, ou o homem que vem consertar uma das máquinas do equipamento doméstico; um desses homens que desesperam as donas de casa pela falta de interesse manifesta que demonstram no exercício das suas funções, que fazem o seu trabalho, mas sem entusiasmo — e que deixam tudo sujo quando se vão embora.

Talvez que esse homem esteja a reagir a uma determinada situação com uma maturidade maior do que aquela que lhe é geralmente atribuída. Sabe do seu ofício, e faz o trabalho sem grande esforço; esse trabalho não requer mais do que os conhecimentos e a perícia que adquiriu com uma longa prática. Ao fim de um certo tempo é impossível que continue a interessar-se pelo que faz; de resto os trabalhos que lhe são exigidos com maior frequência são sempre os mesmos. Todos os dias vai de casa em casa, guiando-se pela lista que a empregada da loja lhe deu de manhã. Se lhe disséssemos que estava a servir a comunidade, rir-se-ia

com certeza; «não ganho grande coisa com isso», responder-nos-ia pela certa. Trabalha para uma pequena firma, recebendo um salário fixo, que varia um pouco, de acordo com um sistema de bónus. A firma pertence, digamos, a dois homens, que têm ao seu serviço o nosso homem, mais dois artesãos como ele e a rapariga que está na loja. Sabe que «aldrabam» o que podem; sabe que ganham mais com o negócio do que ele, e com pouco risco; sabe também que se preocupam muito, e que não são mais felizes do que ele. Pela parte que lhe toca, não queria uma vida de preocupação como a deles, nem mesmo ganhando mais; nem estava interessado nas responsabilidades que os seus patrões têm. Quer apenas ganhar o suficiente para comprar os extras que lhe dão prazer. Podia ganhar mais fazendo «ganchos» fora das horas de serviço e ao fim de semana como alguns dos seus colegas. Mas «o que é que eles ganham com isso?», pergunta, «têm uma vida de cão». Não tem ambições, e não está sempre a ver como é que há-de ganhar mais dinheiro; mas não quer mal aos seus camaradas mais ambiciosos. Não é sensível às solicitações que lhe possam ser dirigidas incitando-o a «subir na vida», e desconfia delas.

Há evidentemente dentro desta classe homens indolentes e pouco conscienciosos, que fazem o trabalho mal feito por preguiça e má-vontade, sujando o mais que podem, por mera vingança. O que não significa que os membros dessa classe profissional sejam por natureza estúpidos ou preguiçosos. Sob certos pontos de vista são até inteligentes; o nosso homem é dotado de qualidades naturais que lhe teriam permitido, caso tivesse nascido na classe média, ser dono de uma pequena loja ou trabalhar por conta própria. Não é azedo e mantém um certo orgulho profissional, gostando de apresentar aquilo a que chama «um trabalho razoável». O adjectivo corresponde perfeitamente àquilo que quer dizer: não se trata de um trabalho de artista (como o que faz quando executa reparações ou outros trabalhos manuais na sua própria casa), mas sim de um tra-

balho feito com consciência. Não aldraba, porque «já que me pus a isto, posso fazer um trabalho razoável».

Não quer nem vê a necessidade de ser servil para com os clientes, se bem que alguns dos seus colegas o façam, recebendo chávenas de chá e gorjetas. Não se apressa, trabalhando a um ritmo normal; nem «engonha» deliberadamente, nem vê qualquer razão para «se matar a trabalhar» para uma mulher que tem em casa melhores aparelhos do que a sua própria mulher, ou para maior conveniência do patrão.

Aos olhos da dona da casa — que tem de limpar a porcaria, ao mesmo tempo que dá conta de todos os outros serviços, e que sabe que o trabalho é pago em função do tempo que leva a executar — o nosso homem parece trabalhar a velocidade reduzida; mas não há ninguém que trabalhe tanto e tão depressa como uma dona de casa apurada. O nosso homem parece-lhe pois vagaroso, preguiçoso e talvez até malcriado. Este por sua vez deita-lhe um olhar vagamente irónico. Resolveu com grande sensatez os problemas da sua vida profissional. Não faz grandes exigências e fornece um serviço satisfatório, se bem que não entusiástico. Assemelha-se ao seu avô no inconformismo e na independência, se bem que estes tenham sofrido no século XX certas modificações. Em casa comporta-se também de maneira parecida com a do seu avô. William Morris, descreveu em 1879 uma situação semelhante, de forma muito mais eloquente do que eu poderia fazer. Sou de opinião que apesar das condições de vida das classes trabalhadoras terem melhorado muito desde o tempo em que Morris escreveu até hoje, certas características importantes da sociedade contemporânea levam os membros das classes trabalhadoras a manter quase sem alterações as atitudes em questão:

«É muito verdade, se bem que muito triste, que quando hoje em dia alguém necessita de recorrer aos serviços de um jardineiro, carpinteiro, marceneiro, tintureiro, tecelão, ferreiro, etc., para executar um tra-

balho corrente, só por grande sorte conseguirá obter um trabalho bem feito. Normalmente deparará com o não-cumprimento dos seus deveres profissionais por parte desses homens, e com a falta de consideração pelos direitos dos outros; não creio no entanto que se possa responsabilizar inteiramente, ou sequer em grande parte, o «trabalhador britânico» por essas infracções. Duvido que haja possibilidade de que uma massa de homens obrigados a executar um trabalho desagradável e sem futuro não tentem evitá-lo — e é o que sempre têm feito até hoje. Por outro lado sei que há homens tão rectos que, apesar do facto de o seu trabalho ser desagradável e sem futuro, o executam mesmo assim. Esses homens são o sal da terra.»

O cinismo aparente de um homem como aquele que descrevi é muito inferior ao de uma outra figura típica que encontramos em todas as classes, a do espertalhão. O espertalhão é uma figura mais positiva, que tira partido de todas as oportunidades. Os indivíduos desse género descrevem-se a si mesmos na linguagem das classes trabalhadoras por inúmeras expressões tais como:

- «Estou sempre de olho alerta.»
- «Sou um rapaz esperto/de olhos bem abertos.»
- «Não nasci ontem.»
- «Sei ao que ando.»
- «Não sou parvo nenhum.»
- «Cá a mim ninguém mas prega.»
- «Sei tratar do que interessa.»
- «Cá a mim é que eles não enganam.»
- Etc, etc.

Creio que esta atitude se manifesta com maior intensidade e frequência em indivíduos de menos de trinta anos, pois os mais velhos conheceram ainda a década de trinta e a guerra, tempos de sacrifício, de cooperação e de entre-ajuda: nos anos finais da década de quarenta e nos da de cinquenta essas virtudes não

tiveram ocasião de se manifestar de modo igualmente flagrante.

É evidente que nas outras classes existe também esse tipo do espertalhão, se bem que sob formas ligeiramente diferentes, pois o fenómeno a que aludo afecta todos os estratos da sociedade. Uma das variantes mais sofisticadas do espertalhão tal como este nos surge na classe média é aquele que se considera «um realista». Encontramos igualmente na classe média o equivalente do «compincha», do homem que está metido em todas as combinações onde se pode ganhar dinheiro, o tipo «que sabe» — e por aí fora, até àqueles que Auden nos descreve no seu poema «Watch any Day» como tendo um «perfil que inspira confiança», ou aos muito senhores de si, mas que se traem por certos pequenos gestos, inconscientes. Todos eles apresentam traços característicos da cultura a que pertencem, desde o homem que faz o que pode a vender de porta em porta oleado de qualidade inferior às donas de casa do proletariado, passando pelos promotores e publicitários congénitos deste ou daquele produto, e até aos grandes especuladores.

Um outro exemplo do mesmo tipo de atitude é a rotina social dolorosa mas muito bem estudada dos homens que vivem da venda da sua personalidade. À noite, quando não estão a trabalhar, gostam de ir para bares predominantemente masculinos, onde tentam assumir uma personalidade que é um misto de cinismo e de pateticismo. Estou a lembrar-me de um exemplo desse tipo de homem, originário da baixa classe média. Veste-se de modo desportivo, tentando simultaneamente imitar o «dandy» de boas famílias e o aventureiro galante, uma espécie de personagem de um conto de Somerset Maugham. Tenta manter com a rapariga do bar uma conversa sofisticada, oferece-lhe um gin ou um porto, e faz por esquecer a caça às encomendas em que andou todo o dia. Fisicamente pretende ter um aspecto impecável, anda sempre bem barbeado, usando talvez um bigode fino e bem-aparado; tem uns

modos afáveis, aprendidos nos livros que ensinam a «arranjar amigos e a influenciar as pessoas», um sorriso fácil, que lhe não chega porém aos olhos. No bar faz o possível por meter conversa com toda a gente, solta risadas estrondosas e dá frequentemente palmadas amigáveis no ombro daqueles com quem está a falar. Recorre frequentemente à linguagem técnica do bar e do mundo comercial inferior, pontuada de acenos, piscadelas de olho e insinuações. Nos momentos em que a máscara tomba, dá-nos a entender que detesta o silêncio, em si ou à sua volta; os olhos entristecem-se-lhe, e aperta os lábios com ar infeliz.

Só nesse ambiente de comunhão superficial dos bares, pessoas como esse homem podem ter a sensação de que pertencem a um grupo. Esse ambiente consegue pois incutir uma certa segurança a esse tipo de homens, vendedores que vão de porta em porta ou caixeiros viajantes um pouco mais prósperos, de cabelo acamado com brilhantina, perfumados e com um ar que sugere transacções complicadas de pacotilhas vistosas. Olhando-os sem grande atenção, podem parecer-nos os descendentes directos do «dandy» eduardiano; e são-no até certo ponto, mas os tempos mudaram; deixaram de pisar chão firme, ao contrário dos seus antecessores. O bar conforta-os, porque aí não têm de se comportar como burgueses; podem reagir da única outra forma ao seu alcance, assumindo uma atitude «cínica».

Seria simultaneamente muito esclarecedor e muito difícil estabelecer a relação entre estas atitudes e as que têm caracterizado nestas três últimas décadas outras pessoas mais intelectuais; ou seja, a relação entre o «não me interessa» das pessoas vulgares, o «tudo está certo» dos jovens modernos e certas posições intelectuais muito correntes. Sou de opinião que os meios intelectuais são hoje muito atreitos aos jogos de «conhecimentos» desligados, à discussão estéril, recusando todo o compromisso. Neles se manifesta por vezes um medo à emoção que se traduz numa recusa de todo o

sentimentalismo, numa desconfiança em relação a toda a discussão de «objectivos e valores», numa tendência para fugir a todo o compromisso, recorrendo a argumentos intelectuais obliquos e inteligentes; e ainda uma recusa de toda a autoridade, não só da autoridade dos outros mas também da autoridade que a própria pessoa tem por vezes de exercer — fenómeno que constatamos nos professores dos últimos anos liceais e de escolas nocturnas ou ainda nos assistentes universitários. Iludidos por uma falsa concepção do igualitarismo, duvidando de tudo e de nós mesmos, não acreditando em nada e incapazes de respeitar o que quer que seja, não nos apoiamos em nada, e também não representamos nada. Sentimo-nos tentados a assumir uma atitude de companheirismo, renunciando a impor a autoridade a que a nossa posição nos obriga.

«Os professores leram Lytton Strachey e as crianças rangem os dentes», disse T. S. Eliot. Dos professores também os dentes rangem. Estas atitudes podem exprimir uma certa honestidade e dignidade, mas podem também cair na complacência perante a própria condição. O «sadismo intelectual» tem as suas vantagens, e a crítica é muito menos vulnerável ao ataque do que a criação; pode ser divertido e é certamente mais seguro gritar todo o tempo «A tua mentira está à vista / O teu credo é falso».

Esta atitude surge-nos sob as mais diversas formas na literatura de todos os tempos e a todos os níveis: em Hemingway, Maugham, Huxley, Waugh, P. H. Newby (vide o personagem principal de *Mariner Dances*), em Henry Green (vide, por exemplo, *Back*), em Peter Cheyney, Hank Janson e em toda a obra mais recente de Jim Dixon, no *Lucky Jim* de Kingsley Amis. Quando cito em conjunto todos estes autores, não estou a afirmar que se encontram todos ao mesmo nível; o grau de desinteresse de uns e de outros difere, e só pode ser

avaliado mediante a leitura das respectivas obras. Em todas essas obras podemos porém identificar a presença de um mesmo elemento destrutivo.

Afastei-me deliberadamente das classes trabalhadoras nos exemplos que acabo de apresentar: para concluir este capítulo, tentarei definir com maior precisão a natureza do cinismo dos membros do proletariado. Creio que a maioria dos membros das classes trabalhadoras foram mais afectados pelo tipo de cinismo que é fruto de uma sensação de vazio do que pelo tipo de cinismo que leva a pôr os próprios interesses acima de tudo. No entanto, e como o disse já, esse vazio moral favorece por sua vez a auto-complacência. A maioria dos membros das classes trabalhadoras foram em maior ou menor medida vítimas das influências que tentei descrever nos capítulos anteriores, sentindo-se mais ou menos «desiludidos» e colocados perante um mundo desprovido de significado. O medo ao compromisso afecta toda a gente. A recusa da «dádiva» pessoal por temor ao ridículo equivale à aceitação de um mundo mediocre, duro e sem atractivos.

O lar continua a ser um refúgio importante; a vida local não foi ainda muito afectada; o ofício pode constituir um esteio para alguns; os membros das classes trabalhadoras continuam a ser reprimidos em muitos aspectos da sua vida pública, o que os leva a refugiar-se num cinismo magoado e por vezes tolerante. Não sabem porém geralmente exprimir de forma coerente e completa as atitudes que os caracterizam; a seguinte passagem, da autoria de um ex-aluno de uma das escolas públicas menos conhecidas, que no momento em que escreve atravessa uma fase difícil da sua vida, exprime perfeitamente tanto a sua própria experiência vivida, como a de todos os jovens da sua geração, sejam eles originários das classes trabalhadoras ou daquela a que pertence o rapaz em questão:

«Os moralistas bem podem falar... mas... saí da escola para ir fazer uma guerra sangrenta com a qual nada tinha a ver. Metade do tempo morria de medo, e na outra metade aborrecia-me tanto que a única coisa que tinha a fazer era ir para a cama com qualquer rapariga bonita. Voltei depois para a vida civil e fui vender máquinas que também me não interessavam, andava vinte quilómetros a pé todos os dias, e tinha de aturar velhas gordas que me batiam com a porta na cara.»

CAPITULO X

MOLAS DESLASSADAS: UMA NOTA SOBRE OS
DESENRAIZADOS E OS ANSIOSOS

«Escreve, por favor, a história de um rapaz, filho de um servo, que foi marçano, menino de coro, aluno de uma escola secundária, que se formou na universidade, que foi educado no respeito dos superiores e habituado a beijar a mão dos eclesiásticos, a inclinar-se perante as ideias das outras pessoas, a agradecer todas as migalhas que lhe dessem, que foi muitas vezes espancado, que teve de andar de casa em casa sem galochas a dar explicações, que brigou, torturou animais, gostava de jantar em casa dos parentes ricos, que era hipócrita perante Deus e perante os homens, sem qualquer necessidade, mas apenas porque tinha consciência da sua própria insignificância — e conta como é que esse rapaz deixou a pouco e pouco de ser um escravo, e como, certa manhã ao acordar, se deu conta de que nas suas veias corria não mais o sangue de um escravo, mas sim o de um homem autêntico.»

(Tchekov)

«Mas lembra-te da educação que teve, da época em que viveu», observou Arkady. «Educação?» interrompeu Bazarov. «Todos os homens têm de educar-se

a si mesmos, como eu o fiz, por exemplo... E quanto à época, porque é que hei-de depender da época? Ela é que depende de mim. Não, meu caro amigo, aquilo é tudo mediocridade e falta de carácter!»

(*Turgueniev*)

A. O BOLSEIRO

«Pela parte que me toca, tenho muita pena dele. Deve ser uma triste sorte receber instrução superior e não poder gozá-la; assistir ao grande espectáculo da vida sem nunca se conseguir libertar de uma parte esfomeada e gelada do próprio ser.»

(*George Eliot*)

Este capítulo pôs-me grandes dificuldades, mas não pude por isso renunciar a escrevê-lo. Tal como o fiz noutros capítulos, tentarei isolar um feixe de tendências relacionadas entre si: os perigos desse método tornam-se porém aqui particularmente acentuados. Nos três capítulos precedentes procedi à análise de atitudes que, sob certos aspectos, podem ser consideradas como uma espécie de equilíbrio. As pessoas mais afectadas pelas atitudes que agora passo a analisar — os «ansiosos» e os «desenraizados» — caracterizam-se porém antes de mais nada pela falta de equilíbrio, pela incerteza. Sentem-se superiores à ideia que os outros da sua classe fazem de si mesmos, o que não contribui para os tornar mais felizes; são profundamente afectados pelo cinismo generalizado, que os leva a duvidar da validade de todos os objectivos, e não pela outra reacção possível, que seria a de tentarem aproveitar-se desse estado de coisas ou caírem numa complacência ainda maior.

Experimentam uma sensação de perda de alguma coisa importante, sensação que afecta um certo número de pessoas de todas as classes. Essa sensação de perda acentua-se ainda no caso das pessoas a que me refiro, devido ao facto de estarem emocionalmente desenraizadas da sua classe, de serem geralmente dotadas de uma maior imaginação ou capacidade crítica, qualidades que contribuem para que tenham uma consciência mais clara da sua situação (e que levam o simpatizante a dramatizar com facilidade a sua «*Angst*»). Esses indivíduos foram por vezes desenraizados fisicamente da sua classe através do sistema de atribuição de bolsas de estudo. Sou de opinião que são muitas as pessoas nesta situação, se bem que só muito poucos tenham sido drasticamente afectados por ela; o grupo inclui, no limite extremo, alguns psicóticos; no outro extremo temos indivíduos que levam vidas aparentemente normais, mas que experimentam sempre um vago sentimento de mal-estar.

Será talvez conveniente começar por descrever a natureza do desenraizamento de que alguns bolseiros se sentem vítimas. Refiro-me àqueles que durante muitos anos têm a sensação de que se não integram em nenhum grupo. Todos sabemos que muitos desses indivíduos conseguem atingir um equilíbrio na sua nova situação. Há especialistas e técnicos desenraizados da sua classe que se integram perfeitamente num novo meio após terem obtido o seu doutoramento. Há indivíduos de muito valor que se tornam excelentes administradores ou funcionários públicos superiores, e que não têm dificuldade em adaptar-se ao ambiente em que passaram a viver. Há outros menos bem dotados que atingem também um equilíbrio que não implica passividade, ou falta de compreensão da sua situação, que estão à vontade no seu novo grupo sem por isso se sentirem obrigados a adoptar todas as características desse grupo, e

que mantêm por outro lado boas relações com os seus parentes das classes trabalhadoras, relações baseadas no respeito mútuo, e que não implicam qualquer atitude de superioridade ou paternalismo. Quase todos os holseiros atravessam durante a adolescência uma fase de reacção ao seu meio ambiente. Esses rapazes estão no ponto de convergência de duas culturas; o verdadeiro teste da sua educação faz-se aos vinte e cinco anos, quando tem de mostrar que é capaz de sorrir de frente para o pai e de respeitar os seus irmãos menos bem dotados. Analisarei em pormenor o caso daqueles para quem esse processo de desenraizamento foi mais difícil, não porque não concorde com as vantagens desse tipo de selecção ou porque pretenda acentuar as características mais deprimentes da vida contemporânea, mas antes porque os problemas de certas pessoas são particularmente elucidativos para a análise da evolução cultural. Tal como as plantas que são transplantadas, os desenraizados reagem mais rapidamente a uma seca generalizada do que os que permaneceram no seu solo original.

Creio que o problema da adaptação se põe de modo particularmente grave para os rapazes das classes trabalhadoras que tinham capacidades um pouco superiores à média dos seus contemporâneos da mesma classe, mas que não eram suficientemente bem dotados para ir muito mais longe. Não estou com isto a afirmar que haja uma relação directa entre a inteligência e o equilíbrio; os intelectuais também têm os seus problemas. Este tipo de ansiedade parece afectar no entanto de modo particularmente grave os membros das classes trabalhadoras que atingiram o estágio imediatamente superior ao da sua cultura original, mas que não são dotados de capacidades intelectuais que lhes permitam andar para a frente, integrando-se no grupo dos técnicos e dos especialistas «desenraizados». Em certo sentido, ninguém está «desenraizado» completamente, como o

podemos verificar se observarmos a insegurança que se manifesta por vezes (e com uma frequência cada vez maior, dado que encontramos hoje em dia em todas as áreas da sociedade ex-membros das classes trabalhadoras que subiram na vida) no comportamento do professor que pretende «afirmar-se», do quadro ou do político importante que revelam por momentos uma rudeza que trai as suas origens, do jornalista conhecido que trai a sua incerteza numa tendência para a vertigem.

Interessam-me porém principalmente as pessoas que se sentem inconscientemente pouco à vontade, e que sofrem portanto de incerteza, insatisfação e dúvida. Por vezes têm pouca força de vontade, apesar de serem inteligentes, e «é necessária muita força de vontade para atravessar este deserto». Outras vezes terão tanta força de vontade como a maioria das pessoas, o que não chega para resolver as tensões complexas criadas pelo seu desenraizamento, pelos problemas específicos do seu ambiente familiar e pelas incertezas da época.

À medida que transitam da infância para a adolescência e para a idade adulta, esses rapazes sentem-se cada vez mais isolados da vida quotidiana do seu grupo. Começam a sentir-se diferentes logo desde crianças; e não me refiro apenas à atitude dos professores da escola primária e dos membros das suas famílias que lhes repetem constantemente «é um rapaz esperto», num tom de orgulho e admiração. Esses rapazes são simultaneamente segregados pelos próprios pais e pelo talento de que são dotados, que os obriga a separarem-se do grupo. O tom em que os pais dizem a frase «é um rapaz esperto» não é porém exclusivamente admirativo; é esperto, e tem de aproveitar-se dessa esperteza; mas o carácter é mais importante. No entanto é esperto — motivo de orgulho, e simultaneamente fatalidade; tem de trocar aquele mundo por outro diferente, por um trabalho diferente.

O rapaz condenado a «subir na vida» estará cada vez mais isolado. Terá de se opor, quase sempre inconscientemente, à ética do lar, ao gregarismo intenso do grupo familiar proletário. Uma vez que a vida se desenrola na sala de estar, não tem geralmente um quarto independente; os quartos são de resto frios e pouco confortáveis, e aquecer um desses quartos ou a sala da frente — quando ela existe — não só sairia caro, como sobretudo exigiria uma capacidade de inovação — uma infracção à tradição — de que a maior parte das famílias se revela incapaz. Estuda portanto a um canto da mesa da sala de estar. A mãe está a engomar na outra ponta da mesa, a telefonia está acesa, alguém trauteia uma melodia e o pai de vez em quando diz qualquer coisa. O rapaz tem de se isolar mentalmente o melhor que pode, a fim de conseguir fazer os trabalhos de casa. No verão o problema atenua-se, pois os quartos já não estão frios e é possível trabalhar aí; a maior parte dos rapazes não se aproveita porém dessa possibilidade. Pois o rapaz (até chegar, digamos, aos últimos anos do liceu) pertence *simultaneamente* ao mundo da casa e ao da escola. Obedece aos ditames do mundo da escola, mas emocionalmente sente a necessidade de uma integração no círculo familiar.

Quando esse rapaz consegue resistir ao gregarismo da vida doméstica característico das famílias proletárias, dá o primeiro passo em direcção ao isolamento e à sua integração futura num grupo diferente. Essa resistência torna-se particularmente difícil quando o rapaz em questão pertence a uma família unida e feliz, pois são essas as mais gregárias. Começa a sentir desde muito novo a necessidade da solidão, da defesa dos seus interesses, o que pode contribuir para lhe dificultar mais tarde a integração num outro grupo.

Na escola primária começa a evidenciar-se por volta dos oito anos, a não ser talvez que a sua escola

seja uma daquelas onde todos os anos são seleccionados para frequentar o liceu umas duas dúzias de crianças. Geralmente frequenta porém uma escola de uma área predominantemente proletária, que recebe muito poucas bolsas. A situação tende a mudar à medida que aumenta o número de bolsas de estudo concedidas, mas de toda a maneira as reacções dos homens são sempre mais lentas do que as decisões da administração.

Por outro lado é segregado até certo ponto dos grupos de rapazes que se juntam à noite ao pé dos candeeiros; tem trabalhos de casa para fazer. São esses porém os grupos masculinos em que se integram em crianças os homens da sua geração, e o seu afastamento desses grupos tem uma outra consequência emocional que se relaciona também com um outro aspecto da sua situação familiar — começa a sentir-se mais próximo das mulheres da casa do que dos homens. Isto acontece mesmo quando o pai não é daqueles que acham que os livros e a leitura são «coisas de mulheres». O rapaz passa grande parte do seu tempo no centro físico do lar, dominado pelo espírito feminino, estudando em silêncio enquanto a mãe faz o trabalho de casa — o pai volta tarde do trabalho, ou foi tomar uma bebida com os amigos. O pai e os irmãos do rapaz estão lá fora, no mundo dos homens; este fica no mundo das mulheres. Talvez que seja essa a razão por que tantos autores das classes trabalhadoras atribuem às mulheres um lugar muito especial, falando-nos dela com grande ternura nas suas recordações de infância. De vez em quando surgem pequenos conflitos — a mãe pode achar que o rapaz «está a tornar-se importante», porque este se recusa a interromper o seu trabalho para executar uma das múltiplas tarefas que é costume pedir-se aos rapazes. As relações entre este e as mulheres da casa são no entanto boas, de uma maneira geral, processando-se num ambiente de grande ternura e intimidade. O rapaz ouve vagamente as conversas

das mulheres, que falam das suas preocupações, doenças e esperanças, e de vez em quando fala-lhes do que acontece na escola, do seu trabalho e do que o professor disse. Escutam-no com simpatia, mas não o compreendem; e apesar de perceber que o não compreendem, o rapaz continua a falar-lhes da sua vida escolar, pois gostaria de estabelecer uma relação entre os dois meios díspares em que vive.

A minha descrição é talvez excessivamente simplificada, ou insiste talvez demasiado na quebra com o ambiente familiar; é claro que nem todos os casos individuais se assemelham. Se insisto no isolamento que caracteriza a sua situação, é porque a minha descrição se aplica à maioria dos casos. Esses rapazes vivem em dois mundos diferentes, o mundo da escola e o da casa, entre os quais existem muito poucos pontos de contacto. Depois de entrar no liceu têm de aprender a falar de duas maneiras diferentes, a assumir duas personalidades diferentes (nos casos extremos), a reconhecer a existência de duas séries de valores diferentes. Citemos o exemplo das leituras: em casa o bolseiro vê e lê com regularidade revistas de que nunca lhe falam na escola, que não parecem pertencer ao mundo em que penetrou por intermédio desta; na escola ouve falar de livros, lê livros de que nunca lhe falaram em casa. Quando traz esses livros para casa, estes destoam das leituras do resto da família, pois em casa geralmente nem sequer há livros; os seus livros são utensílios estranhos.

Hoje em dia esse rapaz talvez não chegue a ser vítima de um certo número de dificuldades imediatas que se lhe punham antigamente no novo meio em que era introduzido: o estigma das roupas baratas, da impossibilidade de participar nas viagens da escola, do aspecto diferente e nitidamente proletário dos pais, quando estes compareciam à festa do fim de ano da escola. É natural que o nosso rapaz experimente no liceu uma certa ansiedade por se tornar

bem visto e aceite, ou até mesmo por se evidenciar como na escola primária. Compreende que a inteligência foi a moeda com que comprou o caminho que seguirá, e a inteligência afigura-se-lhe cada vez mais como o valor mais importante. Tem tendência para venerar os professores, caixeiros deste novo mundo onde a moeda é a inteligência. Em casa tem o pai, mas o pai não tem lugar no mundo da escola; adopta pois o professor director de turma como o seu «pai» da escola.

A família pode não fazer pressão sobre ele, mas o rapaz aprende por si a «furar». Começa a conceber a vida como uma espécie de corrida de obstáculos da qual tem de sair vitorioso para obter as sucessivas bolsas de estudo de que necessita, e aprende métodos de manipulação da nova moeda com que agora tem de lidar. Tem tendência para atribuir aos exames uma importância exagerada e para amontoar os conhecimentos e as opiniões preconcebidas. Inventa uma técnica de aprendizagem aparente, de aquisição de factos, e não de tratamento e utilização desses factos. Recebe uma educação puramente literária, que compromete apenas uma pequena parte da sua personalidade e na qual investe uma área limitada do seu ser. Começa a ver a vida como uma escada, um exame permanente, cada degrau que vai subindo recebe algum louvor e algumas exortações para continuar a subida. Torna-se num especialista do «empinango» e da «desbobinagem»; pode ter maior ou menor competência, mas falta-lhe geralmente o entusiasmo genuíno pelo conhecimento. Raramente apreende a realidade do conhecimento, dos pensamentos e das invenções dos outros homens; raramente descobre sozinho um autor que o entusiasme. Nesta fase da sua vida só reage a tudo o que esteja directamente relacionado com o sistema de treino a que está submetido. É como um cavalo com vendas; por vezes é treinado por pessoas que foram já vítimas do mesmo sistema, que continuam vendadas, e que o

louvam na medida em que ele aceita as vendas sem se revoltar. A sua atitude radica num realismo forte e prosaico, mas é essa a única forma de iniciativa que manifesta; é geralmente desprovido de todas as outras formas de iniciativa intelectual — a curiosidade intelectual, o entusiasmo por ideias novas, a rejeição de certas formas de conhecimento, que oficialmente são consideradas tão importantes como as outras — e de resto a educação que recebe não é de molde a encorajar o espírito de iniciativa. O problema não é de agora, e Herbert Spencer referiu-se-lhe já há cinquenta anos atrás; mas continua a existir:

«Os sistemas de educação vigentes, sejam quais forem as matérias que ensinam, pecam todos pelos mesmos vícios de forma. Encorajam a *receptividade submissa* e não a *actividade independente*.»

A educação não tenta impelir à acção, desenvolver a vontade e a decisão; dirige-se exclusivamente à inteligência, que permitiu ao nosso rapaz aceder à escolaridade. Aquele que alcança melhores resultados escolares é muitas vezes o que aceita as exigências do seu novo meio com uma passividade conscienciosa, perdendo a espontaneidade para se tornar num bom «passador de exames». É incapaz de se afirmar contra alguma coisa ou contra alguém; adquire as qualidades de um bom empregado de escritório, consciencioso, competente e desprovido de imaginação. Foi treinado no «medo a toda a autoridade que deve ser obedecida». Hazlitt formulou no princípio do século XIX a seguinte crítica geral e apaixonada a certas tendências da sociedade em que vivia, crítica essa que ainda é relevante nas actuais circunstâncias:

«Os homens não são aquilo que naturalmente deviam ser, mas sim aquilo em que a sociedade os torna. Os sentimentos generosos e as propensões elevadas da alma são por assim dizer comprimidos, destruídos, amputados, para nos tornar aptos a viver no mundo, da mesma maneira que os pedintes mutilam os filhos para os adaptar à sua futura situação na vida.»

O nosso bolsreiro perdeu assim parte da vitalidade e da resistência que caracterizam os seus primos que continuaram a viver na rua. Numa geração anterior, e na sua qualidade de um dos indivíduos mais bem dotados das classes trabalhadoras, teria provavelmente desenvolvido a inteligência na selva dos bairros da lata, onde esta só vingava quando aliada à energia e à iniciativa. Nos tempos actuais as coisas passam-se de maneira diferente: ele anda menos na rua do que os outros rapazes; não vende jornais para ganhar uns cobres, como o fazem os outros da sua idade; a sua maturidade sexual é mais tardia. Perde parte da energia e da despreocupação do garoto da rua, da sua prontidão em aproveitar as ocasiões, do seu atrevimento e ousadia, adquirindo por outro lado a confiança em si que caracteriza a criança da classe média. Foi treinado para ganhar bolsas, como um cavalo de circo.

Em consequência de tudo o que acabo de referir, quando acaba a sua corrida às bolsas, quando tem finalmente de acomodar-se a um mundo de coisas tangíveis e inflexíveis e de seres humanos complexos e desconcertantes, não tem uma personalidade suficientemente definida para se impor. O seu treino de «passador de exames» de pouco ou nada lhe serve agora. Tem dificuldade em orientar-se num mundo onde já não há um professor a quem é necessário agradar, um rebuçado no fim de cada etapa, um diploma, um lugar certo no degrau de cima. Sente-se infeliz numa sociedade imensa e confusa, ilimitada, desordenada, sem aquecimento central, na qual não são nem os mais trabalhadores, nem os mais espertos, que recebem os rebuçados; na qual factores imponderáveis como a «personalidade», a «sorte», a «sociabilidade», a «ousadia», pesam muito na balança.

Sofre tanto mais, quanto o treino que recebeu o leva a atribuir uma importância exagerada ao êxito público. Este mundo em que vive agora também atribui grande importância ao êxito, mas não distribui as

recompensas de acordo com as normas que até aí o tinham orientado para as alcançar. Se se importasse menos com o êxito, se conseguisse negar a importância deste tal como a escala de valores do mundo o define, seria mais feliz. Os valores do mundo são porém muito semelhantes aos da escola; e só os poderia portanto rejeitar caso conseguisse evadir-se da prisão interior em que as regras do êxito escolar o encerraram.

Não está disposto a aceitar o critério do mundo — subir a todo o custo (se bem que tenha uma noção muito exacta da importância do dinheiro). Foi treinado para a corrida de obstáculos; sonha portanto com o êxito, mas com um êxito diferente, que não sabe qual seja. Não é capaz de aceitar os valores do mundo, mas também não é capaz de os criticar com firmeza.

Afastou-se das suas «origens humildes», e está talvez destinado a delas se afastar ainda mais; tem consciência de que «foi longe», e teme a vergonha de um retrocesso. Isso contribui para que se atormente ainda mais. O tipo de emprego que obtém contribui por vezes para reforçar ainda mais essa sensação de que continua a subir na escada da vida; por um lado sente-se inseguro, mas por outro tem orgulho nisso, e é incapaz, dado o seu condicionamento, de abandonar a corrida:

«Pálido, mal arranjado, muito nervoso, acolhe as suas sucessivas promoções na companhia de seguros onde trabalha com o ar de alguém que vai ser despedido... O facto de ser inteligente obrigara-o logo na escola primária a trabalhar mais do que os outros. À noite ouvia ainda o coro malicioso dos seus colegas, acusando-o de ser o favorito do professor... A inteligência, como fogo ardente, tinha queimado o mundo à sua volta, e através das areias desse deserto via por vezes a miragem da multidão dos estúpidos, que não eram obrigados a pensar, que podiam brincar, rir e gozar da ternura, da compaixão, do calor do amor.»

Esta passagem dramatiza uma situação em que se encontra muita gente, se bem que nem todos a vivam de forma tão intensa. Encontram-se também em situação semelhante os membros de um grupo mais lato, que passo agora a considerar, o de todos aqueles que põem em dúvida a sociedade em que vivem, e que por isso se encontram «entre dois mundos, um mundo morto e outro que não consegue nascer», se bem que não tenham nunca frequentado o liceu. São «as caras diferentes nos lugares públicos» das classes trabalhadoras; são os «sargentos meditados» de Koestler; são aqueles — alguns daqueles — que fazem o possível por aprender alguma coisa sòzinhos. Podem trabalhar em officios muito diferentes, executar trabalhos manuais ou dedicar-se ao ensino; mas diz-me a minha experiência que a maior parte deles se encontram entre os pequenos empregados de escritório ou professores primários das grandes cidades. O seu auto-didactismo é por vezes o fruto do desejo de se tornarem semelhantes aos membros da classe média; essa atitude não equivale porém a uma traição política, tratando-se antes de um idealismo desencaminhado.

Este tipo de pessoa, e vimos já que foi essa a principal perda que sofreu, não se integra já em nenhuma classe, nem sequer nos chamados «meios intelectuais». Não é capaz de olhar de frente os membros da sua classe de origem, o proletariado, pois uma vez que os laços instintivos se dissolveram, esse convívio exigiria dele um equilíbrio que não possui. Por vezes tem vergonha das suas origens; habituou-se a desdenhar dos modos das classes trabalhadoras, a sentir-se «superior» aos membros das mesmas. Por vezes também não está muito satisfeito com a sua própria aparência física, que trai as suas origens; sente-se inseguro ou humilhado quando se dá conta de que o seu aspecto exterior, a sua maneira de falar, os seus próprios gestos o «traem» a todo o momento. Tem tendência para des-

carregar as suas frustrações sobre a classe de que é originário; forja uma armadura de atitudes de defesa. Por vezes proclama com orgulho pouco convincente a sua falta de jeito para trabalhos de mãos — os «intelectuais não têm jeito para trabalhos manuais». No fundo sabe que não possui as capacidades compensatórias de que se gaba — não está de maneira nenhuma apto a manejar o conhecimento intelectual. Tenta ler todos os livros bons, mas não consegue adquirir a capacidade de expressão e de manejo da realidade por que anseia. Maneja os livros com tão pouco jeito como manejava os utensílios do artesanato.

Não pode voltar atrás; uma parte do seu ser recusa-se a regressar a uma vida doméstica limitada, se bem que outra parte dele anseie pelo sentido de integração no grupo que perdeu, «anseia por um Éden perdido que nunca conheceu». A nostalgia é tanto mais forte e tanto mais ambígua quanto ele está na realidade «à procura do seu próprio ser obscuro, temendo simultaneamente encontrá-lo». Por um lado quer voltar atrás, por outro sente que ultrapassou já a sua classe, que compreende melhor do que os membros dessa classe a sua própria situação e a deles, o que lhe interdita os prazeres simples do seu pai e da sua mãe. Tem de resto tendência a dramatizar esse aspecto.

Quando tenta ser «compincha» com outros membros das classes trabalhadoras, mostrar-lhes que é um deles, estes «topam-no à légua». Estão menos à vontade com ele do que com pessoas de outras classes. Em relação a estas podem adoptar um tipo de relação bem definido, quer respeitando-a, quer considerando-a de modo irónico; sabem qual é o seu lugar. Mas em relação a ex-membros da classe trabalhadora detectam imediatamente a insegurança das atitudes dos mesmos, compreendendo que não pertencem nem às classes trabalhadoras, nem tão pouco a nenhum dos outros grupos com quem estão habituados a manter certo tipo de relação hierárquica formal; o ex-membro das

classes trabalhadoras está sempre fora do sistema de classes.

Deixou a sua classe, pelo menos em espírito, tornando-se diferente dos outros membros dela em muitas coisas; continua porém diferente dos membros das outras classes, demasiado tenso e inseguro. As classes trabalhadoras e as classes médias são capazes de rir das mesmas coisas, mas o nosso homem nunca ri — quando muito, sorri de canto. Sente-se geralmente pouco à vontade com a classe média, pois uma parte do seu ser recusa a integração na classe média: desconfia dela, despreza-a por vezes. Nesse ponto, como em tantos outros, está numa posição falsa. Com uma parte do seu ser admira muitas das características dos membros da classe média: o à-vontade intelectual, a largueza de vistas, o estilo. Gostava de se tornar num cidadão desse mundo de pessoas bem-educadas, prósperas, seguras, que discutem os livros e as ideias, o mundo dos membros das classes médias bem instalados na vida e inteligentes, que avista por vezes por detrás das portas ou que visita mesmo, sentindo-se porém sempre pouco à-vontade no meio dessas pessoas, consciente de que tem as unhas sujas. Com uma outra parte do seu ser é hostil a esse mundo; despreza esses convencidos, com as suas preocupações mundanas, os seus jantares inteligentes, os filhos que frequentam Oxford e as pretensões culturais do estilo Mrs. Miniver ou Mrs. Ramsey. Está sempre pronto a detectar o pretensiosismo ou o irrealismo dessas pessoas, o que lhe permite dizer que não sabem o que é a vida. Hesita entre a inveja e o desprezo. É o Charles Tansley do livro de Virginia Woolf *To the Lighthouse*, mas não tem geralmente a inteligência desse personagem. Virginia Woolf descreve-no-lo de resto de um ponto de vista limitado, o do espectador culto da classe média:

«...um trabalhador auto-didacta, e todos sabemos como podem ser desagradáveis, egoístas, insistentes, rudes, tentando tornar-se notados, enfim, enjoativos.»
Ou ainda:

«Lembra-me sempre um rapaz de escola, dotado de grandes possibilidades e capacidades, mas tão exclusivamente absorvido em si mesmo e tão egoísta que perde a cabeça, torna-se extravagante, mal-educado, incomodativo, sentindo-se no fundo pouco à-vontade, de tal maneira que as pessoas boas têm pena dele e as pessoas severas se aborrecem simplesmente: todos esperam que aquilo lhe passe com a idade.»

Não tem as compensações do artesão; não tem também geralmente as consolações da religião, com o sentido de integração numa comunidade e o reconhecimento de regras morais que a aderência a uma crença religiosa implicam. Não tem a personalidade forte do homem ávido de lucro — o merceeiro oportunista, o empresário comercial ou o caixeiro viajante desembaragado. Tem a ânsia de se cultivar, mas não a energia ou a avidez de conhecimentos do seu tio de há quarenta anos atrás, de um Mr. Lewishams, que se matava a estudar na Politécnica e lia Shaw e Wells. A sua busca de conhecimento e de cultura é feita sem ousadia: lê os primeiros livros de Aldous Huxley, ou talvez Kafka. É um homem solitário e triste; tem dificuldades em estabelecer contactos até com os outros da sua condição: «Cada um deles clama com voz fraca por cima da vastidão das águas frias». Sente-se encurralado porque, em última análise, tem medo de encontrar aquilo que procura; a educação que recebeu e a vida que levou fazem com que tema a decisão e o compromisso. Podemos dizer dele o que Toynbee afirmou em relação ao «génio criador»:

«Colocar-se-á num comprimento de onda diferente do seu campo de acção, e ao perder a capacidade de agir perde também a vontade de viver.»

Mas não é um «génio criador». É suficientemente inteligente para ultrapassar intelectualmente os da sua classe, mas não está emocional ou mentalmente equipado para resolver os problemas que daí derivam.

Nem sequer tem a «consolação da filosofia», ou a possibilidade de compreender a situação em que se encontra e o conforto que daí poderia derivar. Mesmo quando consegue adquirir um certo grau de cultura, não é capaz de ser culto com naturalidade, com a naturalidade daqueles que se não tiveram de esforçar para a adquirir, que não sofreram como ele o longo processo de exploração da inteligência:

«Você recebeu do céu aquilo que as pessoas vulgares não têm: talento... e o seu talento isola-o das outras pessoas... Só tem um defeito. A sua posição falsa, a sua tristeza e a sua prisão de ventre a ele se devem. Esse defeito é a sua extraordinária falta de educação. Desculpe, mas *veritas magis amicitiae*... Sabe, a vida tem as suas convenções. Para que uma pessoa se possa sentir à vontade entre gente inteligente, para que aí se não sinta como um estranho e completamente inibido, tem de ter um mínimo de educação... O talento introduziu-o nesse meio, é esse o meio a que verdadeiramente pertence, mas... por outro lado apeetece-lhe fugir, hesitando entre as pessoas cultas e os seus companheiros de pensão, do outro lado da rua.»

Se bem que não pertença à «minoría criadora», também não pode ser identificado com a «maioría não-criadora»; faz parte de uma minoría não-criadora mas atormentada simultaneamente pela incerteza e pela ambição. Tem grandes aspirações, mas não possui capacidades ou força de vontade para as realizar. Seria mais feliz caso conhecesse os seus limites, fosse capaz de avaliar exactamente as suas possibilidades, caso pudesse resignar-se a ser não «aquele parvo», mas sim a pessoa média que verdadeiramente é. O seu passado, a sua ética e as suas qualidades naturais dificultam-lhe no entanto a compreensão exacta da sua situação; continua pois a viver atormentado pela «discrepância entre as suas aspirações elevadas e os seus actos medíocres.»

B. O PAPEL DA CULTURA. A NOSTALGIA DOS IDEAIS

«...Porque estamos todos divorciados da vida; somos todos aleijados, em maior ou menor grau.» (o empregado de escritório de *Notes from Underground* de Dostoievski)

É evidente que os anúncios do estilo intelectual e cultural que passo a analisar neste capítulo não se dirigem apenas aos «bolseiros» como os que acabo de descrever. Dirigem-se provavelmente a todas as pessoas que, por quaisquer razões e seja qual for a sua origem, sentem a necessidade de se cultivar, e que têm esperanças de poder suprir assim às suas deficiências. Há muita gente que procura a cultura e o conhecimento intelectual sem esperar dessas aquisições mais do que aquilo que elas lhe podem dar e que consegue estabelecer uma relação de coerência entre a cultura e a vida de sociedade ou a sua própria. Referir-me-ia porém a essas pessoas no capítulo seguinte.

O âmbito das compensações intelectuais é muito lato e variado, e não será possível evitar neste capítulo a referência a pormenores relacionados com níveis culturais diferentes. As aspirações e incertezas aqui discutidas parecem porém incluir o caso particular dos vários tipos de pessoas que aqui me interessam. Na sua forma mais elementar, o tipo de anúncio que passo a analisar aproxima-se muito dos anúncios de carácter vagamente psicológico a que me referi já em capítulo anterior. No outro extremo encontramos anúncios dirigidos às pessoas que pretendem estar na vanguarda dos assuntos culturais. No meio termo temos anúncios que não parecem relacionar-se directamente com a aquisição cultural, dirigindo-se àqueles que pretendam alcançar o êxito profissional. O tom desses anúncios leva-nos porém a pensar que atrairão mais os leitores vagamente insatisfeitos do que os homens práticos e decididos:

«Trabalhavam no mesmo banco, mas Bill não se contentou com esse trabalho de rotina. E VOCÊ?»

Quer ser um fura-vidas como Bill Watson, ou um tímido como Jim Simpson? (seguem-se fotografias contrastantes de um homem novo de ar decidido e alegre e de outro de aspecto ansioso).

Bill preparou-se seguindo o sistema...

Agora é contramestre, e não vai ficar por aí.»

O exemplo que se segue é de um género mais directo:

«Os nossos leitores podem receber livros de graça.

Somos a maior empresa de fornecimento de cursos por correspondência.

(Estes anúncios recorrem geralmente com prodigalidade às maiúsculas e aos sublinhados.)

VOCÊ PRECISA DO NOSSO CATALOGO! Nele encontrará uma relação de todos os nossos cursos por correspondência, técnicos, administrativos ou de chefia de pessoal. DIGA-NOS O QUE PRETENDE.»

Temos depois os anúncios de carácter directamente cultural ou intelectual, propondo maneiras de adquirir uma expressão fluente, de aprender a falar como «um indivíduo culto e dominador». «A Enciclopédia Moderna das Ideias fará de si um Mestre da Linguagem»:

«Os indivíduos que desenvolveram o dom da fala são os que melhor se sabem impor e alcançar o êxito.

Quando tiver de dar a sua contribuição (o que não quer dizer que as pessoas a quem este anúncio se dirige tenham de falar frequentemente em público), fá-lo-á com fluência e decisão.»

Tudo isto por apenas cem escudos. Ou então:

«É tímido?»

Deseja aprender a falar com fluência?

Pode subir na vida, mesmo sem ter frequentado a universidade.

Alcançará a prosperidade e a consideração de todos se aprender a falar, e seja qual for o sector em que decida agir.»

Podemos incluir neste tipo os anúncios de versões elementares do *Thesaurus* de Roget, apresentadas por vezes sob uma forma gráfica que permite facilitar a aquisição dos conhecimentos propostos, à maneira dos horóscopos ou dos diagramas do tipo «o que deve fazer no seu jardim em cada uma das semanas do ano»; para obter dois ou três sinónimos para a palavra «bonito» basta rodar o diagrama de acordo com as instruções. *Diagrama Universal do Vocabulário* é apresentado nos seguintes termos:

«Transforme a sua vida... uma chave mágica que lhe dará acesso a uma existência mais cheia e mais positiva, deixando para trás a rotina da sua vida actual.

VOCÊ pode persuadir... afirmar-se... dominar... com uma beleza e uma fluência novas.

A promoção — e a fama — e a posição social a que aspira podem tornar-se HOJE MESMO realidade.

Vaia ficar espantado com a facilidade e os resultados rápidos do nosso método.

O SEGREDO DE UMA REDACÇÃO E DE UMA ELOCUÇÃO IMPECÁVEIS ESTÁ NAS SUAS MÃOS.»

Para os que aspiram a uma cultura mais geral ou até mesmo ao estatuto de artista, são anunciados muitos métodos de aprender a escrever. «VOCÊ tem jeito para escrever? Acha-se com qualidades para ser escritor? Então — envie-nos este impresso»:

«Os seus amigos costumam dizer-lhe: «Devias escrever um romance» quando lhes conta uma anedota?

Há muitas pessoas com jeito para escrever que nunca aprendem a servir-se do seu talento, renunciando assim à fama e à fortuna a que teriam direito.»

Temos ainda os guias de algarbeira para todos os aspectos da cultura:

«Música — Arte — Literatura.

Propomos-lhe uma descrição completíssima de todas as perspectivas da Cultura.

A PROVEITE ESTA OCASIÃO ÚNICA

Muitas pessoas célebres se servem desta obra utilíssima!

Segue-se a todos os exemplos uma descrição clara e completa das características artísticas do mesmo.

Com este livro passará a compreender todas as grandes obras-primas do mundo.

Com a ajuda deste livro poderá fazer comentários inteligentes e esclarecedores sempre que a conversa incida sobre TEMAS CULTURAIS.»

A obra em três volumes custa à volta de trezentos escudos, e é acompanhada de um brinde que consiste num exemplar gratuito de um livro intitulado «Guia da expressão correcta e da metáfora feliz... indispensável para todos os que desejem adquirir uma linguagem fluente e apaixonante.»

Reparando ocasionalmente num anúncio deste tipo, podemos pensar que afecta uma percentagem mínima da população. Se começarmos porém a procurar os anúncios desse tipo, constataremos que são muito frequentes, pois cada número das mais variadas revistas insere três ou quatro, alguns deles ocupando uma página inteira; teremos então de concluir que se dirigem a um público mais vasto do que o supusemos à primeira vista. A página publicitária de um semanário de «qualidade» da semana em que estou a escrever consta de onze anúncios. Três deles não são significativos; dois relacionam-se com o tipo que nos interessa (um método de aprendizagem de uma língua estrangeira através de livros de frases, e um anúncio inserido por um departamento oficial, em que se diz haver falta de um certo tipo de professor especializado); os outros seis são do tipo que descrevo neste capítulo — um método de ensino por correspondência que afirma poder preparar o aluno para qualquer carreira que este pretenda seguir, um método de aprendizagem de um inglês fluente, um método para aprender a ser escritor, etc. Considerando o espaço dedicado nessa página a cada um destes vários tipos de anúncios, das quatro colunas que constituem a página, uma delas é preenchida com anúncios que não nos interessam aqui, três quartos de outra coluna

com anúncios relacionados com os que aqui nos dizem respeito, e duas colunas e um quarto são dedicados ao nosso tema. Uma revista mensal de «qualidade» tem geralmente oito páginas completas de anúncios. O equivalente a duas páginas são preenchidas com anúncios do tipo que aqui nos interessa, ou seja, estes preenchem um quarto do espaço total dedicado aos anúncios — em comparação com o semanário de «qualidade», predominam na revista mensal os anúncios de métodos para aprender a falar com fluência ou a escrever como um escritor, enquanto que no semanário predominavam os anúncios de cursos técnicos ou profissionais.

Não possuo dados estatísticos que me permitam avaliar da influência exercida por esses anúncios. Devem sair caros, e não seriam publicados caso não recebessem um número de respostas interessante. Os cursos por correspondência de nível universitário são muito caros, e parecem-me menos eficientes do que o sistema de educação de adultos montado pelo Estado. Creio porém que os cursos de educação para adultos não interessam às pessoas que respondem a estes anúncios. Algumas dessas pessoas têm talvez consciência de que só com muito trabalho poderão atingir os resultados esperados. O tom dos referidos anúncios denuncia porém, a meu ver, o carácter apenas alegórico do apelo ao estudo e à cultura. Os métodos propostos parecem destinar-se principalmente a compensar um complexo de inferioridade latente por meios quase mágicos. Os anúncios deste tipo inseridos nas revistas semanais e mensais de «qualidade» não se dirigem exclusivamente aos membros das classes trabalhadoras ou da baixa classe média, mas dirigem-se *também* aos membros das classes trabalhadoras e da baixa classe média, e temos razões para crer que afectam um número importante de leitores dessas classes; de resto as revistas que se dirigem mais especificamente aos membros das classes

trabalhadoras inserem também com regularidade anúncios semelhantes.

A procura de anúncios do tipo que acabo de exemplificar constitui apenas uma das expressões do desejo de acesso à cultura. Podemos considerar como uma outra expressão do mesmo fenómeno algumas das tendências que actualmente se manifestam na escolha das leituras. Refiro-me, por exemplo, à leitura de certas publicações culturais, que é inspirada por um desejo forte, mas vago e indiscriminado, de adquirir cultura, de qualquer espécie que ela seja. Creio que o interesse por publicações culturais está mais generalizado do que se pensa vulgarmente. Existe uma relação directa entre as exortações elementares à aprendizagem de uma «linguagem dinâmica» e a integração num grupo intelectual esotérico, entre o interesse obsessivo e geralmente bizarro por uma qualquer panaceia para os males da humanidade (sob a forma de um sistema) e o condicionamento da opinião pública.

O extinto semanário *John O'London's Weekly* satisfazia sem dúvida uma necessidade muito acentuada, se bem que, a meu ver, não correspondesse de modo algum às exigências legítimas do seu público. Outros membros desse público orgulham-se de ler J. B. Priestley e outros autores como ele, que consideram como «escritores sérios, com uma mensagem». Outros ainda ouviram já dizer que Priestley não passa de um autor medíocre, não ousando portanto confessar que gostam dos seus livros. Lêm então um tipo de literatura amargamente irónica ou angustiada — Waugh, Huxley, Kafka e Greene. Compram a selecção Penguin das obras de Eliot e outros livros das colecções Penguin e Pelican; antigamente assinavam o *Penguin New Writing* e agora assinam o *Encounter*. Sabem umas coisas de Frazer e Marx, geralmente aprendidas em críticas ou artigos curtos; possuem talvez um exemplar da edição Pelican da *Psicopatologia da vida quotidiana* de Freud. Ouvem por vezes no Terceiro Pro-

grama conferências sobre temas do género «O culto do mal na literatura contemporânea».

Alguns têm uma entrada precária em círculos pseudo-intelectuais. Nessa altura são adeptos da «liberdade» e do «anti-autoritarismo»; ouviram já falar do Conselho Nacional para as Liberdades Cívicas e lêem o *New Statesman and Nation*. Conhecem os argumentos anti-Munnings a favor da arte moderna, e de modo particular de Picasso. Conhecem igualmente os argumentos referentes ao efeito pernicioso da imprensa de massas e da publicidade corruptora. Comprazem-se mesmo nesse tipo de análise, prazer que se aproxima de um nihilismo masoquista. Sentir-se-ão no entanto inexplicavelmente desconcertados perante uma oposição «reaccionária», que equivale a uma contrapartida exterior a problemas que ainda não resolveram no seu íntimo. Continuam a apreciar, se bem que deles se envergonhem, certos prazeres que consideram no entanto indignos de gente culta. Sentem que partilham até certo ponto da angústia dos intelectuais; mas a sua angústia é no fundo de ordem diferente. De qualquer maneira os prazeres dos intelectuais inspiram-lhes sempre um respeito exagerado.

Alguns conseguem adquirir um verniz de cultura, emitindo opiniões que equivalem a uma forma um pouco mais intelectual da «fragmentação». Experimentam assim o prazer de «ter ideias», se bem que estas sejam geralmente as de outros, emitindo opiniões sobre todos os assuntos — a bomba H, o problema da mulher, a arte moderna, a agricultura em Inglaterra, a pena de morte ou o «problema populacional». O tipo de educação que receberam tornou-os aptos a assimilarem, mas não a absorverem todo o tipo de ideias, adquirindo assim opiniões em segunda, terceira ou quarta mão sobre todos os problemas em voga. Sabemos que esse tipo de atitude pode degenerar na promiscuidade mental; e a situação daqueles que anseiam por este género de conhecimento, não dispendo porém, dada a instrução deficiente que lhes foi ministrada,

da capacidade de manejo das ideias ou de uma imaginação verdadeiramente criadora, é muito desfavorável. Apanham no ar meia-dúzia de ideias que digem mal, mas continuam a sentir-se perdidos. Têm mais facilidade em ler as críticas do que os livros criticados, e acabam por se contentar com esse substituto insuficiente. Vagueiam no mundo denso, inesperado e fugidio das ideias como crianças que tivessem entrado pela primeira vez no comboio fantasma da feira popular — ansiosos por verem e compreendemem tudo, pretendendo divertir-se a todo o custo e no fundo cheios de medo, mas recusando-se a sair.

Perderam um determinado género de vida, mas não conseguiram integrar-se no género de vida diferente a que aspiram. Perderam mais do que aquilo que ganharam. As casas daqueles que conseguiram atingir um certo equilíbrio aparente são muito reveladoras da ambiguidade da situação em que se encontram os seus moradores: perderam geralmente o aconchego que caracterizava as casas de seus pais, apesar do mau gosto da ornamentação das mesmas; mas não querem ser «pirosas». O resultado é que essas casas são sempre mobiladas de acordo com determinados modelos; a decoração obedece à preocupação que os moradores da casa têm de se apresentarem como *personae gratae* do ponto de vista cultural, evitando o mau-gosto das classes trabalhadoras ou o estilo «aconchegado» das classes médias; são casas feitas para ver e não para viver. Os seus donos cometeram um erro que criticavam na burguesia e nos membros respeitáveis das classes trabalhadoras, que põem o estampado das cortinas e os objectos decorativos virados para a rua. Essas casas imitam as de milhares de outras pessoas no mesmo período, apresentando portanto um aspecto anónimo e público, como o de mobílias em série que não foram ainda personalizadas por outros pormenores da decoração. São casas planeadas para a vista do vizinho, para não ficarem culturalmente atrás dos

Koestlers. Apresentam poucos toques pessoais, poucos ou nenhuns sinais de uma escolha feita de acordo com o verdadeiro gosto de quem as habita, uma arrumação meticulosa e pouco saudável. Não há nenhum objecto de mau gosto, a não ser que o mau gosto esteja na moda. Não há objectos que tenham sido escolhidos porque agradassem de modo muito especial a algum dos moradores da casa, como agradava à sua própria tia a jarra horrível que recebera de prenda de Natal e que a levava a exclamar com espontaneidade «É mesmo linda!». São casas que nos não dizem nada, porque não têm vida, casas reveladoras da incerteza e da ansiedade dos seus moradores.

O que acabo de dizer não passa de uma descrição selectiva de uma situação que afecta apenas uma minoria, mas que pode servir para exemplificar outros aspectos mais gerais das teses defendidas nesta obra. Uma vez que muitos dos pormenores dessa descrição — no que se refere às leituras e a outros hábitos — foram extraídos da minha experiência pessoal, tenho consciência de que hesitei entre o desejo de definir a minha própria loucura e o de a justificar. Talvez que aquele tenha no entanto predominado. Por essa razão a minha análise pode parecer por vezes demasiado dura, ou ser-me atribuída a intenção de ridicularizar ou acusar de desonestidade as pessoas que descrevo:

«Conhecia o género tão bme — as aspirações, a desonestidade mental, a familiaridade com as capas dos livros.»

A frase que acabo de citar contém uma parte de verdade, mas é por outro lado demasiado dura, demasiado intransigente; poderíamos antes dizer dessas pessoas «são patéticas», se esse modo de se lhes referir não constituísse da nossa parte uma atitude paternalista. É certo que pessoas como as que tentei descrever se levam a si mesmas muito a sério, que a sua ânsia de cultura é por vezes exagerada e desprovida de

humor — mas não tão ridícula como o queriam fazer parecer os jornalistas da imprensa de massas quando troçam das tentativas de auto-didactismo cultural. A atitude das pessoas em questão é digna de respeito: numa época em que a tendência geral é a de uma ignorância arrogante, essa atitude reflecte um amor idealista pelas «coisas do espírito». Até as expressões mais infelizes da atitude em causa reflectem o idealismo, ou antes a nostalgia de ideais daqueles que a professam. Essas pessoas têm tendência a exagerar o valor da cultura, é certo, até porque esta para eles constitui o substituto de uma religião à qual não podem aderir com a inteligência. A religião tornou-se suspeita; a «classe» e o dinheiro tornaram-se igualmente suspeitos. A cultura passou pois a ser o critério dos espíritos desinteressados, da inteligência e da imaginação, que conferem a liberdade e o equilíbrio. As formas mais estranhas que a tentativa da aquisição de cultura pode assumir são também elas inspiradas pelo desejo de adquirir, juntamnete com essa cultura, a liberdade, o auto-domínio do homem «verdadeiramente culto». É claro que se trata de uma ilusão, pois não se pode pedir à cultura mais do que aquilo que ela pode dar; mas é uma ilusão respeitável.

Estas pessoas, tal como muitas outras que conseguem disfarçar melhor as suas incertezas, são um fruto da época em que vivem. É fácil recorrer à desculpa dessa «estranha doença da vida moderna», frase que tem de resto mais de cem anos: as pessoas a que me refiro são porém até certo ponto os «estrangeiros» de Matthew Arnold, vivendo cem anos mais tarde e num clima ainda mais rigoroso:

«Em todas as classes nasce porém um certo número de pessoas que se interessam pelo espírito, que têm o dom de ver as coisas como elas são, que se libertaram das máquinas para se interessarem apenas pela razão e pela vontade de Deus, e que fazem o possível para que estas prevaleçam; que procuram a per-

feição neste mundo... e esse dom faz com que essas pessoas tenham tendência para se afastarem da sua classe, evidenciando-se por uma característica própria... a sua *humanidade*. Sofrem geralmente muito na vida.»

Esses inspirados de Arnold não são muito convincentes; a passagem que acabámos de citar encerra porém uma verdade importante, que ainda hoje se mantém como tal. Alguns dos «estrangeiros» do nosso século filiaram-se na década de trinta no partido comunista, na liga dos pacifistas ou noutros movimentos do mesmo género. Propunham-se objectivos bem definidos, ao contrário do que acontece em relação aos seus congéneres da década de cinquenta, mas estes continuam a ser inspirados por sentimentos semelhantes. Querem «fazer alguma coisa para melhorar o mundo», mas sentem-se frustrados — pela magnitude e complexidade dos problemas que adivinham, pela sensação de que, sendo embora cidadãos democráticos conscientes com opinião sobre os mais variados problemas, no fundo nada podem fazer para contribuir eficazmente para a resolução dos mesmos. «Não tinha outra estrela além da sua própria alma», diz-nos Hardy de Judas o Obscuro; a luz da alma no Judas dos nossos dias é porém uma luz fraca e insegura, insegura porque esses homens duvidam da sua própria capacidade de tomar decisões firmes. A sua insegurança deve-se à multidão de vozes contraditórias que os assedia, vozes todas elas bem-informadas, seguras e persuasivas; vozes que dizem «Sim, mas depende...», ou «Isto é o que nos diz a estatística, mas não nos podemos guiar pela estatística...», ou ainda «Essa linguagem é motivada». Sentem-se intimidados pela dificuldade extrema que há hoje em tomar decisões morais, em decidir qual será a acção boa e justa a adoptar. Pior ainda, têm medo de que esses problemas essenciais que continuam a pôr a si mesmos (o que é o bem? o que é a verdade?) tenham perdido todo o significado. As névoas da relatividade absoluta estão

em vias de encobrir os últimos marcos visíveis: continua a haver princípios e pessoas que agem de acordo com eles? Ou essas pessoas apenas *parecem* agir de acordo com princípios? Estão de facto a querer enganar-nos? Ou a enganarem-se a si mesmos? Ou estão muito simplesmente a precisar de um tónico? «Os melhores sofrem de falta de convicção»; e estaríamos face a uma tragédia dos bem-intencionados, se a natureza da situação não lhes proibisse as atitudes trágicas — que de qualquer maneira pareceriam suspeitas aos próprios actores — e não lhes retirasse a própria força trágica. As vítimas desta situação habitam geralmente regiões em que «tudo permanece abaixo do nível da tragédia, a não ser o egoísmo feroz do que sofre.»

Resta-lhes apenas uma honestidade fatal e a impossibilidade de assumir para consigo mesmos uma distanciação irónica que os salvaria. Essa honestidade é inegável, se bem que assumida geralmente a forma da incerteza do rapaz que se encontra no meio de desconhecidos. É uma honestidade indecisa: não crê no entusiasmo, mas por outro lado lamenta que assim seja. A timidez oculta por vezes uma coragem moral inegável. Se a escondem, é porque sabem que, caso a exprimam, se arriscam a ser ridicularizados. A procura de uma certeza e a frustração que sofrem nessa procura pode inibi-los emocionalmente para o resto da vida. Outras vezes disfarçam essa ânsia de verdade por detrás de um cinismo aparente, que se relaciona com uma das atitudes características de muitos membros das classes trabalhadoras, se bem que com ela se não possa identificar, pois as suas raízes são muito mais fundas. Esse cinismo é reforçado por uma carga de conhecimentos mal assimilados. Caso tivessem absorvido esses conhecimentos, o efeito dos mesmos não poderia ter sido tão debilitante. Assimilaram porém um mínimo de noções de antropologia, sociologia e psicologia social que lhes permite assumir relativamente a todos os problemas uma atitude

destrutiva. A pergunta dessa atitude de negação generalizada deixou de ser «E os russos?» para se tornar em «E os polinésios?» Adoptaram o jogo da destruição, mas não têm a ousadia de outros destruidores intelectualmente mais confiantes: sentem-se pois deprimidos pela suspeita constante de que tudo e todos foram desmascarados. São os pobres rapazinhos ricos de um mundo pletórico de informação solta e popularizada, incapazes de integrarem essa informação de forma significativa. Podem no entanto sentir um certo prazer em serem um misto de Kingsley Martin e de Tirésias; e em desmascararem o mundo com Graham Greene.

Porque esse cinismo aparente é no fundo uma nostalgia da verdade, o pseudo-cínico observa com grande interesse, acompanhado de uma certa inveja, os homens que atravessam o período difícil da procura da verdade. Desconfia, por outro lado, de que estão a querer enganá-lo; esses outros homens que procuram a verdade são talvez hipócritas; de toda a maneira, o cínico sente-se ressentido por ver que para si mesmo não há qualquer hipótese de acção positiva ou afirmativa: «Há só as várias formas de inveja/todas elas tristes».

Alguns adoptam uma atitude pública do género: «Não tenho ilusões. Não pretendo enganar ninguém. Também não vou queixar-me em público». Todos eles apresentam uma característica facial que os trai — testa enrugada, sobrelhas contraídas, olhos desconfiados; ou então apertam os lábios, para impedir que o lábio inferior descaia de tristeza. Essa boca apertada disfarça o descontentamento íntimo, sugere uma derrota suportada com estoicismo. Essa expressão trai ainda a auto-complacência e o dó por si mesmo. A interiorização da dúvida e da incerteza leva os indivíduos que se encontram nesta situação a considerarem-se a si mesmos como uma espécie de herói byroniano dissidente. O individualismo romântico pode assumir várias formas, derivadas da Renascença,

de Robinson Crusoe ou de Rousseau; esta é uma forma nova do mesmo fenómeno, que degenera porém frequentemente na absorção em si mesmo. Estes românticos insatisfeitos sentem a necessidade de partir em viagem, mas nunca o chegam a fazer, porque duvidam da utilidade dessa viagem: tornam-se então nos «descontentes» que poderiam ter sido alguma coisa».

O cinismo aparente e a complacência que os caracterizam escondem uma desorientação profunda, a sensação de que perderam os objectivos e a força de vontade. Parece-me que essas pessoas atravessam a fase mais crítica da sua vida entre os vinte e os trinta anos, período em que procuram com mais intensidade satisfações culturais e intelectuais que lhes escapam sempre. Depois dos primeiros anos de casados, mudam. Mas nos primeiros dois anos depois de casarem têm sempre um ar encurralado como se, casando, tivessem caído numa fraqueza burguesa ou, o que é ainda pior, se tivessem deixado apanhar, traindo a sua liberdade. O clima da época, tal como o interpretam, impede-os de viver o casamento sem dificuldades emocionais. Quando falo de dificuldades emocionais, não me refiro a problemas que surgem inevitavelmente nos primeiros tempos de coabitação matrimonial. Têm outros problemas, pois precisam de aprender que temos de admitir as nossas emoções mais profundas, que não as podemos negar ou experimentar contra vontade; têm de perceber que não é vergonha tentar ser um bom marido e um bom pai, que se pode ser tão verdadeiro nesse aspecto como em qualquer outro aspecto da vida.

A maior parte desses homens vivem o início da sua idade adulta com a consciência em carne viva; «Estão sentados na escuridão e à sombra da morte... encadeados na tristeza e nos ferros». Arrancaram da terra as suas raízes para as examinarem melhor; tor-

naram-se assim em desenraizados espirituais. Continuam a interrogar-se, mas sempre com medo de encontrar as respostas:

«Preferíamos ser destruídos a mudar,
Preferíamos morrer no nosso medo
Do que subir à Cruz do momento
E assistir à morte das nossas ilusões.»

O idealismo oculto e a indecisão que os caracterizam impedem-nos de agir, se bem que no fundo anseiem pela verdade e pelo bem. São em muitos aspectos mesquinhos e dignos de dó; a sua busca da verdade é no entanto meritória e simpática. Muitos resistiram aos piores venenos; representam alguma coisa. E numa sociedade em que grande parte da população está em vias de ser reduzida a uma condição de receptividade passiva e obediente, de olhos fixos na televisão, nas pin-ups e nos écrans de cinema, as poucas pessoas que põem a si mesmas problemas essenciais têm grande valor. Os problemas que os atormentam dizem também respeito a todos nós, na medida em que se referem à importância das raízes, das raízes inconscientes, para todos os indivíduos; relacionam-se com certas tendências da evolução social tal qual esta se manifesta em nossos dias, tais como a tendência para a centralização e a tendência para uma certa abolição de classes; incidem ainda sobre a questão das relações entre os problemas culturais e intelectuais e as crenças que orientam a vida dos homens. Essas pessoas são os tentáculos mais sensíveis, se bem que hoje em dia magoados, da sociedade. O grande público ginora-os; os sintomas de que padecem afectam porém em certa medida a todos nós. A conclusão a que chegou há cem anos o bispo Wilson continua a ser verdadeira em nossos dias:

«O número daqueles que têm de ser despertados é muito superior ao dos que têm de ser consolados.»

CAPITULO XI

CONCLUSÃO

*«Reflectindo na grandeza do mal em geral,
deveria ser inventado por uma desonrosa melancolia,
caso não tivesse a impressão profunda de que há no espírito humano certas qualidades in-
destrutíveis que lhe são inerentes.»*

(WORDSWORTH)

*«Diria que sem dúvida
Chegara o fim da luta
Mas ue a criatura não morreria.»*

(EDWIN MUIR)

A. RESISTÊNCIA

Quase me não referi aos aspectos válidos da evolução cultural destes últimos cinquenta anos, insistindo, pelo contrário, nos perigos culturais inerentes a essa evolução. É óbvio que nos devemos congratular pelo facto de os membros das classes trabalhadoras estarem hoje numa situação muito melhor, gozando de melhores condições de vida, de melhor saúde, tendo acesso a um maior número de bens de consumo, a me-

lhores oportunidades educacionais, etc. Limitei-me porém a defender a tese de que a evolução cultural que acompanhou esse melhoramento das condições de vida das classes trabalhadoras nem sempre foi vantajosa, antes, a meu ver e em aspectos muito importantes, desvantajosa.

Também me não referi em pormenor à influência da «minoría interessada» no seio das classes trabalhadoras, uma vez que a minha análise incidiu sobre as atitudes da maioria. O que não quer dizer que não reconheça a importância dessa «minoría interessada», ou que considere que essa minoría deixou de existir hoje em dia. É uma vez que tal minoría exerceu até hoje e pode continuar a exercer (se bem que isso não seja certo) sobre o grupo a que pertence uma influência que não é de modo algum proporcional ao número dos que a constituem, torna-se necessário referimo-nos em mais pormenor a ela. É constituída por indivíduos do género dos que trabalham nos sindicatos, ou ainda dos que tentam instruir-se frequentemente os cursos para adultos da Associação Educacional dos Trabalhadores. Uma das vantagens patentes da situação actual reside no facto de os indivíduos das classes trabalhadoras com preocupações deste tipo terem hoje a possibilidade de desenvolver e aplicar os seus talentos com muito maior facilidade do que antigamente.

No século passado indivíduos como esses apoiavam activamente, e por vezes com grande sacrifício, o tradunionismo, quando este se estava ainda a impor, representavam o trabalho no Parlamento, trabalhavam no Movimento Cooperativo, ou então dedicavam-se a actividades religiosas nas igrejas locais. Foram homens como esses que convocaram na década de 1860 em Leeds uma reunião da Associação dos Trabalhadores de Leeds para a Reforma do Parlamento, a fim de estudar a possibilidade de empreender uma cruzada destinada à reforma das áreas industriais. Na década de 1880 trabalhavam no S. D. F. de

Hyndman e na de 1890 no I. L. P. No fim do século ajudaram a fundar o Comité de Representação do Trabalho, contribuindo assim para a constituição do Partido Trabalhista. Foram chefiados ao longo desses anos por homens como Tom Mann, Ben Tillet, Keir Hardie e George Lansbury. Muitos deles continuam hoje a fazer um trabalho muito válido nos partidos políticos ou nos sindicatos, ou ainda intervindo activamente em todas as novas formas de relações estabelecidas entre as gerências e os trabalhadores das empresas.

As leituras que esses homens faziam nos meados e até ao fim do século XIX eram variadas, frutuosas e válidas. Liam Morris e Ruskin, o *Progresso and Poverty* de Henry George (1881), a *Merrie England* de Blatchford (1894). Venderam-se mais de um milhão de exemplares deste último livro, que custavam um dinheiro cada; e em quatro anos venderam-se sessenta mil exemplares de *Progress and Poverty*. Na década de 1890 esses homens assinavam o *Clarion* de Blatchford, e dirigiam clubes Clarion. Alguns deles, e ainda muitos outros cujos interesses não eram exclusivamente políticos, pertenciam a Sociedades de Cultura e a Sociedades Operárias, frequentavam cursos para adultos nas Universidades ou outras formas de educação de adultos. Compravam as sobras da Biblioteca Universal Morley ou outras colecções baratas do mesmo género. Incluíam-se entre os treze mil compradores dos primeiros dois volumes da *História* de Macaulay e entre os vinte e seis mil compradores do terceiro volume da mesma obra. Mais tarde começaram a ler Shaw, compraram muitos dos dois milhões de exemplares da *Outline of History* de Wells, e leram ainda *Science of Life e Work, Wealth and Happiness of Mankind*. De 1929 em diante começaram a comprar as edições da *Watt's Thinker's Library*, que custavam um xelim cada exemplar. Foram também eles que recorreram durante a última guerra aos serviços educacionais do Exército, com inegável proveito. Frequentavam as

bibliotecas públicas e ouviam com interesse e proveito o Terceiro Programa. Hoje em dia compram exemplares da colecção Pelican e contribuem para que sejam possíveis as tiragens de cem mil exemplares de dez livros do mesmo autor praticadas pela colecção Penguin. Contribuíram ainda para o acréscimo das vendas dos jornais e revistas «de qualidade», e para a expansão dos cursos de educação de adultos organizados pelas Universidades e pelas autoridades locais.

Há hoje em Inglaterra e no País de Gales um total de cerca de cento e cinquenta mil pessoas que frequentam cursos humanísticos para adultos, organizados por voluntários ou pelas Universidades — o que equivale a um adulto em cada duzentos. A Associação Educacional dos Trabalhadores tem cerca de noventa mil associados, dezasseis mil dos quais são trabalhadores manuais (há no interior da associação um outro grupo sócio-profissional igualmente importante, que é o das pessoas que se dedicam a «actividades domésticas e enfermagem»). O total não é muito elevado, mas tem aumentado muito depois da guerra; e continuará certamente a aumentar se houver dinheiro disponível, se bem que esse aumento não venha provavelmente a ser espectacular. Os problemas mais radicais que se põem à Associação em causa podem quase ser deduzidos dos capítulos precedentes desta obra. São eles: o aumento das proporções dos alunos inscritos em cursos mais aprofundados e difíceis, e aumentar a proporção de alunos provenientes das classes trabalhadoras. A necessidade pessoal e social da aquisição de cultura é hoje menos óbvia e intensa. As publicações de massas são hoje muito mais abundantes e acessíveis do que há cinquenta anos atrás, quando se fundaram essas organizações culturais e educacionais dirigidas aos membros das classes trabalhadoras. A dificuldade não reside hoje em dia nas dificuldades económicas dos membros das classes trabalhadoras, mas sim na abundância de um certo tipo de publicações que lhes são proporcionadas. As barreiras

económicas que impediam o acesso ao conhecimento foram hoje quase completamente abolidas, mas surgiu uma dificuldade nova, que é a de ignorar as muitas vozes das sereias do trivial e do sintético. A Associação Educacional dos Trabalhadores tem de continuar a estudar as melhores maneiras de proporcionar instrução aos seus alunos das classes trabalhadoras, que pouca ou nenhuma receberam em crianças. A principal tarefa a que, a meu ver, terá de dedicar-se, será porém a de inculcar aos seus alunos uma espécie de disciplina intelectual, opondo-se à trivialização, à fragmentação e ao superficialismo encorajados pelas publicações de massas. A Associação tal qual se encontra presentemente organizada não está porém em condições de influenciar a grande maioria dos membros das classes trabalhadoras que não manifestam preocupações de ordem intelectual.

Vimos já que as publicações de massas tentam menosprezar e ridicularizar aos olhos das classes trabalhadoras essa «minoría interessada», porque a sua própria existência, o facto de rejeitar aquilo que lhe é oferecido para procurar alimento mais sólido, constitui um juízo implícito dessas publicações. É-lhes fácil ridicularizar o adulto auto-didacta das classes trabalhadoras; as pessoas que insistem em obter conhecimento a todo o custo, lutando contra condições materiais ou espirituais adversas, incorrem sempre no risco de serem consideradas demasiado sérias ou mesmo pretensiosas. Pela parte que me toca, considero muito importante o facto de existirem, numa sociedade como a nossa, pessoas que estão dispostas a dedicar-se ao estudo em condições muito desfavoráveis, geralmente após um dia de trabalho árduo, movidas por uma crença sincera, se bem que por vezes confusa, no poder e na virtude do conhecimento.

Parece-me pois muito lamentável o facto de não haver qualquer revista que atenda às necessidades de ordem cultural de pessoas como essas, fornecendo-lhes a informação do tipo que lhes poderia interessar.

Creio que seriam necessárias novas revistas populares, de características diferentes porém daquelas que descrevi nos capítulos anteriores, revistas inteligentes e versando assuntos com interesse, mas que soubessem dirigir-se a pessoas com o nível cultural desse tipo de leitor. O problema é complexo, e só o ponho porque se relaciona em muitos aspectos com a análise a que procedi nos capítulos anteriores. Devido à falta de revistas que a ela se dirijam directamente, a minoria que procura cultura intelectual tem de recorrer a revistas que pecam pelos mesmos defeitos das publicações de massas, se bem que de formas mais subtis (abuso da ideia de «liberdade», superficialismo de opiniões em vez de «fragmentação», e uma espécie de cinismo disfarçado de «esperteza»); ou a outras que satisfazem o desejo de aquisição de uma cultura «à moda», e que são o equivalente cultural das revistas de modas mais elegantes, ou ainda a revistas cujo tom é demasiado oblíquo para que possam ser compreendidas por esse público. O facto de haver quem leia revistas sérias pelo «prestígio» que tal leitura possa conferir é inevitável, e até vantajoso: pode ser o primeiro passo para uma melhor motivação. Mas quando esse fenómeno se generaliza, como é hoje o caso, parece-me que há uma necessidade que fica por satisfazer, que se desperdiça assim uma oportunidade que interessaria aproveitar. Creio que o facto pode ser atribuído a uma falta de compreensão da situação das minorias intelectuais que coexistem com a maioria das pessoas vulgares; as pessoas que trabalham na disseminação das ideias não compreendem que essa minoria necessita urgentemente da sua ajuda. Toda a tentativa de resolução deste problema pode cair em grandes erros; não é fácil encontrar uma plataforma honesta, que evite o pretensiosismo e a falsa superioridade. A situação presente é no entanto muito insatisfatória.

Incorrendo embora no risco de parecer que quero distribuir do alto da minha competência os louvores e as reprimendas, não posso deixar de dizer que os

membros da «minoría dos salvadores» empenhados na acção política na sua qualidade de membros do «movimento dos trabalhadores» nem sempre parecem aptos a rever os seus objectivos. Falei já do trabalho que levaram a cabo em prol de uma reforma social, e disse também que se propunham como objectivos não uma mera melhoria das condições materiais de vida dos trabalhadores, mas sim a procura de satisfações mais elevadas, satisfações essas que se tornariam mais acessíveis após a obtenção de um mínimo de condições materiais. Essa minoria tem agora de rever os seus objectivos, de compreender que as ideias que inspiraram os seus predecessores se estão a perder, que os melhoramentos materiais podem ser utilizados no sentido de levar as classes trabalhadoras a adoptarem como filosofia social um materialismo mesquinho. Se a minoria activa continuar a defender objectivos políticos e económicos imediatos, perderá a batalha cultural. O problema é talvez mais árduo do que aqueles que os seus predecessores tiveram de enfrentar, na medida em que é mais difícil avaliar os perigos da deterioração espiritual. Esses perigos são também mais difíceis de combater, pois trata-se de um adversário invisível, pelo que não inspira a quem o pretenda vencer coragem e decisão imediatas. As próprias vítimas dessa deterioração espiritual apreciam os instrumentos da mesma. É mais fácil que alguns consigam melhorar as condições materiais da vida de muitos, do que serem capazes de despertar esses muitos da hipnose das satisfações emocionais imaturas. É preciso inculcar a esse grande número a ideia de que só eles próprios poderão libertar-se da situação degradante em que se encontram.

A «minoría interessada» é muito importante, mas não podemos de modo algum encerrar um livro dedicado à análise das atitudes da maioria com a discussão da situação de uma minoria. Disse já que é possível alcançar a maturidade sem que para tal seja necessá-

rio dedicar-se a estudos mais avançados ou a uma actividade política. Dissemos já também que a maior parte das pessoas oferecem resistência às atitudes novas, uma resistência muito característica, que se exprime em termos concretos e pessoais. É indispensável sublinhar que muitos aspectos válidos das atitudes antigas se mantêm, e que outros aspectos das atitudes novas que à primeira vista poderiam parecer prejudiciais são assimilados e adaptados sem prejuízo.

Ensaio deste tipo incorrem sempre no risco do exagero. Há sempre o perigo de esquecermos a infinita variedade e complexidade da natureza humana. Em relação ao problema que nos interessa aqui, e como o disse já no início desta obra, corremos o risco de menosprezar os aspectos menos admiráveis das atitudes antigas e os aspectos mais admiráveis das atitudes novas, e de esquecermos que as atitudes antigas tendem naturalmente a atenuar-se. Ao procedermos ao estudo das publicações de massas somos talvez levados a atribuir-lhes, devido ao seu mero volume, uma maior influência sobre a vida das pessoas do que aquela que realmente exercem. A influência dessas publicações pode efectivamente ser desvantajosa nas áreas em que se faz sentir com maior intensidade; podem exercer igualmente uma influência desfavorável em relação a outros aspectos mais vastos da experiência, mas esse efeito é lento e neutralizado ou controlado por outras forças. A vida das pessoas não é imaginativamente tão pobre como a mera leitura da literatura que lhes é dirigida poderia fazer-nos crer. Diz-no-lo a nossa experiência do dia-a-dia. A maior parte das diversões de massas tendem a encorajar uma forma de vida debilitante mas a vida continua a ser outra coisa. A vida são as guerras e o medo da guerra; o mundo do trabalho, das relações de trabalho, com a lealdade e as tensões a elas inerentes; são os deveres do lar e os problemas de dinheiro; são os laços de vizinhança e as obrigações por eles criados; é a doença, a fadiga, o nascimento e a

morte; é o mundo das diversões locais. É por isso que comecei por tentar fazer uma descrição da vida quotidiana corrente das classes trabalhadoras, o que nos permite assentar a análise das publicações numa base de rocha sólida.

Até que ponto é que a antiga maneira de viver local, pessoal e comunitária persiste então nas classes trabalhadoras? Persiste no modo de falar, em certas formas culturais (os clubes de trabalhadores, a maneira de cantar, as filarmónicas, as revistas de estilo antigo, os jogos de grupo como o dominó ou o jogo dos dardos), e em atitudes que se exprimem na vida quotidiana. O casamento e o lar mantêm uma importância que tendemos por vezes a menosprezar. A noção de tolerância é frequentemente indiscriminada, mas continua a ser predominantemente uma qualidade, uma forma de caridade mais do que uma fraqueza. Pode haver quem abuse do elemento pessoal, mas este confere interesse à vida e torna-se tanto mais necessário quanto esta tende a ser hoje demasiado pública e uniforme. O cepticismo e o inconformismo podem sofrer uma distorção, tornando-se numa espécie de cinismo, mas podem também assumir formas muito válidas, entre elas uma extraordinária capacidade para ignorar as coisas, que só aparentemente afectam essas pessoas, deixando-as intactas no fundo. Essas mesmas qualidades levam-nas a advinhar e a rejeitar a negação da vida, tanto nos homens aparentemente bem-intencionados, como nos que são claramente interesseiros; a discernir, até em relação a assuntos de que não percebem, a ausência do tipo de vitalidade que admiram e em que confiam. Essa desconfiança acompanha-se da capacidade de absorver apenas o que lhes convém, rejeitando tudo o resto, e continuando apegados a uma escala de valores morais muito válida — de tal maneira que todas as novidades têm de ser apresentadas em termos de valores morais, pelo menos aparentes. Mantêm também a capacidade de «aguentar», não

numa atitude de passividade pura, mas porque é mesmo assim, porque é necessário aguentar muito; o corolário desta atitude persiste também, ou seja, é preciso aguentar de cara alegre. Essa alegria é por vezes falseada, tornando-se numa sombra consciente de si mesma, mas em certos aspectos mantém a sua energia. O facto de as classes trabalhadoras nos darem actores como Norman Wisdom comprova a minha afirmação. Uma outra prova disso consiste na capacidade cômica que as classes trabalhadoras mantêm e manifestam como reacção a certos exageros do gosto actual; por exemplo, no riso despertado por alguns argumentos ou pelos tons de voz utilizados nalguns filmes publicitários ou noticiários filmados. Todas estas atitudes se baseiam num respeito pelas suas próprias pessoas que constitui uma das manifestações do estofo moral que continua a caracterizar muitos membros das classes trabalhadoras. Esse estofo moral permite-lhes ignorar muitas coisas e ver o lado bom de outras que quase o não têm, instilando a sua própria visão do mundo em coisas que o não merecem, como o fazem já há muitos anos em relação às canções e contos comerciais. Em consequência do que acabo de dizer, os membros das classes trabalhadoras são muito menos afectados por um certo número de coisas do que seria lícito temer. O problema reside em saber até quando se conservará intacto esse capital moral, e se está actualmente a ser suficientemente renovado. Não podemos no entanto deixar de ter em conta o facto da sua existência e os efeitos que daí derivam.

O parágrafo precedente pode parecer excessivamente optimista a quem se limite a observar o comportamento dos jovens das classes trabalhadoras. Não podemos porém esquecer que após os anos de liberdade excepcional gozada no período da adolescência e do princípio da vida de casados os membros das classes trabalhadoras revertem às atitudes antigas; os convites triviais à mudança são então rejeitados, se bem

que cada uma das gerações mantenha sempre na sua idade madura algumas das atitudes novas. Creio que todas as mulheres das classes trabalhadoras dizem pelo menos uma vez, entre os quarenta e os cinquenta anos, uma frase que as minhas tias dessa idade repetiam frequentemente: «Cada vez me pareço mais com a minha mãe». A ideia era em certa medida lisonjeira, se bem que por vezes a frase constituísse uma desculpa para a estupidez e uma recusa de reflexão autónoma. Testemunha porém simultaneamente a força das atitudes antigas; e dada a natureza das vozes que apelam para uma mudança de atitudes, a manutenção das atitudes antigas parece-me salutar.

Os membros das classes trabalhadoras continuam a sentir fortemente a necessidade de uma expressão pessoal e livre, através da execução de tarefas de reparação e renovação das coisas da casa. Essa atitude persiste, mesmo em relação aos maridos que «têm por vezes que se lhes diga» noutros aspectos. O homem dedica-se talvez a esses trabalhos porque não há dinheiro ou não é costume chamar o especialista, o canalizador, pintor ou carpinteiro. Mas são também tarefas que fazem parte da vida doméstica. O pai pode não ser daqueles que ajudam a fazer um tapete ou brinquedos para as crianças, mas compete-lhe arranjar a torneira, colocar uma prateleira nova na cozinha ou mudar a corrente da bicicleta do filho. No inverno principalmente, os bons maridos passam grande parte dos seus dias a executar pequenos trabalhos desse tipo.

Do hábito de executar esses trabalhos à competência artesanal exercida como actividade de preenchimento dos tempos livres vai só um passo. No balcão das papelarias dos bairros populares amontoam-se as revistas e as brochuras dirigidas aos amadores de todas essas actividades de ocupação dos tempos livres, tal como *Notícias do Pescador*, *Pássaros domésticos*, *Jardinagem para todos*, *Mecânica prática*, *O Carpinteiro*, *Ciclismo*. Há ao todo duzentos e cinquenta publicações periódicas dedicadas aos desportos, diver-

timentos ou actividades de lazer. Há duas revistas que ensinam a tratar de peixes, sete sobre animais domésticos e pássaros de gaiola, uma sobre a maneira de tocar sinos, dez sobre diferentes aspectos da pesca, várias revistas de ciclismo ou sobre cães, e quase duas dúzias de revistas que focam aspectos gerais de actividades de preenchimento dos tempos livres ou artesanais. Grande número dessas revistas dirigem-se de modo particular aos membros das classes trabalhadoras, ou a este e aos membros da baixa classe média. Como se tem dito já, o trabalhador pode exercer nessas actividades a sua capacidade de escolha pessoal, agindo livre e voluntariamente. O trabalho que esses homens fazem no emprego é muitas vezes desprovido de interesse, exigindo-lhes poucas ou nenhuma capacidade específica, mas na dedicação livre a uma actividade artesanal, e por muito extravagantes que tais actividades por vezes nos possam parecer, podem até tornar-se especialistas.

Podemos referir a propósito a persistência do desejo de fazer crescer plantas em vasos colocados no parapeito das janelas ou em pedaços de terreno árido no pátio das traseiras, que os seus donos conseguem por vezes transformar em jardins; ou ainda em terrenos baldios, situados ao longo da rua principal ou da estrada, ou em pequenos terrenos vagos alugados à câmara por uma renda nominal, ao abrigo da lei dos jardins de 1922 «Todo o cidadão que queira cultivar um jardim num baldio tem direito legal a receber um terreno para esse fim». Disse já que os membros das classes trabalhadoras que são realojados em bairros novos cultivam com esmero os seus pequenos jardins; estão habituados a jardinar em pequenas faixas de terra árida encravadas entre prédios e quando se vêem na posse de um terreno de dimensões razoáveis, rodeado por outros terrenos virgens, aproveitam-no com gosto. É certo que só uma minoria se interessa pela jardinagem; e o interesse pelo alu-

guer de baldios para transformação em jardins parece ter entrado em declínio. Há no entanto ainda hoje no nosso país um milhão e meio de baldios alugados para jardins.

Por outro lado o interesse pela criação de animais e pássaros não declinou, pelo contrário, parece estar mesmo a aumentar relativamente a certos animais. A criação de galgos caiu praticamente em desuso, a não ser em certas áreas mineiras e para fins comerciais. O interesse pelos canários mantém-se estacionário, mas verifica-se um acréscimo de interesse pela criação de outros pássaros domésticos, tais os periquitos. O *Hulton Survey* concluiu que eram os membros das classes trabalhadoras que mais se interessavam pela criação de pássaros. Há em Inglaterra cerca de quinhentos mil columbófilos, organizados em cerca de mil clubes. A sede desses clubes está geralmente instalada num «pub» local; os membros pagam uma quota anual de cerca de oitenta escudos, e cinco escudos por cada pombo que levam aos encontros. Os pombos desses homens são largados de cestos de vime nas plataformas mais sossegadas das estações de caminhos de ferro, competindo essa tarefa aos carregadores da estação; os donos esperam-nos no pombal, de boné na cabeça, olhos fitos no céu e cronómetro em punho, aguardando a volta dos seus pombos no crepúsculo de sábado.

Grande parte daquilo que acabo de dizer pode ser interpretado como prova da manifestação de uma espécie de resistência, mas não de uma adaptação positiva. Existem porém muitas associações de gente nova que ultrapassam o âmbito do grupo de bairro: clubes de jovens, institutos de jovens, centros comunitários de associações de jovens cristãos e outros, clubes desportivos e de actividades de tempos livres, clubes de futebol, de cricket e de rugby (alguns dos quais continuam a ser distribuídos, não beneficiando de qualquer apoio oficial), e uma série de ligas locais destes e de outros desportos. Muitas dessas actividades são patro-

cinadas por «Eles», mas não conseguiriam manter-se caso não fossem também apoiadas pelo entusiasmo dos associados das classes trabalhadoras. Poderíamos apresentar muitos exemplos ainda do espírito comunitário das classes trabalhadoras, tais como o costume das excursões em camioneta que constitui um exemplo flagrante de adaptação espontânea à vida urbana. Citemos também o uso dos banhos públicos por parte das classes trabalhadoras urbanas. Se visitarmos um desses banhos depois das quatro da tarde de um dia de escola, ou ao sábado, poderemos constatar que estão cheios de crianças pertencentes às classes trabalhadoras, que se atiram umas às outras para dentro da água, gritando alegremente, lutam na piscina e deixam a água cheias de frio, porque quase todas lá ficam tempo demais — apesar do mau cheiro do desinfectante e da espuma escorregadia que acumula aos cantos da piscina.

O costume de «ir passar o dia ao campo» mantém-se, sobretudo nos dias festivos da primavera. Na década de trinta havia muito o costume de dar longos passeios a pé no campo, e se bem que esse hábito fosse mais característico da baixa classe média, muitos membros das classes trabalhadoras iam também, para o que se não tinham geralmente de afastar muito das grandes cidades. Os membros das classes trabalhadoras tinham porém mais o hábito de ir passear de bicicleta. Um dos privilégios que acompanhava a entrada na adolescência era o de obter o consentimento dos pais para comprar uma bicicleta a prestações, deduzidas do salário semanal. O adolescente passava então a ir passear de bicicleta aos fins de semana com o amigo que tinha comprado a sua ao mesmo tempo, ou integrado num dos muitos clubes mistos que organizam todos os domingos excursões de bicicleta ao campo. Muitos adolescentes gostam de ficar na cama ao domingo de manhã, mas muitos outros dão passeios de bicicleta no dia de folga. O número de associados dos dois principais clubes de

ciclismo do país indica-nos apenas o número de pessoas que se interessam com maior seriedade pelo ciclismo, pelo que podemos deduzir que são muitos mais os praticantes da modalidade; ora esses dois clubes contam ao todo com cerca de um quarto de milhão de membros. Aqueles que querem apenas passar um dia em boa companhia, fazendo exercício e saindo para o campo, inscrevem-se no Touring Clube de Ciclismo (ou num dos muitos outros clubes locais que não pertencem ao T.C.C.); os que pretendem participar em corridas de bicicletas podem inscrever-se na União Nacional dos Ciclistas, comprando uma bicicleta especial, mais leve e com o guiador virado para baixo. Os membros da U.N.C. nem vêem se a estrada atravessa uma cidade ou um parque nacional, mas também não fazem ciclismo para ver as vistas. De resto os membros do T.C.C., que se entretêm a conversar uns com os outros ou a jogar à bola na relva, também não parecem ligar grande importância à paisagem ou aos monumentos nacionais que visitam; essas saídas proporcionam-lhes porém aquilo que desejavam — boa companhia, exercício e bom ar. Esses dois clubes foram ambos fundados em 1878, e o ciclismo tornou-se entretanto num dos desportos favoritos dos membros das classes trabalhadoras, o que constitui uma prova evidente de que as classes trabalhadoras urbanas continuam a ser capazes de reagir de modo positivo ao meio ambiente em que se integram e às vantagens da produção de massas.

Talvez que os exemplos que acabo de apresentar possam parecer de pouco peso face às forças atrás referidas, mas sou de opinião que revelam poderes de importância considerável. Os membros das classes trabalhadoras conseguiram sobreviver à mudança de vida implicada na transição de uma vida rural para uma vida urbana sem se tornarem num *lumpen-proletariat* incaracterístico; e considero que escaparam e continuam a escapar neste último meio-século a perigos ainda maiores. Recapitulando tudo aquilo que tiveram de aguentar, quase poderíamos aplicar uma adap-

tação da frase do Rei Lear, «O que é de espantar é que tenham aguentado tanto». Quando analisamos essa espantosa capacidade de encaixe, e recordando tudo o que já foi dito sobre a maneira positiva como as classes trabalhadoras têm reagido em muitos aspectos às suas condições de vida, temos de concluir que não se trata apenas de uma resistência passiva, mas antes de uma resposta positiva. Admiramos sobretudo nas classes trabalhadoras não a manutenção das tradições de geração para geração, mas a renovação que acompanha a emergência de cada uma dessas novas gerações.

B. SUMARIO DAS TENDENCIAS ACTUAIS DA CULTURA DE MASSAS

A resistência às atitudes novas manifestada pelos indivíduos e grupos locais é saudável e importante. Constituiria porém uma outra forma de complacência democrática a insistência exclusiva nessa capacidade de resistência à mudança, a negação da existência de pressões perigosas, a pretexto de que o bom-senso inato dos homens delas os defenderia; e observar que as pessoas continuam a viver de forma tradicional vidas significativas, resistindo aos convites em contrário que lhes são dirigidos pelas influências novas, para deduzir que as coisas continuarão a passar-se dessa maneira, que «a natureza humana há-de continuar igual», que «podemos confiar nos bons sentimentos do homem da rua», e que a resistência da natureza humana à mudança conseguirá salvar os homens dos efeitos mais perniciosos das influências novas.

Resta-nos resumir as tendências gerais da evolução da cultura de massas tal como esta parece desenharse. Como o fiz até aqui, basear-me-ei em exemplos extraídos das publicações de massas. Creio porém que as minhas conclusões se podem aplicar, com as devidas reservas, às tendências que se esboçam no cinema, na televisão, na rádio (de modo particular nos programas comerciais) e na publicidade em grande escala.

Nestas últimas décadas o consumo de todo o tipo de diversões tem aumentado muito, aumento que não foi só proporcional ao crescimento da população, mas que pode ser considerado absoluto. O facto era até certo ponto inevitável, na medida em que se verificou um aumento tanto da capacidade técnica de produção de diversões em grande escala, como do dinheiro que a maioria das pessoas passou a poder dedicar à compra dessas diversões. O facto em si não é necessariamente deplorável. A proporção desse aumento do consumo de diversões parece no entanto ter sido determinada não pela necessidade de satisfação de uma procura prévia, mas sim pela criação artificial dessa procura por parte daqueles que fornecem as diversões.

Nestes últimos cem anos o número total de publicações de todos os tipos da Grã-Bretanha subiu de cerca de mil para cerca de cinco mil. É óbvio que era de esperar um aumento substancial do número de publicações, dado que ao longo desse período o país, importante e populoso, foi alfabetizado e muito industrializado. O aumento do número das publicações deu-se porém principalmente nestes últimos anos, em que foram criados muitos jornais e revistas novos. Para considerarmos apenas uma década recente, a circulação total dos jornais diários nacionais e de província aumentou de cinquentá por cento entre 1937 e 1947. No decurso do mesmo período a circulação dos jornais de domingo quase duplicou. Em 1938 circulavam cerca de vinte e seis milhões de exemplares de revistas e jornais, e em 1952 essa circulação tinha aumentado para quarenta milhões. Entre 1947 e 1952 a circulação total dos matutinos nacionais subiu de meio milhão, e a dos jornais de domingo aumentou cerca de dois milhões e meio. Publica-se hoje diariamente uma média de dois jornais por família. Segundo os resultados do *Hulton Survey* de 1953, dois em cada três adultos de todo o país lêem mais do que um jornal de domingo, e mais do que um em cada quatro lêem três ou mais jornais de domingo. O número de exemplares de jornais diá-

rios publicados por cada mil habitantes é mais elevado no Reino Unido do que em qualquer outro país.

Verificou-se igualmente no mesmo período um acréscimo daquilo a que chamarei as leituras sérias, assim como aumentou também o público de todas as manifestações culturais sérias. A produção de livros é mais elevada no Reino Unido do que em qualquer outro país do mundo. Grande parte desses livros são obras de ficção, mas nestes últimos anos tem-se verificado um acréscimo substancial na publicação de livros técnicos e educativos. Todos nós estamos a par do êxito obtido a partir da década de trinta pelos livros de algibeira das colecções Penguin e Pelican. Aumentou também substancialmente o número de livros emprestados pelas bibliotecas públicas, de modo particular nestes últimos vinte e cinco anos. Num inquérito Gallup de 1950, 55% dos entrevistados afirmaram andar nessa altura a ler um livro; essa percentagem foi mais elevada da que se registou nos Estados Unidos ou na Suécia. Algumas das revistas sérias têm igualmente registado acréscimos de venda.

Esses sinais de que a leitura séria está em progressão são encorajantes, mas têm de ser analisados em pormenor. Até que ponto é que os livros emprestados pelas bibliotecas públicas serão obras de ficção sem valor literário, ou obras que não são de ficção, mas que não passam na realidade de obras de ficção mascaradas de «histórias verdadeiras»? Não podemos dar uma resposta estatística à pergunta, uma vez que esta implica juízos de valor. O *Derby Survey* diz-nos que entre 75 e 80 por cento dos livros emprestados pelas bibliotecas públicas são obras de ficção; e a maioria dos bibliotecários dir-nos-ia provavelmente que muitas dessas obras de ficção são de qualidade literária muito inferior. O hábito de ler não é em si uma virtude; por muito inócuos que sejam os temas e a apresentação dessa leitura, esta pode tornar-se num mero hábito, tão afastado da realidade como a leitura de algumas

publicações a que me referi já. As bibliotecas comerciais emprestam cerca de 150 a 200 milhões de volumes todos os anos. Cerca de 90% das obras emprestadas pelas duas maiores bibliotecas desse género são obras de ficção; cerca de 100% das obras emprestadas pelas bibliotecas onde se paga vinte e cinco tostões ou cinco escudos por cada obra que se leva de empréstimo são obras de ficção. Nas bibliotecas públicas os livros de «história, biografia, viagens» são os mais requisitados entre todas as obras que não são de ficção, correspondendo talvez a cerca de um quarto ou de um terço de todas as obras não ficcionistas emprestadas por essas bibliotecas. Creio que a maioria dos bibliotecários nos diriam também que grande parte das obras desse grupo são desprovidas de valor literário. Poderíamos pôr assim muitas restrições do mesmo género. Se as estou a pôr, não é porque pretenda menosprezar a importância do acréscimo nas leituras sérias, mas sim para assegurar uma avaliação o mais exacta possível desse acréscimo.

Creio que poderíamos descrever a situação actual nos seguintes termos: um número restrito de leitores interessados está a aproveitar ao máximo as oportunidades que actualmente lhe são proporcionadas, e esse número restrito tem tendência a aumentar; a maioria das pessoas não foi porém afectada por essas mudanças, mas sim por outras tendências muito diferentes. Não me parece provável que se venha a verificar um acréscimo substancial das leituras sérias, em parte porque a literatura popular e a literatura séria se dirigem a públicos nitidamente diferentes (ponto que adiante tornarei a focar), e em parte porque a grande maioria dos leitores de literatura de cordel estão sujeitos a pressões diferentes daquelas que se fazem sentir sobre os leitores de literatura séria. Determinadas influências têm contribuído para o aumento e a melhoria dessa minoria de leitores sérios. As pressões que se exercem no sentido de reforçar a influência de algumas publicações dominantes sobre

a grande maioria das pessoas são no entanto muito mais fortes.

Creio ter já demonstrado amplamente em capítulos anteriores que as publicações de massas têm de lutar continuamente pela própria expansão, pela conquista de grandes vendas. As tiragens mínimas economicamente viáveis dos grandes jornais nacionais parecem subir de ano para ano, como se o êxito de uns obrigasse ao aumento das tiragens mínimas de todos. Francis Williams dizia já em 1946 que:

«Para poder manter-se, um jornal nacional moderno tem de alcançar na Grã-Bretanha tiragens da ordem do milhão e meio de exemplares ou de preferência dos dois milhões (o que significa que tem de agradar regularmente a um número de pessoas compreendido entre os cinco milhões e um quarto e os sete milhões).»

Uma das consequências deste processo é a centralização ou concentração crescentes da leitura popular, que acompanha o acréscimo do público dos jornais de grande tiragem. Ou seja, lemos mais jornais, mas a nossa escolha de jornais restringiu-se; o que equivale a dizer que lemos cada vez mais sempre os mesmos jornais, que portanto são lidos por toda a gente. Se bem que as tiragens da imprensa diária tenham aumentado muito, o número total de jornais diferentes editados neste país tem vindo a diminuir nestes últimos trinta anos. Verifica-se hoje em dia no sector das publicações de massas que um pequeno número de publicações atingiram tiragens elevadíssimas; todas as outras publicações do mesmo género reduziram as suas vendas. O número de publicações de tiragens reduzidas é muito superior ao das que obtêm grandes tiragens, mas a venda destas últimas ultrapassa muito a venda total de todas as publicações de tiragens reduzidas. Por exemplo, em relação a determinado tipo de publicações, duas delas atingem vendas de cinquenta por cento das vendas totais do sector, e as seis

ou oito restantes publicações do mesmo tipo dividem entre si os cinquenta por cento. Este processo não terminou ainda; e algumas publicações continuam a aumentar as suas tiragens, aliciando uma proporção cada vez maior de leitores do tipo de publicação a que pertencem. O processo tal como se verifica leva-nos a considerar irrisório o aumento das tiragens de algumas publicações «de qualidade», quando o comparamos com o problema muito mais importante do acréscimo de consumo e da centralização crescente de algumas grandes publicações de massas. Argumenta-se por vezes, o que nos parece pouco honesto, que determinada publicação «de qualidade» aumentou de quinze por cento a sua tiragem anual, enquanto que as publicações de massas não conseguem aumentos da sua tiragem anual superiores a três ou quatro por cento. Dado porém o grande volume da tiragem dessas publicações de massas, percentagens superiores de aumento das respectivas tiragens seriam impossíveis. A soma dos aumentos das tiragens de duas das melhores publicações de qualidade que presentemente se publicam equivaleu num ano recente — e se bem que esse número, expresso em percentagem, fosse elevado — a apenas um terço do aumento da tiragem de uma única publicação de massas do mesmo sector e no mesmo ano. O exemplo é muito característico; o progresso das publicações de qualidade tem interesse, mas não contrabalança de forma alguma a concentração crescente das publicações de massas.

Os jornais que têm mais dificuldade em manter as suas tiragens não são as publicações «de qualidade», mas antes os jornais de massas que tentam preservar um nível de reportagem, comentários e apresentação mais elevado. O Conselho Geral da Imprensa observou isso mesmo, atribuindo porém as responsabilidades de tal estado de coisas ao «público»; neste caso, como em muitos outros, o Conselho Geral da Imprensa tenta atribuir aos leitores a responsabilidade pelas alterações quantitativas e qualitativas que actualmente se

verificam na Imprensa em geral, em vez de tentar analisar a natureza da responsabilidade da Imprensa:

«Como sintoma das tendências do gosto do público num mercado livre e muito competitivo, mencionemos que a cada exemplar adicional na tiragem do *Daily Telegraph* no decurso do ano transacto, corresponderam três exemplares adicionais na tiragem dos jornais de sensação. Esse aumento das vendas dos jornais de sensação foi quase exactamente contrabalançado pelas perdas combinadas do *Daily Mail*, *Daily Herald* e *News Chronicle* — só o *Daily Express* conseguiu manter as vendas.»

À medida que se vão restringindo as possibilidades de expansão das publicações existentes, as organizações de publicações de massas lançam novas publicações, como era de resto de esperar. A publicação de Edições Juniores de alguns grandes jornais diários, experiência tentada em 1954, mas que fracassou, foi um passo lógico no desenvolvimento do processo que venho a referir. Essa experiência foi levada a cabo tendo em mira não só a expansão imediata através do lançamento de novas publicações, como ainda, segundo creio, a expansão futura das publicações já existentes, na medida em que os leitores da nova publicação passariam provavelmente a comprar mais tarde o jornal para adultos.

Apesar do facto de algumas publicações sérias terem conseguido aumentar as vendas, podemos discernir indícios de que a concentração crescente das publicações de massas está em vias de dificultar a existência dos jornais de pequena circulação, os quais só se poderão manter desde que o seu público esteja disposto a pagá-los mais caros, ou caso sejam subsidiados. As duas revistas culturais de fundação mais recente, *Encounter* e *London Magazine*, recebem subsídios de outras organizações, tais como, para o caso da segunda, do grupo do *Daily Mirror*. Disse já que a concentração obriga a que as tiragens mínimas economicamente viáveis subam. O que significa que o facto

de o jornal manter a sua tiragem não implica que não surjam problemas financeiros. A sorte do semanário *John O'London's Weekly*, que deixou de ser publicado em 1954, apesar de as vendas não terem descido, constitui prova do que acabo de dizer.

Um considerável aumento absoluto do total dos exemplares publicados, uma concentração crescente das publicações, e consequentemente maiores dificuldades para as publicações de pequenas tiragens: parecem-me ser estes os traços mais característicos da evolução das publicações e diversões de massas. Quais serão agora os principais efeitos dessa mesma evolução?

Os leitores dos jornais mais populares não são exclusivamente os membros das classes trabalhadoras, se bem que estes constituam uma maioria, quanto mais não seja porque equivalem à maioria da população total do país. Sem dúvida que esses jornais compreendem que o grupo a que têm de se dirigir mais particularmente será aquele que abrange os três quartos da população que abandonam a escola aos quinze anos. Neste aspecto parece-me oportuna uma nova referência a um ponto que foquei já — ou seja, um dos possíveis efeitos do sistema das bolsas de estudo. A relação entre a minoria intelectual das classes trabalhadoras e a totalidade dos membros dessas mesmas classes constitui problema muito complicado, que só focarei por alto. Não podemos de modo algum confundir essa minoria intelectual com a «minoria interessada»: o empenhamento em propósitos sociais não é necessariamente acompanhado de grandes capacidades intelectuais. Nem todos os que receberam uma educação universitária se afastam por outro lado física ou emocionalmente da sua classe. É facto porém que até ao fim do século passado essa minoria intelectual se mantinha mais em contacto com a sua classe de origem do que é hoje o caso. Os membros dessa minoria constituíam os elementos de agitação intelectual dos

seus grupos de origem, desempenhando papel de relevo no «movimento das classes trabalhadoras» o qual, como disse já, tanto contribuiu para a melhoria considerável do estatuto social e das condições de vida dos membros destas classes. Se assim puderam contribuir para a melhoria das condições de vida dos da sua classe, o facto deve-se em parte a estarem aptos a enfrentar os patrões, membros de outras classes, com as mesmas armas, as do intelecto.

Hoje em dia muitos desses homens são seleccionados logo aos onze anos e transferidos, pelo processo da instrução, para outras classes. Presentemente cerca de uma em cada cinco crianças de todas as classes frequentam as escolas secundárias de ensino clássico. O ambiente familiar de algumas crianças da baixa classe média e da classe média facilita-lhes a obtenção de bolsas; e poucas crianças das classes trabalhadoras recusam as bolsas ou deixam o liceu sem terminar o curso devido a dificuldades financeiras. No entanto, para referir o meu caso pessoal, eu era o rapaz mais pobre da minha aula na escola primária, e mesmo assim fui para a escola secundária de ensino clássico, assim como o outro rapaz mais pobre a seguir a mim e mais alguns da minha aula; hoje em dia as bolsas são mais avultadas, os membros das classes tabalhadoras vivem melhor, e muitos deles continuam a dar valor à instrução. Parece-me portanto exagerado afirmar em relação aos «melhores filhos das classes trabalhadoras», como o fez recentemente o vice-director do Ruskin College, que «A maioria continua a ser obrigada por pressões económicas a contribuir para a manutenção da família o mais cedo possível». De todos aqueles que vão para o liceu, nem todos se afastam dos outros membros da sua classe de origem, mas muitos deles fazem-no.

O exame de ingresso no ensino liceal pode ter os seus efeitos, mas não há dúvida de que selecciona eficazmente as crianças intelectualmente mais bem dotadas. Em consequência do sistema de bolsas actualmente

vigente, as classes trabalhadoras acabam por perder grande parte dos seus membros mais inteligentes. Não adianta concluir que não podemos continuar a pensar em termos de «classes», uma vez que há uma selecção que faz com que cada um desempenhe as funções adequadas às suas capacidades, e que os filhos inteligentes de pais pobres podem vir a ocupar numa sociedade democrática o lugar em que melhor podem servir essa sociedade. É claro que ninguém lamentará que as crianças inteligentes das classes trabalhadoras tenham hoje em dia maiores possibilidades de alcançar posições compatíveis com as suas capacidades. No entanto, e mesmo que seja abolido o termo de «classes trabalhadoras», o facto é que continua a haver um grupo avultado de pessoas a quem compete executar os trabalhos menos interessantes e mais monótonos. O facto de esse grupo incluir uma percentagem cada vez menor de indivíduos com capacidades críticas reveste-se também de grande importância. Acontece precisamente que esse fenómeno se verifica numa época em que muitos dos que pretendem captar o dinheiro e a confiança das classes trabalhadoras lhes dirigem apelos a que os seus membros são particularmente vulneráveis, oferecendo-lhes publicações e diversões que não podem deixar de ter sobre eles feitos debilitantes. A interacção desses dois factores importantes da vida contemporânea pode vir a contribuir para a formação de um novo sistema de castas, tanto ou mais sólido do que o antigo.

Disse já que não podemos interpretar a luta cultural a que assistimos actualmente em termos de uma luta aberta entre, digamos, aquilo que representam o *Times* por um lado, e os diários ilustrados por outro. Desejar que a maioria da população passe a ler o *Times* equivale a desejar uma alteração fundamental da natureza humana, o que constitui uma forma de snobismo intelectual. A leitura dos semanários de qualidade não é condição essencial para uma vida válida. É muito provável que nunca venha a acontecer, e cer-

tamente nunca em nossos dias, que a maioria da população passe a dedicar-se a actividades muito intellectuais. O argumento que nos leva a condenar as publicações triviais de massas não é o de que essas publicações desviem as pessoas de preocupações intellectuais, mas antes o de que dificultam às pessoas sem propensões intellectuais a aquisição de uma sabedoria própria.

O facto de as mudanças que se verificaram nestes últimos cinquenta anos na sociedade inglesa terem contribuído para fornecer às poucas pessoas que as procuram melhores oportunidades de aquisição de uma instrução de nível mais elevado, não compensa de modo algum o facto de outras mudanças que se verificaram no mesmo período terem contribuído para uma trivialização crescente das publicações e meios de diversão de massas. A maioria dos leitores dos jornais ou revistas populares modernas não leriam nunca um jornal «de qualidade», mas liam antigamente uma revista semanal de estilo antigo que era em muitos aspectos francamente superior à revista ou jornal que lêem actualmente. As publicações de massas de estilo novo são más não porque constituam substitutos de qualidade inferior do *Times*, mas sim porque não passam de imitações pálidas daquilo que pretendem ser, imitações pálidas e sofisticadas do próprio sensacionalismo do século XIX, para não falarmos já do sensacionalismo forte dos autores isabelinos de língua vernácula. Podemos acusar essas publicações (e todas as outras diversões de massas do mesmo estilo: os programas de televisão impregnados de uma bonomia insignificante, os filmes populares, muitos programas da rádio comercial) não de não serem intellectuais, mas sim de não serem sequer verdadeiramente concretas e pessoais. A arte popular e não-intelectual pode exprimir uma sabedoria, uma maturidade, uma qualidade de vida e de comportamento que a tornam tão válida como a arte intellectual. Ora essas publicações e diversões de massas não só não constituem con-

tribuições para uma arte popular válida, como ainda a tornam impossível. O efeito que produzem no seu público é o de o tornarem menos apto a atingir uma sabedoria derivada de uma experiência pessoal das pessoas e das coisas. É mais fácil matar as raízes velhas do que substituir-lhes outras que se lhes comparem. Os jornalistas da imprensa de massas dizem constantemente ao seu público que não tem de se envergonhar de não ser intellectual, pois há outras formas de maturidade. A afirmação é verdadeira, mas deixa porém de o ser quando são eles que a proferem, dada a maneira como o fazem: ou seja, porque o modo como o dizem constitui uma deturpação dessa verdade.

Podemos identificar alguns programas radiofónicos — de modo particular nos das emissoras comerciais — as mesmas tendências que referi na análise às publicações populares; essas tendências manifestam-se na rádio de forma ainda mais nítida talvez do que nas publicações. Surge-nos assim o apelo a sentimentos antigos — em programas com títulos do género de «Para os corações sensíveis»; esse apelo acompanha-se porém de outros apelos a atitudes novas, tais como a insistência na novidade e na aquisição — «Para os corações sensíveis — neste programa pode ganhar uma fortuna». Esses dois aspectos combinam-se de forma inédita em programas no decurso dos quais os ouvintes expõem a um público vastíssimo os seus problemas pessoais e íntimos, sendo recompensados com um prémio em dinheiro. Temos ainda outros programas de discos nos quais os locutores se afirmam decididamente anti-intelectuais, oferecendo aos ouvintes, com o acompanhamento de uma torrente de palavriado estilo «compincha», um programa norteado pela concepção de que aquilo que a maioria prefere é o melhor, e que tudo o resto não passam de aberrações de intellectuais convencidos. Os apresentadores destes programas anunciam-nos sempre da mesma maneira — que são «de bom gosto — simples — impregnados das

alegrias e do pathos da vida de todos os dias»; e que são simultaneamente «novos — interessantes — sensacionais — jovens — e que propõem bons prêmios».

Poderíamos aplicar à maioria das diversões de massas a descrição que D. H. Lawrence fez daquilo que designa pelo nome de «anti-vida». Caracterizam-se por um brilho corrupto, pela formulação de apelos falsificados e pelo convite à evasão moral. Para lembrarmos alguns exemplos: apresentam-nos uma concepção do mundo que considera o progresso como uma aquisição de bens materiais, a igualdade como um nívelamento moral e a liberdade como uma justificação para prazeres irresponsáveis e incessantes. Essas produções pertencem ao mundo de um espectáculo falsificado; não nos proporcionam nada que possa apelar para o coração ou para o cérebro. Contribuem por outro lado para a extinção gradual de todas as diversões mais positivas, mais significativas e mais comunitárias, que só podem ser gozadas mediante uma contribuição directa do espectador. São ainda insuportavelmente pretensiosas; e encorajam o público a fazer o que quer e a fugir às responsabilidades. A grande maioria da população é atingida diariamente por algumas produções do tipo que acabo de referir; o efeito das mesmas é pois simultaneamente uniformizante e muito lato.

Estas produções tendem para a uniformização mais do que contribuem para a imposição do anonimato.

Disse já que os membros das classes trabalhadoras não sofrem tanto de uma sensação de anonimato como o poderiam supor observadores desprevenidos. Não creio tão pouco que tenham sido por enquanto muito atingidos pelas influências que se exercem no sentido de uma uniformização, se bem que essas influências se façam já sentir com muita força. Os membros das classes trabalhadoras não têm sequer consciência do verdadeiro significado dessas influências, que se exprimem normalmente sob a forma de um apelo ao companheirismo, por muito lato e centralizado que este

seja. A maioria dos membros das classes trabalhadoras reagirá favoravelmente a um apelo desse tipo, na medida em que este pode até certo ponto ser identificado com algumas atitudes antigas muito características. Em consequência de tudo isso assistimos à divulgação de uma atitude de aceitação passiva, uma aceitação que é frequentemente só aparente e momentânea, mas que constitui terreno favorável para a divulgação de outras atitudes mais perigosas. Por vezes quase somos levados a crer que o homem da rua do futuro será um homem cujo trabalho consistirá em executar gestos simples e repetitivos de assistência a uma máquina complicada, e que terá no armário de um vestiário com aquecimento central um exemplar do último romance de cordel de sexo e violência — *Há tipas que costumam a despir*, para apresentarmos o exemplo de um título muito típico — que lerá nos intervalos de repouso, quando não ficar a ouvir um programa de variedades da rádio, apresentado por um locutor «companheirão».

O facto de o analfabetismo ter sido praticamente eliminado não resolveu todos os problemas, antes pelo contrário, fez com que surgisse um problema novo e talvez mais difícil ainda. Temos de inventar uma palavra nova que descreva adequadamente a natureza da reacção que as publicações e diversões de massas do tipo que tenho vindo a descrever tendem a suscitar, uma designação para uma mudança social que é consequência da alfabetização das massas. Temos de nos debruçar urgentemente sobre o problema, pois essa tendência da evolução social está em vias de se acentuar de modo muito rápido e contínuo. A análise da evolução das publicações de massas nestes últimos trinta ou quarenta anos demonstra-nos abundantemente que estas tendem a encorajar uma vida de qualidade dúbia, e que a sua divulgação e crescimento têm sido rapidísimos. A difusão da televisão constituiu novo incitamento para a evolução das publicações de massas no sentido que descrevi; e caso se não verifique qualquer

intervenção e as coisas continuem a correr ao sabor da concorrência comercial, não creio que o curso dessa evolução se venha a alterar. O Conselho Geral da Imprensa lamenta aquilo que designa por uma «condenação injustificada» da imprensa de massas, afirmando em relação à actual situação:

«A fim de manterem tiragens que lhes permitam sobreviver, os jornais têm de agradar ao público, uma vez que se vêem obrigados a competir diariamente com outros que se dirigem ao mesmo público... dado que hoje em dia milhões de indivíduos dos menos cultos do país compram diariamente um jornal, justifica-se amplamente a existência daquilo que designaremos sem qualquer intenção de desprezo por uma imprensa de massas.»

Estas generalizações sonoras, que pretendem justificar parcialmente o processo referido neste livro, não passam porém de uma «apologia injustificada».

Insisti sempre ao longo da minha análise na acção das novas forças que estão em vias de modificar os elementos de uma cultura que poderíamos considerar característica das classes trabalhadoras. Poderíamos demonstrar algo de muito semelhante em relação à cultura de outras classes, na medida em que as novas publicações e diversões de massas se não dirigem exclusivamente aos membros das classes trabalhadoras. Poderíamos assim esclarecer o processo de abolição das classes a que me referi já no início deste ensaio. Não há dúvida de que em certo sentido se está a processar uma abolição das classes — ou seja, a grande maioria das pessoas está em vias de ser reduzida a uma classe única. Estamos a assistir a uma abolição da cultura de classe. Nesse sentido as novas revistas femininas deixaram de ser revistas de classe, enquanto que as antigas se dirigiam a grupos sociais específicos. As publicações de massas só podem adquirir um público suficientemente vasto ignorando as fronteiras de classe. Muitas delas manifestam uma inclinação pelas

«pessoas simples» — os membros das classes trabalhadoras e da baixa classe média. O facto não se deve a qualquer identificação profunda entre essas publicações e o referido sector do seu público, como acontecia em relação às publicações antigas, nem tão pouco ao sentimento democrático dos editores dessas publicações, mas antes ao facto de estes reconhecerem que esse sector do público abrange a maioria dos seus leitores actuais ou potenciais, pelo que, se bem que lhes agradasse talvez recrutar noutras classes muitos mais leitores, têm de dirigir-se especificamente aos grupos referidos, dos quais dependem as suas vendas.

Em certos aspectos a antiga distinção em classes sociais mantém ainda alguma força. Podemos dizer que o novo público das publicações de massas é constituído por cerca de vinte milhões de adultos que lêem os jornais diários mais populares; podemos também especificar que esses jornais se diferenciam nalguns aspectos, de tal maneira que podemos classificá-los em dois grupos, os que se dirigem às classes trabalhadoras e os que se dirigem à classe média e à baixa classe média. O facto limita-se porém a confirmar uma tendência geral. Antes da guerra havia seis ou oito jornais populares de nível e tiragens mais ou menos equivalentes. Caso a actual tendência da evolução se mantenha, em breve subsistirão apenas dois ou três. A concentração da imprensa de massas tem progredido muito, mas até à data tem respeitado os limites actuais da divisão social mais importante, a que separa as classes trabalhadoras das classes médias. Quando lemos esses jornais apercebemo-nos porém de que as diferenças entre os que se dirigem a um e outro sector são meramente superficiais, tratando-se de diferenças de tom e de apresentação. Essas diferenças são importantes para os leitores; no que se refere porém ao efeito lato que esses jornais poderão produzir, as semelhanças são muito mais importantes do que as diferenças, e os tipos de cultura representados por esses jornais, as concepções que os orientam e os apelos que dirigem

ao público são em grande medida idênticos. A classe «sem classe» que está em vias de constituição compõe-se de um misto do público das classes trabalhadoras e do das classes médias; de momento existe ainda entre esses dois públicos uma divisão que se esbate de ano para ano. São muitos os factores que têm contribuído para apagar essa divisão. Podemos acrescentar aos que referimos anteriormente um outro ainda, que constitui mais um exemplo da possível interacção entre a melhoria das condições materiais de vida e a degradação cultural: o facto de que se torna mais fácil integrar os membros das classes trabalhadoras numa grande classe culturalmente incaracterística na medida em que vão desaparecendo as pressões económicas que lhes faziam sentir a importância da integração no seu grupo de origem e lealdade ao mesmo. Sem dúvida que era necessário eliminar muitas das antigas barreiras de classe. Actualmente, porém, estamos a assistir à degradação de uma cultura de classe limitada, é certo, mas genuína e válida, à qual se sobrepõe uma opinião de massas, diversões de massas e reacções emocionais estereotipadas. Ao mundo da canção de clube substitui-se a pouco e pouco o da música de dança e das canções da rádio, das variedades da televisão e dos programas da rádio comercial. A cultura nacional uniforme para cuja criação as publicações de massas estão actualmente a contribuir, identifica-se com a cultura internacional uniforme divulgada pelos filmes de Hollywood. As formas antigas de cultura de classe estão em vias de ser eliminadas e substituídas por uma cultura sem classe, mais pobre e, como disse já anteriormente, completamente incaracterística.

E, para terminar, devo dizer que tenho consciência de que estão implicados no problema abordado neste ensaio outros problemas mais latos e mais difíceis — por exemplo, problemas de natureza filosófica. Não me sinto porém com competência para abordar

esses temas. Limitei-me portanto a partir do princípio de que era possível partir de hipóteses geralmente aceites, o que me permitiu empregar qualificativos como «decente», «saúdavel», «sério», «válido», «pobre», «debilitante», «vazio» e «trivial», abstendo-me de propor para essas palavras outra definição que não a decorrente dos próprios exemplos propostos. Apresento portanto neste meu ensaio uma concepção pessoal das tendências da actual situação cultural, concepção baseada em parte na minha experiência pessoal, e em parte nos meus interesses profissionais, e que proponho na qualidade de mera contribuição para uma análise mais lata, de diagnóstico que apresento à crítica.

Põem-se igualmente problemas de uma outra ordem, problemas relativos à acção directa a empreender para remediar tal situação: por exemplo, no que se refere à natureza e grau de uma intervenção estatal lícita nos assuntos culturais de uma democracia, etc. São problemas de difícil resolução, e creio que será preferível discuti-los pragmaticamente sempre que seja necessário tomar uma decisão desse tipo (como no caso da televisão comercial). Não tem interesse enunciar aqui princípios gerais. Creio porém que valerá a pena fazer algumas considerações sobre as atitudes que geralmente são adoptadas em relação a esses problemas.

Sou de opinião que muitas das pessoas que têm conhecimento do processo referido neste ensaio assumem em relação a ele uma atitude de tolerância excessiva. Há muita gente que está a par de «todos os argumentos que provam a realidade dessa degradação cultural» presentemente em curso, e que os ignora porém com demasiada facilidade. Essas pessoas confessam por vezes que até sentem prazer em degradar-se ocasionalmente dando uma vista de olhos a esta ou aquela publicação ou programa de rádio ou televisão. Creio que essa atitude de exagerada tolerância só pode derivar de um desconhecimento real da qualidade e quantidade das diversões de massas que assaltam de todos os lados

a maioria das pessoas. Esses intelectuais vivem numa espécie de paraíso dos homens inteligentes, e apesar de conhecerem os argumentos que provam a degradação cultural das massas, não têm uma noção real da violência e intensidade dos ataques que visam à degradação do mundo que os rodeia.

Como disse já, é muito difícil definir os limites da liberdade neste ou naquele caso particular. Muitos de nós temem porém de tal maneira a acusação de autoritarismo, que evitam a todo o custo o problema de definição desses limites. Entretanto a liberdade vigente na nossa sociedade, que equivale neste caso à ausência de toda a interferência oficial, combinada com a tolerância que nos apraz a todos demonstrar, dá origem a que a evolução cultural enverede por um sentido que é em certos aspectos tão perigoso como outros aspectos que tanto nos chocam nas sociedades totalitárias.

Parece-me oportuno insistir uma vez mais e para terminar, num aspecto que referi constantemente ao longo desta obra, que é o da natureza individual e interior desta crise. Podemos dizer que se as classes trabalhadoras continuam em certo sentido a ser exploradas nos nossos dias, pelo menos é com o seu consentimento. A força da persuasão e do meio ambiente grande, mas não irresistível, e poderíamos apontar muitos exemplos do poder da acção livre. Os membros das classes trabalhadoras podem consentir facilmente em muitas coisas, mas se o fazem é porque laboram na ilusão de que estão a dar o seu assentimento a determinadas ideias-chave que consideram tradicionalmente como as bases da perfeição social e espiritual. Essas ideias são de origem moral e em parte não morreram ainda. O igualitarismo democrático baseia-se na ideia de que todos têm o mesmo valor, que em si era uma ideia válida; a concepção de liberdade deriva da ideia de que somos responsáveis pela nossa sorte e pelas nossas decisões; embora o acolhimento indiscriminado a todos os pontos de vista seja aparentemente uma ati-

tude sem significado, essa atitude deriva na origem de uma recusa do fanatismo, do empedernecimento do coração. Hoje em dia são possíveis opções mais claras, uma vez que foram abolidos os obstáculos materiais que antigamente se punham à liberdade de opção.

Todos estes aspectos são portanto positivos. É possível que uma concentração das luzes falsas seja inevitável no estágio actual da evolução de uma democracia que de ano para ano se torna progressivamente mais centralizada e mais competente do ponto de vista técnico, e que pretende simultaneamente continuar a ser uma sociedade livre e «aberta». O problema é porém premente — urge determinar como é que essa liberdade pode conservar o seu significado numa era de centralização e de progresso tecnológico. O problema é particularmente árduo, na medida em que, caso essa liberdade interior venha a perder-se, a grande classe nova dos sem classe nem sequer virá talvez a aperceber-se dessa perda: os seus membros continuarão a considerar-se livres, pois de todos os lados lhes dirão que são livres.

NOTAS E REFERÊNCIAS

CAPÍTULO VI

Secção A

P. 9 — «E deste modo...»: *Democracy in America*, p. 403.

P. 15 — «Falamos do mau gosto...»: Julien Benda, *Belphégor*, citado em Wyndham Lewis, *Time and Western Man*, pp. 292-3.

Secção B

P. 17 — Locke: *The Essay concerning Human Understanding*, 1690, Livro IV, cap. 16, sec. 4.

P. 17 — Paine: *The Rights of Man*, 1791, Parte I, p. 65. Ed. Everyman.

P. 20 — Frases tolerantes: fui buscar algumas delas a *Puzzled People*, pp. 83-4.

Secção C

P. 21 — «É claro que não é nova...»: Dibdin, por exemplo, referindo-se à Imprensa do seu tempo, fins do século XVIII, fala-nos de «uma espécie de nivelamento dos homens» e ainda dos percursores dos nossos sensacionalistas de *ersatz*, que produzem «descrições pormenorizadas e exageradas de insignificâncias». A imprensa popular tem-se pois mantido igual a si mesma ao longo dos tempos: só que o processo se intensificou.

Esta referência foi-me fornecida por R. Nettel, que me deu a conhecer um manuscrito nunca publicado, sobre o *Musical*

Tour de Charles Dibdin (publicado por Gales do *Sheffield Register* em 1788).

P. 22 — Competições «democráticas» fáceis: podemos afirmar o mesmo em relação a certos concursos da rádio.

P. 26 — «Louvamos...» Dewey, *Individualism, Old and New*, p. 17, G. Allen and Unwin, Ltd., 1931 (Minton, Balch e Co., Ltd., Nova-Iorque, U.S.A.).

P. 26 — «Problemas que o sorriso...»: Auden, «The Manager's», *Nones*, Faber, 1952 (Random House, Nova-Iorque, U.S.A.).

P. 28 — «Os odores primitivos...»: Gilbert Harding, *Along my Line*.

P. 29 — «Vamos...»: J. B. Priestley numa emissão de Junho de 1951, dirigida aos soldados; publicado em *The Listener*.

P. 29 — *ducdame*: Shakespeare, *As You Like It*, II, v. 60.

P. 30 — O locutor «franco»: esse tipo de pessoa encarna para o seu público as seguintes funções alegóricas:

a) É a figura moderna do «excêntrico», ou seja, o herói idiossincrático, franco, demolidor dos falsos ídolos.

b) O homem honesto que acredita nos mesmos valores que o seu público, que embirra com as pretensões e as importâncias, que tem instintos saudáveis e um coração generoso.

A reveladora autobiografia do Sr. Gilbert Harding sugere-nos um outro aspecto dessa reputação. Fala-nos no seu livro daquilo a que chama os enganos e as mentiras da vida de locutor da rádio, da memória curta do público e das reputações artificiais e imerecidas que a rádio pode criar.

P. 32 — «Encara sem medo...»: citado por Stovin, p. 139.

Secção D

P. 34 — De Tocqueville: pp. 410 e 311.

P. 35 — «O publicista dos nossos dias explora o conceito do progresso ilimitado...»: esse conceito é adoptado e deturpado de muitas formas diferentes, apresentando-se por exemplo como a admiração pela força, admiração que é tanto mais intensa, quanto mais inseguros se sentem os admiradores. Essa admiração manifesta-se em muitas biografias de magnates contemporâneos, homens como, por exemplo, Lord Northcliffe.

P. 36 — No que se refere ao ensino da história nas escolas: esse ensino enferma por vezes de um progressivismo desenfreado: por exemplo, nos temas do tipo «O transporte ao longo dos tempos», etc.

P. 37 — «Vêem...»: Newman, *The idea of a University*, Discurso VI, ed. C. F. Harrold, Longmans Green, 1947, p. 120.

Newman apresenta-nos o exemplo dos marinheiros para ajudar a estabelecer a distinção entre «aquisição» e «filosofia».

Tive conhecimento desse discurso através da leitura de uma conferência de J. L. Hammond, «The Growth of Common Enjoyment».

P. 40 — «As nações democráticas...»: De Tocqueville, *Democracy in America*, p. 343.

Secção E

P. 49 — Popularidade das bandas desenhadas americanas em Inglaterra: a análise mais completa que até agora foi feita a essas bandas desenhadas é a da autoria de Fredric Wertham, intitulando-se *The Seduction of the Innocent*.

P. 50 — O Levin de Tolstoi: *Anna Karenina*, cap. 28.

P. 50 — Aumento do número de programas fragmentários da rádio: aumentou porém simultaneamente o número de programas que criticam com humor e espírito de observação os costumes dos ingleses, por exemplo, os programas de Eric Barker, Johnny Morris e Al Read.

P. 52 — *Maria Marten*: a última reedição desta obra, feita por John Lane, The Bodley Head, data de 1946.

P. 53 — «Fazemos tudo para não maçar»: a publicidade de alguns jornais de «qualidade» recorre porém aos mesmos métodos e ainda ao snobismo cultural, isto é, a argumentos do tipo «podemos orgulhar-nos de que nos vejamos a ler um jornal que é simultaneamente sério e inteligente».

CAPÍTULO VII

Secção A

P. 55 — Wordsworth: *Lyrical Ballads*, 1798-1805, Prefácio. Arnold: *Culture and Anarchy*, cap. I.

Dostoievski: *The Brothers Karamazov*, trad. de Constance Garnett, Livro V, cap. V, Heinemann.

P. 57 — «Nas nações democráticas...»: De Tocqueville, p. 332.

P. 58 — «Toda a cultura vive...»: a frase é de Lewis Mumford.

P. 58 — O conhecimento instintivo dos gostos do público: R. J. Minney diz-nos o seguinte de J. S. Elias, o homem que desenvolveu a Odhams Press: «Sabia instintivamente o que é que lhes agradava, porque era o que lhe agradava a ele» (*Viscount Southwood*, p. 245).

A. P. Ryan, autor de uma biografia de Harmsworth, diz-nos várias vezes algo de muito semelhante, isto é, «[Harms-

worth] tinha fé em si mesmo». Diz-nos também: «Era desprovido de piedade, de todo o vestígio de fervor moral ou intelectual.»

P. 58 — Sinceridade e cinismo. Vide as declarações de alguns romancistas populares em *Fiction and the Reading Public* de Mrs. Q. D. Leavis.

P. 59 — «Assisti uma vez...»: Lawrence Dunning, «Film Notes», *The European*, Número 1, Março 1953.

P. 60 — «Sento-me...»: «Her Hobby's Murder», *Picture Post*, 24 de Janeiro de 1948. Os livros desta autora não são do tipo que designei no capítulo VIII pelo nome de romances de sexo-e-violência.

Secção B

P. 61 — Ryan: *Lord Northcliffe*, p. 14.

P. 63 — «Alguns deles subsistem sem alterações de maior...»: o *News of the World* é de todos os jornais o que tem maior número de leitores. O número aproximado de leitores de mais de dezasseis anos é de dezassete milhões, ou seja, cerca de metade da população. Esses leitores dividem-se da seguinte maneira pelos grupos sócio-económicos que considerámos:

A-B	1 para 7½
C	1 para 3
D-E	1 para 2

(nos grupos D-E os números de leitores e leitoras de todas as idades são muito semelhantes).

Como termo de comparação, acrescentemos que o *Empire News* é lido por cerca de 1 para 9 ½ do total da população; nos grupos A e B a percentagem de leitores é de 1 para 30, no grupo C de 1 para 14 e nos grupos D-E de 1 para 8 (*HRS* 1955).

P. 64 — «Sugerir às classes trabalhadoras que a sua vida pode ser tão 'aconchegada' como a das classes médias»: poder-nos-iam objectar que toda a literatura popular tem feito sempre o mesmo, como o podemos verificar, por exemplo, nas obras da Sra. Henry Wood. A concepção de vida burguesa que essa literatura nos apresenta insiste porém muito mais hoje em dia no luxo e na posse de bens materiais do que era o caso em *East Lynne*.

P. 68 — Ryan: *Lord Northcliffe*, p. 50.

Secção C

P. 75 — «Temos de obedecer...»: o texto completo foi publicado no *Oxford Book of Light Verse*, compilado por W. H. Auden, O.U.P., 1938.

P. 75 — Arthur Morrison: em *The Hole in the Wall*, 1902.
P. 79 — «Se estás cansado...»: «The End of the Road», Francis Day and Hunter, Ltd.

P. 80 — Declínio do vigor da interpretação: Há excepções, de modo particular nos programas com a orquestra de Billy Cotton.

P. 80 — «Só te posso dar...»: Lawrence Wright Music Co., Ltd.

P. 40 — «Strangulato»: a canção «Some Enchanted Evening» (década de 50) é frequentemente cantada nesse estilo.

Secção D

P. 87 — «Porque o nosso sentido de...»: Josef Pieper, *Leisure the Basis of Culture*, p. 131.

P. 87 — Sensacionalismo de ersatz: quando não é de ersatz é falsificado, como a luta livre ou as corridas de carros de cavalos.

P. 91 — «As lágrimas escorriam...»: Mrs. Henry Wood, *East Lynne* (1861), cap. XVIII.

P. 91 — «Por outro lado...»: George Eliot, *Adam Bede*, Livro I, cap. 5.

P. 98 — «As características básicas inerentes à natureza das publicações de massas...»: «Tornaram-se em grandes empresas comerciais», diz Francis Williams, em *Press, Parliament and People*, «norteadas pela necessidade de obter lucros para as grandes somas de capital nelas investidas e interessadas acima de tudo no êxito comercial» (p. 146). O autor acrescenta ainda que se trata de uma generalização, pelo que a afirmação não é portanto cem por cento verdadeira. Diz ainda que «O jornal de grande circulação propõe-se antes de mais nada distrair o seu público» (p. 161).

P. 100 — Pressões no sentido de adoptarem um estilo leve: R. J. Minney expõe-nos em *Viscount Southwood* o ponto de vista do falecido director da Oddhams Press, J. S. Elias. Este dizia sempre a Francis Williams, e sem dúvida que com a maior convicção: «Faça-os sorrir. Anime-os. Para tristezas bem bastam as notícias» (p. 287).

CAPITULO VIII

Secção A

P. 105 — Máquinas de discos: descritas pelo Board of Trade como «fonógrafos que trabalham com a inserção de uma moeda».

P. 105 — As crianças de escola lêem estas revistas: é fácil encontrarmos casos de leitura dessas revistas por crianças. Sei de uma escola secundária onde os alunos trocam entre si no recreio revistas desse tipo.

P. 106 — Os rapazes do campo de Samuel Butler: *The Way of All Flesh*, 1903, cap. 14.

Secção B

P. 112 — Bacon diz-nos o seguinte sobre «o limite extremo do conhecimento», em passagem que merece ser citada por inteiro, na medida em que é muito relevante no que a este ponto se refere e em relação aos capítulos X e XI:

«O maior erro de todos os outros consiste em identificar ou situar mal o limite extremo do conhecimento: pois os homens estão dominados pelo desejo de aprender e de conhecer, por curiosidade natural e vontade de inquirir; por vezes para distrairem os seus espíritos de modo variado e agradável por vezes para ganharem fama; por vezes para poderem vencer pela inteligência a contradição; a maior parte das vezes por amor ao lucro e por profissão; e só raramente para porem sinceramente ao serviço dos homens o dom da razão que lhes foi concedido: como se o conhecimento fosse um leito de descanso para o espírito inquieto; ou um terraço, onde a inteligência vagabunda pudesse passear para cá e para lá, gozando de uma linda vista; ou uma torre à qual a mente orgulhosa pudesse subir; ou um forte ou campo de batalha para a luta e a contenda; ou uma loja, para o lucro e a venda; e não um rico armazém, para a glória do Criador e a melhoria da condição humana. Mas só assim poderá o conhecimento ser dignificado e exaltado, quando a contemplação e a acção possam ser mais intimamente associadas e unidas do que até hoje o têm sido» (*The Advancement of Learning*, 1605, Livro I, sec. II, pp. 34-5 da edição Everyman).

P. 112 — Revistas «apimentadas» para os leitores das classes trabalhadoras e da baixa classe média: há também um grupo de «revistas apimentadas» de luxo para leitores mais sofisticados.

Secção C

P. 116 — De Rougemont: p. 244.

P. 116 — Romances de sexo-e-violência: parte do material que utilizei neste capítulo fora já por mim apresentado, de forma diferente embora, num artigo que escrevi para *Tribune* («The Bookstall», 29 de Outubro de 1948).

Aqueles dos meus leitores que conheçam «Raffles and Miss Blandish» de George Orwell (*Critical Essays*, Secker, 1946) poderão constatar que fui buscar a esse ensaio algumas ideias gerais.

P. 118 — James M. Cain: Vide também *Serenade* (1937). As obras do Sr. Cain merecem porém, do ponto de vista literário, mais atenção do que as dos seus imitadores.

P. 120 — «Certos aspectos do *Unfortunate Traveller* de Nashe...»: por exemplo, a descrição de Diamante, a mulher de Castaldo:

«Era uma linda rapariga de cara redonda, de sobrancelhas negras, testa alta, boca pequena e nariz bem-feito, gordinha e apetitosa, de pele macia e brilhante como as costas de um cisne, que só de pensar nela me sinto bem. Andava como um passarinho, e espetava a barriga com a majestade de uma avestruz.

Fixava no chão os olhos penetrantes e doces, mas de vez em quando atirava uma olhadela para o lado...»

Ou a da violação de Heraclide:

«Agarrou-a pela garganta de jasper, abanando-a como um mastim a um urso novo, praguejando e jurando que lhe cortava a garganta se ela se lhe recusasse... Arrastou-a para trás como um homem arranca uma árvore pela raiz, e depois como se faz ao traidor que é conduzido para a execução, levou-a de rastos através do quarto pelas tranças, e carregando com o pé barbaramente no seu peito nu e de neve, intimou-a a ceder, sob pena de a estrangular... Largando-lhe o cabelo, prendeu-a pelos cotovelos, enquanto ela resistia e se debatia, mas em vão... Atirou-a para as traves duras do chão, e serviu-se de um joelho, tal cunha de ferro, para afastar as pernas levantadas dela, a guarda da sua castidade...» (*The Unfortunate Traveller*, 1954. Edição de 1948 de John Lehmann, pp. 61 e 88-9).

P. 128 — «Bebia cerveja...»: William Faulkner, *Sanctuary*, 1931, cap. XVIII, Chatto an Windus (Random House, Nova Iorque, U.S.A.).

P. 132 — Kafka — Hemingway —: creio que há também umas certas semelhanças com determinada escola francesa contemporânea, de modo particular com certos romances cujo herói é um homem da classe média mas *déclassé* que emprende uma vida de acção violenta e desprovida de objectivos.

P. 133 — «Não pode entrar agora...»: Ernest Hemingway, *A Farewell to Arms*, Cape, 1929 (Charles Scribner's Sons, Nova Iorque, U.S.A.).

CAPITULO IX

Secção A

P. 137 — De Tocqueville: Prefácio à parte I.

P. 139 — «Hoje em dia a frase...»: Lewis Way afirma algo de muito semelhante em *Man's Quest for Significance*.

P. 142 — Cinismo em relação aos jornais: A. P. Ryan confirma a cronologia que proponho para essa mudança. Diz-nos efectivamente que «Não se pode acreditar no que se lê nos jornais» se tornou numa frase corrente depois da primeira guerra mundial (*Lord Northcliffe*, p. 140).

Secção B

P. 152 — Citação de William Morris: «The Art of the People», conferência, de 1879; in *Hopes and Tears for Art*, p. 44, vol. XXII, de *Collected Works of William Morris*, Longmans Green 1914. Devo ao falecido Dr. F. D. Klingender o favor de me ter chamado a atenção para esta passagem.

P. 156 — «Sadismo intelectual»: a frase é de Sir Richard Livingstone.

P. 158 — «Os moralistas bem podem falar...»: extraído de um inquérito social.

CAPITULO X

P. 159 — Tchekov: Carta a A. S. Souvorin, de 7 de Janeiro de 1889, in *The Life and Letters of A. Tchekov*, p. 114, trad. e ed. por S.S. Kotliansky e Phillip Tomlinson, Cassell, 1925 (Doubleday, Doran and Co., Inc., Nova-Iorque, U.S.A.).

P. 160 — Turgueniev: *Fathers and Sons*, trad. de Constance Garnett, 1895, Heinemann, reedição de 1951, p. 32.

Secção A

P. 160 — George Eliot: *Middlemarch*, 1872, livro 3, cap. 29.

P. 164 — Dificuldades domésticas: vide *Early Leaving*, p. 9 e 36.

P. 164 — Isolamento dos bolseiros das classes trabalhadoras: vide *Early Leaving*, p. 32.

No que se refere ao número restrito de bolseiros provenientes das escolas primárias das áreas residenciais proletárias: vide capítulo XI (B) e o panfleto P.E.P. «Background of the University Student», *Planning*, vol. XX, número 373, 8 de Novembro de 1954, no que se refere à proporção crescente de filhos das classes trabalhadoras na população universitária.

P. 168 — «Os sistemas de educação vigentes...»: H. Spencer, *Autobiography*, 1904, i; reedição Watt de 1926, p. 338.

P. 168 — «Os homens não são...»: *The Life of Thomas Holcroft*, narrada por William Hazlitt, ed. Elbridge Colby, Constable, 1925, vol. II, p. 82.

P. 169 — No que se refere ao atraso na maturação sexual do bolseiro: o contraste é geralmente mais acentuado nas raparigas: prova-no-lo a comparação entre a rapariga de catorze ou quinze anos do ensino técnico e a rapariga da mesma idade do ensino clássico.

P. 169 — No que se refere ao facto de o bolseiro não fazer pequenos trabalhos para ganhar alguma coisa: o inquérito feito pelo Dr. F. D. Klingender aos estudantes do Hull University College, *Students in a Changing World*, 1951-2, diz-nos que a situação é hoje diferente. Dos alunos que responderam ao inquérito, 58% dos rapazes e 26% das raparigas tinham já trabalhado nos tempos livres.

P. 170 — «Pálido, mal arranjado...»: Graham Greene, *It's a Battlefield*, Heinemann, 1934, cap. 2, descrição de Conrad Drower.

P. 173 — «Um trabalhador auto-didacta...»: «Lembra-me sempre...»: ambas as passagens são de Virginia Woolf, *A Writer's Diary*, Hogarth, 1953, pp. 47 e 49 (Harcourt Brace and Co., Nova Iorque, U.S.A.).

P. 174 — «Colocar-se-á...»: Arnold J. Tynonbee, *A Study of History*, ed. de D. C. Somervell, p. 313, O.U.P., 1946.

P. 175 — «Você recebeu do céu...»: Tchekov, carta a seu irmão Nicolau, Moscovo, 1886; *The Life and Letters of A. Tchekov*, p. 80.

P. 175 — «Discrepância entre...»: W. Trotter, *Instincts of the Herd in Peace and War*, T. Fisher Unwin, ed. de 1923, p. 67.

Secção B

P. 176 — *Notes from Underground*: trad. de Constance Garnett, Heinemann, *White Nights*, ed. de 1950.

P. 176 — Anúncios de um semanário «de qualidade»: como essas percentagens pudessem não ser típicas, tornei a inspecção

nar a página de anúncios do número da mesma revista que saiu na semana em que estava a rever este capítulo obtendo os seguintes resultados:

3 ¼ colunas de sete anúncios cada uma inseriam anúncios do tipo a que me refiro. Os outros ¾ de coluna consistiam em dois anúncios relacionados com os do tipo em causa.

P. 184 — «Conhecida tão bem...»: E. M. Forster, *Howard's End*, Arnold, 1910.

P. 185 — «Em todas as classes...»: Arnold, *Culture and Anarchy* cap. 3.

P. 187 — «Tudo permanece...»: George Eliot, *Middlemarch*. Falando de Casaubon.

P. 189 — «Estão sentados...»: Salmo cvii. 10.

P. 190 — «Preferíamos ser destruídos...»: W. H. Auden *The Age of Anxiety*, Faber and Faber, 1948 (Random House, Nova Iorque, U.S.A.).

P. 190 — «As poucas pessoas...»: serão assim tão poucas? 30 000 pessoas compraram o primeiro número de *London Magazine*. Sou de opinião que a maioria dessas pessoas eram do tipo a que me refiro. *HRS 1954* diz-nos que cerca de 30 000 homens solteiros de menos de 35 anos de idade nos grupos lêem *The Listener*.

P. 190 — «O número daqueles...»: citado por Matthew Arnold in *Culture and Anarchy*, cap. 3.

CAPÍTULO XI

Secção A

P. 191 — Wordsworth: *Lyrical Ballads*, 1798-1805, Prefácio.

P. 192 — Membros das classes trabalhadoras politicamente activos: *Generation in Revolt* de Margaret McCarthy é uma autobiografia que nos retrata com fidelidade a vida e a acção de uma dessas pessoas nas décadas de vinte e trinta, no Lancashire.

P. 193 — Sociedades Operárias: em 1861 havia em Inglaterra mais de 1 000 sociedades desse tipo, com mais de 200 000 membros.

P. 193 — A *História* de Macaulay: números de vendas apresentados por David Thompson, in *England in the Nineteenth Century, 1815-1914*.

P. 193 — *Outline of History*: 1920.

P. 193 — *Thinker's Library*: Foram vendidos mais de três milhões de exemplares de livros desta colecção. Verifica-se hoje em dia nas colónias inglesas em vias de emancipação uma procura crescente desses livros.

P. 194 — Desenvolvimento da educação permanente proporcionada nas escolas e cursos universitários nocturnos: No ano de 1952 uma percentagem de 1 para cada 45 pessoas da população da Grã-Bretanha frequentava cursos de educação para adultos ou para trabalhadores (se bem que nem todos se dedicassem a estudos das chamadas «artes liberais»). — *Derby Survey*, pp. 34-7.

P. 194 — Associação Educacional dos Trabalhadores: os números de associados foram extraídos de *The Organisation and Finance of Adult Education* («The Ashby Report»), p. 14 (com autorização).

P. 196 — «A situação presente é no entanto muito insatisfatória»: se bem que haja aspectos positivos; por exemplo, a qualidade de *The Listener*, ou o facto de alguns jornais semanais ou de domingo inserirem regularmente críticas que correspondem perfeitamente à necessidade a que me referi, ou ainda alguns programas bem feitos da rádio e da televisão sobre política e assuntos sociais.

P. 197 — No que se refere ao facto de a «minoria interessada» dedicar a sua atenção exclusiva a objectivos económicos e políticos imediatos, passo a referir dois exemplos recentes:

a) Um aluno da Associação Educacional dos Trabalhadores não conseguiu obter uma pequena bolsa que pedira para estudar literatura num curso de férias de uma Universidade, porque o comité para a educação do sindicato a que pertencia considerou que o tema não servia os interesses do sindicato.

b) Um projecto de aulas de filosofia para estivadores que despertara em determinado local o interesse desses trabalhadores foi rejeitado pelo sindicato de Londres porque «o tema em nada podia servir os interesses dos estivadores».

P. 201 — «Trabalhos de reparação e renovação das coisas da casa»: a oferta crescente de materiais e utensílios que se destinam à confecção de objectos tais como móveis, etc., consequência da centralização e do progresso da técnica, parece dirigir-se principalmente aos homens da baixa classe média e a artesã das classes trabalhadoras, afectando pouco a maioria dos homens das classes trabalhadoras.

P. 203 — No que se refere ao declínio do interesse pelo aluguer de baldios para jardins: vide *HRS 1952*, p. 42.

P. 203 — Columbofilia: os principais clubes são a *National Homing Union* e o *National Flying Club*; a *Union* tem clubes na Escócia, no País de Gales e no norte de Inglaterra. A revista *The Racing Pigeon* tem uma tiragem de 43 500 exemplares (1956 *Advertisers' Union*). Gastam-se na Grã-Bretanha mais de dois milhões de libras por ano com a columbofilia. O editor de *The Racing Pigeon* disse-me que se venderam cerca de 110 000 exemplares de um manual de instrução de columbofilia.

(Fui buscar alguns destes dados ao antigo «The Winged Fancy», de Edgar Ainsworth, *Picture Post*, 21 de Novembro de 1953.)

P. 205 — Ciclismo: *HRS 1952-55* diz-nos que neste últimos anos a popularidade do ciclismo desceu em todas as classes. Os homens dos grupos D-E continuam a ser aqueles que mais andam de bicicleta (40%); as mulheres dos grupos D-E andam um pouco menos de bicicleta do que as mulheres das outras classes.

Secção B

P. 207 — O aumento do consumo das diversões: *O cinema*: o número médio de idas ao cinema para o total da população foi de vinte e sete no ano de 1952, portanto mais elevado do que o mesmo número para os Estados- Unidos. As despesas com bilhetes de cinema foram em 1952 de cerca de três xelins (doze escudos) por semana e por família. Há aproximadamente 4 600 cinemas na Grã-Bretanha. O grupo dos que vão com maior frequência ao cinema compõe-se de membros das classes trabalhadoras de entre 16 e 24 anos de idade (vide *Derby Survey*, pp. 121-3).

P. 207 — Número total de publicações — elevação de mil para cinco mil: *Derby Survey*, p. 164.

P. 207 — Aumento na circulação dos jornais entre 1937 e 1947: jornais diários: de 17.800.000 para 28.503.000; jornais de domingo: de 15.500.000 para 29.300.000.

Números apresentados pelo *Report of the Royal Commission on the Press, 1947-9*, pp. 5-6. O aumento pode ser parcialmente explicado pelas condições específicas que caracterizaram o período do pós-guerra. A guerra acabou porém já há mais de dez anos, e não se tem verificado uma descida das tiragens.

P. 207 — Revistas entre 1938 e 1952: *P.E.P. Planning*, XXI, 384.

P. 207 — Aumentos entre 1947 e 1952: diários da manhã: 15.600.000 para 16.100.000; os jornais de domingo aumentaram as tiragens em 1952 para 31.700.000. *Derby Survey*, Quadro 51, p. 168. Os autores comentam (p. 163): «Dando o necessário desconto às subidas de preços, comprámos em 1952 mais material de leitura do que em 1948 (e a despesa efectuada fora já nesse ano o dobro de há dez anos atrás).» A taxa de aumento verificada entre 1937-47 não se manteve entre 1947-1955. Mantiveram-se porém de uma maneira geral os níveis elevados de 1947 (vide *P.E.P. Planning*, XXI, 388).

P. 207 — Dois jornais diários por família: *Derby Survey*, p. 166. Dois em cada três adultos lêem mais do que um jornal de domingo: *Derby Survey*, p. 170.

P. 207 — Número de jornais diários para cada mil habitantes: Número aproximado de exemplares de jornais diários para cada mil habitantes da população:

Reino Unido	611	França	239	México	48
Suécia	490	Itália	107	Turquia	32
U.S.A.	353	Argentina	100		

Vide *The Daily Press*, UNESCO.

P. 208 — Produção de livros no Reino Unido: No ano de 1953 foram publicados no Reino Unido cerca de 18 000 obras, para 12 000 nos U.S.A., que tem uma população três vezes maior. Temos porém de especificar que o nosso comércio de exportação de livros está muito desenvolvido, e que nem todas as obras publicadas foram primeiras edições. Das obras publicadas em 1953, cerca de 12 750 foram primeiras edições (para 9 000 nos U.S.A.). Uma em cada cinco dessas obras publicadas pela primeira vez eram obras de ficção. Números extraídos do *Derby Survey*, pp. 182-3 e de *Basic Facts and Figures*, UNESCO.

P. 208 — 55% dos inquiridos andam a ler um livro: citado em *Derby Survey*, p. 184. Um terço dos inquiridos nesse inquérito afirmaram andar a ler um livro (p. 190). Um inquérito de observação de massas levado a cabo em Tottenham pelo *British Institute of Public Opinion* (instituto britânico de opinião pública) obteve resultados semelhantes aos do *Gallup Poll*.

P. 208 — Aumento do número de obras emprestadas pelas bibliotecas: nos anos de 1952-3 foram emprestados sete livros por cabeça da população total, para cinco em 1939. O *Derby Survey* diz-nos que em Derby uma em cada cinco pessoas das classes trabalhadoras e outras só com a instrução primária e 1 em cada 4 pessoas das classes médias e outras com educação secundária ou superior requisitam na biblioteca pública um livro por semana (*Derby Survey*, pp. 165 e 198). No que se refere à compra de livros, incluindo as colecções de livros de bolso, os números prováveis de venda são de entre 125 e 190 milhões de volumes únicos por ano (*Derby Survey*, p. 185).

Os números que se seguem são extraídos do *Newspaper Press Directory, 1955*:

<i>Observer</i>	534.752	<i>Sunday Times</i>	577.869
<i>Times</i>	220.834	<i>Spectator</i>	38.353
<i>New Statesman</i>	70.598		

Para apresentar alguns exemplos de aumentos de vendas recentes: o *Manchester Guardian* vendeu em 1953 127.083 exemplares, e 146.146 em 1955. *The Listener* duplicou as vendas desde o fim da guerra. *The Observer* vendeu entre Janeiro e Junho de 1956 601.402 exemplares.

Revistas literárias:

Encounter tinha em meados de 1954 uma circulação de cerca de 15.000 exemplares e *London Magazine*, que foi lançado quase simultaneamente, de cerca de 13.000 (*Observer*, 18 de Julho de 1954.) Em meados de 1956 a circulação de ambas essas revistas tinha baixado consideravelmente, e disse-se já que o *London Magazine* estava em vias de deixar de ser financiado.

P. 208 — 75 a 80% de obras de ficção: *Derby Survey*, p. 185-7.

P. 209 — Números para as bibliotecas comerciais: *Derby Survey*, p. 185.

P. 209 — «Um número restrito de leitores interessados...»: O *Derby Survey* apoia esta conjectura, referindo-se mais do que uma vez a «uma minoria substancial de leitores assíduos». Considerando que muitos desses leitores assíduos têm quase exclusivamente obras de ficção sem grande interesse literário, restar-nos-á uma «minoria».

P. 210 — «Para poder manter-se...»: Williams, *Press, Parliament and People*, p. 175.

P. 68 — Declínio no número total de jornais:

Reino Unido	122 jornais diários para uma população de 51 milhões	
U.S.A.	1.865	157
Suécia	160	7
Suíça	127	5
México	162	27
Argentina	140	13
Turquia	116	22
França	151	42 1/2
Itália	107	47

(Números extraídos de *The Daily Press*, UNESCO)

O número total de jornais hoje no Reino Unido é na maioria dos casos proporcionalmente inferior, e nalguns casos inferior em números absolutos ao número de jornais publicados em qualquer outra nação alfabetizada. O facto de nesses países as notícias publicadas nos jornais serem fornecidas por agências noticiosas reduz um pouco essa disparidade, que no entanto se mantém. O declínio do número total de jornais não se verifica apenas no Reino Unido: nos U.S.A., o número total de jornais desceu de cerca de um terço entre 1909 e 1954.

P. 210 — Centralização das leituras: a centralização dos jornais nacionais, que têm vindo a abolir os jornais regionais, atingiu principalmente os jornais da manhã e de domingo. No que se refere aos jornais da tarde a imprensa regional mantém a sua força.

Uma das consequências das tendências actuais da evolução da imprensa de massas tem sido a deterioração dos jornais regionais. Estes tentam imitar o estilo de Fleet Street, recorrendo ao material que lhes é fornecido pelas agências noticiosas e entremeando-lhe notícias locais pouco convincentes. Esses jornais pecam por todos os vícios da imprensa de massas londrina, caracterizando-se além disso por uma monotonia muito própria. Podemos encontrar outros dados no que se refere à centralização em *Report of the Royal Commission on the Press*, em *One Week's News* de Kayser e em *Newspaper Circulations* de Wadsworth.

P. 211 — Acréscimos nas vendas das revistas «de qualidade»: esse acréscimo não tem sido contínuo na maioria dos casos. Houve um aumento das vendas nos anos que se seguiram à guerra, registando-se depois uma paragem ou uma ligeira descida. Os números referentes às tiragens das revistas «de qualidade» são porém mais elevados para os anos depois da guerra do que para os anos imediatamente anteriores à guerra (vide Wadsworth, *Newspaper Circulations*).

P. 212 — «Como sintoma...»: *The Press and the People*, pp. 12-13. Esse relatório diz-nos ainda que a venda dos jornais sérios representa apenas uma percentagem de 3% da venda total dos jornais de domingo.

P. 214 — Frequência das escolas secundárias de ensino clássico: vide *The Organisation of Secondary Education*, W. P. Alexander ((Councils and Education Press Ltd.), e *Secondary Education Survey*, Joan Thompson, Fabian Research Series (Gollancz, 1952).

P. 214 — Bolsas para as crianças das classes trabalhadoras: «Em resumo, apesar das mudanças sociais e educacionais que tiveram lugar nestes últimos anos, as probabilidades de frequência do ensino secundário clássico sobem proporcionalmente ao nível social.» Citação extraída de «Selection for Secondary Education and Achievement in Four Grammar Schools», A. H. Halsey e L. Gardner, *British Journal of Sociology*, Vol. IV, número 1, Março de 1953, pp. 60-75 (vide também *Early Leaving*).

P. 214 — Afirmações do vice-director do Ruskin College: carta ao *Observer*, 6 de Junho de 1954.

215 — Formação de um novo sistema de castas: depois de ter escrito estas palavras teve ocasião de ver que o Prof. Glass afirmava algo de muito semelhante em *Social Mobility in Britain* (pp. 25-7). Esse autor observa no entanto que está

a emitir uma opinião pessoal, baseada embora em factos observáveis.

P. 219 — A imprensa de massas e a difusão da T.V.: «A concorrência cada vez mais intensa da rádio e da televisão está a contribuir para a alteração das características da imprensa» (*The Press and the People*, p. 9). Quando constatamos que o cinema, a rádio, a televisão e as bandas desenhadas estão em vias de adquirir uma popularidade fenomenal, quase nos atrevemos a afirmar que no fim do século XX se considerará que a influência da palavra escrita sobre a maioria da população foi fenómeno de brevíssima duração: à cultura oral e local que dominou até ao fim do século XIX ter-se-á então substituído uma nova cultura oral, visual e uniformizada.

P. 220 — «A fim de manterem...»: *The Press and the People*, p. 5.

P. 222 — A nova classe «sem classe»: o grande grupo a que a imprensa de massas se dirige pode ser identificado com os grupos D-E do HRS, incluindo também em certos casos o grupo C. Os grupos D-E equivalem a 71% da população, e caso lhes acrescentemos o grupo C, teremos então 88%.

SELECCÃO BIBLIOGRÁFICA

A menos que se especifique outro local de publicação, os livros que constam desta bibliografia foram publicados em Londres.

A. ESTUDOS DE HISTÓRIA, ECONOMIA, SOCIOLOGIA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

- MARSHALL, Dorothy, *The English Poor in the Eighteenth Century*, Routledge, 1926.
- HAMMOND, J. L. e Barbara, *The Town Labourer 1760-1832*, Longmans Green, 1932 (primeira edição de 1917).
- HAMMOND, J. L. e Barbara, *The Skilled Labourer 1760-1832*, Longmans Green, 1919.
- HAMMOND, J. L. e Barbara, *The Bleak Age*, ed. rev., Penguin Books, Harmondsworth, 1947 (primeira edição de 1934).
- GOLE, G. D. H., *A Short History of the British Working-Class Movement 1787-1947*, G. Allen and Unwin, ed. de 1947.
- COLE, G. D. H., *British Working-Class Politics 1832-1914*, Routledge, 1941.
- COLE, G. D. H. e POSTGATE, R., *The Common People 1746-1946*, Methuen, ed. de 1949 (primeira ed. em 1938).
- LYND, H. M., *England in the Eighteen-Eighties*, O.U.P., 1945.
- THOMPSON, David, *England in the Nineteenth Century, 1815-1914*, Pelican History of England, Vol. 8, Penguin Books, Harmondsworth, 1950.
- WEBB, R. K., *The British Working-Class Reader, 1790-1848*, G. Allen and Unwin, 1955.
- ROYAL COMMISSION REPORT on *Betting, Lotteries and Gaming, 1949-51*, Cmd. 8190, H.M.S.O., 1951.
- PREST, A. R., e ADAMS, A. A., *Consumer's Expenditure in the United Kingdom 1900-19*, Studies in the National Income and Expenditure of the United Kingdom, Cambridge University Press, 1954.

CARR-SAUNDERS, A. M., e CARADOG JONES, D., *A Survey of the Social Structure of England and Wales*, Oxford University Press, seg. ed. 1937 (primeira ed. 1927).

KUPER, LEO (Ed.), *Living in Towns*, Cresset, 1953.

CAUTER, T. e DOWNHAM, J. S. *The Communication of Ideas, a Study of Contemporary Influences on Urban Life*, Chatto and Windus, para The Reader's Digest Association, Ltd., 1954.

HULTON RESEARCH, *Patterns of British Life*, Hulton Press, 1950.

ABRAMS, Mark, *The Condition of the British People, 1911-45*, Gollancz, para a Fabian Society, 1946.

GLASS, D. V. (Ed.), *Social Mobility in Britain*, International Library of Sociology and Social Reconstruction, Routledge and Kegan Paul, 1954.

BRIENNAN, T., COONEY, E. W. e POLLINS, H., *Social Change in South-West Wales*, Watts, 1954.

MASS OBSERVATION. *The Pub and The People, a Worktown Study*, Gollancz, 1943.

MASS OBSERVATION. *Puzzled People*, Gollancz, 1947.

ROWNTREE, B. Seebohm e LAVERS, G. R., *English Life and Leisure*, Longmans, Green, 1951.

GORER, G., *Exploring English Character*, Cresset Press, 1955 (obra publicada em data posterior à redacção deste livro, pelo que não foi consultada na elaboração do mesmo; incluo-o porém na bibliografia por a considerar muito relevante para o tema deste ensaio).

RICE, Margery Spring. *Working-Class Wives*, Penguin Books, Harmondsworth, 1939.

ZWEIG, F., *Labour, Life and Poverty*, Gollancz, 1948.

ZWEIG, F., *Men in the Pits*, Gollancz, 1948.

ZWEIG, F., *Women's Life and Labour*, Gollancz, 1952.

REAVELEY, G. e WINNINGTON, J., *Democracy and Industry*, Chatto and Windus, 1947 (O.U.P., Toronto).

SARGAISON, E. Miriam. *Growing Old in Common Lodgings*, Nuffield Provincial Hospitals Trust, 1954.

SLATER, Eliot e WOODSIDE, Moya. *Patterns of Marriage, a Study of Marriage Relationships in the Urban Working-Classes*, Cassell, 1951.

SPROTT, W. J. H., *Social Psychology*, Manuals of Modern Psychology, Methuen, 1952.

SPINLEY, B. M., *The Deprived and the Privileged*, Routledge and Kegan Paul, 1952.

PEAR, T. H., *Voice and Personality*, Chapman Hall, 1931.

LEWIS, M. M., *The Importance of Illiteracy*, Harrap, 1953.

KLINGENDER, F. D. *Students in a Changing World, 1951-2*, Yorkshire Bulletin of Economic and Social Research, vol. 6, números 1 e 2, Fevereiro e Setembro de 1954, University of Hull.

MINISTRY OF EDUCATION. *The Organisation and Finance of Adult Education*, H. M. S. O., 1954.

MINISTRY OF EDUCATION. *Early Leaving*, relatório para a Central Advisory Council for Education (England), H.M.S.O., 1954.

B. ASPECTOS DA VIDA DAS CLASSES-TRABALHADORAS

BOURNE, George. *Change in the Village*, Duckworth, 1912.

BOURNE, George. *A Small Boy in the 'ixties*, Cambridge University Press, 1927.

QUENNELL, J. P. *Mayhew's Characters*, Kimber, 1951 (publ. Mayhew, 1864).

ESCOTT, T. H. S., *England, Its People, Polity and Pursuits*, 2 vols., Cassell, 1883.

ESCOTT, T. H. S., *Social Transformations of the Victorian Age*, Seeley 1897.

BELL, Lady. *At the Works*, Arnold, 1907.

LOANE, M., *The Next Street But One*, Arnold, 1907.

LOANE, M., *From Their Point of View*, Arnold, 1908.

REYNOLDS, Stephen. *A Poor Man's House*, Macmillan, 1911 (primeira ed. de 1908).

FREEMAN, Gwendolen. *The Houses Behind*, G. Allen and Unwin, 1947.

ORWELL, George. *Shooting an Elephant*, Secker and Warburg, 1950.

ORWELL, George. *The Road to Wigan Pier*, Gollancz, 1937.

COMMON, Jack. *Kiddar's Luck*, Turnstile, 1951.

MCCARTHY, Margaret. *Generation in Revolt*, Heinemann, 1953.

SHARP, Cecil. *English Folksong—Some Conclusions*, terceira ed., revista por Maud Karpeles, Methuen, 1954 (primeira ed. de 1907) (H. W. Gray Co., Nova-Iorque, U.S.A.).

Ballads and Broad-sides, colecção in-folio do distrito de Manchester, Central Reference Library, Manchester.

HENDERSON, W. (Ed.). *Victorian Street Ballads*, Country Life, 1937.

Curiosities of Street Literature, Reeves and Turner, 1871.

NETTEL, R. *Music in the Five Towns, 1840-1914*, Oxford University Press, 1944.

NETTEL, R., *Seven Centuries of Popular Songs*, Phoenix, 1956.

PULLING, Christopher. *They were Singing*, Harrap, 1952.

JONES, Barbara. *The Unsophisticated Arts*, Architectural Press, 1951.

LAMBERT, M. e MARX, Enid. *English Popular Art*, Batsford, 1951.

C. A IMPRENSA, AS PUBLICAÇÕES DE MASSAS E A PUBLICIDADE

- HULTON RESEARCH, *Hulton Readership Survey, 1952-5*, Hulton Press.
Newspaper Press Directory, 1955. Benn Brothers.
Willing's Press Guide, 80.^a ed. anual, Willing's Press Service, Ltd., 1954.
UNESCO. *Basic Facts and Figures*, 1952. (H.M.S.O.).
UNESCO. *The Daily Press; A Survey of the World Situation in 1952*, número 7 dos Reports and Papers on Mass Communication, 1953. (H.M.S.O.).
KAYSER, Jacques. *One Week's News*, Unesco, 1953. (H.M.S.O.).
REPORT OF THE ROYAL COMMISSION ON THE PRESS 1947-9. Cmd. 7700, H.M.S.O., 1949.
P.E.P. *Planning*, XXI, números, 384 («Balance Sheet of the Press») e 388 («Ownership of the Press»), 1955.
GENERAL COUNCIL OF THE PRESS. *The Press and the People*, I.^o Relatório anual, 1954.
WADSWORTH, A. P., *Newspaper Circulations, 1800-1954* (panfleto), Manchester Statistical Society, 1955.
ANGELL, Norman. *The Press and the Organisation of Society*, Labour Publishing Co., 1922.
SOAMES, JANE. *The English Press*, Lindsay Drummond, 1936.
WILLIAMS, Francis. *Press, Parliament and People*, Heinemann, 1946 (Ryerson Press, Toronto).
RYAN, A. P., *Lord Northcliffe*, Collins, 1953 (Macmillan Co., Nova-Iorque, U.S.A.).
CUDLIPP, Hugh. *Publish and Be Damned*, Dakers, 1953.
MINNEY, R. J., *Viscount Southwood*, Odhams, 1954.
BRITISH COUNCIL STAFF ASSOCIATION. *The Beaverbrook Press and the British Council*, 1954.
FENWICK, L., «Periodicals and Adolescent Girls», *Studies in Education* vol. II, número 1, University College, Hull, 1953.
LEAVIS, Q. D., *Fiction and the Reading Public*, Chatto and Windus, 1932.
STEVENS, G., UNWIN, S., e SWINNERTON, F. *Best Sellers — are they Born or Made?* G. Allen and Unwin, 1939.
MELLERS, W. H., «Searchlight on Tin Pan Alley», *Scrutiny*, vol. 8, 1939-40, pp. 390-405. Deighton, Bell, Cambridge.
Advertisers' Annual, 1956. Business Publications Ltd.
MCLUHAN, H. M., *The Mechanical Bride*, Vanguard, Nova-Iorque, 1951.
WERTHAM, Fredric. *The Seduction of the Innocent*, Museum Press, 1955.
WAGNER, Geoffrey. *Parade of Pleasure*, Verschoyle, 1954.

D. ASPECTOS FILOSOFICOS E CULTURAIS GERAIS

- DE TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracy in America*, World's Classics, Oxford University Press, 1946 (primeira ed. de 1835).
ARNOLD, Matthew. *Culture and Anarchy*, 1869.
BURY, J. B., *The Idea of Progress*, Macmillan, 1920.
LEWIS, Wyndham. *Time and Western Man*, Chatto and Windus, 1928.
DAWSON, Christopher. *Progress and Religion*, Sheed and Ward, 1929.
WOOLF, Leonard. *After the Deluge, A Study of Communal Psychology*, vol. I (1931); vol. II (1939), Hogarth, reedição de 1953.
WOOLF, Leonard. *Principia Politica*, vol. 3 de *After the Deluge*, Hogarth, 1953.
WOOLF, Leonard. *Quack, Quack*. Hogarth, 1935.
LEAVIS, F. R. e THOMPSON, Denys. *Culture and Environment*, Chatto and Windus, 1933.
STOVIN, Harold. *Totem — the Exploitation of Youth*, Methuen, 1935.
DE ROUGEMONT, Denis. *Passion and Society*, trad. de Montgomery Belgion, Faber, 1940 (Pantheon Books, Inc. Nova-Iorque, U.S.A.).
HOBHOUSE MEMORIAL LECTURES, 1930-40. Oxford University Press, 1948.
WAY, Lewis. *Man's Quest for Significance*, G. Allen and Unwin, 1948.
CHURCHILL, R. C., *Disagreements*, Secker and Warburg, 1950.
CHURCHILL, R. C., *The English Sunday*, Watts, 1954.
WEIL, Simone. *The Need for Roots*, Routledge and Kegan Paul, 1952.
PIEPER, Josef. *Leisure the Basis of Culture*, Faber, 1952 (Pantheon Books, Inc., Nova Iorque, U.S.A.).
HARDING, Gilbert. *Along My Line*, Putnam, 1953.
ROLT, L. T. C. *Winterstoke*, Constable, 1954.

ÍNDICE

SEGUNDA PARTE

O antigo cede o lugar ao novo	7
-------------------------------------	---

CAPÍTULO VI

O deslascar das molas da acção	9
A. Introdução	9
B. Tolerância e liberdade	17
C. «É o que toda a gente faz» ou «todo o grupo faz isso»: o sentido de grupo e o igualitarismo democrático	21
D. Viver no presente e «progressivismo»	34
E. Indiferentismo: «personalização» e «fragmentação»	41

CAPÍTULO VII

Convite para o país da fantasia: a nova arte de massas	55
A. Os produtores	56
B. Exemplos deste processo: (i) os semanários dirigidos às famílias	61
C. Exemplos deste processo: (ii) a comercialização das canções populares	75
D. Os resultados	86

CAPÍTULO VIII

A nova arte de massas: o sexo em embalagens vistosas	103
A. Os rapazes das máquinas de discos	103
B. As revistas «apimentadas»	108
C. Os romances de sexo-e-violência	116

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA



30 095 954



CAPÍTULO IX

Molas deslassadas: uma nota sobre o cepticismo apático	137
A. Do cepticismo ao cinismo	137
B. Algumas figuras alegóricas	150

CAPÍTULO X

Molas deslassadas: uma nota sobre as desenraizadas e os ansiosos	159
A. O bolseiro	160
B. O papel da cultura. A nostalgia dos ideais	176

CAPÍTULO XI

Conclusão	191
A. Resistência	191
B. Sumário das tendências actuais da cultura de massas	206
NOTAS E REFERÊNCIAS	227
SELECÇÃO BIBLIOGRÁFICA	243

ESTE LIVRO
ACABOU DE SE IMPRIMIR
EM FEVEREIRO DE 1975
PARA A
EDITORIAL PRESENÇA, LDA.
NA
TIPOGRAFIA NUNES, LDA.
RUA D. JOÃO IV, 590
PORTO